

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**AS CEBs NO RIO GRANDE DO SUL: O CASO DO
BAIRRO MATHIAS VELHO – MUNICÍPIO DE
CANOAS (1975 – 1988)**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Odilon Kieling Machado

Santa Maria, RS, Brasil

2012

**AS CEBs NO RIO GRANDE DO SUL: O CASO DO BAIRRO
MATHIAS VELHO – MUNICÍPIO DE CANOAS (1975 – 1988)**

Odilon Kieling Machado

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História, Poder e Cultura, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em História**

Orientador: Prof. Dr. Vitor Otávio Fernandes Biasoli

Santa Maria, RS, Brasil

2012

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Machado, Odilon Kieling

As CEBs no Rio Grande do Sul: O caso do bairro Mathias Velho - Município de Canoas (1975 - 1988) / Odilon Kieling Machado.-2012.

222 p.; 30cm

Orientador: Vitor Otávio Fernandes Biasoli

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, RS, 2012

1. CEBs 2. Movimentos sociais 3. Bairro Mathias Velho
I. Biasoli, Vitor Otávio Fernandes II. Título.

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais E Humanas
Programa de Pós-Graduação Em História**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**AS CEBs NO RIO GRANDE DO SUL: O CASO DO BAIRRO MATHIAS
VELHO – MUNICÍPIO DE CANOAS (1975 – 1988)**

elaborada por
Odilon Kieling Machado

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em História

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Vitor Otávio Fernandes Biasoli (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Prof. Dr. Diorge Alceno Konrad (UFSM)

Prof. PhD. Pedrinho Alcides Guareschi (UFRGS)

Santa Maria, 11 de dezembro 2012.

À minha esposa Patrícia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar, à minha esposa Patrícia, que partilhou comigo as alegrias e as angústias pelas quais passei durante a elaboração deste trabalho, me ofertando sempre seu apoio incansável e incentivador. “*O amor é brisa quando a tempestade vem*”. (Pe Zezinho – 04/11/2000).

À professora Lenir Cassel Agostini, pelo exemplo pedagógico de dedicação e seu profissionalismo naquilo que faz e acredita, incentivando seus alunos no caminho acadêmico, bem como na partilha inicial desta pesquisa na graduação em História. Ações que são bem definidas pela frase do Paulo Freire, que foi um grande educador humanista: “*Só desperta paixão de aprender quem tem paixão de ensinar*”. Obrigado por tudo professora.

À professora Paula Jardim Bolzan por partilhar e incentivar a pesquisa em minha graduação em História.

Ao Irmão Antônio Cechin e Matilde Cechin, que sem o exemplo de vida e do testemunho evangélico desses dois grandes profetas esta pesquisa não teria razão de existir. Desde o início, desde as primeiras entrevistas, desde o encaminhamento a outras pessoas, desde a confiança da entrega das fontes a mim, desde as hospedagens, desde o apoio e incentivo em todos os momentos, o meu muito obrigado a vocês.

Aos agentes político-religiosos que participaram do processo histórico descrito nesta pesquisa e que se disponibilizam a testemunhar e contribuir através das entrevistas e/ou partilha de fontes. Meu agradecimento fraterno ao advogado Jacques Alfonsin, ao Vereador Ivo Fiorotti e sua esposa Diva pela acolhida, ao Frei Wilson Dallagnol e ao professor Pe Pedrinho Guareschi que também abrilhantou minha banca de defesa de dissertação.

Aos amigos, professores e colegas do PPGH que estiveram ao meu lado me apoiando e me incentivando em todos os momentos. Abraços aos colegas Fabrício, Juliano, Mateus e Renata e aos professores Diorge, Gláucia, Jorge e Farinatti. “*Onde houver erro, que eu leve a verdade*”. São Francisco de Assis.

Ao meu orientador professor Vitor Biasoli, pela ajuda e partilha na construção desta pesquisa. Obrigado Vitor.

*Esta nova forma de ser Igreja
propicia a conscientização do povo
(Leonardo Boff)*

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em História
Universidade Federal de Santa Maria

AS CEBs NO RIO GRANDE DO SUL: O CASO DO BAIRRO MATHIAS VELHO – MUNICÍPIO DE CANOAS (1975 – 1988)

AUTOR: ODILON KIELING MACHADO

ORIENTADOR: VITOR OTÁVIO FERNANDES BIASOLI

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 11 de dezembro de 2012.

A presente pesquisa tem como propósito identificar e analisar a relação entre as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e a vida religiosa, social e política dos moradores do Bairro Mathias Velho, em Canoas, no Rio Grande do Sul, entre 1975 e 1988, a partir da participação do Irmão marista Antônio Cechin e da educadora popular Matilde Cechin. As CEBs são uma organização eclesial com dimensões sócio-políticas, consideradas tanto um novo espaço de vivência religiosa quanto um instrumento para as lutas sociais das classes trabalhadoras. As CEBs tem sua matriz nas mudanças que ocorrem na Igreja Católica, a partir do Concílio Vaticano II, e, em especial, na Conferência de Medellín, com a “opção evangélica preferencial pelos pobres”. Essas comunidades se difundem no Brasil, em um contexto de governos militares autoritários, e centramos nossa pesquisa nas CEBs que se estabeleceram no Bairro Mathias Velho. Informados pela Teologia da Libertação e inseridos no projeto de uma nova Igreja, Irmão Antônio e Matilde Cechin atuam entre a população pobre do Mathias Velho, entre 1975 e 1988. Esta atuação resulta na formação de movimentos sociais que realizam a ocupação de terrenos e a criação das vilas Santo Operário e União dos Operários. Neste trabalho busca-se identificar os moradores do Mathias Velhos como sujeitos históricos em um contexto de diversidade social, atores de movimentos sociais de características comunitárias, impulsionados pelas CEBs. A luta por trabalho, emprego e renda é o objetivo principal da população que chega a Canoas. A organização de clubes de mães, associações de moradores, forno e horta comunitários, além de demandas pontuais como água, luz, transportes e ruas são resultados obtidos pelo movimento social, construído pelos próprios moradores, a partir da “semente” lançada pelos agentes religiosos Antônio e Matilde. Como metodologia para pesquisa, consultamos bibliografia existente a cerca do período, assim como sobre Canoas e as CEBs, juntamente com pesquisa em acervo pessoal das principais lideranças religiosas. Também realizamos entrevistas com Irmão Antônio Cechin, a educadora popular Matilde Cechin, o padre Pedrinho Guareschi, o frei Wilson Dallagnol e o advogado Jacques Alfonsin – todos eles envolvidos com as CEBs e os movimentos sociais do Bairro Mathias Velho. Entendemos que o tema é relevante para a história dos movimentos sociais e também para os estudos sobre religiosidade, na medida em que enfoca os movimentos sociais a partir de motivações religiosas. No caso, motivações que tem sua matriz em transformações vividas pela Igreja Católica, em especial pelo surgimento e difusão da Teologia da Libertação e das CEBs.

Palavras-chave: CEBs. Movimentos sociais. Bairro Mathias Velho.

ABSTRACT

Master Degree Dissertation
Graduate Program in History
Federal University of Santa Maria

CEBs IN RIO GRANDE DO SUL: THE CASE OF MATHIAS VELHO NEIGHBORHOOD - CANOAS CITY (1975 - 1988)

AUTHOR: ODILON KIELING MACHADO

ADVISOR: VITOR OTÁVIO FERNANDES BIASOLI

Date and Local of Defense: Santa Maria, December 11, 2012.

This research aims to identify and analyze the relationship between the Basic Ecclesial Communities (CEBs - Comunidades Eclesiais de Base) and religious, social and political lives of the residents of Mathias Velho Neighborhood, in Canoas, Rio Grande do Sul, between 1975 and 1988, from the participation of Marist Brother Antônio Cechin and popular educator Matilde Cechin. The CEBs are an ecclesial organization with socio-political dimensions, considered both as a new area of religious experience and an instrument for social struggles of the working classes. The CEBs have their origins in the changes that occur in the Catholic Church from the Second Vatican Council, and in particular, the Conference of Medellin, with the preferential evangelical option for the poor". These communities are spread in Brazil, in a context of authoritarian military governments, and we focus our research in the CEBs who settled in the Mathias Velho Neighborhood. Informed by the Liberation Theology and inserted into the project of a new church, Brother Antônio and Matilde Cechin worked among the poor of Mathias Velho, between 1975 and 1988. This action results in the formation of social movements that carry out the occupation of land and the creation of *Santo Operário* and *União dos Operários* Villages. This paper seeks to identify the residents of Old Mathias as historical subjects in a context of social diversity, social movement agents of community characteristics, driven by the CEBs. The struggle for labor, employment and income is the main goal of the population who reaches Canoas. The organization of mothers' clubs, neighborhood associations, community garden and oven, plus specific demands such as water, electricity, transport and streets are results obtained by the social movement, built by the residents themselves, from the "seed" launched by religious agents Antônio and Matilde. As research methodology, we consulted existing literature about the period, as well as about Canoas and the CEBs, along with research in the personal collection of the main religious leaders. We also conducted interviews with Brother Antônio Cechin, popular educator Matilde Cechin, Father Pedrinho Guareschi, Friar Wilson Dallagnol and lawyer Jacques Alfonsin - all involved with the CEBs and social movements in Mathias Velho Neighborhood. We understand that the issue is relevant to the history of social movements and also for studies on religiosity, as it focuses on social movements from religious motivations. In the case, motivations which have their origins in transformations experienced by the Catholic Church, especially by the emergence and spreading of Liberation Theology and the CEBs.

Keywords: CEBs. Social movements. Mathias Velho Neighborhood.

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 – Transcrição da entrevista Nº 01 (Revisada) 29/04/2011 com Irmão Antônio Cechin e Matilde Cechin.....	131
Anexo 2 – Transcrição da entrevista Nº 02 (Na íntegra) 01/05/2011 com Irmão Antônio Cechin e Matilde Cechin.....	144
Anexo 3 - Transcrição da entrevista Nº 03 (Revisada) 22/07/2011 com Jacques Alfonsin.....	190
Anexo 4 – Transcrição da entrevista Nº 04 (Revisada) 23/07/2011 com Pe Pedrinho Guareschi.....	192
Anexo 5 – Transcrição da entrevista Nº 05 (Revisada) 28/07/2012 com Frei Wilson Dallagnol.....	202
Anexo 6 – Imagem A – Irmão Antônio Cechin e Matilde Cechin na década de 80 em uma celebração de batismo no Bairro Mathias Velho, fortalecendo a mística cristã junto ao povo.....	211
Anexo 7 – Imagem B – Boletim formativo usado pelas CEBs na periferia de Canoas.....	212
Anexo 8 – Imagem C – Integrantes do Clube de Mães Divino Mestre na Vila União dos Operários apresentando o primeiro acolchoado que fizeram, em 1982.....	213
Anexo 9 – Imagem D – Ocupação da futura Vila União dos Operários. O povo derrubando as cercas, 1981.....	214
Anexo 10 – Imagem E – Material formativo do Clube de Mães usado na Vila União dos Operários.....	215
Anexo 11 – Imagem F – Material usado para difundir nas Comunidades Eclesiais de Base o método Ver-Julgar-Agir no Bairro Mathias – 1987.....	216
Anexo 12 – Imagem G – Material usado para difundir nas Comunidades Eclesiais de Base o método Ver-Julgar-Agir no Bairro Mathias – 1987.	217
Anexo 13 – Imagem H – Material usado para difundir nas Comunidades Eclesiais de Base o método Ver-Julgar-Agir no Bairro Mathias – 1987.....	218
Anexo 14 – Imagem I – Primeiro Boletim da Associação de Moradores da Vila Santo Operário – janeiro 1983. Com destaque para audiência com prefeito de Canoas dos representantes da comunidade na luta por reivindicações.....	219
Anexo 15 – Imagem J – Ficha de cadastro de um morador da Vila União dos operários na organização comunitária dos sem moradia.....	220

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO I – A IGREJA CATÓLICA, A AMÉRICA LATINA E A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO	27
1.1 A renovação da Igreja Católica a partir do Concílio Vaticano II (1962 -1965)..	28
1.2 A Igreja na América Latina, a Teologia da Libertação e as Conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979).....	34
1.3 A Teologia da Libertação no Brasil nos anos de 1970 e 1980.....	46
CAPÍTULO II – AS CEBS, A DITADURA MILITAR E O PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO DO BRASIL	57
2.1 O contexto sócio-político: Ditadura Militar <i>versus</i> Igreja Católica.....	57
2.2 A formação e a organização das CEBS no Brasil.....	65
2.3 As CEBS, os movimentos sociais e o Partido dos Trabalhadores.....	74
2.4 A formação e a organização das CEBS no Rio Grande do Sul.....	79
CAPÍTULO III - O BAIRRO MATHIAS VELHO, O PROCESSO DE MIGRAÇÃO E A ORGANIZAÇÃO POPULAR A PARTIR DOS ANOS 1970	89
3.1 O bairro Mathias Velho.....	89
3.2 A participação do Irmão Antônio, da educadora Matilde e as ocupações.....	96
3.3 Os Clubes de Mães.....	108
3.4 Organização e consolidação do movimento comunitário no Bairro Mathias Velho.....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS	123
ANEXOS	129

INTRODUÇÃO

*“Para a Teologia da Libertação,
toda a história humana deve ser encarada
a partir dos interesses e das aspirações dos oprimidos.”
Frei Betto*

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) no Rio Grande do Sul são o tema de nossa dissertação de mestrado. Especificamente, enfocamos as CEBs no Bairro Mathias Velho, no município de Canoas, entre os anos de 1975 a 1988. A presença dessas comunidades cristãs na periferia da região metropolitana de Porto Alegre expressa a intervenção da Igreja Católica no cotidiano e nas lutas das classes populares. Essas Comunidades Eclesiais contribuíram de modo decisivo para a mobilização e organização de movimentos sociais no Rio Grande do Sul, assim como em outros estados do Brasil, nas décadas de 1970 e 1980. Suas ações no Bairro Mathias Velho foram emblemáticas, pois deram origem à ocupação de terrenos para moradias e a formação de vilas.

As CEBs têm sua matriz nas mudanças da Igreja Católica e tiveram como marco histórico o Concílio Vaticano II, entre os anos de 1962 e 1965, com inspiração nas conferências latino-americanas de Medellín, em 1968, e Puebla, em 1979. Essas transformações religiosas tiveram grande difusão no Brasil nas décadas de 1970 e 1980 e foram uma força significativa junto aos movimentos sociais, como constatamos no Bairro Mathias Velho, em Canoas, no mesmo período histórico. Os cristãos membros das CEBs e aliados às pastorais sociais são identificados como protagonistas de uma força popular, na dimensão eclesial, comunitária, social e política, baseada nos valores cristãos de justiça, igualdade e fraternidade.

Desta maneira, inserimos nosso trabalho no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), da área de concentração “História, poder e cultura”, na linha de pesquisa “Migrações e Trabalho”, destacando a relação entre os movimentos sociais e o chamado “pensamento progressista cristão”, tendo em vista sua reconhecida importância na história social, religiosa e política sul-rio-grandense e brasileira na contemporaneidade.

Durante a Graduação em História, fizemos pesquisa bibliográfica sobre a temática e a apresentamos como Trabalho Final de Graduação (TFG), analisando o contexto dos anos 1960 e 1970, a criação da Teologia da Libertação, das CEBs e as suas contribuições na

História Brasileira em geral. Esta pesquisa teve um caráter macro de estudo de História e serviu como ponto de partida para a presente dissertação de mestrado, a qual visa um aprofundamento do mesmo projeto, dessa vez enfocando a ação das CEBs numa região determinada, isto é, no Bairro Mathias Velho, na cidade de Canoas. A partir desse estudo, pretendemos historiar a articulação entre CEBs e movimentos sociais, assim como averiguar a contribuição e importância dessa organização eclesial para a sociedade sul-rio-grandense.

Na nossa compreensão do processo histórico brasileiro, vemos as CEBs como unidades de base da Igreja Católica, isto é, uma organização eclesial com dimensões sócio-políticas, que vão fornecer lideranças para os movimentos sociais e políticos que antecederam a abertura da Ditadura Militar Brasileira. As CEBs forneceram uma visão de esquerda para as classes populares, usando o instrumental marxista para a compreensão da realidade, buscando articular os princípios do cristianismo com uma visão comunitária e democrática, resgatando a prática dos primeiros cristãos que viviam sua fé religiosa por meio de um testemunho comunitário e fraterno. Esta articulação de cristianismo, marxismo, vida comunitária e democracia visava à construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

As mudanças sociais e políticas de cunho popular no Rio Grande do Sul, tanto nos aspectos de organização e participação quanto na formação de lideranças políticas, tiveram nas CEBs um espaço privilegiado.

A construção de alternativas de mudanças na sociedade, tendo a fé religiosa como base desta transformação, estabelece um novo paradigma social e político de organização coletiva, na qual os pobres e excluídos desta mesma sociedade são protagonistas de uma ação, a partir de uma base social e eclesial, com a participação de intelectuais denominados nesta pesquisa de “agentes político-religiosos”.

Entendemos que explicitar este projeto é de grande importância para a compreensão do papel das CEBs na história social e política do Rio Grande do Sul, assim como ajudar academicamente alunos e professores nas suas pesquisas, no ensino de História e na formação da cidadania.

As CEBs estão inseridas na História brasileira e sul-rio-grandense num contexto da Ditadura Militar e também na chamada fase de redemocratização (a partir de 1985). De modo especial, as CEBs no Bairro Mathias Velho, organiza-se na segunda metade da década de 1970 e se consolida na década seguinte. Tomando como eixo a atuação de dois dos principais agentes político-religiosos – o Irmão Antônio Cechin e a educadora popular Matilde Cechin –, estabelecemos as datas de 1975 a 1988 como o período enfocado, respectivamente o ano em que chegaram ao bairro e o ano em que partiram.

A presente pesquisa busca entender historicamente a mobilidade dos grupos e extratos sociais do Bairro Mathias Velho, evidenciando suas atuações enquanto atores sociais e políticos, em um contexto de diversidade social e de encontros culturais, com re-significação de valores e representações, de produção de conflitos e de novas formas de hierarquização.

As CEBs, no âmbito interno da Igreja Católica, tornaram-se um elemento determinante de práxis, embora abrangendo um setor minoritário da instituição e dos católicos em geral, haja vista que o conjunto majoritário da Igreja permanece conservador, isto é, resistente aos projetos que propõem enfrentamento e confronto com a ordem dominante. Historicamente, nos marcos dos governos militares e da redemocratização brasileira, esta atuação comunitária está inserida no conjunto dos movimentos sociais combativos.

No discurso das CEBs a solidariedade é apontada como uma força que impulsiona a construção coletiva, através da base social dos trabalhadores, como forma de sobrevivência e mobilidade social. Neste aspecto, o Bairro Mathias Velho pode ser visto como campo experimental desse projeto. Foi o discurso da solidariedade – entendido como “natural” entre as camadas populares – que informou a organização da população local – especialmente os mais excluídos – e, a partir daí, tornou-se referência para a militância religiosa do Rio Grande do Sul. Além da formação e consolidação de diversas comunidades eclesiais, a mobilização popular realizou ocupação de terrenos para moradia – a primeira ocupação urbana no Rio Grande do Sul.

A população do Bairro Mathias Velho tem a sua origem na migração campo-cidade, uma população em busca de moradia, trabalho e renda. São famílias de ex-agricultores, em sua grande maioria, que procuram novas possibilidades de sobrevivência. Este fenômeno migratório para a região metropolitana de Porto Alegre, nas décadas de 1970 e 1980, se explica pela:

[...] manutenção da concentração de terras e o desenvolvimento de uma lavoura em moldes empresariais voltada para o cultivo de soja, trigo e arroz com a finalidade de exportação. Essa estrutura montada afastou do mercado aqueles agricultores que ainda resistiam, por absoluta falta de condições de competitividade, bem como não possibilitou sequer seu aproveitamento como mão-de-obra, já que o modelo adotado, essencialmente mecanizado, dispensou boa parte dos trabalhadores (PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2000, p. 16).

Essa população migrante torna-se a matéria-prima para o trabalho das CEBs. Os novos moradores do bairro são estimulados e orientados a se organizarem, sob a influência de lideranças político-religiosas. Esses agentes político-religiosos têm como base teórica a Teologia da Libertação e as CEBs como proposta de organização político-religiosa. O

marxismo é encarado como “instrumento” para entender cientificamente os mecanismos da sociedade capitalista e a orientação política é dada pela religião, pelos *Evangelhos*. O que os membros das CEBs pretendem é exercer um protagonismo junto às forças populares – o que vai acontecer, de forma contundente, com a ocupação de terrenos para moradia.

A hipótese norteadora do nosso trabalho é de que as CEBs foram desencadeadoras da mobilização social que resultou na ocupação de terrenos no Bairro Mathias Velhos. A partir daí pretendemos identificar a relação entre as CEBs e a vida religiosa, social e política dos moradores no Bairro Mathias Velho, a partir da participação de dois dos principais agentes político-religiosos. Além disso, busca-se a contribuição dessas e de outras lideranças eclesiais na construção do movimento social de características comunitárias, desencadeado pelas CEBs e construído pelos próprios moradores e suas lideranças.

A partir de uma nova consciência cristã expressa pelos agentes político-religiosos, as CEBs organizam-se neste espaço comunitário orientados pela Teologia da Libertação. As ações coletivas são importantes na dinâmica história, mas muitas vezes ficam ocultas na chamada “história oficial”. As CEBs enfatizam o protagonismo das classes populares e oferecem condições para que elas se manifestem. As CEBs criam espaços de atuação popular, ligando aspectos religiosos, culturais e sociais, e forjam lideranças oriundas das camadas populares.

Transformar a sociedade excludente é um objetivo das ações pretendidas pelas CEBs. Assim, com este propósito, forjam-se líderes e criam-se condições para eles agirem. Identificar e analisar cientificamente esses mecanismos é um dos propósitos desta dissertação. Para tanto, tomamos como personagens centrais dessa trama dois agentes político-religiosos.

A documentação pesquisada revela o peso da religiosidade na formulação de demandas concretas como moradia, água, luz e transporte. Esta articulação entre as necessidades do cotidiano e as histórias bíblicas sedimenta a organização popular, que tem seus primeiros passos na formação de “clubes de mães”. As mulheres, reunidas em clubes de mães – primeiramente em suas próprias casas – têm papel fundamental na organização das CEBs. Elas, as mulheres, são as primeiras agentes das ações coletivas, auxiliadas por agentes político-religiosos. Elas fazem acolchoados para o inverno e, desta maneira, desenvolvem o espírito de fraternidade e de solidariedade essenciais para sedimentar a nova proposta organizativa. Nesse processo, a leitura de textos bíblicos, relacionando às dificuldades coletivas dos moradores do Mathias Velho com o “povo de Deus no Egito, em busca da Terra Prometida”, é instrumento e prática fundamental para geração de nova consciência e esperança para superar crises e dificuldades.

O espaço urbano não oferece as condições para abrigar tantos migrantes em busca de trabalho e renda. A periferia, o limite entre zona urbana e rural, é o espaço possível para eles. É nessa região que os migrantes se estabelecem. É também aí que os agentes político-religiosos vão se colocar e atuar.

A visão progressista desses lutadores sociais cristãos – é assim também que podemos chamar os agentes político-religiosos Antônio e Matilde – deu uma contribuição importante para a transformação desse contexto social. Eles plantaram a “semente” das CEBs em Canoas e o processo de mobilização popular se deu de forma simultânea, por meio de uma forma comunitária.

O processo de organização comunitária no Bairro Mathias Velho tem como fato mais significativo as ocupações de terrenos que resultaram nas vilas Santo Operário e União dos Operários. Para compreendermos como isso se desenvolveu, recuperamos a trajetória do Irmão Antônio Cechin como agente político-religioso, juntamente com a educadora popular Matilde Cechin, sua irmã de sangue. Essas figuras são determinantes na nossa abordagem a respeito das CEBs no Mathias Velho, suas lutas e ações comunitárias.

A importância para a História Contemporânea desta experiência popular se dá na medida em que ela possibilita o ingresso de setores sociais subalternos no campo da ação política, orientados por princípios religiosos. As CEBs são o instrumento e o eixo dessa participação.

É importante destacar que a pesquisa documental e a entrevista oral são aliadas no processo de desvendamento dos caminhos da História – principalmente quanto ao resgate das falas de seus atores sociais. No nosso caso, a entrevista foi essencial para resgatar a fala daqueles que muitas vezes não aparecem na História oficial, isto é, os agentes político-religiosos.

Nossa pesquisa teve os seguintes passos: pesquisa bibliográfica a respeito da História da Igreja, com ênfase nas transformações que ocorrem a partir do Concílio Vaticano II; pesquisa bibliográfica e documental a respeito das CEBs no Rio Grande do Sul; entrevistas com lideranças político-religiosas que atuaram no Mathias Velho. Neste último caso, as lideranças foram Irmão Antônio Cechin e Matilde Cechin, as figuras centrais de nossa abordagem, mais Pedrinho Guareschi, Wilson Dallagnol e Jacques Alfonsin. Entre as fontes para o estudo das CEBs, destacamos o jornal *Clareando*, órgão informativo das CEBs no Rio Grande do Sul, mais os boletins, fotos e documentos (datilografados ou escritos à mão) do acervo de Matilde Cechin, bem como do acervo do vereador Ivo Fiorotti.

A pesquisa tem como cenário o período autoritário brasileiro e o processo de redemocratização do Brasil, de 1975 (quando governa o Presidente Ernesto Geisel) até 1988 (quando governa o Presidente José Sarney e é aprovada uma nova Constituição para o País). Este período é marcado por uma sedimentação de uma visão progressista de esquerda dentro da Igreja Católica, através da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), das pastorais sociais e, de um modo especial, das CEBs. Esta vertente religiosa de esquerda agrega valores humanistas e democráticos, valorizando a participação coletiva de lutas em nível eclesial (Igreja), social e político, a participação em movimentos populares e comunitários, além de envolvimento com partidos políticos que tenham identificação com as causas defendidas.

A presente dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo será abordada a renovação da Igreja Católica, a partir do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), sua influência na estrutura interna da Igreja e suas implicações sociais, políticas, culturais e religiosas. A seguir, os desdobramentos desse Concílio na América Latina, através das Conferências Episcopais de Medellín, em 1968, e Puebla, em 1979. Com isso, a explicitação da “opção evangélica preferencial pelos pobres” e a proposta das “Comunidades Eclesiais de Base”.

No segundo capítulo, serão abordadas a formação e a organização das CEBs no Brasil dentro do contexto histórico da Ditadura Militar e o processo de redemocratização do Brasil. A trajetória e as mudanças internas da Igreja Católica e a sua relação com a ditadura militar serão identificados, bem como conflitos e a oposição em relação aos governos militares, com a participação de teólogos e setores da hierarquia do catolicismo. A influência das CEBs na organização dos movimentos sociais no Brasil nos anos de 1970 e 1980 também será abordada, bem como a formação e a organização das CEBs no Rio Grande do Sul.

No terceiro capítulo, será abordada de forma sintética a História do Bairro Mathias Velho, bem como os migrantes que chegam do campo em busca de trabalho, renda e moradia – tudo isto num contexto de acelerado crescimento econômico e de restrições políticas. O período histórico é o da Ditadura Militar, mas já na fase de “abertura” proposta pelo Presidente Geisel e seguida por seu sucessor, o Presidente Figueiredo. De modo geral, podemos dizer que é um contexto de ditadura militar e de redemocratização “lenta e gradual”.

O capítulo privilegia o trabalho dos agentes político-religiosos Antônio e Matilde, que chegam ao “fundão” do Bairro Mathias Velho – especificamente na Vila Cerne – no final de 1975. A partir daí, o lento trabalho de organização dos moradores, privilegiando a população feminina e, por isso mesmo, a organização dos clubes de mães.

Para reconstituir esse embrião de organização comunitária, são fundamentais os arquivos pessoais – com os mais variados tipos de documentos – de Antônio e Matilde, assim como as suas memórias.

Na sequência, a primeira ocupação de uma antiga lavoura de arroz e o estabelecimento de moradias, a construção da Vila Santo Operário, a partir de 1979. Em 1981, a segunda ocupação, no antigo prado, resultando na Vila União dos Operários. Destaque para os embates com os “jagunços” dos proprietários/imobiliária e também com a força policial. Quanto a estes aspectos, muito importante o testemunho do advogado Jacques Alfonsin, que dava assessoria jurídica às CEBs.

No trabalho de organização das mulheres – um dos principais eixos da formação das CEBs (segundo o próprio Irmão Antônio) – destaca-se o trabalho da educadora popular Matilde Cechin. Para isto, além do seu testemunho, também os seus registros pessoais (fotos e cadernos).

Neste capítulo, procuraremos evidenciar como as elaborações dos teólogos se realizam na prática comunitária das CEBs, como a religiosidade se faz presente no cotidiano dos moradores da Mathias Velho e também nas suas lutas políticas. A Teologia da Libertação e as CEBs são o eixo do movimento, mas sua dinâmica é dada pelos agentes político-religiosos já nomeados e também por figuras que encontramos ao longo da pesquisa.

Apesar de termos como central as atuações de Irmão Antônio e Matilde, procuraremos introduzir outros atores – como Jacques Alfonsin, Pedrinho Guareschi, Wilson Dallagnol e outras lideranças que se fizeram no movimento. Há relatos de migrantes que chegaram sem profissão em Canoas e se fizeram profissionais técnicos, líderes comunitários, militantes de partidos políticos e até vereadores do município.

Contribuiu para a compreensão do fenômeno das CEBs em Canoas uma pequena produção textual produzida pelos agentes político-religiosos – entre eles, Pilato Pereira, Pedrinho Guareschi, o próprio Irmão Antônio, todos eles refletindo a respeito da Igreja, dos ideais cristãos, do contexto político autoritário dos anos 1970 e das lutas populares.

CAPÍTULO I

A IGREJA CATÓLICA, A AMÉRICA LATINA E A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

*“Quando a voz da verdade se ouvir
e a mentira não mais existir
será enfim
tempo novo de eterna justiça
sem mais ódio, sem sangue ou cobiça
vai ser assim.”
Zé Vicente*

Após a Segunda Guerra Mundial, crescem as pressões dentro da Igreja Católica no sentido de promover uma abertura maior da Instituição em relação ao mundo contemporâneo, em especial quanto a uma renovação na atuação política e social. Estas demandas ganham corpo no pontificado de João XXIII (1958-1963), consolidam-se no pontificado de Paulo VI (1963-1978) e se expressam no Concílio Vaticano II (1962-1965).

As decisões da cúpula da Igreja Católica no Concílio são o ponto de partida para compreender a teologia e as práticas político-religiosas na América Latina e no Brasil, estabelecidas pela Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, em Medellín, Colômbia, em 1968. Sintetizada na expressão “opção evangélica preferencial pelos pobres” e na formação das CEBs¹, surge uma nova orientação religiosa e eclesial na América Latina, a qual entendemos como essencial para entender o movimento social que desponta no Bairro Mathias Velho, em Canoas, a partir do final da década de 1970. Neste sentido, Frei Wilson Dallagnol, atuante junto as CEBs e no movimento social organizado no bairro, faz a seguinte reflexão sobre a relação existente entre as CEBs como Igreja, isto é, uma organização eclesial e o movimento social:

As CEBs aglutinam, elas congregam, por serem Igreja. Por serem Igreja elas congregam pessoas da base, pessoas humildes, pessoas simples, que também podem estar comprometidas nas lutas sociais, e as próprias CEBs estimulam. Elas são

¹ “Ao início dos anos 60 surgiu entre as classes populares do Brasil um novo modo de a Igreja ser: as Comunidades Eclesiais de Base. As CEBs são grupos de 20 ou mais pessoas que se reúnem uma ou duas vezes por mês na capela da roça, no sítio do pequeno agricultor, no salão da casa paroquial, no centro comunitário da vila, no barraco da favela, para refletir, nutrir e celebrar sua vida de fé. São comunidades porque as pessoas se conhecem pelo nome, partilham suas vidas e seus problemas, põem em comum seus bens e seus esforços, lutam juntos por melhorias no bairro, conquista da terra ou da moradia, uma vida melhor. São eclesiais porque o eixo em torno no qual giram é a palavra de Deus, o uso da Bíblia dentro da realidade conflitiva em que vivem a comunhão com a Igreja, da qual são células vivas. São de base porque integradas por subempregados, aposentados, jovens, lavradores, operários, donas de casa, em fim gente pobre e oprimida que forma a base da sociedade” (BETTO, 1991, p. 152).

estímulos a elas mesmas, para que os seus membros, quando estão em necessidade, lutem por aquilo que tem direito. [...] Então, elas não são um movimento social. Elas também não são movimentos eclesiais como alguns querem colocar. Elas são comunidades. [...] Elas têm a inspiração bíblica. [...] As CEBs sempre foram foco de educação, de despertar consciência, formar lideranças, de oferecer o amparo, digamos bíblico, teológico, o amparo místico, da luta, do enfrentamento, de que tem que ir pra buscar seus direitos. [...] As CEBs são uma educadora, uma capacitadora, uma estimuladora dos direitos negados e da necessidade de conquistá-los de forma organizada. [...] A ação vai ser organizada, ela vai ser estruturada na associação de moradores, no movimento social. Ali é a luz, é a ação, é organizar a ação concreta. A comunidade eclesial, ela vai oferecer o amparo espiritual, vai oferecer o amparo bíblico vai oferecer o amparo teológico, para que todos os membros das CEBs encontrem a razão pela sua luta social (Entrevista de Frei Wilson Dallagnol ao Autor, 2012).

Dito isto, o propósito deste capítulo é o de abordar a História da Igreja Católica a partir do Concílio Vaticano II, entendendo as suas orientações gerais e seus desdobramentos na América Latina e no Brasil.

1.1 A Renovação da Igreja Católica a Partir do Concílio Vaticano II (1962 -1965)

A Igreja Católica, entre os anos de 1962 e 1965, abriu-se ao mundo contemporâneo através do Concílio Vaticano II, tendo como perspectiva a justiça e os direitos humanos. Ao longo da História da Igreja Católica, os Concílios são momentos de avaliação e mudanças a partir da cúpula hierárquica. A Igreja, ao assumir o desafio de dialogar com o pensamento da sociedade contemporânea, foi levada a buscar uma nova maneira de estar e agir no mundo e ter a centralidade de sua ação no ser humano e sua integralidade. Esta renovação é destacada no documento chamado “Constituição pastoral *Gaudium et Spes*”, sobre “a Igreja no mundo de hoje”, deste Concílio. Abaixo uma citação deste documento oficial da Igreja:

[...] o Concílio Vaticano II [...] deseja expor a todos como concebe a presença e a atividade da Igreja no mundo de hoje. [...] Em nossos dias, arrebatado pela admiração das próprias descobertas e do próprio poder, o gênero humano frequentemente debate os problemas angustiantes sobre a evolução moderna do mundo, sobre o lugar e função do homem no universo inteiro, sobre o sentido de seu esforço individual e coletivo [...] É a sociedade humana que deve ser renovada. É, portanto, o homem considerado em sua unidade e totalidade, corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade, que será o eixo de toda a nossa explanação. [...] Concílio oferece ao gênero humano a colaboração sincera da Igreja para o estabelecimento de uma fraternidade universal que corresponda a essa vocação. Nenhuma ambição terrestre move a Igreja (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 2000, p. 40).

Para o Concílio Vaticano II, a mística cristã é traduzida na forma de sacramento e entendida como uma unidade da Igreja a serviço do mundo. A Igreja Católica, que se encerrara na questão espiritual e que tivera relação próxima com instituições e governos ligados as classes dominantes, abre-se a uma ação pastoral ligada aos pobres e necessitados. Estabelece uma ligação entre a vida de Cristo e a relação próxima com os necessitados. Cria o embrião da transformação da instituição Igreja a partir do centro de sua hierarquia no Vaticano. E tem no Concílio Vaticano II o seu grande instrumento, atingindo a América Latina e em especial o Brasil, conforme podemos verificar no primeiro capítulo do referido encontro no documento “*Lumen Gentium*” (LG), intitulado “O mistério da Igreja”, deste Concílio. Abaixo uma citação deste documento, destacando nos pobres e sofredores a imagem de seu fundador:

[...] Cristo consumou sua obra de redenção na pobreza e na perseguição, assim a Igreja é chamada a seguir o mesmo caminho a fim de comunicar aos homens os frutos da salvação. Cristo Jesus, “como subsistisse na condição de Deus, despojou-se a si mesmo, tomando a condição de servo” (Filip 2,6) e por nossa causa “fez-se pobre embora fosse rico” (2 Cor 8,9): da mesma maneira a Igreja, embora necessite dos bens humanos para executar sua missão, não foi instituída para buscar a glória terrestre, mas para proclamar, também pelo seu próprio exemplo, a humildade e a abnegação. Cristo foi enviado pelo Pai para “evangelizar os pobres, sanar os contritos do coração” (Lc 4, 18), “procurar e salvar o que tinha parecido” (Lc 19,10): semelhantemente a Igreja cerca de amor todos os afligidos pela fraqueza humana, reconhece mesmo nos pobres e sofredores a imagem do seu fundador pobre e sofredor. Faz o possível para mitigar-lhes a pobreza e neles procura servir a Cristo, “santo, inocente, imaculado” (Heb 7, 26), não conheceu o pecado (cf. 2 Cor 5,21) a Igreja, reunindo em seu próprio seio os pecadores, ao mesmo tempo santa e sempre na necessidade de purificar-se, busca sem cessar a penitência e a renovação (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 2000, p. 47).

Historicamente, a Igreja Católica tinha relação próxima com instituições e governos ligados aos mais poderosos, política e economicamente, seja na relação com o Império Romano (período no qual a Igreja se constitui como instituição religiosa), seja com os feudos durante a Idade Média ou com as Monarquias Absolutistas na Idade Moderna, ou ainda com as repúblicas e monarquias constitucionais na Idade Contemporânea. O fortalecimento da visão antropológica e o racionalismo político através da Independência dos Estados Unidos da América e da Revolução Francesa, que de certa forma reduziu o poder religioso, questionou os cristãos que vêm na ciência uma aliada para entender e avançar a sociedade, como por exemplo, as Ciências Sociais, a Filosofia e a História.

A análise histórica em diferentes períodos, com suas afirmações e contradições enquanto objeto a ser estudado, mostra a sua relevância, na medida em que procurarmos

entender qual o significado e o papel da História. Neste aspecto, a seguinte reflexão de Pierre Nora torna-se significativa:

[...] A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. [...] pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. [...] A história e, mais precisamente, aquela do desenvolvimento nacional, constituiu a mais forte de nossas tradições coletivas, nosso meio de memória, por excelência (NORA, 1993, p. 9-10).

A mensagem cristã em termos pastorais, de acordo com o Concílio, deve ser levada ao mundo, através da missão dos cristãos de transformar a realidade para que este mundo possa conhecer e ao mesmo tempo possa optar por uma proposta mais impregnada dos ideais de justiça e igualdade. Estes princípios estão na raiz do cristianismo e também ao longo de sua História, embora a Igreja tenha-se ligado a diversos governos despóticos e instituído uma prática opressiva através do Tribunal da Inquisição, na Idade Média e Moderna. Mesmo assim, permanecem como marcos a religião comunitária dos primeiros cristãos (séculos I a III) e a renovação franciscana (século XIII).

É importante salientar que a vida comunitária foi a organização que caracterizou os primeiros cristãos, portanto as mudanças que ocorrem no pontificado de João XXIII são uma forma de retomar uma experiência milenar inspirados pelos Evangelhos, adaptado a um novo momento histórico. Esta orientação está descrita nos documentos do Concílio Vaticano II:

Cumprem-se cada vez melhor os deveres de justiça e caridade, se cada um, contribuindo para o bem comum segundo suas capacidades e as necessidades dos outros, promover e ajudar também as instituições públicas e particulares que estão a serviço de um aprimoramento das condições de vida dos homens. Alguns há que, proclamando opiniões largas e generosas, na prática vivem sempre sem cuidado algum com as necessidades da sociedade. [...] Com efeito, quanto mais se une o mundo, mais abertamente as funções humanas superem os grupos particulares e estendem-se pouco a pouco ao mundo inteiro. Assim, aparecerão, com o necessário auxílio da graça divina, homens realmente novos e construtores de uma humanidade nova. [...] Por isso deve ser estimulada a vontade de todos de participar de iniciativas comunitárias. [...] Mas para que todos os cidadãos estejam dispostos a participar da vida dos diversos grupos, dos quais consta o corpo social, é necessário que encontrem nestes grupos os bens que os atraiam e os disponham para o serviço dos seus semelhantes (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 2000, p. 173-4).

A Igreja do período pós-Segunda Guerra Mundial, ao assumir o desafio de dialogar com o pensamento da sociedade contemporânea, é levada a buscar uma nova maneira de estar e agir no mundo. Buscando como alternativa a convivência social mais humana, através de práticas comunitárias, esta nova visão da Igreja ilumina as práticas cristãs na América Latina e de modo especial no Brasil com a organização e formação das CEBs. As Comunidades de

Base se tornam o espaço eclesial primordial da Igreja, indicando uma ação cristã que busca a integridade do ser humano.

O Concílio Vaticano II apontou a necessidade de participação dos cristãos diretamente nos campos da economia, sociedade e política, em atitudes individuais e coletivas, visando o bem comum e a fraternidade.

Norberto Bobbio conceitua o pluralismo cristão-social, no sentido democrático na difícil relação dentro de uma ordem hierárquica perante a sociedade. A integralidade da pessoa humana deve ser levada em consideração, assim como sua dignidade perante o Estado. A cidadania é considerada um bem maior, em que os direitos humanos, no que diz respeito aos grupos sociais, devem ser considerados. A convivência em uma sociedade pluralista deve ter um lugar a todos que fazem parte de uma organização social. Tendo como referência o documento do Concílio Vaticano II sobre a Igreja Católica no mundo contemporâneo, é acentuado o seu caráter renovador no campo social e político:

A multiplicidade das sociedades, [...] em que o indivíduo toma parte, é aduzida como uma prova contra duas falsas doutrinas entre si opostas, a do individualismo, segundo a qual o indivíduo basta a si mesmo, e a do coletivismo que, ao invés, deifica o Estado ou a sociedade: Medindo os extremos, o pensamento cristão segura firmemente as duas extremidades da cadeia, ou seja, a eminente dignidade da pessoa humana e a necessidade da sociedade para o seu desenvolvimento integral [...] lemos a Constituição Pastoral “A Igreja no mundo contemporâneo” (*Gaudium et spes*) do Concílio Vaticano II: Reconheçam-se, respeitem-se e promovam-se os direitos das pessoas, famílias ou grupos, assim como seu exercício, juntamente com os deveres aos quais estão obrigados todos os cidadãos (BOBBIO; MATTEUCI; PASQUINO, 1998, p. 932).

Em relação à ética e à justiça, o Concílio Vaticano II alerta para que a dignidade da pessoa humana seja respeitada e ao mesmo tempo faz uma crítica a todo regime político que explora ou causa desigualdades sociais, econômicas ou políticas.

As mudanças ocorridas na Igreja, explicitadas em pronunciamentos e documentos oficiais, davam mais ênfase à crítica aos governos autoritários do Leste Europeu, representado pelo chamado “socialismo real”, e agora a crítica também é feita, de forma indireta, ao capitalismo liberal. A mensagem do Concílio Vaticano II é levada ao mundo através de instâncias oficiais da mesma Igreja. Dentro desta perspectiva, as constituições, decretos e declarações do Vaticano II apontam a necessidade do respeito aos direitos humanos sob qualquer regime político:

Na verdade, nem todos os homens se equiparam na capacidade física, que é variada, e nas forças intelectuais e morais, que são diversas. Contudo qualquer forma de discriminação nos direitos fundamentais da pessoa seja ela social ou cultural, ou funde-se no sexo, raça, cor, condição social, língua ou religião deve ser superada e

eliminada, porque contrária ao plano de Deus. É de lamentar realmente que aqueles direitos fundamentais da pessoa não sejam ainda garantidos por toda a parte. [...] a igual dignidade das pessoas postula que se chegue a uma condição de vida mais humana e mais equitativa. Pois as excessivas desigualdades econômicas e sociais entre membros e povos da única família humana provocam escândalo e são contrárias à justiça social, à equidade, à dignidade da pessoa humana a paz social e internacional. [...] lutem denodadamente contra qualquer espécie de servidão, tanto social quanto política e respeitem os direitos fundamentais do homem sob qualquer regime político (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 2000, p. 172-3).

Um elemento importante desta mudança de paradigmas é identificado pela prática pastoral, isto é, uma prática cristã em consonância com sua liderança (bispo) em uma diocese (espaço administrativo), cuja proposta traz em si uma forma de ação conjunta da Igreja em relação ao mundo dentro do processo de renovação. De acordo com a Igreja, a mensagem cristã, em termos pastorais, deve ser levada ao mundo, através da missão dos cristãos tendo em vista transformar a realidade de exclusão social, na busca do bem comum, em ações concretas para mudar uma realidade que oprime o ser humano.

A ação conjunta da Igreja em relação ao mundo, dentro do espírito de renovação, é apontada pelo Concílio Vaticano II através de uma atividade pastoral como elemento importante². Impulsiona os cristãos a uma ação evangelizadora que, ao estar em sintonia com a hierarquia da Igreja, leva para as diferentes realidades uma proposta que visa transformar o mundo tal qual ele se apresenta, isto é, o mundo marcado pelo individualismo e o materialismo. Esta dimensão vai influenciar de maneira direta as pastorais sociais na América Latina, e em especial no Brasil. Esta perspectiva modifica uma prática secular de viver uma fé mais intimista, em que a preocupação maior era uma relação individual entre aquele que crê e no Deus que se acredita, em que as relações de sociabilidade entre as pessoas eram reduzidas apenas à esfera do assistencialismo, trazendo como consequência uma vida alienada em relação ao mundo e ao mesmo tempo favorecendo que as injustiças sociais pudessem ser conservadas, fazendo uma separação entre fé e vida. Esta mudança é mais uma contribuição do Concílio para que os cristãos em unidade, enquanto Igreja renovada, possam atuar nas várias esferas da sociedade, comportando-se e agindo de forma mais progressista e menos conservadora.

² É a atividade evangelizadora da Igreja. No Brasil, a CNBB define para o conjunto da Igreja no País grandes linhas pastorais que orientam e inspiram a atividade das dioceses, das paróquias, das CEBs e dos movimentos evangelizadores. Cada diocese possui também seu próprio Plano de Pastoral, em geral válido por três ou quatro anos, no qual se elencam as prioridades a serem assumidas por todos os católicos em comunhão com o Pastor (bispo) daquela Igreja. Há na Igreja movimentos pastorais articulados em nível nacional para atuação em áreas e setores específicos, como é o caso da Pastoral Operária (PO), da Pastoral da Terra (coordenada pela Comissão Pastoral da Terra – CPT), da Pastoral da Juventude (PJ), etc (BETTO, 1991, p. 258).

Este documento teve muito impacto na América Latina, entre outras razões devido ao grande número de pobres e oprimidos impregnados de religiosidade. Com ele, ocorre uma divisão entre os setores católicos que apóiam essa renovação e os ligados a elites políticas que muitas vezes professam a sua fé cristã, mas praticavam uma política contrária a esses valores.

No Concílio Vaticano II, esta ação pastoral é destacada pelo Papa Paulo VI, no discurso de abertura da segunda sessão do Concílio, em 29 de dezembro de 1963, reafirmando a intenção do idealizador do Concílio, o Papa João XXIII. Esse discurso do Papa consta nas constituições decretos e declarações do Concílio, como documento oficial da Igreja:

Um concílio conscientemente pastoral parte do princípio de que a doutrina nos foi dada para ser vivida, [...] para demonstrar sua virtude salvadora na realidade histórica; que é preciso unir a ação da inteligência à da vontade, o pensamento ao trabalho, a verdade à ação, a doutrina ao apostolado, o magistério ao ministério; [...] Um concílio conscientemente pastoral procura perceber as relações entre os valores eternos da verdade cristã e sua inserção na realidade dinâmica, hoje extremamente mutável, da vida humana tal qual é, contínua e diversamente moldada na história presente, inquieta, conturbada e fecunda (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 2000, p. 09-10).

O Concílio Vaticano II aponta a necessidade de uma abertura da Igreja Católica ao mundo moderno, caracterizado no Continente Europeu pelos marcos dados pela Revolução Francesa e da consolidação dos estados liberais, que resultam numa Europa dominada pela secularidade e o materialismo. Com a Revolução Francesa, a burguesia assume o poder econômico, político e cultural, substituindo o poder dos reis absolutistas e sua aliada, isto é, a Igreja Católica. Nesse sentido, na Europa, a abertura ao mundo moderno significa uma retomada da centralidade da Igreja na sociedade e cultura (perdida ao longo do século XIX e XX), no revigoreamento dos princípios evangélicos como resposta à secularização, ao materialismo e ao ateísmo também. Estes são os desafios que a modernidade europeia coloca para a Igreja Católica.

Em relação à América Latina, as ideias do Concílio Vaticano II perante a sociedade repercutem de forma diferenciada, na medida em que as condições econômicas e sociais do subcontinente latino são outras. Na América Latina, o grau de desenvolvimento econômico é menor, as condições de vida da maioria da população são precárias e a religião têm outro lugar e função. Sintomático desse quadro geral latino-americano, no período, é a recente vitória da Revolução Cubana (1959), questionando os padrões de economia, sociedade e poder, e propondo alterações.

Estas diferenças entre a Europa e a América Latina em relação à Modernidade, vista sob a luz do Concílio Vaticano II, é refletida por Pablo Richard que caracteriza a Europa e a

força da burguesia com “a morte de Deus” e a América Latina explorada pela mesma burguesia com “a morte do homem”:

A Igreja europeia via-se confrontada com o mundo moderno que tinha chegado á sua plena maturidade econômica, política, cultural e humana. Essa realidade levava-se a um ajustamento de contas com seu passado de resistência à revolução moderna da burguesia. Na América Latina, ao contrário, a Igreja defronta-se com um mundo já questionado em plena crise, enfraquecido pelo esgotamento e pela desintegração. [...] Na Europa, a Igreja era desafiada teologicamente pelo *ateísmo* estrutural da sociedade moderna e a sua proclamação da “*morte de Deus*”. Na América Latina, a Igreja era desafiada teologicamente pela “*exploração*”, pelo “*subdesenvolvimento*”, que causava a “*morte do homem*”. [...] A abertura da Igreja conciliar para o mundo moderno vai acelerar na América Latina o conhecimento deste mundo, como mundo opressor (1982, p. 183-4).

O esgotamento dos modelos de crescimento econômico, as crises políticas e a desintegração das condições de vida da maior parte da população latino-americana sinalizam outras tarefas para a Igreja. É o homem que está ameaçado. Desta maneira, a Igreja latino-americana congregará sua força e procurará se mostrar mais atuante no subcontinente, tendo em vista o diagnóstico realizado.

1.2 A Igreja na América Latina, a Teologia da Libertação e as Conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979)

Os novos ventos vão favorecer uma mudança de mentalidade, que vai ajudar a entender e praticar a fé cristã, agora sob o prisma de uma aliada dos oprimidos na luta contra as injustiças. Acentua-se a dimensão social e política da fé, vinculada à organização de uma nova sociedade, havendo uma troca de lugar na esfera político social. A Igreja passa a ser aliada dos pobres e oprimidos e não mais dos poderes políticos que os oprimem e discriminam. Neste novo paradigma, setores da alta e média hierarquia passam a ser aliados nesta nova ação, embora, na sua maioria, a Igreja Católica continue sendo conservadora e ligada aos governantes nos diferentes países latino-americanos.

A denúncia das injustiças sociais e, ao mesmo tempo, uma proposta de solidariedade trazem um novo alento para todos aqueles que de uma maneira ou outra sofrem discriminações e que tem na Igreja uma instituição que, ao tomar consciência de estar ao lado dos mais necessitados, surge como uma possibilidade concreta de ligar o discurso cristão de

promoção da vida com uma prática de mudança social. Posição que ganha caráter de diretriz da Igreja e é assumida pelo órgão que congrega os bispos do Brasil:

[...] a igreja da América latina seja evangelizadora e solidária com os pobres, testemunho do valor dos bens do reino e humildade servidora de todos os homens de nossos povos. Seus pastores e demais membros do Povo de Deus hão de dar a sua vida, palavras atitudes e ação a coerência necessária com as exigências evangélicas e as necessidades dos homens latino-americanos. [...] preferência atenda os setores mais pobres e necessitados e os segregados por qualquer causa, alentando e acelerando as iniciativas e os estudos que, com este fim, já se fazem. [...] solidariedade há de significar fazer nossos seus problemas e sua lutas [...]. Isto há de concretizar-se na denúncia da injustiça e da opressão, na luta contra a intolerável situação que suporta com frequência o pobre. [...] A promoção humana será a linha da nossa ação em favor do pobre, de maneira que respeitemos a sua dignidade pessoal e lhes ensinemos a ajudar-se a si mesmo. Com este fim reconhecemos a necessidade de estruturação racional de nossa pastoral e da integração de nossos esforços com outras entidades (SECRETARIADO REGIONAL SUL 3 CNBB, 1968, p. 96-7).

O marco e reflexo direto na adaptação para a realidade do continente das conclusões do Concílio Vaticano II ocorrem na Conferência Episcopal Latino-americana de Medellín³, na Colômbia em 1968, em relação ao ideal de justiça e à denúncia do chamado “pecado estrutural”, isto é, o “pecado” criado pela estruturas econômicas, sociais e políticas forjadas pelo capitalismo: a miséria e a fome. Esta Conferência de Medellín, coordenada pelos bispos latino-americanos, aponta a seguinte direção:

A Igreja Latino-americana tem uma mensagem para todos os homens que neste continente têm “fome e sede de justiça”. O próprio Deus cria o homem à sua imagem e semelhança, cria a “terra e tudo o que ela contém para o uso de todos os homens e de todos os povos, de modo que os bens criados possam bastar a todos, de forma mais justa” (G.S. 69), e lhes dá poder para que solidariamente transforme a aperfeiçoe o mundo (Gen. 1,29). É o próprio Deus que na plenitude dos tempos, envia seu filho para que, feito carne, liberte a todos os homens de todas as escravidões a que foi submetido pelo pecado: a fome, a miséria e a ignorância, numa palavra a injustiça que tem origem no egoísmo humano (Jo 8, 32-34) (SECRETARIADO REGIONAL SUL 3 CNBB, 1968, p. 8-9).

Ocorre certa prudência do Vaticano em relação aos novos enfoques latino-americanos sobre a orientação da Igreja, podendo ser entendida também como receio de ligar a fé cristã com o marxismo, e com práticas que possam dar a Igreja um caráter mais radical de transformação social e política. Nesse sentido a cúpula da Igreja entende os limites de uma

³ Cidade da Colômbia na qual se realizou a 2ª Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), em 1968. Na reunião procurou-se adaptar à realidade da América Latina as conclusões do Concílio Vaticano II e o conteúdo da encíclica *Populorum Progressio* (1967), do Papa Paulo VI. O Documento de Medellín, assinado por 130 bispos do continente condena o capitalismo e o liberalismo, apóia os movimentos populares, especialmente as Comunidades Eclesiais de Base, defende a mudança das estruturas econômicas e políticas injustas e abre a Igreja latino-americana a via da “opção evangélica preferencial pelos pobres” (BETTO, 1991, p. 256).

ação política, mas ao mesmo tempo entende a necessidade de dar uma ação pastoral em sintonia com o Concílio, reconhecendo, também, uma fisionomia própria da Igreja na América Latina. Busca fortalecer a relação entre hierarquia e o conjunto dos cristãos. A Igreja Católica como uma instituição mundial, presente na América Latina desde a conquista e colonização feita pelas potências ibéricas, historicamente interligadas pelo padroado-régio, que uniu o poder político destes países com o poder eclesiástico, esteve sempre nas preocupações da cúpula da Igreja na Europa e sua presença latino-americana em termos de unidade.

A renovação da Igreja Católica, a partir da Conferência de Medellín assume um caráter de transformação. As pastorais sociais e as comunidades adquirem um papel importante, na medida em que organizam o povo para mudanças efetivas. Mudar uma realidade exige uma nova consciência da situação social e política, e um realinhamento político. Assim, esta nova postura da Igreja terá forte oposição dos governos e setores sociais que tinham na instituição católica uma aliada e, de repente, a vêem mudar de posição. A formação das comunidades de caráter popular tem na educação uma força que procura libertar a população excluída política, social e economicamente das estruturas de dominação. A aproximação com os dominados e não mais com os dominantes é a nova forma de atuação da Igreja. Estas considerações estão nos documentos da CNBB a respeito da Conferência de Medellín:

Orientação da transformação social: A igreja latino-americana julga dever orientá-la no sentido de formação de comunidades nacionais que espelhem uma organização global, onde toda a população e especialmente as classes populares tenham através de estruturas territoriais e funcionais uma participação receptiva e ativa, criadora e decisiva, na construção de uma nova sociedade. Essas estruturas intermediárias entre a pessoa e o Estado devem ser organizadas livremente, sem a intervenção indevida da autoridade ou de grupos dominantes, em seu desenvolvimento e em sua participação concreta na realização do bem comum total. Constituem a trama vital da sociedade. É também a expressão real da liberdade e da solidariedade dos cidadãos (SECRETARIADO REGIONAL SUL 3 CNBB, 1968, p. 10).

O Encontro de Medellín consolida duas diretrizes que vão marcar a grande virada da Igreja na América Latina: a “opção evangélica preferencial pelos pobres” e a formação das “Comunidades Eclesiais de Base”. Estas definições tiveram uma dimensão política, pois aproximou os cristãos de organizações populares, mesmo sofrendo oposição dos setores mais conservadores da Igreja. Estas diretrizes foram também confirmadas na Conferência de

Puebla (1979).⁴ Esta aproximação define uma visão com caráter solidário e democrático, relatadas da seguinte forma:

Essa mudança tem uma forte influência na América Latina, através das Conferências de Medellín na Colômbia em 1968 e Puebla no México em 1979, através da ligação fé e vida e da chamada opção evangélica preferencial pelos pobres. Fazendo uma analogia entre o Concílio Vaticano II e as conferências de Medellín e Puebla podemos verificar que o Concílio foram os encaminhamentos oficiais da Igreja para o mundo e as conferências foram os encaminhamentos oficiais para a América Latina. A reunião de Medellín, na Colômbia, canonizaria essas tendências. Os documentos do II Encontro do episcopado Latino-americano (CELAM), reunido naquela cidade em 1968, documentos emitidos em caráter oficial, definem duas linhas básicas de ação que transformariam no estandarte legitimador e referencial dos novos grupos de cristãos: a opção pelos pobres e as comunidades de base (CAMARGO; SOUZA; PERUCCI, 1981, p. 66).

Os desafios em entender e modificar as desigualdades, tornam as CEBs um espaço de análise da complexidade da vida, em seus aspectos políticos, sociais e religiosos, local de desenvolvimento de uma dialética entre a teoria e prática. Os integrantes são os protagonistas da análise e os primeiros a serem beneficiados por essa nova postura. O incentivo às Comunidades Eclesiais de Base de viver em comunidade e partilhar os bens essenciais à vida quebra com a lógica do capitalismo. O que se busca é uma Igreja (constituída pelos integrantes das CEBs) capaz de viver os valores do cristianismo primitivo e se desprender das práticas culturais instaladas pela sociedade burguesa.

Por outro lado, na sociedade ocorre certa desconfiança sobre a postura desses novos cristãos, em função da aproximação que eles têm com o marxismo. Mas o marxismo, note-se bem, é referência para a análise da realidade (é instrumento para pensar e agir sobre a realidade concreta) e não o inspirador dos valores que pautam a sua visão de mundo – que permanecem centrados nos Evangelhos e inspiram-se, profundamente, nas práticas dos primeiros cristãos.

A conjuntura de ditaduras na América Latina exige ações diretas e efetivas, estabelecendo e reforçando a necessidade de uma Igreja popular, engajada na luta por justiça e democracia. A militarização no subcontinente latino-americano tem como estratégia ditaduras militares, financiadas política e economicamente pelos Estados Unidos, tendo como exemplo mais emblemático a Ditadura no Chile, em 1973, derrubando o presidente Salvador Allende, socialista eleito democraticamente. O imperialismo norte-americano age também em governos autoritários, que mesmo sem ter uma ditadura militar, mantêm sob seu controle as

⁴ Cidade do México que abrigou a 3ª Conferência Geral do CELAM, em 1979, á qual esteve presente o papa João Paulo II. O *Documento de Puebla* reafirma as principais conclusões de Medellín (BETTO, 1991, p. 259).

multinacionais e os aparelhos repressivos dos governos. Mesmo o governo do Presidente Jimmy Carter, do partido democrata, caracterizado pela defesa dos direitos humanos, na prática não muda a situação de exploração econômica e dominação política. “A fé em Cristo”, de acordo com este pensamento precisa de novos instrumentos para se difundir e afirmar. A CNBB, no início dos anos 1980, fazendo uma referência à conjuntura da América Latina, bem indica um engajamento político, capaz de dar ânimo e força para as lideranças cristãs e outras que comungam da mesma luta em favor de uma sociedade mais humana e democrática:

Na conjuntura atual da América Latina, as mudanças poderão ser rápidas e profundas em benefício de todos, especialmente os pobres, [...] Para tanto, propomos a mobilização de todos os homens de boa vontade. Que eles se unam, com novas esperanças, para essa tarefa imensa. Queremos escutá-los com viva sensibilidade, unir-nos a eles em sua ação construtiva. Com nossos irmãos que professam a mesma fé em Cristo, embora não pertençam a Igreja Católica, esperamos unir esforços, preparando constantes e progressivas convergências que apressem a chegada do Reino de Deus (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, CNBB, 1983, p. 295).

Em contraponto a esta proposta transformadora, cabe caracterizar o sistema educacional na América Latina, isto é, apontar o seu caráter conservador de reprodução de conhecimentos e ideais da sociedade capitalista, não endereçado à realidade social da maioria da população do Continente.

Do ponto de vista social, os sistemas educacionais no Continente orientam-se para a conservação das estruturas sociais e econômicas. A democratização da educação e a construção da cidadania se tornam, a partir da perspectiva político-religiosa indicada pela visão desta nova Igreja, uma tarefa necessária e urgente para libertar os latino-americanos da servidão econômica, política, social e cultural.

A Conferência de Puebla, realizada em 1979, foi um divisor de águas, no que diz respeito à luta dos cristãos. As conclusões finais de Puebla destacaram a defesa dos direitos humanos, com destaque para os partidos políticos progressistas e as organizações populares, as quais passam a contar com a participação decisiva dos cristãos progressistas. A crítica ao modo de produção capitalista e às práticas imperialistas permanece, acentuando que o centro do poder está localizado em países dominantes, dos quais dependem regiões capitalistas periféricas como a América Latina. Este modo de produção capitalista, mantém a desigualdade social, reforça o abismo entre ricos e pobres, e por isto é novamente questionada pela Igreja, inclusive pelo Papa João Paulo II. Tais análises são também desenvolvidas pela Igreja no Brasil:

O homem latino-americano encontra uma sociedade cada vez mais desequilibrada na sua convivência. Há “mecanismos que, por serem impregnados, não dum autêntico humanismo, mas de materialismo, produzem em nível internacionais ricos cada vez mais ricos, á custa de pobres cada vez mais pobres” (João Paulo II, Discurso Inaugural, III,4). Tais mecanismos se manifestam numa sociedade muitas vezes programada á luz do egoísmo, nas manifestações da opinião pública, em expropriações invisíveis e em novas formas de domínio supranacional, pois crescem as distâncias entre nações ricas e pobres. [...] Por isso a Igreja, perita em humanidade, deve ser a voz (da pessoa, da comunidade perante a sociedade, das nações fracas perante as poderosas) cabendo-lhe uma ação de docência, denuncia e serviço em prol da comunhão e participação[...] Em povos de arraigada fé cristã impuseram-se estruturas geradoras de injustiça. Estas, que estão em conexão com o processo de expansão do capitalismo liberal (CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, CNBB, 1983, p. 298-9).

As CEBs, nos documentos de Puebla, são apontadas como os núcleos de formação e de reflexão sobre a Palavra de Deus, com condições de fortalecer a ação de uma Igreja renovada, missionária, participativa e transformadora. No entanto, no momento em que questionam a sociedade consumista, egoísta e excludente, os cristãos das CEBs serão questionados pelos grupos conservadores, tanto da sociedade quanto da própria Igreja. Os documentos da CNBB, porém, indicam uma guinada ideológica da instituição Igreja e isto instaurou o otimismo entre os cristãos progressistas. No início dos anos 1980, parecia possível a transformação social, política e religiosa pretendida pelas CEBs – como bem apontavam as lutas no Bairro Mathias Velho, na região metropolitana de Porto Alegre.

A Teologia da Libertação, de acordo com suas propostas, busca uma ação concreta na sociedade, a chamada harmonia fraterna no sentido evangélico, princípio que poderá ser realizado na esfera humana por ação transformadora chamada de “libertação”. Essa seria uma fase mais avançada da humanidade, podendo haver rupturas progressivas (processo de libertação), pois ocorre luta de classes, como aponta o teólogo da libertação Gustavo Gutiérrez. Para a Teologia da Libertação, o que realmente importa é a luta contra a pobreza em favor da vida, o fim da exploração dos pobres. A centralidade da Teologia da Libertação é o pobre, a luta contra a pobreza e a favor da libertação, em um Continente marcado por profundas desigualdades sociais, iluminados pela ética cristã, de justiça e fraternidade:

A Teologia da Libertação nasce das CEBs surgidas na América Latina a partir dos anos 60. É a reflexão da fé dos pobres, dentro de suas lutas por libertação, que produz as bases da Teologia da Libertação. Porém foi sistematizado pela primeira vez pelo teólogo peruano Gustavo Gutiérrez, em 1971, em sua obra *Teologia da Libertação* (Petrópolis, Vozes). A Teologia da Libertação é um novo modo ou método de ser fazer teologia. Ou um novo olhar sobre as fontes bíblicas da revelação cristã e a tradição da Igreja. Esse modo, esse método e esse olhar têm um centro ou lugar social: os pobres (BETTO, 1991, p. 172).

A Teologia da Libertação sistematiza teoricamente a ação junto aos movimentos populares, políticos e sindicais, que tiveram nas CEBs a força espiritual e humana para a formação e a ação de seus membros e lideranças. O aspecto religioso renova a Igreja. O amor aos pobres e oprimidos, contra a pobreza visando a libertação, continua sendo a causa maior de uma prática evangélica libertadora.

Como aspecto doutrinário, a Teologia da Libertação torna-se um desafio e um novo paradigma na América Latina, onde nasce essa teologia genuinamente latino-americana. A maioria de seus teólogos realizam uma análise histórica de uma realidade social, tendo com luz inspiradora os pressupostos cristãos de uma nova leitura da *Bíblia*, com o objetivo de investigar as causas da pobreza em que vivem a maioria dos cristãos. Diante do estabelecimento de governos autoritários (marca da América Latina nas décadas de 1960 e 1970) que oprimem a maioria da população do Continente, esta postura da Igreja assume claramente um caráter de afrontamento político, indicando uma nova Cristandade na América. Esta sistematização do chamado pensamento progressista da Igreja Católica na América Latina torna-se a base teórica de formulação de uma teologia que procura libertar os cristãos, grande maioria populacional na América Latina, do poder das forças que sustentam as diferentes ditaduras militares. A questão do poder e da Doutrina de Segurança Nacional, com sua força militar, também são identificadas por essa nova teologia, como sistematiza Michael Löwy:

1. Um implacável requisito moral e social contra o capitalismo dependente, seja como sistema injusto, iníquo, seja como forma de *pecado estrutural*.
2. A utilização do instrumental marxista para compreender as causas da pobreza, as contradições do capitalismo e as formas de luta de classes.
3. Uma opção preferencial em favor dos pobres e da solidariedade com a sua luta pela autolibertação.
4. O desenvolvimento das comunidades cristãs de base entre os pobres, como uma nova forma da Igreja e como alternativa ao modo de vida individualista, imposto pelo sistema capitalista.
5. Uma nova leitura da Bíblia, voltada principalmente para passagens como o *Êxodo* – paradigma da luta da libertação de um povo escravizado.
6. A luta contra a idolatria (e não o ateísmo) como inimigo principal da religião – isto é, contra os novos ídolos da morte, adorados pelos novos faraós, os novos Césares e os novos Herodes: Mammon, a Riqueza, o Poder, Segurança Nacional, O Estado, a Força Militar, a “Civilização Cristã Ocidental”.
7. A libertação humana histórica como antecipação final em Cristo, como Reino de Deus.
8. Uma crítica da teologia dualista tradicional como produto da filosofia platônica grega e não da tradição bíblica – nas quais as histórias humana e divina são distintas, mas inseparáveis (1991, p. 27-8).

Sob o contexto político da “Guerra Fria”, dentro da disputa ideológica entre capitalismo e comunismo, os Estados Unidos e sua política para a América Latina

continuavam apoiando os governos que representavam as elites tradicionais locais. A Revolução Cubana influenciou as organizações de esquerda para a causa revolucionária imediata e estas organizações passaram a ser consideradas “inimigos internos”, segundo a ótica da ideologia de Segurança Nacional, e duramente reprimida.

Devemos evidenciar que o comunismo era considerado o inimigo número um, tanto do capitalismo, em termos político-ideológicos, como da Igreja Católica, pelo aspecto do ateísmo. As ditaduras militares estiveram apoiados pelos Estados Unidos com o argumento de que são preferíveis a governos comunistas. Para reforçar a estratégia norte-americana, foi implantada a chamada “Aliança para o Progresso”, com subsídios às economias dos países alinhados aos EUA, visando amenizar a pobreza e as pressões dela decorrentes. Evitava-se, desta forma, que as organizações populares não tivessem a força necessária para mudar o curso da História, assim como conter a influência das esquerdas e também do governo cubano na América Latina (GUAZELLI, 1993; PECEQUILO, 2003; COGGIOLA, 2001).

O primeiro sistematizador da Teologia da Libertação na América Latina foi o padre católico peruano Gustavo Gutiérrez, professor de Teologia e Ciências Sociais na Universidade Católica de Lima, com sua obra *Teologia da libertação* (traduzida para o português em 1975). Nessa obra, Gustavo Gutiérrez afirma que essa teologia é uma reflexão crítica da práxis histórica em processo de transformação na construção de uma nova sociedade:

[...] a Teologia da Libertação nos propõe talvez não tanto novo tema novo tempo para a reflexão quanto novo modo de fazer teologia. A teologia como reflexão crítica da práxis histórica é assim uma teologia libertadora, teologia da transformação libertadora da história da humanidade, portanto também da porção dela – reunida em *ecclesia* – que confessa abertamente Cristo. Teologia que não se limita a pensar o mundo, mas procura situar-se como um momento do processo através do qual o mundo é transformado: abrindo-se – no protesto ante a dignidade humana pisoteada, na luta contra a espoliação da imensa maioria dos homens, no amor que liberta, na construção de uma nova sociedade, justa e fraterna – ao dom do Reino de Deus (1983, p. 27).

O termo libertação, de acordo com Gustavo Gutiérrez, está ligado a uma situação de injustiça social. Esta libertação só terá sua plenitude quando os próprios oprimidos na América Latina alcançarem consciência de sua condição e necessidade de mudá-la, isto é, quando alcançarem a própria libertação. A Igreja deve estar ao lado dos oprimidos nesse processo histórico. Nesse sentido é necessário vitalizar a própria comunidade cristã concretamente na América Latina:

A Teologia da Libertação que procura partir do compromisso para abolir a atual situação de injustiça e construir uma sociedade nova deve ser verificada pela prática desse compromisso, pela participação ativa e eficaz na luta empreendida contra seus opressores pelas classes sociais exploradas. [...] Em última instância, porém, só

teremos uma autêntica Teologia da Libertação quando os próprios oprimidos puderem alcançar livremente a voz e exprimir-se direta e criadoramente na sociedade e no seio do povo de Deus. Quando eles próprios “se derem conta da esperança” de que são portadores. Quando forem os agenciadores de sua própria libertação. Se a reflexão teológica não levar a vitalizar a ação da comunidade cristã no mundo, a tornar mais pleno e radical o compromisso de caridade; e, mais concretamente, na América Latina, se não levar a Igreja a colocar-se abertamente e sem condições mediatizantes do lado das classes oprimidas e dos povos dominados, de pouco terá servido esse reflexão (1983, p. 250).

Devemos considerar o surgimento das CEBs durante a Ditadura Militar Brasileira e o início do processo de redemocratização do País, como uma novidade em termos de força histórica, que ao mesmo tempo questiona o modo de produção e procura uma alternativa coletiva e cristã para a sua superação. O intuito era unir a prática religiosa e social cristã com a realidade conflitiva da sociedade, aliando fé e vida, conduzindo à conscientização de que na sociedade existe luta de classes e que isto explica porque faltam bens para a maioria do povo trabalhador. Esta posição se enquadra dentro de uma visão de esquerda, devido ao uso do instrumental marxista para entender a sociedade, mas também religiosa, pois articula a análise da realidade com os princípios evangélicos.

A religiosidade cristã passa a ter nas CEBs a proposta de um cristianismo comunitário e fraterno. Identificação salientada por Cândido Camargo:

[...] os interesses recíprocos de colaboração entre Igreja e Estado e o catolicismo se defrontam, em sua prática cotidiana, com a massa de explorados e excluídos. [...] A conquista de sua própria realização comunitária reclama uma lúcida participação na sociedade civil, na reestruturação partidária e política, condição necessária para radical transformação social almejando a emergência de relações sociais fraternas e solidárias. [...] as CEBs desburocratizam a dominação eclesiástica, enquanto na prática [...] desmistificam, de modo mais ou menos explícito, aspectos alienantes da ideologia religiosa, cúmplices da injustiça institucionalizada. Elas percorrem um caminho de aprendizado que induz consciência crítica coerente com a descoberta do Evangelho como libertação e antecipam uma experiência utópica, prefiguração, inspiração e sustento de um projeto de transformação histórica (1981, p. 81).

Ao analisar o instrumental marxista para entender a sociedade capitalista e, ao mesmo tempo, encontrar formas de transformar esta mesma sociedade, a Teologia da Libertação entende que o pensamento de Marx colabora para a interpretação e transformação das estruturas sociais. Entre esses estudiosos marxistas, destacados pelos teólogos, está o italiano Antônio Gramsci e seu conceito de hegemonia, o qual pode ser aplicado ao entendimento do processo de libertação dos pobres e de todos aqueles que são oprimidos na sociedade em que vivemos. Em uma analogia com a Teologia da Libertação, em termos políticos e sociais, os oprimidos são identificados com a classe trabalhadora e os opressores identificados com a burguesia.

No campo teórico, parte-se do entendimento da arena política como espaço mais amplo do que aquele estabelecido pelo Estado liberal. Participavam os setores da sociedade que lutavam por políticas sociais (RÉMOND, 2003). Com referência à participação popular, evidencia-se os chamados movimentos de libertação, isto é, uma forma política de transformação social, em prol de uma nova sociedade, na qual possa ser superada a ordem injusta, no combate a qualquer forma de governo despótico. Enquadra-se neste aspecto a Teologia da Libertação, que tem nas CEBs sua ação concreta e na educação libertadora uma proposta pedagógica. Dentro desta visão, é importante destacar a análise de Norberto Bobbio:

[...] creio poder dizer que o que o faz de um movimento de libertação um movimento de esquerda é o fim ou resultado a que se propõe: a derrubada de um regime despótico fundado na desigualdade entre quem está em cima e quem estão embaixo na escala social, percebido como uma ordem injusta, e injustiça precisamente porque inigualitária, porque hierarquicamente constituída; é a luta contra uma sociedade na qual existem classes privilegiadas e, portanto, em defesa e pela instauração de uma sociedade de iguais juridicamente, politicamente, socialmente, contra as mais comuns formas de discriminação (1995, p. 19-20).

A combinação da análise estrutural com uma história cultural, entre uma ação coletiva para transformar a sociedade e a resolução de problemas locais específicos (como moradia, luz, água e saneamento), é importante para buscar mais liberdade e justiça social. Nas CEBs, para haver uma ação coletiva, ocorre um processo formativo que procura valorizar o aspecto cultural das pessoas, especialmente o aspecto religioso, mas procura fazer uma analogia deste aspecto cultural com uma visão libertadora.

Durante a “Guerra Fria”, os Estados Unidos apoiaram ditaduras militares na América Latina. Partidos ou organizações de esquerda ou simplesmente de caráter nacionalistas eram combatidos, evitando-se qualquer brecha para o que se entendia ser o “Comunismo Internacional”. Dentro deste contexto, é importante salientar que a Teologia da Libertação, apesar de ter uma dimensão política cristã identificada com um projeto de esquerda na sociedade, rejeitou desde o início o caráter filosófico ateu. Embora usasse o instrumental marxista para entender a sociedade capitalista, apontando que a maior contradição da sociedade não era entre crentes e não crentes, mas entre opressores e oprimidos. Não se posicionou como comunista ou socialista. A saída proposta pela teologia era fraterna e solidária, com raiz evangélica. Segundo Leonardo Boff:

Para quem tem fé, a utilização do materialismo histórico não pode representar um perigo fatal; somente para espíritos anêmicos, com fé que não crê em sua própria grandeza e superioridade, o marxismo representa o anjo exterminador do mau. A fé, por sua natureza, se movimenta num horizonte muito mais vasto, aquele do Absoluto diante do qual podemos, sem perder a dignidade, ajoelhar-nos, dentro do

qual cabe a contribuição da teoria marxista da sociedade, na medida em que é produtora de luz sobre os problemas sócio-históricos (1991, p. 25-6).

Na União Soviética, os trabalhadores foram privados de certa liberdade e da democracia participativa, embora houvesse melhorias sociais, criando-se uma sociedade mais igualitária em relação aos países capitalistas periféricos, como o Brasil. Por outro lado, é importante salientar que o ser humano não vive só de pão, mas também de beleza e espírito. Esta análise é reforçada por Boff, em termos sociais e políticos, ressaltando também a aproximação do cristianismo com o marxismo:

Precisamos entender que os quase 80 anos de socialismo não foram em vão. Nem foi um desastre total. O socialismo trouxe avanços inestimáveis às imensas maiorias que historicamente sempre foram marginalizadas. Criou-se uma sociedade, indiscutivelmente, mais igualitária que qualquer outra no mundo. Fez-se a revolução da fome, coisa que na América Latina nunca fizemos. Surgiu também um sentido de universalismo e de solidarismo que não tem paralelos no campo capitalista. Mas o socialismo seguiu pela vertente autoritária, da centralização a partir do Estado e do partido único. Isso levou a que fosse apenas beneficente e não participativo. Faltou a revolução da liberdade. E o ser humano vive de pão e também de beleza (1991, p. 26).

Em relação à perspectiva cristã de uma sociedade mais igualitária, Leonardo Boff ressalta a importância de uma aproximação do cristianismo com o marxismo e a contribuição do pensamento de Marx para identificar as raízes da exclusão e da pobreza. Nesta análise, o chamado “socialismo científico” é mais eficiente do que o “socialismo utópico”, ambos formulados no século XIX, pois, para entender e praticar uma ação cristã, a ciência social, especialmente a sociologia, pode ser aliada da teologia:

[...] não vejo oposição entre fé e marxismo, porque são dois níveis diferentes. O cristianismo é uma mensagem que define o sentido último do homem e da vida, e o marxismo é uma ciência e, como toda uma ciência, é uma hipótese, é um modelo teórico para conhecer mecanismos da história. São dois níveis: um da teoria científica e o outro da cosmovisão. [...] Eu acho que, nesse sentido devemos agradecer a Marx muitos conceitos pelos quais ele permitiu ver o quociente de iniquidade que a estrutura capitalista encerra dentro de si. Nesse sentido Marx tem uma visão profética que deve ser avaliada por aquele que tem fé. Marx ajudou a descobrir uma verdade, o mecanismo que produz pobreza, marginalidade e espoliação do homem (1991, p. 36).

O historiador e teólogo Enrique Dussel, fundador da Comissão da História da Igreja Latino-Americana (CEHILA), perseguido durante a Ditadura Militar na Argentina, radicou-se no México. Em sua obra *Teologia da libertação – um panorama de seu desenvolvimento*, faz um registro histórico da influência da Teologia da Libertação na América Latina, através das diferentes instituições católicas que dão amparo teológico para atuação dos cristãos

progressistas no Continente durante os anos de repressão, permeado pelas ditaduras militares. A produção acadêmica, segundo o autor está ligada a religiosidade popular:

[...] durante os anos de repressão, descobriu-se na profundidade da “religiosidade popular” o lugar da práxis histórica. Devido igualmente a essa repressão, na sociedade política e civil e na própria Igreja, a teologia começa a ser praticada em “centros” de reflexão, tais como Bartolomeu de las Casas em Lima, O Departamento Ecumênico de Investigações em São José da Costa Rica, o Centro Valdivieso na Nicarágua, o dos padres jesuítas na UCA de El Salvador, o Centro Gumilla em Caracas, o Centro Montesinos e o Centro de Reflexão Teológica na México, o CINEP em Bogotá, o Centro Diego de Medellín em Santiago do Chile, o organismos eclesiais, porém autônomos, como a Comissão de História da Igreja Latino-americana (CEHILA), etc. Quer dizer, a reflexão teológica explícita se efetua em equipe. É uma maneira nova, não estritamente acadêmica, articulada com o povo, de se produzir teologia. Além do mais, nesses anos, registra-se um deslocamento das teologias do Sul para o Norte. Em fins da década de 60 eram praticadas, sobretudo no Cone Sul. Em fins dos anos setenta deslocou-se para a América Central, o Caribe e o México sendo sempre o Brasil e Peru um ponto de referência (1997, p. 99).

O processo revolucionário em curso nos anos 1970, principalmente na América Central, tem uma participação direta da Teologia da Libertação e das Comunidades Eclesiais de Base. Em 1978 o bispo Oscar Romero torna-se uma referência importante, ao denunciar a violência dos grupos para-militares apoiados pelo governo de El Salvador. O bispo Romero e seus padres progressistas colocam-se ao lado do povo, tendo como conseqüência o assassinato do bispo, enquanto celebrava uma missa. Alguns cristãos vão participar ou apoiar a Frente Farabundo Marti de Libertação Nacional (FMLN). A Teologia da Libertação e as CEBs também representam uma força de esperança para o povo sofrido do Haiti, em processo de radicalização contra a ditadura Duvalier, que culminará com a eleição do Padre Jean-Bertrand Aristide, ligado a Teologia da Libertação no início dos anos 1990. Essa eleição representou um acúmulo político de organização popular nos anos 1980 nesse país.

Dentro desse processo histórico, o mais significativo é a união entre cristãos e marxistas no governo revolucionário da Nicarágua, em 1979. A força da Teologia da Libertação, através das CEBs, produz lideranças significativas para o Movimento Sandinista que derruba a ditadura de Anastásio Somoza. O governo Revolucionário Sandinista da Nicarágua terá na sua linha de frente o padre Ernesto Cardenal, como Ministro da Cultura, o padre Fernando Cardenal, como Ministro da Educação, o Padre Miguel d’Escoto, como Ministro dos Negócios Estrangeiros e o Padre Edgar Parrales, como Ministro do Bem-Estar. Eduardo Dussel destaca a relação entre cristianismo, marxismo e sandinismo na Nicarágua:

Na Nicarágua, o processo revolucionário exigirá uma clarificação teológica da fé. Entre os dias 23 e 24 de setembro de 1979, poucos meses após o triunfo da revolução, aconteceu um seminário sobre “Fé cristã e Revolução Sandinista na Nicarágua”, no qual começou a se definir teologicamente a situação. Obras como

Nicarágua: trincheira teológica são algumas de muitas publicadas nesses anos. A nosso ver, a obra fundamental até o momento é escrita por Giulio Girardi: *Sandinismo, marxismo, cristianismo em la nueva Nicaragua*. Em primeiro lugar, ela não oculta as ambigüidades ideológicas de Sandino, mas assinala seu caráter nacionalista e de libertação – na primeira parte do livro. Na segunda, sobre “Marxismo sandinista” (de grande importância estratégica para a história da revolução nicaragüense, porque Girardi adianta uma tese teórica nova). [...] E, mais importante ainda Girardi, que em fins da década de 60 tinha sustentado um “classismo” evidente, agora afirma que “o povo é o eixo do marxismo sandinista”, o “sujeito” da revolução é a convergência entre revolução e cristianismo (os cristãos). Obra teológica fundamental. Ademais, o essencial da revolução, que está em jogo na luta ideológica – e onde a Igreja tem um papel inevitável – significa uma revolução cultural, como “cultura popular revolucionária” (1997, p. 100-1).

A relação entre o cristianismo e a revolução sandinista, sob a ótica da Teologia da Libertação, também é analisado pelo sociólogo Michael Löwy, em *Marxismo e teologia da libertação*, com destaque para a afirmação de não haver, na Frente Sandinista, contradição entre ser um crente e um revolucionário:

Produziu-se na Nicarágua uma coisa que jamais se havia produzido antes: os cristãos (tanto laicos quanto clero) não apenas participaram ativamente da insurreição contra Somoza, mas também tomaram lugar no novo governo revolucionário ao lado dos marxistas. A Frente Sandinista saudou essa inovação em sua declaração sobre religião, de 07 de outubro de 1980: Os cristãos fazem parte integrante da nossa história revolucionária em um grau sem precedentes em qualquer outro movimento revolucionário da América Latina e talvez do mundo (...) Nossa experiência mostrou que é possível ser ao mesmo tempo um crente e um revolucionário devotado, e que não há contradição entre ambos (1991, p. 72).

A conjuntura política marcada por ditaduras militares dentro do contexto da “Guerra Fria”, marca uma nova trajetória da Igreja, especialmente no Brasil. O elemento agregador da força popular por mudanças está na profunda fé religiosa do povo, que encontra em setores da Igreja uma aliada em suas demandas.

O modo de produção capitalista é criticado na América Latina, por manter uma desigualdade social que cria um abismo entre ricos e pobres. Esta nova postura da Igreja questiona o capitalismo, ao subjugar os povos latino-americanos a uma eterna dependência política, social e econômica. Por esta análise, a Teologia da Libertação na conferência de Puebla analisa o meio social:

A Teologia da Libertação compreende que a alteração do status social do oprimido depende exclusivamente de sua própria intervenção autônoma no meio social. Nas conclusões da Conferência de Puebla foi destacado o compromisso da Igreja Católica em contribuir para a formação de condições subjetivas para o incremento da organização popular, a qual era indispensável para a mudança da realidade social excludente (SILVA, 2001, p. 68).

Na América Latina, no final dos anos 1960, os governos autoritários causaram miséria e exclusão social para a maioria da população. Sob o contexto político da “Guerra Fria”, os Estados Unidos e sua política imperialista continuavam desenvolvendo seu modelo de desenvolvimento social, econômico e político, com apoio de governos e classes dominantes locais.

1.3 A Teologia da Libertação no Brasil nos Anos de 1970 e 1980

A Teologia da Libertação encontra no Brasil seu terreno mais fértil de atuação e orienta parcela significativa de cristãos a protagonizarem uma nova atuação no campo sócio-político, em um país de grandes desigualdades sociais. A renovação do catolicismo brasileiro tem na CNBB, neste período histórico, uma hegemonia estabelecida por bispos progressistas que acolhem a Teologia da Libertação como uma base teórica amparada pelos documentos das Conferências de Medellín e Puebla, transportando para o Brasil a renovação do Concílio Vaticano II e das conferências latino-americanas.

A constituição das CEBs ocorre dentro desta conjuntura, aliada às pastorais sociais na luta por terra, moradia, trabalho e dignidade aos setores sociais mais excluídos. As CEBs forneceram lideranças para a constituição de diferentes movimentos políticos e populares, entre quais podemos destacar movimentos por habitação trabalho e renda. Ao identificarmos a influência das CEBs na ação política, através dos movimentos sociais, passa a existir um processo popular de grande significância na história social do Brasil.

A Teologia da Libertação tem nas CEBs no Brasil a aplicação de um caráter formativo, que será um elo entre esta “nova forma de ser Igreja” e a luta dos movimentos sociais para transformar uma realidade historicamente marcada pela exclusão social. O discurso da fé alia-se ao discurso social, que por sua vez transforma-se em um discurso político, significativo na História dos movimentos sociais durante a Ditadura Militar e no processo de redemocratização do País.

O ano de 1972 é um marco na formulação da Teologia da Libertação no Brasil, através do livro *Jesus Cristo Libertador*, do teólogo Leonardo Boff, principal formulador brasileiro da nova Teologia. Esta obra vai desenvolver uma produção teológica que marcará os anos de 1970 e a ligação deste teólogo com o pensamento marxista:

Em 1972, é publicado o livro de Leonardo Boff, *Jesus Cristo Libertador*. Personagem carismático, de enorme cultura e criatividade, ao mesmo tempo místico franciscano e lutador social, Boff se transformará no principal representante brasileiro da Teologia da Libertação e um dos principais formadores da cultura político-religiosa do cristianismo da libertação no Brasil. Nesse primeiro livro há poucas referências ao marxismo, a mais importante sendo uma homenagem ao “princípio esperança”, de Ernst Bloch – um dos escritores marxistas favoritos dos teólogos da libertação. E pouco a pouco, no curso dos anos 1970, que os conceitos e temas marxistas vão surgindo na obra de Boff, até se tornarem um componente fundamental de sua reflexão sobre as causas da pobreza e sobre a luta pela libertação dos pobres (LÖWY, 2007, p. 312).

O teólogo brasileiro Frei Betto também é considerado um dos principais formuladores da Teologia da Libertação no Brasil. A partir de 1973, este teólogo terá um envolvimento teórico e prático dentro das novas diretrizes da Igreja Católica, ligando a base teórica da Teologia da Libertação à organização das CEBs. Sua militância religiosa na perspectiva de uma mudança social e política contra a Ditadura Militar que o leva a prisão, são elementos que se agregam aos novos ventos da Igreja do Brasil. A aproximação entre cristianismo e marxismo, levando em consideração questões filosóficas e religiosas, também é gerador de uma nova formulação teórica dentro de uma visão religiosa e histórica:

Desde a sua saída da prisão em 1973, Frei Betto se dedicou à organização das comunidades de base; nos anos que seguem, ele publicará muitas brochuras explicando de maneira simples e acessível o significado da Teologia da Libertação e o papel da CEBs. Ele se tornará logo um dos principais animadores dos encontros nacionais intereclesiais, onde as comunidades de todo o Brasil trocam suas experiências sociais, políticas e religiosas. [...] Contrariamente a outro teólogo da libertação, Frei Betto não considera o marxismo unicamente como um “instrumento de análise”, um método científico-social: ele o percebe em toda a sua riqueza, ao mesmo tempo ciência e utopia, teoria e prática. Isso lhe permite situar a convergência entre cristãos e marxistas no campo decisivo: o engajamento revolucionário. Permanece, evidentemente, a contradição entre o ateísmo marxista e a fé cristã. Aqueles entre nós (marxistas ateus) que tem a tendência de concebê-la como principal poderiam responder como Frei Betto: os homens não se dividem entre crentes e não-crentes, mas entre opressores e oprimidos (1991, p. 63-4).

A Teologia da Libertação tem a sua significância tanto na sua produção teórica quanto na aplicação prática através das CEBs. O método Ver-Julgar-Agir torna-se uma maneira prática, onde os cristãos das CEBs fazem uma reflexão da realidade onde estão inseridos. Este método é aplicado nas reuniões das CEBs pelos seus assessores, animados por cursos e leituras dos teólogos da Libertação, cujo objetivo é a formar lideranças comunitárias. É importante destacar que os próprios teólogos da Libertação tornam-se assessores das CEBs, principalmente em assessoria nacional e estadual, participando dos encontros intereclesiais.

O “Ver” está baseado em uma análise de conjuntura que o Brasil atravessa, como os efeitos que a Ditadura Militar causa no País, com aspectos negativos, entendendo seu

mecanismo de exclusão, falta de liberdade e justiça social. A realidade estadual e local também é abordada, evidenciando questões que afetam diretamente a vida dos trabalhadores, como direito a uma renda digna, emprego, moradia, transporte, luz, água e alimentação. O sistema e o regime político são outros elementos essenciais nesta análise, trazendo consigo o objetivo de uma conscientização de um mecanismo sócio-político que, na sua essência, são contrários aos valores cristãos de liberdade, justiça, solidariedade e igualdade. Uma fé religiosa inserida na vida cotidiana, procurando entender de uma forma simples e básica, uma alternativa que possa unir fé e vida.

O “Julgar” compreende confrontar a realidade analisada com passagens bíblicas que historicamente animaram o povo hebreu e os primeiros cristãos em suas dificuldades. Iluminados por uma nova reflexão dos aspectos religiosos que o povo do Antigo e Novo Testamento estava inserido, onde Deus estava ao lado do povo e o povo estava aberto a escutar sua voz. Ao longo da História, a partir de uma interpretação atual do cristianismo, este processo histórico é fundamental para fazer uma analogia com a situação de opressão e a busca por libertação dos povos oprimidos. Nessa visão, a Ditadura Militar Brasileira, ao colocar os cristãos entre a palavra de Deus e a realidade a ser transformada, impulsionou a ação das CEBs na luta por uma nova estrutura política para ser compatível com o plano religioso.

O “Agir” é identificado por uma ação concreta, de forma coletiva e organizada para as mudanças necessárias que possam trazer para a população dos excluídos a coragem de enfrentar situações adversas. Muitas vezes, essas mudanças vêm no rastro das ocupações urbanas e rurais, na criação de associações de moradores, de sindicatos combativos, de organizações políticas e os movimentos sociais.

Divido nesses três momentos de reflexão, o Ver-Julgar-Agir se constitui o método central das CEBs.

Paulo Freire, referência mundial sobre a educação libertadora, prioridade da Igreja neste novo contexto, no prefácio do livro *A igreja dos oprimidos*, sob a coordenação de Helena Salem, dá um testemunho importante sobre esta nova caminhada de aproximação desta instituição e seu compromisso com os pobres, como sinal de esperança em um momento importante na História:

[...] um momento importante da nossa História – o da caminhada que a Igreja vem fazendo no sentido de selar o seu compromisso com os pobres. Falar desta caminhada é falar da Igreja profética, é falar do processo mesmo em que ela, assumindo profundamente a mensagem dos evangelhos, é tão velha quanto essa mensagem, sem ser tradicional, e é tão nova quanto ela, sem ser modernista. A igreja

profética é a igreja da esperança, esperança que só existe no futuro, futuro que só as classes oprimidas têm, pois que o futuro das classes dominantes é a pura repetição de seu presente de opressores (1981, p. 9-10).

A sistematização feita pelos teólogos da Libertação, suas contribuições e reflexões a partir da realidade social do Brasil, têm o propósito de atingir uma população majoritariamente cristã e católica com uma nova visão do cristianismo. É importante salientar que a Teologia da Libertação, tanto no Brasil quanto na América Latina, apesar de significativa em termos de participação, é minoritária no conjunto dos católicos. Afinal, o peso da tradição conservadora, mais o apoio das ditaduras militares, as disputas ideológicas e a ameaça do comunismo ateu pesam nas mentes cristãs e reforçam os setores tradicionais da Igreja.

Nos anos de 1970 e 1980 no Brasil, a Igreja Católica abrigava visões diferenciadas em relação à Teologia da Libertação e às CEBs em termos pastorais e suas relações com a Ditadura Militar. Na CNBB, o cardeal Dom Aloísio Lorscheiter e seu primo, o bispo Dom Ivo Lorscheiter, presidentes e secretários gerais, respectivamente, estavam mais próximos dessa nova teologia e com posição crítica diante da Ditadura Militar. A chamada ala conservadora da Igreja Católica tinha entre como seus representantes o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Sales e o cardeal-arcebispo de Porto Alegre, Dom Vicente Scherer, enquanto que a chamada ala progressista da mesma Igreja tinha entre seus representantes o cardeal de Olinda e Recife, Dom Helder Câmara, e o cardeal-arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns.

As historiadoras Loiva Otero Félix e Daniela Oliveira Silveira, em *Escrevam porque as ditaduras não duram para sempre*, relatam passagens importantes deste processo histórico brasileiro e a influência que a Teologia da Libertação representou na História do Brasil:

As CEBs e a Teologia da Libertação procuram se constituir em uma prática coerente com a palavra e seguem fortemente inspirados pelo teólogo Gustavo Gutiérrez, buscando os sujeitos históricos que deveriam ser os interlocutores das teologias. A inserção política de leigos e religiosos nas décadas de 60 e 70 surge enquanto *opção* política, decorrente de uma prática e deu uma análise social nas quais as perspectivas são de apresentar “esperanças transformadoras”. Mas essas questões constituem parte do impasse entre bispos e leigos. Ao final da década de 1960, a estrutura de Estado fecha cerco às liberdades individuais e a Igreja Católica ainda está intensamente dividida, embora os conflitos se dêem intramuros. No entanto, três nomes na cúpula eclesiástica passam a assumir uma posição francamente de denúncia e confronto ao Estado e de defesa dos vitimados pelo mesmo: Dom Helder Câmara, que continua sua ação, Dom Aloísio Lorscheider, que assume como secretário-geral da CNBB (1968), e Dom Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo; esses três prelados começam a tornar pública sua oposição ao regime como marcas da atuação da Igreja-povo de Deus e não Igreja-instituição (2004, p. 73).

Os governos militares, por sua vez – como o caso do general-presidente Ernesto Geisel – preocupavam-se com os rumos da Igreja Católica. A identificação das lideranças da Igreja – as mais confiáveis e as menos confiáveis – eram motivo de investigação, como se verifica no relato de Élio Gaspari:

Geisel enquadrava a questão da Igreja no seu universo de hierarquias e preferências. Havia os cardeais bons e ruins, os canais de entendimento possíveis e os espúrios, os temas discutíveis e os intocáveis. No campo das preferências, Dom Eugênio Sales, do Rio de Janeiro, era um bom cardeal. O arcebispo felicitara-o pela eleição e oferecera-lhe “a contribuições de minhas orações”, Geisel agradeceu chamando-o de “bom pastor”. Cogitara visitá-lo. Também eram bons os cardeais Vicente Scherer, de Porto Alegre, e Avelar Brandão, de Salvador. Ruim: Paulo Evaristo Arns, de São Paulo. O presidente da CNBB, Dom Aloísio Lorscheider, arcebispo de Fortaleza, estava classificado entre os maus bispos (GASPARI, 2003, p. 375).

Nas CEBs, para haver uma ação coletiva, ocorre um processo formativo que procura valorizar o aspecto cultural das pessoas, especialmente o aspecto religioso, mas procura fazer uma analogia desse aspecto cultural com uma visão libertadora, onde o religioso está inserido em uma sociedade injusta. Desta forma, uma determinada tradição construída no agir religioso é visto de forma diferenciada pela Teologia da Libertação, na qual as injustiças sociais são causadas por estruturas excludentes e, ao mesmo tempo, conceitos ligados à cultura, tendo aspectos positivos e outros que podem ser transformados.

A perspectiva de ação política inaugurada pelas CEBs, no final dos anos 1960, busca uma visão renovada da história política: ela não será mais apenas analisada através das grandes guerras, revoluções e regimes políticos. Os heróis da pátria deixam de ter um valor determinante no processo histórico. As massas anônimas terão papéis relevantes como protagonistas.

Este é um período de transformações políticas, sociais e culturais, tanto no mundo como no Brasil e na América Latina, a Teologia da Libertação e as CEBs também são expressões desse momento. A quebra das ortodoxias, a luta pelos direitos humanos, a crítica aos regimes totalitários, além da valorização dos movimentos culturais e sociais, são fatores determinantes para analisarmos a nova história política. O final da década de 1960, quando ocorre a conferência de Medellín, na Colômbia, o mundo também passa por mudanças. Como exemplos podemos citar: a luta nos Estados Unidos contra a Guerra do Vietnã; o movimento *hippie* em relação ao consumismo; a pregação de Martin Luter King pelos direitos humanos e contra o racismo; a Primavera de Praga na Tchecoslováquia por uma face humana do socialismo contra a receita stalinista; a luta contra as ditaduras militares na América Latina; o movimento dos estudantes franceses contra o governo e a sociedade, em maio de 1968; o feminismo; o

movimento ecológico; a nova esquerda menos ortodoxa. Estes acontecimentos influenciam o surgimento de uma nova cultura política, que desloca a atenção das grandes estruturas e suas contradições e passa a focar também as trajetórias dos diferentes sujeitos histórico na base social. Esta nova conjuntura política, em termos de uma história política renovada, é destacada por André Fertig:

As expressivas mudanças no contexto político mundial a partir dos anos 1960 interferiram no ofício dos historiadores da política. Se todo o historiador é fruto de seu tempo, eventos como o maio de 68, na França e em diversas partes do mundo, as críticas ao stalinismo, os novos movimentos sociais e políticos, como foi o caso do feminismo, dos movimentos ecológicos, da nova esquerda, entre outros, provocaram transformações na escrita da história política (2009, p. 272).

No Brasil, a partir dos anos 1960 esta perspectiva foi gradativamente elaborada pela Teologia da Libertação. Procurou-se, a partir da constatação da exploração vivida pelos oprimidos, sistematizar uma visão e traçar um plano de ações que pudesse mudar a sociedade na luta por liberdade e democracia baseadas nos princípios cristãos.

A influência da Teologia da Libertação nas relações religiosas, sociais e políticas é identificada como significativa no Brasil, marcado com a exclusão e opressão aos trabalhadores. A Ditadura Militar e o sistema capitalista ao longo das décadas de 70 e 80 do século XX oprimiram a maioria do povo, tanto nas relações de trabalho quanto no ataque direto a dignidade humana. Neste contexto histórico, foi relevante a força e a ação da Teologia da Libertação:

A Teologia da Libertação objetiva refletir junto ao povo sobre a situação de exploração e subalternização vivida pela maioria da população, conscientizando-o do seu papel histórico e, a partir disso, traça estratégias de ação frente a realidade, rumo à liberdade.[...] A Teologia da Libertação aponta para uma práxis libertadora, conduzida pela organização e mobilização das classes subalternas. Nesse processo encontram-se as bases da constituição de propostas de solidariedade. [...] O marxismo influencia fortemente as reflexões sobre a realidade do continente, destacando os termos dependência e libertação (RODRIGUES, 2005, p. 2-3).

Quanto à formação de lideranças para os movimentos sociais, o eixo formativo da Teologia da Libertação teve na contribuição das CEBs, uma organização destacada junto aos trabalhadores. A presente pesquisa enfoca os anos de 1975 a 1988, marcado pela “abertura lenta, gradual e segura” e pelo processo de redemocratização do País, tendo na organização social dos pobres a sua principal atenção. Os pobres e oprimidos passam a ser protagonistas de ações sociais. Pobres de origem rural, desalojados do campo, migrantes que chegam numa área urbano-industrial que não privilegia suas necessidades sócio-econômicas.

A “opção evangélica preferencial pelos pobres” visa sobretudo essa população desprotegida. Da perspectiva dos teólogos da libertação, as CEBs são o espaço tanto de formação como de atuação política, social e religiosa desse setor social. O cristianismo se transforma para atender a esta nova preocupação. Desta maneira, a cruz de Cristo é atualizada. A mística cristã, que brota do signo da Cruz, com suas duas dimensões que se cruzam e se entrelaçam na vida, uma não excluindo a outra e as duas se somando para dar sentido ao projeto de vida, dá motivações para acreditar na eternidade e na esperança.

Os cristãos, diante da realidade do mundo, têm como modelo central a figura histórica de Jesus Cristo, na Palestina dominada pelo Império Romano. Cristo, ao anunciar e viver a Boa Nova (Evangelho) propõe uma nova postura e uma nova prática para a humanidade e de modo especial para seus discípulos (os cristãos), na medida em que fala aos pobres e excluídos de seu tempo em justiça, fraternidade e amor ao próximo. Foi condenado e crucificado, passando pelo martírio e pela tortura e ao mesmo tempo por uma condenação religiosa. Contrariou o Império Romano, que dominava a Palestina, como podemos verificar nos relatos de Frei Betto:

O centro de decisões políticas e econômicas da Palestina ficava em Roma. O imperialismo romano estendia as suas garras até a pátria de Jesus. Aqueles que governavam a Palestina eram nomeados por Roma e apenas cumpriam ordens vindas do centro do Império. [...] Era essa a situação da Palestina quando Jesus nasceu. O filho de Deus nasceu na mesma situação em que muitas pessoas ainda nascem no Terceiro Mundo: num país politicamente dominado, economicamente dependente militarmente ocupado. Nós cristãos não cremos num fantasma, cremos num Deus que se revela como homem dentro da história concreta de um povo (1991, p. 46).

As CEBs são incentivadas a ser o eixo da formação, com objetivo de retomar a experiência dos primeiros cristãos de uma prática de vida comunitária e partilhar os bens essenciais à vida, cuja inspiração contradiz a lógica capitalista de fortalecer o individualismo em detrimento do coletivo. Por outro lado, na sociedade, ocorre certa desconfiança sobre esta nova postura de setores do cristianismo, em função da aproximação com o marxismo como inspiração das organizações populares.

A postura e a prática dos primeiros cristãos mostram que o mundo em que se vive deve ser transformado, pois a mensagem é contrária a toda forma de opressão e injustiça ao longo da História. Assim como Cristo foi perseguido, preso e torturado, no Brasil, durante a Ditadura Militar, muitos cristãos ao dar testemunho dos valores evangélicos sofreram formas semelhantes de injustiças por estarem envolvidos em lutas sociais. Esta inspiração traduz uma prática de libertação, em que o texto bíblico não é visto como um fato do passado, mas sim

atualização presente para construir o Reino de Deus. “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10, 10), diz Cristo no Evangelho, pois o cristianismo tem na sua essência um compromisso com a vida e sua dignidade, para que a vida do povo, dentro de um projeto coletivo de sociedade possa ser um projeto de justiça. Toda forma de ditadura, seja ela política, econômica e social deve ser combatida e denunciada. Combater e denunciar exige determinação e coragem para os cristãos vinculados a essa visão teológica, bem como traz consequências, inclusive de crítica interna de outros setores da Igreja, cuja interpretação mais tradicional está ligada a uma forma de contemplação do mundo e não de ação. Os cristãos progressistas são associados ao socialismo. Para eles, a transformação libertadora significa lutar por alternativas políticas para haver no mundo uma sociedade mais humana, em que o povo possa usufruir aos bens essenciais, à vida, à saúde e à alimentação, não como uma dádiva dos governantes, mas um direito fundamental do ser humano.

O palco da Ditadura Militar no Brasil exige uma ação mais direta no sentido de dar luz e testemunho evangélico, estabelecendo uma postura de uma Igreja popular, engajada na luta pela justiça e pela democracia. O documento de Medellín aponta para um engajamento político, que possa dar ânimo e força para as lideranças cristãs. No sentido de uma mudança estrutural, contra as formas de pobreza e injustiça, podemos perceber no texto abaixo, da CNBB, que a realidade brasileira não difere da latino-americana. A Igreja é porta-voz dos menos favorecidos:

Na conjuntura atual da América Latina, as mudanças poderão ser rápidas e profundas em benefício de todos, especialmente os pobres, [...] Para tanto, propomos a mobilização de todos os homens de boa vontade. Que eles se unam, com novas esperanças, para essa tarefa imensa. Queremos escutá-los com viva sensibilidade, unir-nos a eles em sua ação construtiva. Com nossos irmãos que professam a mesma fé em Cristo, embora não pertençam a Igreja Católica, esperamos unir esforços, preparando constantes e progressivas convergências que apressem a chegada do Reino de Deus. Aos filhos da igreja que se empenham em postos de vanguarda, queremos transmitir-lhes nossa confiança em sua ação, fazendo deles nossos mensageiros de novas esperanças. Sabemos que, no Evangelho, na oração e na eucaristia, procurarão encontrar a fonte de constantes revisões de vida e a força de Deus para sua ação transformadora (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, CNBB, 1983, p. 295).

As realidades social, econômica e política são campos a serem transformados, devendo ser superadas todas as formas opressivas que existem na sociedade, para fortalecer uma visão comunitária em que a justiça e a igualdade não sejam apenas uma alternativa a ser almejada, mas uma ação concreta diária superando obstáculos e construindo uma nova estrutura política.

O contexto da América Latina, permeado pelas ditaduras militares e seus governos repressivos, assim como uma realidade social excludente para os setores mais pobres, encontra nos setores progressistas da Igreja Católica – influenciados pela renovação proposta pelas conferências episcopais de Medellín e Puebla – uma perspectiva de mudança. Concretamente, as CEBs – enquanto núcleo formativo vinculado aos movimentos sociais – são os braços dessa Igreja progressista no espaço das classes populares.

CAPÍTULO II

AS CEBS, A DITADURA MILITAR E O PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO DO BRASIL

*“Para a Teologia da Libertação,
toda a história humana deve ser encarada
a partir dos interesses e das aspirações dos oprimidos.”
Frei Betto*

As CEBS organizam-se no Brasil, tendo por cenário a Ditadura Militar e o processo de redemocratização no Brasil. A realidade de exclusão social relacionada à falta de liberdade aproxima os cristãos progressistas e suas lideranças dos setores mais pobres da população brasileira. Impulsionados pelas orientações do episcopado latino-americano, em Medellín e Puebla, tendo na *opção evangélica preferencial pelos pobres* e as *comunidades de base* como principal diretriz, o discurso religioso aproxima-se do discurso político de esquerda. As CEBS serão ao mesmo tempo uma Igreja na base social e um centro irradiador de uma nova consciência religiosa. De acordo com os membros das CEBS, a reflexão do texto bíblico com a realidade social, questiona os cristãos a agirem nos movimentos sociais e políticos para buscar uma transformação social, que possa trazer justiça, igualdade e solidariedade, tendo por base os *Evangelhos*, procurando libertar a sociedade da opressão e da injustiça social. As CEBS, neste sentido, tornam-se organização de oposição à Ditadura Militar e ao modo de produção capitalista.

2.1 O Contexto Sócio-Político: Ditadura Militar *versus* Igreja Católica

Na década de 1960, enquanto a Igreja passa por transformações profundas, a América Latina vivia os embates da “Guerra Fria” e governos democraticamente eleitos eram gradativamente substituídos por ditaduras militares. O apoio dos Estados Unidos a esses governos autoritários era justificado pela influência da Revolução Cubana nas esquerdas, em geral. O exemplo cubano era visto como um elemento desencadeador de um processo mais amplo: a expansão do comunismo em solo americano.

É importante destacar que, nos anos de 1950, a Escola das Américas, no Panamá – fundada em 1946 pelo Departamento de Estado norte-americano – já treinava militares latino-americanos contra prováveis intervenções comunistas no Continente. O marco ideológico dessa formação político-militar era dado pela Doutrina de Segurança Nacional e os ensinamentos visavam à identificação e o combate dos possíveis inimigos da segurança. Dessa maneira, combatiam-se as organizações de esquerda em geral que pudessem instalar ou favorecer governos comunistas. Dentro daquele contexto histórico, é importante salientar que a Teologia da Libertação, desde suas primeiras formulações, também se posiciona frente aos dilemas da “Guerra Fria”, isto é, o confronto entre Capitalismo e Comunismo. Apesar de ter uma dimensão política cristã identificada com um projeto de esquerda na sociedade, rejeitou desde o início o caráter ateu do comunismo. Para isto, revivia o exemplo do cristianismo primitivo, conforme o *Ato dos Apóstolos*: “Eles [os primeiros cristãos] mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações. [...] Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comunhão: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo a necessidade de cada um” (At 2, 42-45). Esta imagem dos primitivos cristãos, reunidos “em comunhão” de bens e orações vai ser recorrente na nova mística estabelecida. Uma simbologia que auxiliará na aproximação da Igreja (ou, ao menos, de parte da Igreja) para o campo da esquerda política.

Historicamente, a trajetória da Igreja Católica no Brasil passou por várias fases, desde o Padroado Régio no Período Colonial – com a ligação intrínseca entre a instituição religiosa e o governo português –, que tem continuidade na fase Imperial, até o Período Republicano, quando vive um período inicial de “orfandade”. Afinal, com a República, é estabelecido o Estado laico e termina a união e colaboração entre o Estado e a Igreja. Assim, nas primeiras décadas da República, a Igreja se vê desafiada pelo Estado leigo e laicizante e parte para a ofensiva: a recristianização da sociedade. Essa ofensiva tem seus frutos na década de 1930, com a inauguração do monumento do Cristo Redentor e a consagração do Brasil à Nossa Senhora Aparecida. Essas realizações acompanham grande mobilização popular católica e consolida um entendimento entre o Episcopado (com destaque para o cardeal D. Sebastião Leme) e o Governo Vargas (DIAS, 1996, p. 69-78 e 126-130). A partir daí, a Igreja Católica volta a estar lado a lado com o Estado e a Liga Eleitoral Católica é um instrumento que fortalece essa aproximação. Combater os excessos do liberalismo e, em especial, o comunismo são as grandes tarefas ideológicas da Igreja, a partir de então. A Ação Católica, a partir de 1935, se inscreve dentro desse processo de “reintroduzir os valores cristãos na

sociedade brasileira” e cria vários órgãos direcionados à juventude para essa atuação (DELGADO; PASSOS, 2009, p. 101).

Esta relação de sintonia entre Estado e Igreja permanece, de modo geral, até a década de 1960. O Episcopado e a grande massa dos católicos apóiam o Golpe Militar de 1964, mas, na seqüência, surgem atritos. Ocorrem conflitos com os governantes militares, motivados, em grande parte, pela influência do Concílio Vaticano II em relação ao modo de pensar “o mundo de hoje”: o desenvolvimento do ser humano, os direitos humanos, as desigualdades sociais. “O Concílio permitiu a eclosão de várias iniciativas” que vinham despontando dentro da Igreja, como indicam Delgado e Passos. Assim, se a posição da Igreja Católica fora de apoio à deposição de João Goulart e ao governo de exceção, no decorrer do processo autoritário este apoio é transformado em oposição, por sua ala mais progressista, que se torna hegemônica na CNBB:

O apoio que a Igreja deu ao regime militar, inicialmente, foi-se afrouxando, pois a causa da justiça e dos direitos humanos estava confinada num silêncio outonal. Alguns membros da hierarquia eclesiástica se mantiveram numa fronteira indecisa ou mesmo divergente. Tiveram dificuldades em aceitar o novo projeto, negaram a proposta e seu percurso. No entanto, essas sombras não rastream a unidade orquestrada pela CNBB. Outros prelados compreenderam a questão de forma diferente e ressaltaram que a causa pela dignidade da vida não é apenas uma ação conjuntural ou casuística (2009, p. 121-2).

A legitimação inicial ao golpe militar, dado pela Igreja Católica, inclusive pela CNBB, revelava que a preocupação com o “perigo comunista” gerado pela “Guerra Fria” unira a Igreja às lideranças militares e civis. Por parte da Igreja, era o “ateísmo comunista” o que mais incomodava – o receio de que pudesse se reproduzir no Brasil o modelo comunista da Rússia, da China ou de Cuba. Ao mesmo tempo, a Igreja era ciosa da sua liderança junto à população, especialmente entre as camadas mais pobres, e temia a ruptura com essa base social. Frente a esse momento conflitivo da História, a Igreja pretendia um equilíbrio nas relações com a Ditadura Militar e também com a sua base popular. Preocupações significativas e reveladoras de que a visão e ação da Igreja não eram homogêneas. De um lado, principalmente na alta hierarquia, pesava a influência conservadora; do outro lado, especialmente entre os quadros religiosos vinculados ao trabalho junto “ao povo simples e explorado”, acentuavam-se as posições favoráveis às mudanças do Concílio Vaticano II. Mudanças essas que terão endosso e amplificação na Conferência de Medellín, em 1968: a Igreja não poderia mais apartar-se da preocupação com a justiça social. Estas considerações são evidenciadas na reflexão de Pablo Richard:

[...] Perante o golpe de Estado de 1964 a Igreja adota uma atitude de compromisso. Na declaração da comissão central da CNBB, reunida em 24 de maio de 1964, a Igreja legitima o golpe de Estado militar, mas ao mesmo tempo condiciona essa legitimação por uma série de exigências morais. A Igreja procura combinar a não-ruptura com o Estado, legitimando a ação militar que impõe a *ordem*, e a não-ruptura com sua base popular, defendendo a ação da Igreja na sua luta pela justiça social. Ela fica, então, dilacerada interiormente entre a exigência da *ordem* e da *justiça*. A Igreja não quer renunciar às exigências evangélicas da caridade e da justiça, mas subordina essas exigências á ordem imposta pela autoridade militar (1982, p. 166).

Pablo Richard acentua esta “atitude de compromisso” da Igreja, indicando tanto a sua força sócio-política junto aos governos quanto a sua necessidade de manter-se próximo ao poder. A Igreja age a partir do conhecimento da sua liderança e proeminência junto à sociedade, e os governos militares estavam conscientes disso. Durante o período da Ditadura Militar, quando os direitos humanos se tornaram letra morta, devido ao uso sistemático da tortura e do desaparecimento de inimigos políticos –, os conflitos entre Igreja e Estado não se acirraram. As relações foram tensas, mas não se tornaram um confronto direto, pelas repercussões internas e externas negativas tanto para o Estado brasileiro quanto para a Igreja.

Sobre a base político-religiosa para este confronto da Igreja com o Estado, Camargo assim se refere:

O controvertido problema da re-orientação social da Igreja Católica no Brasil parece encontrar suas raízes tanto em determinantes da sociedade inclusiva, como no criativo surto de renovação inspirado no patrimônio ideológico do catolicismo. Em sua fase atual, o Estado, no capitalismo dependente, tende a dispensar a ideologia religiosa, fundando sua legitimidade no crescimento econômico e na Doutrina de Segurança Nacional. Igualmente o antagonismo de classes, com a acentuada pauperização das camadas trabalhadoras, dificulta a difusão de uma ideologia da conciliação social de tipo organicista que atribuía a cada classe o valor de um órgão essencial ao funcionamento do todo. Neste contexto, descrese os interesses recíprocos de colaboração entre Igreja e Estado e o catolicismo se defronta, em sua prática cotidiana, com a massa de explorados e excluídos (CAMARGO et alii, 1981, p. 60).

A Ditadura Militar traça um plano estratégico em relação à Igreja Católica, ciente de sua força institucional, sua liderança frente à população e sua posição internacional. Conter a força da Igreja – ou, ao menos, dos “setores progressistas” –, encaminhar demandas pontuais e ao mesmo tempo conter sua força popular são questões colocadas para os governantes brasileiros. O Estado de Segurança Nacional, apesar de sua força coercitiva, dos atos institucionais – como o Ato Institucional número cinco (AI-5) e da propaganda massiva nos meios de comunicação social, não conseguiam o controle completo da sociedade e era necessário negociar com os setores oposicionistas capazes de resistir na legalidade. A Igreja, como instituição organizada em todo o País, com sua força espiritual, moral e cultural, não

podia ser desprezada pela Ditadura Militar. Os setores progressistas, mesmo não sendo maioria entre os quadros religiosos, tinham projeção na alta hierarquia e expressavam os “novos ares da Igreja”. Frente a essa situação, a estratégia dos governos militares assim se colocava, segundo Pablo Richard:

Os dois eixos de seu plano estratégico perante a Igreja eram:

- evitar todo conflito que pudesse ser obstáculo a um bom relacionamento ou uma possível aliança entre a Igreja e o Estado;
- isolar ou mesmo suprimir o setor da Igreja engajado com a libertação dos pobres e definido contra o regime militar.

[...] A estratégia militar face a Igreja é extremamente inteligente e coerente, pois tem em mira, com precisão, os dois processos históricos que impulsionam diretamente a maioria do episcopado para uma radicalização política: a ruptura entre Igreja e Estado e a pressão exercida no seio da Igreja pelas minorias cristãs engajadas no movimento popular. Com o fracasso final do populismo e o desenvolvimentismo, a nova cristandade tinha entrado em um processo acelerado de crise e desintegração. A Igreja, ligada a essa nova cristandade em aliança, desta vez, com o Estado de Segurança Nacional (como alguns bispos e grupos católicos integristas já havia feito), ou tentar – pela primeira vez na história da Igreja latino-americana reconstruir a Igreja a margem de todo projeto possível de cristandade, o que implicava uma ruptura definitiva com o poder político dominante (essa opção já tinha sido vivida por um setor minoritário da Igreja engajada com os pobres). Os dois processos que precisamente, encaminhavam a Igreja para essa segunda saída eram a incompreensão e a incompatibilidade entre a Igreja e o Estado de Segurança Nacional e a pressão que exerciam na Igreja as minorias proféticas, a partir da situação de opressão das maiorias populares. Destruindo estrategicamente esses dois processos, o regime militar visava diretamente às próprias causas que levavam a maioria da Igreja para um confronto com o Estado de Segurança Nacional (1982, p. 169-70).

Foi durante a Ditadura Militar que ocorreu mudança substancial na Igreja de setores identificados como progressistas. Embora tenha acontecido na América Latina de forma mais significativa, foi no Brasil que esses setores encontraram um espaço mais fértil de atuação. A renovação do Concílio Vaticano II (1962-1965) e sua adaptação nas Conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979) têm no Brasil uma expressão comunitária e popular significativa. A proposta comunitária da nova Igreja alicerça-se na religiosidade difusa da população brasileira e é teorizada pelos teólogos dentro de parâmetros cristãos. Esses teólogos – que tem no texto bíblico *Êxodo* a sua principal referência (“a caminhada do povo hebreu da escravidão no Egito para a terra prometida”) – buscam a construção de uma Igreja mais evangélica e profética. Uma Igreja próxima aos sofrimentos e demandas das camadas populares e capaz de auxiliá-los em suas lutas. Neste período da Ditadura Militar, alguns acontecimentos se tornam emblemáticos da posição dessa nova Igreja: a morte do estudante Edson Luiz, no restaurante universitário Calabouço, no Rio de Janeiro, em 1968, e a do jornalista Vladimir Herzog, no DOI-CODI do II Exército, em São Paulo, em 1975. Nas manifestações e protestos que ocorrem a partir desses acontecimentos, a Igreja tem papel de destaque. Nas passeatas

estudantis que denunciam a morte de Edson Luiz, vários religiosos se colocam na linha de frente. Na principal manifestação contra a morte de Herzog, o espaço escolhido é a Catedral da Sé, em São Paulo. Nesse templo católico, foi realizado um culto ecumênico presidido por D. Evaristo Arns, Cardeal Arcebispo de São Paulo, e o rabino Henri Sobel, dirigente da Confederação Israelita de São Paulo. Nestes dois acontecimentos, o móvel principal da Igreja Católica é a defesa dos Direitos Humanos, como corroboram os autores abaixo:

Os direitos humanos e sociais assumiram conotações e interpretações diversas na história do catolicismo brasileiro. Há silêncios, omissões, desacertos e acertos [...]. Muitos leigos, sacerdotes, bispos se envolvem, cada vez mais, nos conflitos políticos e sociais. O regime político se posiciona na contramão dessa orientação. Desencadeou-se, assim, uma onda de violência contra todas as lideranças e mobilizações populares que não estavam de acordo com o regime. Nesse contexto, essa temática passa a ser vista sob outras perspectivas. Trata-se, não só de uma necessidade, mas principalmente de um direito. Aos ataques difamatórios, a Igreja responde com denúncias, lutas e seu envolvimento. Em 1968, o governo militar criticava as manifestações na celebração da missa de sétimo dia, pelo assassinato do estudante Edson Luís (Comissão Arquidiocesana de Pastoral de Direitos Humanos e Marginalizados, 1978, p.8). Nesse panorama, a Comissão central da CNBB publica, em setembro de 1969, uma nota com o título: “Igreja na atual conjuntura”. Faz uma análise sobre os acontecimentos nacionais, os abusos de autoridade, a injustiça social e os atentados contra a dignidade da pessoa humana. No final do documento, afirmam os membros da Comissão Central: “Fazemos nossas as conclusões de Medellín, as diretrizes Conciliares Pontificais, em matéria de filosofia social. [...] para que o Brasil, de fato, se reencontre, sob inspiração da justiça e da liberdade, do amor e da verdade” (CNBB, 1977, p. 35) (DELGADO; PASSOS, 2009, p. 118).

O registro fotográfico das manifestações e protestos contra as mortes de Edson Luiz e Vladimir Herzog são documentos históricos que evidenciam a posição destes setores da Igreja. De um lado, a repressão dos governos militares; de outro, os setores progressistas católicos se fazendo presente nos atos de protesto. Isso se revela na missa em memória ao jovem estudante, na Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro, e também no culto ecumênico dedicado ao jornalista Herzog, na Catedral da Sé, em São Paulo (ao centro da foto o cardeal Dom Paulo Evaristo Arns ao lado do rabino Henri Sobel).



Imagem nº 01

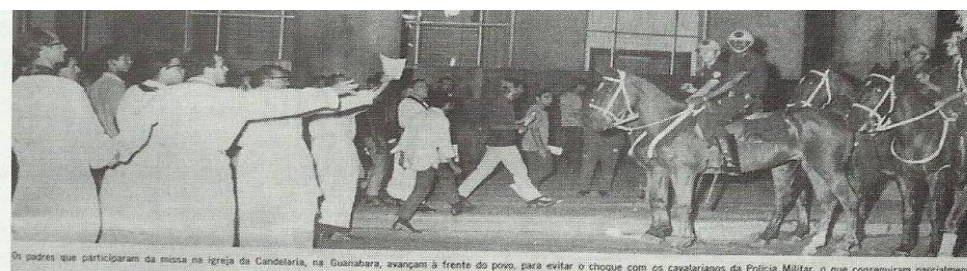
Fonte: **Revista História Viva**: temas brasileiros – “A Igreja católica no Brasil fé e transformações”, ed. especial temática nº 2, s/d, p. 21.



Missa na catedral da Sé, em outubro de 1975: multidão participa do ato ecumênico em homenagem a Vladimir Herzog, jornalista morto sob tortura nos órgãos de repressão. (créditos da foto: Sindicato dos jornalistas do Estado de São Paulo)

Imagem nº 02

Fonte: CANCIAN, 2011, p.70.



Os padres que participaram da missa na igreja da Candelária, na Guanabara, avançaram à frente do povo para evitar o choque com os cavaleiros da Polícia Militar, o que conseguiram parcialmente.

Padres que participaram da missa de sétimo dia em memória do estudante Edson Luís Lima Souto avançam à frente do povo para evitar choque com policiais a cavalo, nas proximidades da igreja da Candelária, no Rio de Janeiro, 4 de abril de 1968. Edson Luís foi morto em conflito com a polícia militar durante a invasão do restaurante universitário do Calabouço

Imagem nº 03

Fonte: **Revista História Viva**: temas brasileiros – “A Igreja católica no Brasil fé e transformações”, ed. especial temática nº 2, s/d, p. 18.

Essa visão “libertadora” da Igreja tem na sua matriz a fundação da CNBB, em 1952, e na atuação de Dom Hélder Câmara, considerado o “bispo dos pobres”. Mas foi a partir da década de 1970, durante a Ditadura Militar, que vai encontrar a sua força maior de atuação, com o surgimento da Teologia da libertação e das CEBs. A CNBB, pouco a pouco, assumiu a postura da Igreja renovada, desenvolvendo uma ação, construindo credibilidade e poder de articulação no catolicismo brasileiro. Esta reflexão é evidenciada pelos autores abaixo:

Uma unidade histórica de grande sentido alarga a forma de atuação do catolicismo brasileiro, como também sua ulterior evolução, a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1952. Esse organismo oficial entra em cena, facilitando a comunicação do episcopado, coordenando as diversas atividades e tornando-se um canal de mediação entre as dioceses. [...] Um novo passo assinalava a história do catolicismo, possibilitando novas aproximações, relações sociais diversas e formulações mais concretas. Assim, a questão social começa a sair do empirismo, do empenho pessoal ou regional para uma forma de organização mais ampla e de cunho institucional. Nesse caminho, destaca-se a pessoa de Dom Hélder Câmara, juntamente com um grupo significativo de bispos na direção da CNBB (DELGADO & PASSOS, 2009, p. 107-8).

A partir do final dos anos 1960, a Igreja Católica torna-se praticamente a única instituição que joga no campo da oposição política preservada das ações do governo ditatorial. Mesmo assim, alguns religiosos não escaparam da repressão e tortura – como foi o caso dos frades dominicanos, em São Paulo, que formavam base ao líder guerrilheiro Carlos Marighella, da Ação Libertadora Nacional (ALN), grupo marxista de combate à ditadura. Entre os dominicanos presos, encontravam-se Frei Tito, que foi barbaramente torturado e, mais tarde, se suicidou devido aos transtornos adquiridos. Frei Betto foi outro dos religiosos presos e deixou um dos testemunhos mais contundentes do episódio, o livro *Batismo de sangue: os dominicanos e a morte de Carlos Marighella*. Um relato do próprio Frei Tito na prisão foi textualmente transcrito no livro:

Muitas vezes somos arrastados para onde não queremos ir. Temo que isso venha acontecer com o conjunto da Igreja do Brasil. Se vier, e se for como consequência de uma fidelidade e de uma responsabilidade mais profunda ao *Evangelho*, que seja bem vinda esta hora.

Na cadeia, tenho descoberto o *Evangelho* de São Mateus. O troço tem que ser ou pão ou pedra. Noutras Palavras, acho que ele nos convida a sermos simplesmente homens. É impressionante como tantos não-cristãos aqui vivem isso até as últimas consequências. Outro dia dizia-me um jovem: “Não falei nada porque fiz uma opção e diante dela morrer ou não é secundário” (1982, p. 227).

Um fato relevante de atrito entre a Ditadura Militar e a Igreja Católica foi a expulsão dos padres franceses Aristides Camio e François Gouriou, que atuavam na região do Araguaia, no Pará, região de conflito entre posseiros e fazendeiros. Estes padres ligados à ala progressista da Igreja lutavam pela Reforma Agrária, tinham apoio da Comissão Pastoral da

Terra (CPT), defendiam o direito dos posseiros em relação aos fazendeiros. Os padres foram presos pela Polícia Federal de São Geraldo do Araguaia, no Pará, em 25 de julho de 1982. Foram enquadrados na Lei de Segurança Nacional.


Apesar de respeitar e negociar com a Igreja, os órgãos de segurança do Estado não deixavam de enquadrar os quadros religiosos que considerassem “perigosos”, segundo os preceitos da Doutrina de Segurança Nacional. Um documento confidencial, liberado recentemente, bem revela essa posição. No documento (reproduzido abaixo) é descrito a situação conflitiva da região do Araguaia e o assassinato de um posseiro, Raimundo Pereira Lima, o qual “insuflava os posseiros (...) à mando dos padres”.

VH2.10.90, p.1/3

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA
IV COMANDO AÉREO REGIONAL
QUARTEL GENERAL
- 2ª SEÇÃO -

Em, 21 OUT 81



1. ASSUNTO ATIVIDADES SUBVERSIVAS DA ESQUERDA CLERICAL NA
REGIÃO DO ARAGUAIA

2. ORIGEM CTGA

3. CLASSIFICAÇÃO + + +

4. DIFUSÃO CTA-APA-EEAR-PAMA/SP-EAOAR-BASP-BAST-BACG-IASP-
SRPV/SP-SERAC-4.

5. DIFUSÃO ANTERIOR:.. EMAER- COMGAR- COMGEP- COMGAP- DEPED- GABAER e
COMAR 1- 2- 3- 5 e 6

NUMERAÇÃO		APRECIÇÃO Nº 001/A-2/IV COMAR
M. Ass.	SNI	

1 - Os problemas fundiários da REGIÃO DO BAIXO-ARAGUAIA remontam a 1945, quando a FUNDAÇÃO BRASIL CENTRAL recebeu como doação cerca de 153 mil hectares de terra, mas nunca os utilizou. Há cerca de 10 anos, a área passou a ser ocupada por posseiros, e muitos grileiros começaram a disputar a sua posse. A situação complicou-se a tal ponto que chega a haver justaposições de até 3 (três) ou 4 (quatro) títulos de propriedade.

2 - Essa situação tem perdurado até os dias de hoje. O aumento das tensões na Região do Araguaia levou o Governo a criar, no início de 1980, O GRUPO EXECUTIVO DE TERRAS DO ARAGUAIA-TOCANTINS (GETAT).

3 - No dia 8 de maio de 1980, o fazendeiro FERNANDO LEITÃO DINIZ foi assassinado num tiroteio com posseiros na área. Os conflitos se seguiram e chegaram ao auge com o assassinato de RAIMUNDO FERREIRA LIMA, vulgo "GRINGO", posseiro e agente de Pastoral da DIOCESE DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA. O "GRINGO" era quem insuflava os posseiros da área, a mando dos padres ARISTIDES CAMIC, FRANÇOIS JEAN MARIE GOURIOU, vulgo "Padre CHICO" e NICOLA ARPONE, contra os órgãos do Governo e GETAT.

4 - A imagem das FORÇAS ARMADAS é tida na região, pelos posseiros e religiosos, como altamente positiva desde 1972, época do movimento guerrilheiro, conhecido como "guerrilha do Araguaia".

5 - Em consequência desses conflitos, em 12 Ago 81 foi feita uma

CONFIDENCIAL

Neste documento, produzido pelo Ministério da Aeronáutica, lê-se que ocorriam “atividades subversivas da esquerda clerical na região do Araguaia”, motivo para a condenação e expulsão dos dois padres. É importante destacar neste documento, que o termo “subversivo”, no jargão da Ditadura, abrangia todos aqueles que estavam subvertendo a ordem estabelecida. Embora, no entendimento das oposições à Ditadura, a verdadeira subversão foi realizada no golpe militar de 1964, no qual o presidente eleito democraticamente (João Goulart) foi afastado da Presidência. O documento também afirma que, na Região do Araguaia, desde 1945, haviam disputas fundiárias entre posseiros e grileiros, e que, em 1980, ocorrera o assassinato de um fazendeiro e um posseiro. O posseiro era Raimundo Ferreira Lima, ligado a Diocese de Conceição do Araguaia como agente de pastoral, que segundo o governo insuflava os posseiros da área a mando dos padres Aristides Camio e François Gouriou contra os órgãos do governo.

Essa oposição da Ditadura Militar em relação à ala progressista da Igreja Católica explica-se pela atitude que esses religiosos tomam, afinal, a articulação entre o pensamento progressista cristão e as organizações populares os colocam entre os inimigos da Segurança Nacional. Refletindo sobre essa nova postura da Igreja, Camargo explicita a origem desse procedimento religioso:

Elaborou-se na América Latina um novo pensamento teológico que procura se fundamentar na análise sociológica da realidade social e na releitura dos Evangelhos. Sobretudo neste pensamento articula-se a reorganização dos intelectuais católicos que buscam um relacionamento orgânico com as classes populares. A ação progressista da Igreja assumiu várias formas concretas, de acordo com a oportunidade política e a própria viabilidade de reorganização e de expressão das associações voluntárias. Principalmente a partir de 1964, com a instauração do regime político autoritário e a conseqüente repressão de várias organizações representativas de classes e grupos profissionais. [...] A Igreja passou a oferecer abrigo e espaço para movimentos estudantis e outros, desvinculados da filiação religiosa, que constituíam núcleos de resistência á opressão do Estado autoritário. [...] a hospitalidade não foi apenas material; procurou transferir para os movimentos cívicos a relativa imunidade que o prestígio da instituição mantém no país. [...] a Igreja Católica foi freqüentemente reencontrada em movimentos não-confessionais como os sindicatos e oposições sindicais, as reivindicações por melhorias urbanas e a luta para conter o custo de vida (1981, p. 60-1).

Dentro do contexto da Ditadura Militar, especialmente a partir da década de 1970, os setores mais progressistas da Igreja Católica deixam de ser tolerados e tornam-se alvo de perseguição, como ocorria em relação aos grupos mais radicais de oposição. É nesse contexto conflitivo que surgem as CEBs, com sua proposta de organização eclesial de base da Igreja Católica no Brasil.

2.2 A Formação e a Organização das CEBs no Brasil

Do ponto de vista da História da Igreja, o ano de 1968 tem como marco a Conferência Episcopal Latino-Americana de Medellín, na Colômbia, a qual dá nova face ao catolicismo na América Latina, ao definir as Comunidades de Base. Impulsionada pela renovação estabelecida pelo Vaticano II, esboça-se na Conferência o que mais tarde ficará conhecido como Teologia da Libertação: a “opção evangélica preferencial pelos pobres”. Esse posicionamento vai influenciar as lutas sociais e políticas que ocorrem no Brasil. As CEBs foram a principal novidade desta Conferência. As CEBs passam a ser propostas como forma de reorganização a Igreja Católica, como organização eclesial, assim como maneira de se concretizar a sua inserção nos meios populares do campo e da cidade. Para os cristãos, as CEBs se tornaram o local de encontro e discussão sobre as dificuldades do cotidiano, sob inspiração da *Bíblia*. No entendimento dos teólogos deste projeto, a ligação da fé com a vida ajuda a interpretar os acontecimentos da realidade sócio-política e a descobrir as mensagens bíblicas capazes de orientar nos conflitos do dia-a-dia.

A comunhão entre fé e vida deve impulsionar e fortalecer ações transformadoras dentro de uma realidade injusta. É o “povo”, constituído pelos setores subalternos da sociedade capitalista, que deve se organizar através das CEBs e nelas adquirir consciência da realidade, criar forças para lutar, dentro de um processo de organização comunitária. Na visão dos teóricos das CEBs, esta perspectiva fortalece a ideia de uma sociedade participativa sem ressentimentos, como podemos verificar na análise de Pierre Ansart:

O diálogo democrático teria como conseqüência permitir a expressão das hostilidades e, portanto, sua transformação em reivindicações racionalizadas e seu abrandamento pela tomada de consciência das oposições de interesses. A eficácia da democracia permitiria romper os sentimentos de impotência, arrancando os indivíduos de suas rumações rancorosas, fazendo deles seres responsáveis por si próprios e membros ativos de uma sociedade participativa (2001, p. 23).

A relação do religioso com o cotidiano de lutas ajuda a interpretar e vincular acontecimentos e mensagens para enfrentar os conflitos do dia-a-dia. Trata-se de nova metodologia religiosa e política, um trabalho pastoral de ação coletiva, de ação em comunidade:

A metodologia descrita da nova prática pastoral é materializada de forma efetiva, em especial, nas Comunidades Eclesiais de base, círculos bíblicos e na pastoral popular. O novo significa não somente uma forma inovadora de trabalho pastoral, mas também uma “nova” concepção de Igreja, na qual as comunidades cristãs constituem

a base real para que a Igreja seja Povo de Deus, ou seja, uma instituição não centrada na hierarquia, mas na articulação das comunidades (SILVA, 2001, p. 71).

A intenção dos teóricos das CEBs é de que essas comunidades possam fazer, de forma consciente, a intermediação entre a religião e a política, a formação religiosa não dissociada da dimensão política. É isto que os formuladores da Teologia da Libertação colocam, tendo como referência a experiência da “opressão do povo hebreu na luta contra a escravidão do Egito dos faraós”, conforme relatada no Antigo Testamento, e também “a opressão sofrida por Jesus Cristo que, ao propor uma vida de justiça e fraternidade, é preso e torturado pelo Império Romano”, conforme o Novo Testamento. Estas lutas estariam na matriz dos cristãos e seriam vividas contemporaneamente pelos “pobres” do Brasil e América Latina. Com este discurso, os teólogos da nova Igreja tanto constroem uma mística de luta quanto abrem espaço para “todos os que almejam a justiça e se opõem à opressão”. Testemunho desta prática de lutas no Brasil, inclusive passando pela prisão e opressão durante a Ditadura Militar serão relatados ao longo desta pesquisa.

A nova postura da Igreja estabelece espaços sociais, sindicais e políticos de atuação na sociedade. As ligações das CEBs com os movimentos sociais aumentam ao longo dos anos de 1970 e se revestem de caráter de contestação ao capitalismo e à Ditadura Militar no Brasil. Os movimentos sociais têm nas CEBs um espaço de formação de lideranças e organização popular determinante na História Social do Brasil. Os cristãos vão encontrar nas CEBs um apoio para suas dificuldades diárias, despertando a dimensão religiosa.

Ao propor as CEBs como elementos reestruturadores da Igreja, os teólogos da Teologia da Libertação também propõem algo mais radical: a transformação do sistema sociopolítico. Essas diretrizes são definidas em vários momentos, como nos encontros regionais das CEBs e nos Encontros Intereclesiais de Base⁵, com momentos de reflexão a respeito da “caminhada”, das prioridades e da avaliação do processo. Esses encontros nacionais aconteciam periodicamente com representantes dos estados, que por sua vez representavam uma diocese⁶ composta por várias CEBs.

O primeiro Encontro Intereclesial de CEBs acontece em Vitória, no Espírito Santo, em 1975, com o tema *Uma Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus*, realçando a expressão “Povo de Deus”, estabelecida pelo Vaticano II. Em seguida ocorre novamente em

⁵ “O encontro de CEBs de âmbito nacional é sempre um momento forte e impar de mobilização das comunidades. Espaço privilegiado para troca de experiências, análise da realidade, celebração da caminhada, encorajamento mútuo e fortalecimento dos sonhos” (BENICÁ, 2006, p. 15).

⁶ Uma região sob governo de um bispo. A diocese é também chamada Igreja local. Nova Iguaçu, por exemplo, no estado do Rio, é uma diocese. Algumas cidades, por sua importância no passado ou no presente, recebem o título de Arquidiocese. O papa é o bispo da diocese de Roma (BETTO, 1991, p. 250).

Vitória, no Espírito Santo, o segundo Encontro Intereclesial de CEBs com o tema *Igreja, Povo que caminha*, em 1976. Ainda na década de 70, ocorre o Encontro *Igreja, Povo que se liberta*, em João Pessoa, na Paraíba, em 1978. Na década de 1980, realizam-se quatro Encontros Intereclesiais: em Itaíci, em São Paulo, em 1981, com o tema *Povo Oprimido que se organiza para a Libertação*; em Canindé, no Ceará, em 1983, com o tema *Igreja, Povo unido, semente de uma nova sociedade*; em Trindade, em Goiás, em 1986, com o tema *CEBs, Povo de Deus em busca da terra prometida*; e, em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, no ano de 1989, com o tema *Povo de Deus na América Latina a caminho da Libertação*.

Podemos identificar em todos os Encontros Intereclesiais a palavra *povo* ou a palavra *libertação*, emblemáticos desse discurso religioso, afinal, os temas da libertação e da luta popular são os que embasam essa teologia – libertação e povo “em caminhada” que formarão uma nova visão da instituição religiosa, uma Igreja comunitária como era a dos cristãos primitivos.

Esses encontros nacionais visavam fortalecer a formação e estruturação das CEBs do Brasil, além de troca de experiências e projetar novos desafios. O método Ver–Julgar–Agir, herdado da antiga Ação Católica, acrescido da ferramenta teórica do marxismo, torna-se uma marca na análise de conjuntura. Isto ocorre tanto no período da Ditadura Militar quanto na fase da redemocratização (a partir de 1985).

O sociólogo da religião, Pedro Oliveira, traz à tona a força das Comunidades Eclesiais de Base ao analisar o Quarto Encontro Intereclesial de CEBs:

O 4º Encontro Intereclesial da CEBS, em 1981, suscitou muita discussão, tanto pelo contexto sócio-político (o apoio às greves do ABC paulista, envolvimento nas lutas pela terra e no nascente Partido dos Trabalhadores), [...] Daí a iniciativa da CNBB em pronunciar-se, em novembro de 1982, sobre esta nova realidade eclesial, pelo Documento nº 25: As Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil. Nele é usada, pela primeira vez, a expressão “uma nova forma de ser Igreja” para indicar que “o novo que as CEBs trouxeram foi o fato de oferecerem, dentro da Igreja, um espaço para o próprio povo simples participar da evangelização da sociedade através da luta pela justiça. Nesse sentido a mediação entre Igreja e Sociedade, Fé e Política, celebração e ação, Bíblia e História, as CEBs são a maior contribuição do Brasil à Igreja Católica Romana, e a maior contribuição contemporânea da Igreja Católica à sociedade brasileira (s. d., p. 83).

O Quarto Encontro Intereclesial de CEBs, em 1981, referido pelo sociólogo é um marco na História das CEBs no Brasil, pois é neste encontro que a expressão “uma nova forma de ser Igreja” é criada. A partir daí, as CEBs passam a ser divulgadas como “estrutura comunitária de partilha dos cristãos”, tanto no aspecto religioso quanto social e político, em contraponto à forma tradicional da Igreja, isto é, da estrutura em paróquias.

As CEBs, enquanto estrutura e organização, estão vinculadas à Igreja Católica não como um movimento interno, como foi a Ação Católica, mas como uma organização eclesial de base dentro da estrutura da Igreja. Também não se colocam como movimentos sociais da Igreja – como se pode pensar a respeito do “movimento social do Bairro Mathias Velho, em Canoas”, tema central desta dissertação. As CEBs são pensadas como “nova forma de ser Igreja”, isto é, de uma Igreja mais comunitária e fraterna. Elas são as bases organizacionais da nova Igreja e têm como objetivo renovar internamente a estruturas desta instituição milenar. Dentro desta nova perspectiva organizacional da Igreja Católica, a formação de uma rede de CEBs formaria uma paróquia renovada, centrada em comunidades e não puramente na questão administrativa, centrada nos rituais e nos sacramentos, embora nas CEBs, como Igreja, também existam os aspectos sacramentais e rituais, mas com um rosto popular, crítico e questionador da realidade. Nas CEBs, os cristãos explicitam e concretizam suas ideias dentro da Igreja e as fomentam para as estruturas da sociedade, como o movimento social do Bairro Mathias Velho. Neste sentido, as CEBs é uma organização eclesial que atua na formação dos os movimentos sociais, inclusive em partidos políticos – como ocorre no Partido dos Trabalhadores.

O Quarto Encontro Interclesial de CEBs reuniu trezentas pessoas de dezoito estados brasileiros e representantes de setenta e uma dioceses da Igreja Católica, mostrando sua representatividade. Para ilustrar este encontro histórico, a foto abaixo, representa a informalidade desses eventos, que privilegiam a Cruz, como se vê ao fundo:



Imagem nº 05

Fonte: **Revista História Viva**: temas brasileiros – “A Igreja Católica no Brasil fé e transformações”, ed. especial temática nº 2, s/d, p. 79.

A metodologia das CEBs foi construída tendo por referência um movimento da Igreja Católica que teve grande repercussão no Brasil, a partir do final da década de 1950: a Ação Católica, de linha francesa. Este movimento procurava dar apoio às questões sociais e políticas, fornecendo um contraponto à visão conservadora e assistencial praticada pela elite cristã. Tinha como método o Ver-Julgar-Agir, para desenvolver uma análise de conjuntura. A Ação Católica teve grupos especializados ligados aos jovens, como a Juventude Estudantil Católica (JEC), a Juventude Universitária Católica (JUC), a Juventude Operária Católica (JOC), a Juventude Independente Católica (JIC) e a Juventude Agrária Católica (JAC), que foram desativados pela Igreja no final dos anos 1960.

Este método está intimamente ligado a uma “educação libertadora”, priorizada pela Igreja na Conferência de Medellín, a qual ajudaria a entender os mecanismos de exploração vividos pela maioria da população, assim como a tomada de consciência para uma ação transformadora. O documento da Conferência de Medellín sobre a educação libertadora tem como título “A educação libertadora como resposta às nossas necessidades”, do qual destacamos o trecho a seguir:

Nossa reflexão sobre este assunto, conduz-nos a propor uma visão da educação, de acordo com o desenvolvimento integral que propugnamos para nosso continente; chamá-la íamos “educação libertadora”, isto é, a que converte o educando em sujeito de seu próprio desenvolvimento. A educação é efetivamente o meio-chave para libertar os povos de toda a escravidão e para fazê-los ascender “de condições de vida menos humanas para condições mais humanas”, contando que o homem é o responsável e “o artífice principal de seu êxito ou de seu fracasso” (SECRETARIADO REGIONAL SUL 3 DA CNBB, 1968, p. 40).

No Brasil, como na América Latina e no mundo, o educador brasileiro Paulo Freire tornou-se uma referência dessa prática educacional. Sua trajetória de vida e “a preocupação com os pobres e oprimidos em busca da libertação e de uma sociedade mais justa e igualitária” o aproximaram do pensamento progressista da Igreja. As formulações pedagógicas de Freire passaram a ser ponto central nas práticas desenvolvidas pelas CEBs – como se verá, no próximo capítulo, quando enfocarmos o movimento social no Bairro Mathias Velho. O Irmão Antônio Cechin, figura central nesse movimento, vinha de longa trajetória educacional e participara de encontros prévios à Conferência de Medellín, nos quais a “educação libertadora” já era discutida.

Sobre o legado de Paulo Freire, o educador Moacir Gadotti, diretor do Instituto Paulo Freire de São Paulo, faz esta síntese, reveladora do quanto ele se aproximou do pensamento da Igreja e das CEBs no prefácio da obra *Educação e mudança*:

Paulo Freire não é um intelectual acadêmico, distante da vida concreta, do cotidiano. [...] a sua opção radical é a libertação dos oprimidos, o sentido mais profundo de sua obra é ser a expressão dos oprimidos. Daí ser uma obra inquietadora, perturbadora, revolucionária. Ela exprime a realidade e a estratégia do oprimido. Foi por esta razão que não foi tolerado após o golpe militar de 1964: por ser o “pedagogo dos oprimidos”. [...] Depois de Paulo Freire não é mais possível pensar a educação como um universo preservado, como não foi mais possível pensar a sociedade sem a luta de classes após a dialética de Marx (FREIRE, 1994, p. 9-11).

Alguns religiosos, que no final dos anos de 1970 serão assessores regionais e nacionais das CEBs, enfrentaram a Ditadura Militar e sofreram prisões e torturas. Este sofrimento foi inserido na “caminhada do povo pela libertação” e, em alguns casos, aproximado ao dos mártires cristãos que viveram as perseguições do Império Romano. A ideia do martírio, afinal, faz parte do roteiro cristão e ajuda a sedimentar seus movimentos, produzindo tanto simbologia mística quanto consciência da realidade. Entre os que explicitam esta trajetória, está Frei Betto, com o seguinte depoimento:

Na militância contra a ditadura, liguei-me ao grupo de Carlos Marighella, a ALN (Aliança Libertadora Nacional). [...] Éramos uma célula de frades dominicanos dentro da ALN [...] dos quatro anos que ficamos presos, nos últimos dois anos fomos colocados no meio de presos comuns, vivendo em penitenciárias, com o mesmo regulamento dos presos comuns. [...] Vocês não podem imaginar o que é a tortura de um preso comum, que não tem ninguém por ele! Não podem imaginar o que é ódio boçal de meia dúzia de carcereiros espancando um preso a noite inteira. E, no inverno de São Paulo, ainda jogavam água fria no chão da cela de ladrilho, deixando-o nu, porque se ele quisesse dormir teria que ser no frio e em cima da água. [...] Depois da prisão fui para Vitória, morar numa favela, integrando a Confederação dos Barracos, nos quais viviam agentes pastorais, inseridos no meio do povo. Ali comecei a trabalhar com CEBs (MOVIMENTO NACIONAL DE FÉ E POLÍTICA, 2001, p. 58 – 61).

A maior liderança das CEBs do Rio Grande do Sul, o irmão marista Antônio Cechin também passou pela prisão e pela tortura. Irmão Antônio, nasceu em Santa Maria, e entrou para congregação dos Irmãos Maristas da Igreja Católica. Formado em Letras Clássicas e em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), foi professor e diretor do Colégio Rosário dos Irmãos Maristas em Porto Alegre. Secretário da Faculdade de Filosofia da PUC-RS, estudou catequese e economia em Paris, na França, e trabalhou em Roma, na Sagrada Congregação dos Ritos, que cuida da Liturgia e da causa dos santos. Sua mudança interna na Igreja ocorre de forma gradativa, tornando-se o primeiro coordenador do setor de catequese da CNBB Sul, que abrange Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Atua na Ação Católica, especialmente na JEC. Cria com sua irmã, Matilde Cechin, as Fichas Catequéticas, protagonizando uma Catequese Libertadora. Em 1968, na Conferência latino americana em Medellín, na Colômbia, quando ocorreu a grande virada da Igreja Católica junto aos trabalhadores, com a criação das CEBs e a opção evangélica preferencial pelos

pobres, Irmão Antônio Cechin colaborou com o tema da catequese. Ajudou a criar o Centro de Orientação Missionária em Caxias do Sul (COM), ligado a Teologia da Libertação, bem como a CPT, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e a Romaria da Terra.

Irmão Antônio Cechin foi preso pela Ditadura Militar por dois motivos. Um dos motivos foi o endereço usado para correspondência clandestina de Frei Betto no Rio Grande do Sul, quando ele era perseguido pelas ligações com Carlos Marighela. Este endereço era onde residia o Irmão Antônio Cechin, apartamento no centro de Porto Alegre, juntamente com sua Irmã Matilde Cechin, após seu afastamento da convivência com os Irmãos Maristas. O outro motivo era o uso já disseminado de suas Fichas Catequéticas, consideradas subversivas pela Ditadura Militar. Seu testemunho sobre sua experiência nos cárceres da Ditadura, e sua vivência comunitária posterior, é um exemplo de fé e coragem:

Dentro do meu trabalho ligado a CNBB, a primeira atividade que desenvolvi foi em torno da chamada catequese, ou seja, aulas de religião. Daquela catequese de perguntas e respostas passamos para uma Catequese Libertadora, que dizer, aproveitando o método Paulo Freire e a Teologia da Libertação, quer dizer, levar os alunos e as pessoas, em geral, a refletir sobre o mundo ao seu redor e suas condições de vida. [...] Essas fichas, depois de terem sido mimeografadas e cedidas a professores que havíamos treinados, foram declaradas altamente subversivas. [...] fui levado para o DOPS. Lá, na noite seguinte, às 4 horas da madrugada, interrogaram-me, não sobre as fichas, mas sobre Frei Betto. [...] depois de dois dias, minha irmã Matilde Cechin, em prantos até Dom Vicente Scherer e ele pressionou o secretário de Segurança. [...] Em 1971, fui novamente detido. Aí me pegaram e me torturaram. Usaram o soro da verdade, me deram choques, ultrassons, [...] Foram dez dias [...] Massacraram-me. [...] Depois que saí da prisão, depois de dez dias que fiquei lá, a tortura havia me deixado meio biruta. [...] Decidi passar a trabalhar com comunidades na periferia. Fui morar na periferia. Comecei a opção pelos pobres no Rio Grande do Sul, de maneira concreta, com as chamadas Comunidades Eclesiais de Base (CECHIN, 2009, p. 65-71).

Em seu relato, Irmão Antônio Cechin, apesar de ser humilhado e torturado pela Ditadura Militar, encontra forças para ser fiel ao seu compromisso com a organização popular e a Teologia da Libertação, bem como ao se propor morar na periferia das cidades e ajudar a organizar, com sua experiência formativa, as CEBs, no Rio Grande do Sul. A presença e testemunho desse agente político-religioso, na organização comunitária do Bairro Mathias Velho, em Canoas, é determinante, na medida em que sua atuação junto aos novos moradores dá confiança e força para fortalecer a fé religiosa e procurar transformar uma realidade de adversidade, em um espaço comunitário de maior relevância na História do Rio Grande do Sul. Juntamente com Antônio Cechin, a educadora popular e professora Matilde Cechin, sua irmã de sangue, também atuou com sua presença e testemunho como agente político-religioso na organização formativa das CEBs e na organização comunitária do Bairro Mathias Velho, em Canoas, no Rio Grande do Sul. Sua formação religiosa está ligada a Teologia da

Libertação, a mística feminina, a organização de catorze clubes de mães na Vila Santo Operário e União dos Operários, em Canoas. Elaborou, juntamente com seu irmão Antônio, as Fichas Catequéticas na linha da educação libertadora, alvo de perseguição durante a Ditadura Militar no Brasil. Sua formação acadêmica está ligada a seguintes instituições e cursos: Bacharel e Licenciada em Letras Neolatinas pela PUC-RS, especialização em Língua e Literatura Francesa na Maison de France, no Rio de Janeiro, e pós-graduação em Pedagogia Religiosa na Universidade de Strasbourg, na França.

Os “Círculos Bíblicos” é outro referencial metodológico que favoreceu a prática das CEBs. A contribuição foi importante, na medida em que procurou ligar o texto bíblico com a realidade do mundo. Assim como a metodologia do Ver-Julgar-Agir, era ferramenta das CEBs. Os membros das Comunidades aliavam-se às pastorais sociais e pretendiam exercer o protagonismo das forças populares, tanto na dimensão eclesial, quanto social e política, tendo na vida comunitária uma forma coletiva de viver, inclusive sem propriedade privada, como está descrito no livro *Atos dos Apóstolos*:

Eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, no partir do pão e nas orações. Em todos eles havia temor, por causa dos numerosos prodígios e sinais que os apóstolos realizavam. Todos os que abraçaram a fé eram unidos e colocavam em comum todas as coisas; vendiam suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um (At 2, 42-45).

Na perspectiva das CEBs, os pobres não são mais objetos de caridade (como na Igreja tradicional), mas, sim, sujeitos transformadores da História. Os pobres são entendidos como “excluídos social e economicamente” e o termo “libertação” indica não apenas a possibilidade religiosa de uma vida após a morte, mas de uma libertação de “todas as formas de opressão vividas pela população na realidade que está inserida”. Esse entendimento dá a dimensão política das CEBs – como veremos no caso de Canoas. Os migrantes que chegavam ao município da região metropolitana em busca de trabalho e renda, na década de 1970, eram os pobres em busca da libertação. Desta maneira, essa população migrante – sem moradia – foi entendida pelos agentes político-religiosos que atuavam na Região, como trataremos no próximo capítulo.

As CEBs logo estabeleceram uma rede de comunidades, constituída de vários núcleos dentro de uma diocese, conforme esclarece Camargo:

As CEBs, além das relações internas, também, mantém outras externas com a Igreja e a sociedade, em geral. Um primeiro relacionamento muito freqüente nas CEBs é com outras CEBs da mesma área. Não raro, cinco ou mais virem construir um sistema federado ou, como só acontece em certas dioceses, os dirigentes das CEBs

se encontram regularmente por regiões ou mesmo nível de toda a diocese. É interessante observar que a referência ao relacionamento das CEBs com as dioceses parece ser mais freqüente do que as referências com as paróquias. [...] as CEBs se relacionam com a população local em geral. Essa população tem sua história, cultura, valores, suas organizações estritamente locais ou locais com extensão de organizações estaduais ou mesmo nacionais. Num mundo que se torna cada vez mais pluralista, não é pensável as CEBs querem coordenar de cima para baixo todas as realidades [...], mas ela se encontra no meio delas, podendo ignorá-las, colaborar com elas ou combatê-las (1981, p. 25-7).

As CEBs se concebem como revolucionárias, mas dentro de uma perspectiva cristã, isto é, orientadas por um espírito fraterno, iluminadas pela palavra e ação de um Deus que está ao lado do povo e que o impulsiona a transformar a sociedade. A realidade social, econômica e política são campos a serem transformados, devendo ser superadas todas as formas de contradições existentes. Neste processo, uma nova estrutura política é almejada, tendo o ser humano como protagonista e agente de sua própria mudança, de forma coletiva e fraterna. A seguinte proclamação de princípios, afirmada pelo teólogo Gustavo Gutiérrez, é reproduzida por Michael Löwy, em *Marxismo e teologia da libertação*, revelando com clareza a dimensão desse “socialismo cristão”:

Negar o fato da luta de classes é, em realidade, tomar partido em favor dos setores dominantes. A neutralidade, nesse assunto, é impossível. O que se trata é suprimir a apropriação, por alguns, da mais-valia, criada pelo trabalho de um grande número, e não de fazer apelos líricos em favor da harmonia social. Construir uma sociedade socialista, mais justa e mais humana, e não uma sociedade de conciliação e de falsa e aparente igualdade. O que conduz logicamente à seguinte conclusão prática: Construir uma sociedade justa passa hoje em dia, necessariamente, pela participação consciente e ativa na luta de classes que se realiza diante de nossos olhos. Como conciliar isso com a exigência cristã de amor universal? [...] um alto rigor político e generosidade moral: não odiamos os opressores, desejamos libertá-los também, libertando-os da sua própria alienação, da sua ambição, do seu egoísmo, em uma palavra, da sua condição desumana. Mas, para isso, é preciso optar resolutamente pelos oprimidos e combater real e eficazmente a classe dos opressores (1991, p. 97-8).

Na História Brasileira recente, as CEBs têm uma importância fundamental, na medida em que se tornaram matriz de muitos movimentos sociais. Do ponto de vista das classes trabalhadoras, as CEBs podem ser vistas de forma positiva. Para os setores conservadores da Igreja Católica, porém, elas se tornam uma realidade a ser combatida. A utilização do marxismo, mesmo que seja como ferramenta teórica, é apontado pelos conservadores como uma “característica reprovável”, dentro da tradicional associação entre marxismo e ateísmo. Daí, seguem críticas pontuais em relação à dimensão sócio-política das CEBs e seu alinhamento com proposições, grupos e partidos políticos.

No entanto, nos documentos oficiais da Igreja, especialmente a mensagem que o Papa João Paulo II fez na primeira viagem ao Brasil, em 1980, as CEBs são destacadas pelo fato de

prestar serviço aos mais necessitados e, ao mesmo tempo, são reveladas preocupações com os “possíveis desvios”. O papel da eclesialidade com a identidade das CEBs também é destacado pelo Papa. Essas questões são analisadas por João Paulo II em sua manifestação aos líderes das CEBs, em Manaus, no dia 10 de Julho de 1980:

Entre as dimensões das Comunidades Eclesiais de Base, julgo conveniente chamar a atenção para aquela que mais profundamente as define e sem a qual se esvairia sua identidade: eclesialidade. [...] Formam-se em comunidades orgânicas, para melhor serem Igreja. E a base a que se referem é de caráter nitidamente eclesial e não meramente sociológico. [...] A Comunidade de Base será comunidade de caridade, sobretudo em quanto se revela instrumento de serviço mútuo, no interior da mesma comunidade e serviço aos outros, sobretudo aos mais necessitados (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1980, p. 257-8).

O que se pode ler, no pronunciamento papal, é uma espécie de reenquadramento das CEBs à estrutura eclesial – sua vinculação aos bispos, por exemplo – assim como a introdução do termo “caridade”, tradicional no discurso católico. As CEBs não são desautorizadas como local para o exercício da fé nem de busca por justiça, contra as “iniquidades” e “condições infra-humanas” em que vivem muitos cristãos. No entanto, nota-se um abrandamento sutil da dimensão política transformadora e revolucionária das CEBs.

2.3 As CEBs, os Movimentos Sociais e o Partido dos Trabalhadores

A CEBs incentivam as classes populares a agirem de forma independente ao Estado. Reivindicando aquilo que consideram seus direitos fundamentais – trabalho, moradia, saúde, educação, etc. – mas preservando sua autonomia e projetos próprios.

Ao identificarmos a influência das CEBs no campo político, através dos movimentos sociais, identificamos também uma crescente participação dos setores populares na história social recente, tanto em nível nacional como estadual.

Os movimentos sociais no Brasil, principalmente entre os anos de 1970 e 1980, têm na Igreja Católica uma importante força formativa. Esta força derivava da Teologia da Libertação e se concretizou nas CEBs e as pastorais sociais, irrigando duas gerações de agentes religiosos e políticos, que atuaram em sindicatos, associações de bairro e partidos políticos. A busca pela democracia e por justiça social eram objetivos a serem alcançados – objetivos razoáveis de serem proposto num contexto de Estado democrático, porém “revolucionários” na de Ditadura Militar. A participação popular, porém, era sempre a meta

principal: o projeto de uma sociedade humanista, construída “de baixo para cima”, privilegiando o protagonismo dos excluídos.

As forças conservadoras da Igreja e da sociedade também foram questionadas, como também visões políticas entendidas como populistas e/ou clientelistas. Táticas de hegemonia foram construídas e a estratégia de transformação social era o objetivo maior, embora difusa em termos ideológicos. Maria da Glória Gohn ressalta o papel da Teologia da Libertação na História dos movimentos sociais:

No final dos anos 70 no Brasil, quando se falava em novos movimentos sociais, em encontros, seminários e colóquios acadêmicos, tinha-se bem claro de que fenômeno se estava tratando. Era sobre os movimentos sociais populares urbanos, particularmente aqueles que se vinculavam às práticas da Igreja Católica, na ala articulada à Teologia da Libertação. A denominação buscava contrapor novos movimentos sociais aos ditos já velhos, expressos no modelo clássico das sociedades amigos de bairros ou associações de moradores. O que estava no cerne da diferenciação eram práticas sociais e um estilo de organizar a comunidade local de maneira totalmente distinta [...] A categoria teórica enfatizada era a da autonomia. Na realidade tratava-se mais de uma estratégia política embutida no olhar sobre os movimentos populares, pois reivindicava-se um duplo distanciamento. De um lado em relação ao Estado autoritário. De outro lado em relação às práticas populistas e clientelistas presentes nas associações de moradores, nos sindicatos e nas relações políticas em geral (o corporativismo era também negado como prática não-democrática e impeditiva para a manifestação das novas forças sociais que estavam sufocadas no cenário de um regime militar autoritário) (1997, p. 281-3).

A perspectiva de ação política inaugurada pelas CEBs busca uma visão renovada da história política. No Brasil este aspecto identifica-se como significativo em processo histórico. As massas anônimas teriam o papel mais relevante. Esse era o projeto que moviam (e ainda move) os cristãos envolvidos nas comunidades. A religião renovando as práticas sócio-políticas e uma nova Igreja em construção.

No final dos anos 1970, o chamado “sindicalismo combativo” articulava a luta em defesa dos trabalhadores com religiosidade popular. Contrato coletivo de trabalho e direito de greve eram pauta do dia, como também a oposição ao governo militar e o questionamento do sistema capitalista. A Pastoral Operária se fazia presente no ABC paulista, assessorada por Frei Betto. Vários encontros nacionais ocorreram para organizar este movimento sindical: os encontros de João Monlevade (MG), São Bernardo do Campo (SP) e Vitória (ES). Esses encontros, além de fortalecer o movimento sindical brasileiro, foram decisivos para organizar o Partido dos Trabalhadores (PT) e a futura Central Única dos Trabalhadores (CUT). Os cristãos das CEBs não eram os únicos a colaborar na organização dos trabalhadores, mas eram um grupo de destaque. Muitos locais de reuniões de movimentos sindicais e até do Partido dos Trabalhadores se davam em “salão paroquial”, como destaca Lincoln Secco, em sua

História do PT (SECCO, 2011, 45-6). Organizações populares e sindicais de varias matizes ideológicas de esquerda conseguiram uma articulação vitoriosa em plena Ditadura Militar, graças ao apoio da Igreja.

Por volta do final dos anos 70, quando a abertura política se acelerou, as novas lideranças sindicais, dentro e fora da estrutura oficial, começam a se articular [...] Mas o dado novo, que viria alterar profundamente o quadro de lutas sindicais no país, foi a “esquerdização” do comportamento da Igreja e sua franca oposição ao governo militar e também ao modelo econômico capitalista. [...] Depois da reunião de João Monlevade, as mesmas tendências voltariam a se reunir, em julho do mesmo ano, na cidade de Taboão da Serra (SP). As organizações da Igreja tiveram, também nessa reunião, um forte peso. Das 50 entidades que assinaram o documento de São Bernardo, 24 eram diretores de sindicatos, enquanto 14 eram representantes de organizações católicas (pastorais, ação católica, FASE, etc.), entre os quais Frei Betto. Mas para medir a influência da Igreja, é necessário ter em conta a presença dos diretores católicos “progressistas” dos sindicatos oficiais. Segundo a antropóloga Ana Maria Doimo, sem contar os sindicalistas, havia 23 representantes de diversos tipos de movimentos sociais, direta ou indiretamente ligados a Igreja, entre eles doze representantes de pastorais (operária ou da terra) e de comunidades eclesiais de base (RODRIGUES, 1991, p. 15-9).

O fortalecimento das CEBs e das pastorais sociais da Igreja Católica é acompanhado por importantes lideranças da hierarquia, como D. Cláudio Hummes, bispo de Santo André, na região metropolitana de São Paulo. Em 1979, o bispo apoia oficialmente os metalúrgicos e sobe ao palanque e fala aos grevistas ao lado do líder sindical na época, Luis Inácio Lula da Silva – futuro presidente da República do Brasil, como mostra a foto a seguir:



Dom Cláudio Hummes, bispo de Santo André, discursa ao lado de Luiz Inácio Lula da Silva, ao término da greve dos metalúrgicos, em São Bernardo, 28 de março de 1979

Imagem nº 06

Fonte: **Revista História Viva**: temas brasileiros – “A Igreja católica no Brasil fé e transformações”, ed. especial temática, nº 2, s/d, p. 22.

A luta dos movimentos sociais no meio rural, nos anos de 1970, também teve o apoio dos setores progressistas da Igreja. Para isto, foi criada a CPT e as CEBs impulsionaram as ações nessa área. As lideranças religiosas tiveram papel marcante na fase inicial dos movimentos rurais, mas, pouco a pouco, foram se retirando do comando da cena. Nas estruturas internas, no entanto, a religiosidade continuou forte.

Dessas organizações rurais, destacamos: o MST, o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR) e o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). As CEBs mostram seu papel tanto nas organizações populares da cidade quanto do campo. Frei Sérgio Görge, líder do MST no Rio Grande do Sul, marcou presença nas mobilizações:

Esses movimentos cresceram na nova conjuntura e colocaram suas questões no cenário nacional, conquistando avanços significativos. O maior exemplo é a Reforma Agrária, com a participação efetiva do Movimento dos Sem Terra [...] Houve também uma espécie de especialização entre os movimentos sociais. Todos nascidos de um trabalho geral de organização de base iniciado com o trabalho evangelizador das CEBs e da Pastoral da Terra, cada movimento passou a organizar um segmento específico de camponeses, de acordo com as necessidades sociais, econômicas e culturais de cada um deles (1998, p. 9).

O Acre, no Norte do País, a Igreja também teve destaque na luta dos trabalhadores rurais. Lideranças significativas, como o sindicalista Chico Mendes e a ex-senadora Marina Silva, tiveram formação religiosa e política nas CEBs, como relata Marina Silva:

Como é do conhecimento de todos, minha raiz política, a minha ética, germinou dentro das Comunidades Eclesiais de Base. Nunca me esqueço daquela experiência que vivi por volta dos meus 17 anos, quando quase me tornei freira. [...] Um dia eu fui à missa na paróquia Imaculada Conceição e vi um cartaz num canto: Curso de Formação de Lideranças. Era um curso promovido pela Comissão Pastoral da Terra, com a participação de Chico Mendes. O Chico era ligado às Comunidades Eclesiais de Base (MOVIMENTO NACIONAL FÉ E POLÍTICA, 2001, p. 36-7).

O Partido dos Trabalhadores, criado em 1980, teve três vertentes de esquerda: uma composta pelo movimento sindical independente, em contraponto ao movimento sindical de caráter mais assistencialista e politicamente alinhado aos governos militares; outra, formada pelos intelectuais marxistas oriundos da luta armada que assumiam a democracia como perspectiva histórica; e outra pelas CEBs, aglutinando setores progressistas da Igreja Católica, identificados com a Teologia da Libertação. No que diz respeito às almejadas transformações na sociedade brasileira, há semelhança entre o projeto das CEBs e o do PT.

Sintomático dessa influência da Igreja progressista na constituição do Partido dos Trabalhadores é a presença da fé religiosa na figura de Luis Inácio Lula da Silva, uma das principais lideranças do PT. Religiosidade evidenciada pelo seu depoimento:

Você precisa fazer outras coisas, sem perder a sua fé, sem perder a sua religiosidade. Eu acho que isso me deu um caminho, a mistura de consciência política com minha fé cristã. [...] Para mim isso foi muito importante, porque a minha vida política nasceu intimamente ligada a Igreja! O PT só surgiu por causa da Igreja progressista. É verdade que se não fosse Leonardo Boff, Dom Tomás Balduino, Frei Betto, Clodovis Boff, Dom Pedro Casaldáliga, Dom Marcelo Cavalheira, Dom Paulo Evaristo Arns e tantos leigos espalhados por este Brasil a fora, a gente não tinha criado esse partido político. Tem gente que pensa que o PT nasceu só do sindicalismo. É verdade que o sindicalismo teve um papel importante, mas se não fosse os milhões ou os milhares de padres, de freiras, de leigos espalhados por este Brasil a fora, organizados em comunidades, pastorais de juventude e operária, a gente não teria chegado aonde nós chegamos. Essa é a verdade nua e crua. Daí o ódio que nós despertamos nas pessoas da elite (MOVIMENTO NACIONAL DE FÉ E POLÍTICA, 2001, p. 10-1).

A mobilização social promovida pelas CEBs colaborou para a abertura da Ditadura Militar no Brasil. “Alguns sindicalistas nasceram politicamente nas Comunidades Eclesiais de Base e muitos deles colaboram na formação do Partido dos Trabalhadores” (SECCO, 2011, p. 9). As CEBs foram uma espécie de instrumento que possibilitou o novo partido político e sobre isto o historiador Daniel Aarão Reis é categórico:

Os militantes da esquerda católica [participaram da formação do novo partido]. Nas bases da sociedade, tinham sido eles agentes da verdadeira reviravolta registrada por importantes setores da Igreja Católica, que, de uma posição favorável – ou neutra – à intervenção golpista de 1964, evoluíram, progressivamente, para a crítica e, depois para o confronto com a ditadura militar. Organizavam-se em *comunidades eclesiais de base*, as CEBs, que se espalhavam, dezenas de milhares, pelo país, animadas muitas pela fé militante da Teologia da Libertação, doutrina que tinha ambição de elaborar uma síntese revolucionária anticapitalista entre cristianismo e marxismo. Num crescendo, tais atitudes e idéias seriam incorporadas – e potencializadas – pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que exprimiria de modo articulado, e com repercussão nacional e internacional, críticas contundentes ao modelo econômico construído pelo regime militar, denunciando como injusto, desigual, opressivo e desumano. Assim, na fundação do PT, em 10 de fevereiro de 1980, no Colégio Sion em São Paulo, encontraram-se reunidas, de mãos dadas, em aliança, lideranças sindicais autênticas, revolucionários marxistas-leninistas e militantes cristãos radicais (2007, p. 507).

As CEBs no Brasil formaram lideranças e ajudaram a renovar a Igreja Católica Brasileira, através de sua forma participativa e comunitária, embora na maioria de seus membros a visão conservadora, anticomunista e centrada nas celebrações religiosas e devocionais fossem mais quantitativas. No Rio Grande do Sul, as CEBs foram formadas levando em consideração aspectos específicos culturais, políticos e religiosos, especialmente por contar com uma mística religiosa popular, mas que será ressignificada pela liderança dos agentes político-religiosos na formação e organização das CEBs e sua relação com os movimentos sociais, especialmente em Canoas, na região metropolitana de Porto Alegre.

2.4 A Formação e a Organização das CEBs no Rio Grande do Sul

No Rio Grande do Sul, as CEBs também tiveram papel significativo na organização dos movimentos sociais. Historicamente, elas se identificam com a criação do Movimento dos MST, com a mística de Sepé Tiaraju, e também com os movimentos sociais urbanos, como os da luta por moradia, emprego e renda no Bairro Mathias Velho, em Canoas.

O início desse processo foi difícil, devido ao caráter conservador do clero sul-riograndense. Mas esses entraves foram superados. As tradicionais paróquias, centradas numa religiosidade que privilegiava os sacramentos, se contrapunham ao caráter comunitário e participativo das Comunidades de Base, além de resistir à pregação sócio-política progressista. O anticomunismo era acentuado e isto atingia religiosos e leigos. O cardeal Dom Vicente Scherer, de Porto Alegre, era uma sólida liderança conservadora e um exemplo típico do clero gaúcho arraigado à cultura do “trabalho, família e oração”.

Essa cultura religiosa tradicional criou dificuldades para o novo ideário católico. Eram fortes as marcas do assistencialismo e do conservadorismo político. Mas os “ares da nova Igreja” foram aos poucos ventilando as mentes tradicionais. O pensamento trabalhista reformista valorizava a Doutrina Social da Igreja e abriu caminho para a renovação proposta pelo Concílio Vaticano II. Assim, a partir dos anos de 1960, o ideário do Vaticano II e, posteriormente, o das Conferências Latino-Americanas de Medellín e Puebla foram se fazendo presentes. As CEBs surgem simultaneamente no meio rural e urbano. Essa renovação ocorre de forma minoritária, mas adquire força ao longo dos anos e passa a articular-se com os movimentos sociais.

Em 1969, na cidade de Pelotas, surgiram as primeiras Comunidades de caráter oficial, oriundo de um trabalho anterior que ligava Igreja e vida comunitária. Foram três Comunidades embaladas por uma nova visão de Igreja, conforme o Padre João Ivo Puhl, professor de História da Igreja:

Na cidade de Pelotas, a partir de 1969, em área da paróquia Nossa Senhora da Luz, nasceram três experiências eclesiais que foram os embriões do processo de CEBs. Uma delas, a comunidade da Trindade, tem seu início documentado na série Estudos da CNBB, “Comunidade: Igreja na Base”, de 1974. A Comunidade Cristo Libertador, no primeiro núcleo da COHAB em Pelotas, e a comunidade do Espírito Santo, do bairro Santos Dumont, com histórias e estratégias diferentes, ajudaram a visualizar, a partir das experiências dos Atos dos Apóstolos, do documento de Medellín e da confrontação da fé com a realidade social, uma nova experiência eclesial. A comunidade do Espírito Santo surgiu, inclusive, de um grupo de alfabetização de adultos pelo método Paulo Freire, que também era usado no processo comunitário e de evangelização (1990, p. 11).

Entre os grupos internos da Igreja que serviram de inspiração para as CEBs estão vinculados à Ação Católica, que vinham dos anos 50. A partir da organização do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), da CPT e da Comissão da Pastoral Operária (CPO), as CEBs ganham impulso.

Em 1975, no 1º Encontro Intereclesial Nacional de CEBs, na cidade de Vitória, no Espírito Santo, já havia representantes do Rio Grande do Sul. Entre estes representantes estava o Irmão Antônio Cechin, que atuaria em diversas frentes da nova Igreja no Rio Grande do Sul. Irmão Antônio era um dos responsáveis pelo “rosto gaúcho das CEBs”. Ainda em 1975, esse líder religioso vai morar na Vila Cerne, em Canoas, visando criar Comunidades Eclesiais na periferia da região metropolitana de Porto Alegre.

Em 1978, no meio rural, ocorrem vários acontecimentos que culminam no fortalecimento das comunidades. Com a participação do Irmão Cechin, o CIMI organiza a primeira Romaria da Terra, no município de São Gabriel, buscando uma articulação entre as lutas históricas dos índios guaranis com as lutas atuais do povo gaúcho. É uma romaria que não tem apenas aspectos religiosos e devocionais, mas um caráter social e político.

Relembrando a criação dessa romaria num artigo do informativo *Clareando*, Irmão Antônio recorda que em 1977 escreveu um pequeno livro intitulado *São Sepé Tiaraju rogai por nós*:

As lutas de Sepé pela terra e seu sangue derramado conjuntamente com o dos 1.500 companheiros guaranis, sedentos de justiça, empolgaram D. Tomás Balduino, presidente do CIMI, e D. Pedro Casaldáliga, nosso bispo-profeta indígena. Pessoalmente eu achava estranho que Sepé tivesse sido canonizado pelo povo, à moda dos primeiros séculos do cristianismo, e não fosse aceito como santo pela Igreja oficial (CECHIN, 2005, p. 3)

O projeto de Irmão Cechin era dar melhor elaboração a uma religiosidade popular em torno da figura de Sepé Tiarajú e, a partir daí, criar uma mística de luta para a população humilde sul-rio-grandense. Esta romaria inaugurava, no entendimento de Cechin, uma religiosidade que se opunha à tradicional, isto é, uma religiosidade capaz de despertar “para os embates sociais”. O CIMI, com o objetivo de ser uma pastoral da Igreja Católica ligada à causa indigenista, procurava ressignificar a luta dos povos missionários do Rio Grande do Sul no século XVIII. A figura mítica e histórica de Sepé Tiarajú, um cacique guarani batizado na Igreja Católica, que enfrentou tanto o Império Português quanto o Espanhol, vai servir de força e símbolo para as CEBs.

Questões como a propriedade comunal vivenciada nas reduções jesuíticas, em que a visão do cristianismo primitivo (a partilha dos bens) se articulava com a visão coletiva da

terra dos guaranis, criavam uma bandeira de lutas. Estes elementos são agregados nas CEBs como objetivos a serem conquistados. Assim, o CIMI proclama 1978 como o ano dos mártires, em comemoração aos 222 anos da morte de Sepé Tiaraju e de 1500 índios em Caiboaté, hoje distrito de São Gabriel.

Também para comemorar este acontecimento é criada a “Missa da Terra sem Males”, com texto do bispo Dom Pedro Casaldáliga, da Prelazia de São Felix do Araguaia. Com essa missa, D. Pedro faz uma homenagem a todos os povos indígenas da América Latina que foram dizimados no processo de colonização. Nesta Romaria, também foi comemorado os 350 anos do martírio (termo usado pela Igreja Católica para designar pessoas que são mortas em nome da fé cristã) dos missionários jesuítas rio-grandenses Roque, Afonso e João, em Caaró, no Noroeste do Estado. A participação das CEBs e sua rede de comunidades são evidenciadas na romaria e se encaminha a criação do 1º Encontro Intereclesial de CEBs, no Rio Grande do Sul, como o autor abaixo reforça:

Em 1978, o CIMI patrocinou a primeira Romaria da Terra e proclamou o ano dos Mártires. Eram 350 anos da morte dos “Mártires das Missões” e 222 anos da morte de Sepé Tiaraju e 1500 índios cristãos, em São Gabriel, no dia 11 de fevereiro. Este ano dos mártires foi encerrado em São Miguel das Missões e não em Caaró, em novembro, com a “Missa da Terra sem Males, cantada pela primeira vez no Brasil”. Nestas celebrações, se encontram agentes de pastoral de todo o Estado e pessoas das mais diversas comunidades dispersas. Diz o Irmão Antônio Cechin, que participou destes eventos: “constatamos, então, que já existíamos no Rio Grande como uma rede de Comunidades Eclesiais de Base. Combinamos o 1º Encontro Intereclesial de CEBs para o ano seguinte de 1979 (PUHL, 1990, p. 12).

Ainda em 1978, outro acontecimento comove o meio rural sul-rio-grandense: no Norte do Estado, as comunidades indígenas Kaingang, da reserva de Nonoai, expulsam em torno de 2.000 famílias de colonos que viviam como posseiros nas suas terras. As comunidades indígenas tinham apoio da CIMI e da CPT. Esse acontecimento é sistematizado pelo Irmão Antônio Cechin na revista *Renovação*, da CNBB, em seu artigo sobre as CEBs no Rio Grande do Sul:

A agradável surpresa do ano ficou por conta da Comunidade Indígena de Nonoai. Frustrados durante décadas nas tratativas de preservação de suas terras perante toda a instância do poder público, os índios partiram para sua “Terra Sem males”. Desencadearam a “guerra dos miseráveis” no Rio Grande: índios contra colonos. Os índios levaram a melhor botando para fora perto de 2000 famílias de intrusos. Algumas centenas desses colonos vieram parar em Esteio, no Parque de Exposições de animais, para posterior deslocamento para o norte do Brasil. A maioria, porém, dessas famílias ficou rolando pelas estradas do Alto Uruguai (CECHIN, 2005, p. 3).

Em 1979, realizou-se o 1º Encontro Intereclesial Estadual de CEBs, em São Gabriel, com o tema *A árvore do sistema, causas e consequências dos problemas*. Foi também o ano

da Conferência de Puebla, no México, confirmando as ações político-religiosas da Igreja na América Latina.

É importante destacar que o desenvolvimento das CEBs no Brasil, desde 1975, foi acompanhado de Encontros Intereclesiais, com representantes de várias estados, para avaliar o andamento e trocar experiências. Após o 1º Encontro Intereclesial Nacional, em Vitória, os estados começaram a realizar seus próprios encontros. O apoio do Bispo de Bagé, D. Ângelo Mugnol, ao primeiro encontro estadual, foi fundamental para o reconhecimento oficial das CEBs no Rio Grande do Sul. Lá estavam as CEBs da Vila Cerne, de Canoas, e também as CEBs Santa Isabel, de Viamão, conforme aponta Cechin:

[...] 83 comunidades se fizeram representar. Era gente de todo canto do Estado. Cerca de 170 pessoas. Além dos assessores e agentes, a assembleia era constituída de agricultores, operários, professores e bancários. Havia homens, mulheres, negros, jovens. Lastimamos não ter podido contar com alguns índios. O fato de São Gabriel, contar com uma rede de comunidades facilitou a hospedagem nas casas. Eram pessoas de CEBs recebendo pessoas de CEBs. Pobres acolhendo pobres. [...] Havia no encontro diversas pessoas das Comunidades de Ronda Alta (1990, p. 4).

A contribuição das CEBs do Rio Grande do Sul, em termos de formação de lideranças para os movimentos sociais, foi significativa e se revelou nas duas ocupações de terras – das fazendas Macáli e Brilhante – e no acampamento Encruzilhada Natalino, no município de Ronda Alta, em plena Ditadura Militar. A ocupação da Fazenda Brilhante foi realizada por colonos expulsos da Reserva Indígena de Nonoai, no ano anterior (1978). O acampamento de colonos ocorreu em agosto de 1981, em Encruzilhada Natalino, durando em torno de mil dias. Estes acontecimentos tiveram a presença de membros das CEBs, inclusive do pároco de Ronda Alta, Padre Arnildo Fritzen, que estava no encontro de São Gabriel, representando as CEBs de Ronda Alta, e saiu do encontro para ir a sua cidade. A CPT (Comissão Pastoral da Terra) também deu apoio com sua presença.

Como consequência direta destas três ações, surgiu o maior movimento social do Brasil, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Em Encruzilhada Natalino, a força da repressão policial, tanto da polícia federal quanto da Brigada Militar foi intensa, inclusive com a presença do Coronel Curió, temido agente da Ditadura Militar. O local foi decretado “Área de Segurança Nacional”. Sobre esses episódios, Irmão Antônio escreveu:

Colhemos imediatamente o fruto do dinamismo interior com que a guerra guaranítica inflamou os corações de nossas CEBs gaúchas. E, 1978, reunidos em São Gabriel, nos dias 6,7 e 8 de setembro, levantamos pela manhã, no dia da “independência” do Brasil, com a alegre notícia de que as CEBs de Ronda Alta acabavam de realizar a primeira ocupação de terra: a da Fazenda Macáli. Seguiu-se a da fazenda Brilhante, a Encruzilhada Natalino, etc.[...] Ronda Alta é o berço do MST e de outros movimentos camponeses (CECHIN, 2005, p. 2).

O Centro de Orientação Missionária de Caxias do Sul (COM), fundado em 1970, ligado a Diocese de Caxias do Sul, foi outro grande propagador da Teologia da Libertação no estado. O fato da cidade Caxias do Sul estar distante de Porto Alegre, facilitou o desenvolvimento das atividades político-religiosas, tanto por estar afastado da área de maior atuação de D. Vicente Scherer quanto do espaço de vigilância dos órgãos de segurança da Capital. O bispo local, por sua vez, revelou-se simpático às novas orientações da Igreja:

Este centro [COM] foi fundado pelo Padre Orestes Stragliotto (coordenador geral do Centro até 1982), a partir da necessidade de articulação de teólogos, bispos e leigos e foi um dos principais vetores da difusão, articulação dos sujeitos, produção de material e formação de agentes de pastoral dentro de uma linha da Teologia da Libertação. Os grandes intelectuais brasileiros da Teologia da libertação deram cursos no COM, tais como Leonardo Boff, Frei Betto, José Oscar Beozzo, Marcelo Barros, Pedro Casaldáliga, Carlos Mesters, dentre outros. [...] Logo, o COM foi centro de formação de agentes religiosos não só para o Rio Grande do Sul e outras regiões do Brasil, como também foi um dos principais organismos articuladores dos agentes das Comunidades Eclesiais de Base, da Comissão Pastoral da Terra (de onde nasceria o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST) e da Pastoral Operária. [...] Além da vocação missionária, a diocese possuía a vantagem de ser também uma região periférica do estado, da repressão da ditadura militar, bem como a perseguição direta dos setores conservadores da própria Igreja, que tinha como principal representante o arcebispo de Porto Alegre, D. Vicente Scherer (BONOTTO, 2008. p. 63-6).

Os agentes político-religiosos no Rio Grande do Sul como o Irmão Antônio Cechin, que vão atuar nas periferias das cidades, como no Bairro Mathias Velho, tiveram no Centro de Orientação Missionária de Caxias do Sul (COM) um centro irradiador de formação que ajudam a formar as CEBs:

O COM promovia cursos de formação e estimulava o engajamento político dos cristãos, religiosos ou leigos, direcionando-os política e ideologicamente para a luta ao lado dos segmentos oprimidos da sociedade. O principal objetivo do COM era o de formar agentes de articulação junto aos movimentos populares [...] Para elevar o nível de criticidade, partiram dos saberes dos agentes e depois insistiam na necessidade de relacioná-los com problemáticas mais abrangentes: a conjuntura nacional, internacional da Igreja e pela análise estrutural do capitalismo. Nos cursos realizados no Centro de Orientação Missionária, sempre era utilizada a metodologia do “ver-julgar e agir” (Idem, p. 63-6).

Ao longo dos anos de 1980, as CEBs, no Rio Grande do Sul vão adquirindo mais solidez no sentido de renovar a Igreja e, ao mesmo tempo, fornecer lideranças para atuarem nos movimentos sociais, sindicais e políticos. Suas temáticas e diversidades, com “rosto gaúcho”, vão ampliando sua inserção na sociedade, como mostra os Encontros Intereclesiais estaduais. Estes encontros tiveram as seguintes localizações, anos e temáticas: Novo Hamburgo, em 1981, com o tema *Pobre ajuda pobre*; Pelotas, em 1983, *CEBs, Povo de Deus, semente da nova sociedade*; Santa Maria, em 1986, *CEBs, Povo de Deus, em busca da terra*

prometida; e Caxias do Sul, em 1988, *Povo de Deus no Rio Grande do Sul, a caminho da libertação*.

No meio urbano, a organização e formação das CEBs de maior relevância foi criada em meados dos anos de 1970, nos bairros populares de Canoas. A Vila Cerne foi o início do trabalho realizado pelos agentes político-religiosos Irmão Antônio Cechin e a educadora popular Matilde Cechin. A migração do campo para a cidade era intensa na década de 1970 e calcula-se que mais de dez mil famílias foram atraídas pelas oportunidades de trabalho geradas pelo Pólo Petroquímico, em Triunfo, na grande Porto Alegre. O município de Canoas era o território onde aportavam muitos desses migrantes, precisamente no “fundão” do bairro Mathias Velho. “Fundão”, como chamavam os moradores, na época, porque era o limítrofe do bairro, uma região fronteira entre o rural e o urbano, com terras ainda não ocupadas por moradias, a espera de maior valorização.

O trabalho inicial dos agentes político-religiosos na Vila Cerne resultou nas CEBs e também nas ocupações de terrenos, em 1979 e 1981. O ponto de partida foi a atuação com rezadores analfabetos, depois com a organização das mulheres em clubes de mães e, na sequência, pela organização em Comunidades. Davam respaldo a esta atuação os freis capuchinhos, da Paróquia São Pio X, no Bairro Mathias Velho, como também o pároco da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, no Bairro Harmonia. A articulação da organização popular independente das estruturas paroquiais tradicionais vai formando a rede das Comunidades Eclesiais de Base e dando solidez ao projeto da nova Igreja. Tanto os agentes político-religiosos, Irmão Antônio e Matilde Cechin, quanto os freis capuchinhos constituem a base de ajuda e formação que amparam as organizações populares e também as ocupações.

A primeira ocupação se deu numa antiga lavoura de arroz, em 1979, e resultou na Vila Santo Operário. A segunda ocupação, numa área antes dedicada à corrida de cavalos (antigo Prado), ocorreu em 1981, e resultou na Vila União dos Operários. Era uma área mais enxuta que a anterior e de melhor qualidade para moradia.

Garantida pelo êxito das mobilizações populares da Mathias Velhos, é nesse bairro que se dá a 7ª Romaria da Terra. Dentro da ótica da espiritualidade missioneira, a intenção é unir campo e cidade, fortalecendo a organização popular encaminhada pelas CEBs. O lema *Terra e trabalho para todos, para que todos tenham vida* alerta para o desemprego crescente e busca “animar o povo em suas lutas”. Os organizadores calcularam cerca de cinquenta mil romeiros e Frei Wilson Dallagnol, em *As Romarias da Terra no Rio Grande do Sul*, descreve o movimento:

A 7ª Romaria da Terra aconteceu na Vila Santo Operário, bairro Mathias Velho, em Canoas, em 6 de março de 1984. O mundo urbano e sua incansável luta pela terra urbana e o trabalho foram os enfoques dados pela Romaria, com o lema: *Terra e trabalho para todos, para que todos tenham vida*, denunciando o desemprego e convocando os *vileiros: unidos e solidários* para uma aliança mais forte entre os pequenos. Participaram 50.000 mil romeiros. Foi a grande solidariedade entre trabalhadores rurais e urbanos. As exigências básicas naquela Romaria foram a Reforma Agrária e Urbana e eleições *Diretas Já*. Esta Romaria foi um marco decisivo, na conquista definitiva da terra pelos ocupantes do “Prado”. Foram ocupadas as Vilas Santo Operário e União dos Operários. No que se referia ao aspecto eclesial, era evidente o entusiasmo em torno das CEBs, a inserção por parte de religiosos e religiosas (nos meios populares); crescia a discussão entre modelo de Igreja tradicional e a Teologia da Libertação; confronto entre tendências (do Partido dos Trabalhadores) entusiasmo pela opção pelos pobres (pós Puebla) (DALLAGNOL, 2009, p. 42-3).

Esta Romaria da Terra fortaleceu a solidariedade entre as conquistas rurais e urbanas. Organizada pela CPT, denunciou a concentração de terras e propôs a Reforma Agrária. O cartaz abaixo, produzido para propagandear o evento, bem revela as pretensões do movimento: unir índios, trabalhadores do campo e da cidade numa luta conjunta.



Imagem nº 07

Fonte: Acervo pessoal de Matilde Cechin.

A presença dos romeiros com suas reivindicações é uma forma tanto de evidenciar para a sociedade a existência do movimento quanto de fortalecer internamente os integrantes da mobilização. Em todos os momentos, como se evidencia na foto abaixo, a manifestação política se entrelaça com a vivência religiosa. As palavras de ordem por Reforma Agrária ganham caráter de luta milenar, sagrada, iniciada pelo “Povo de Deus” na saída do Egito. O

movimento é ritualizado em marchas, com estandartes, faixas e cantos, alguns deles religiosos, como nos relatam as testemunhas dos acontecimentos.



Imagem nº 08

Fonte: Acervo pessoal de Matilde Cechin

As ruas do Bairro Mathias Velho são o palco dos romeiros com suas reivindicações por melhores condições de vida. A Cruz do sacrifício de Cristo acompanha as manifestações, como se vê na outra foto. A Cruz, o estandarte, a mobilização política e religiosa. No ano de 1984, na Vila Santo Operário, o “Povo de Deus” encenou o seu drama de sofrimento e humilhação. Dar feição política a essa vivência cotidiana de precariedade sem descuidar da dimensão espiritual e religiosa de homens e mulheres estava no horizonte das CEBs.



Imagem nº 09

Fonte: Acervo pessoal Matilde Cechin

Os moradores do Bairro Mathias Velho, a partir dessas manifestações populares, ganham um impulso significativo em suas ações, conquistas e desafios. O apoio dos diferentes romeiros que se deslocam para Canoas para essa Romaria, tentam unir lutas comuns de espaços diferentes como o campo e a cidade. A Romaria da Terra torna-se cada vez mais um diferencial em relação às demais romarias do Rio Grande do Sul, na medida em que o religioso se faz capaz de criar um espaço reivindicatório social e político. É importante destacar que esta Romaria da Terra foi a única a ser realizada em solo urbano.

CAPÍTULO III

O BAIRRO MATHIAS VELHO, O PROCESSO DE MIGRAÇÃO E A ORGANIZAÇÃO POPULAR A PARTIR DOS ANOS 1970

*“Quando ajudo os pobres
me chamam de cristão.
Quando questiono a pobreza
me chamam de comunista.”
Dom Hélder Câmara*

O Bairro Mathias Velho em Canoas ao longo de sua História tem várias fases. Inicialmente foi uma fazenda de gado e uma lavoura de arroz pertencente à Saturnino Mathias Velho, passando depois por um processo de loteamento. Na metade da década de 1970, migrantes vindos do meio rural são atraídos pela promessa de trabalho e renda na construção do Pólo Petroquímico de Triunfo. O Bairro Mathias Velho é um dos locais onde esses migrantes procuram moradia.

Esta população, apoiada pelos agentes político-religiosos, impulsionados pela Teologia da Libertação, procuram espaço para moradia na antiga lavoura de arroz e no antigo Prado da cidade de Canoas. O processo resulta na organização popular, tendo como eixo formativo as CEBs e como resultado um movimento comunitário significativo na história recente do Rio Grande do Sul.

3.1 O Bairro Mathias Velho

O Bairro Mathias Velho pertence ao município de Canoas, o qual faz parte da Região Metropolitana de Porto Alegre e tem uma história muito recente. Canoas tornou-se município em 1939, e logo teve suas áreas rurais transformadas em zonas de loteamento. O território do Bairro Mathias Velho era uma fazenda de gado e de plantio de arroz. Isto até a década de 1940. Em 1951, foi realizado loteamento da área, acompanhando a febre imobiliária que atingia Canoas. A propriedade do loteamento ficou com os herdeiros de Saturnino Mathias Velho (antigo proprietário da região) e a Sociedade Territorial São Carlos Ltda. Como não havia plano diretor para a área, as obras de infra-estrutura ficaram ao encargo da empresa loteadora, mas essas não foram feitas à contento. A antiga fazenda não era apropriada para

residência devido à umidade e às constantes cheias do Rio dos Sinos. Frequentemente havia enchentes e só encerraram no final dos anos 1960, quando foi construído um dique para conter as águas do rio.

A vida do bairro, na memória de seus habitantes, bem pode ser sintetizada por esse depoimento de uma moradora (antiga agricultora) que chega ao bairro na década de 70:

Prefeito, advogados, polícia, isso tudo era contra nós em Canoas, nunca tivemos apoio. Fizemos campanha para a água e não conseguimos. Na campanha pra luz também nada. Se nós queríamos alguma coisa dessas nós tínhamos que ir para Porto Alegre. De Porto Alegre vinha a ordem de fazer alguma coisa (PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2000, p. 34.)

A memória dos moradores é marcada pela luta por melhores condições para o bairro, tanto o problema das cheias, quanto do fornecimento de água, luz, canalização do esgoto, melhoria das ruas, do transporte e da segurança. Uma memória marcada pelo descaso das autoridades, tanto públicas quanto privadas. Uma situação que vai criar terreno fértil para as propostas de trabalho e organização comunitária.

Em 1961, foi criada, na zona inicial do Bairro Mathias Velho, a Igreja São Pio X, administrada por freis capuchinhos até hoje. Os capuchinhos, sensíveis às demandas da comunidade, cedo encamparam diversas ações em favor dos moradores. Freis e seminaristas ligados à Teologia da Libertação foram morar no bairro e muitos se engajaram nos movimentos sociais e chegaram a assumir posição de liderança – como foi o caso de frei Ivo Fiorotti, que chegou em 1981 e tornou-se “animador” das comunidades Divino Mestre e Nossa Senhora dos Romeiros⁷. Em 1976, foi fundada a paróquia Sagrado Coração de Jesus, no Bairro Harmonia, acompanhando o crescimento populacional provocado por grande migração do campo para a cidade.

Na década de 1970, o movimento migratório era impulsionado pela criação do Pólo Petroquímico, em Triunfo, dentro dos marcos do II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), lançado pelo presidente Geisel, em 1975. Os trabalhos iniciaram em 1976, com a criação da Companhia Petroquímica do Sul (COPEL), empresa de economia mista. Triunfo se localiza na vizinhança de Canoas e a construção do complexo industrial atraiu uma mão-de-obra variada para a Região. Irmão Antônio Cechin, que chegou a Canoas no ano anterior, recorda aqueles tempos:

Era o tempo do Pólo Petroquímico. Vieram 10 mil trabalhadores do interior e se estabeleceram em torno de Canoas. A periferia estava superlotada. A cada dia, em cima de caminhões, eles iam até o Pólo. Esse era um campo maravilhoso para ser

⁷ Ivo Fiorotti deixou mais tarde a vida religiosa e hoje é vereador em Canoas, pelo Partido dos Trabalhadores.

trabalhado. Era gente que chegava do interior imbuída dos valores interioranos. O homem vinha para trabalhar no Pólo e a mulher ficava em casa com os filhos (CECHIN, 2009, p. 72.).

O aumento populacional dos bairros em Canoas vinha num crescente, desde a década de 1940, e se intensificou nos anos 1970 e 1980. O município e os arredores se constituíam em área industrial e as obras do Pólo colaboraram para isto. Em 1983, o Pólo Petroquímico foi inaugurado e hoje ocupa uma área de 3.600 hectares e emprega 6.300 funcionários. Canoas, por sua vez, não comporta mais nenhuma zona com características rurais, segundo critérios do IBGE. Em 2005, a população era estimada em 329.000 habitantes e mesmo o “fundão” dos Bairros Mathias e Harmonia (com populações estimadas em 52 mil e 37 mil, respectivamente) se encontrava urbanizado. Nos anos 1970, o cenário era outro – e cabia dizer que era um território limítrofe entre o rural e o urbano. As condições de infra-estrutura eram praticamente inexistentes, mas, nem por isso, a região deixava de atrair moradores.

As migrações nas décadas de 1940 a 1970, devido à mecanização das atividades agrícolas e à expansão industrial, se dirigiam principalmente para a região metropolitana de Porto Alegre. A partir dos 1980, acompanhando o crescimento industrial de outras cidades (com destaque para Novo Hamburgo, Caxias e Osório) surgem outros pólos atrativos. (KOUCHER, 2011, p. 20 e 32.) Referindo-se aos anos 1970 e 1980, Carlos Giacomazzi, ex-prefeito de Canoas, deu o seguinte depoimento:

Foi aquela fase de migração violenta do homem do campo para os grandes centros. [...] Então a migração para cá foi algo fantástico porque contavam àquelas histórias que Canoas era um medalha de ouro que tinha um só verso, não tinha dois! Eles mostravam só o bom. O pessoal aqui chegava não encontrava emprego, não tinha moradia (PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2000, p. 80).

Neste período histórico, mudanças ocorriam dentro da Igreja Católica: a Ação Católica fora dissolvida pela CNBB, em novembro de 1966, enquanto a esquerda católica aprofundava a atuação do Movimento de Educação de Base (MEB). Acompanhando os grupos de esquerda, no início dos anos 70, Irmão Antônio e padre Orestes Stragliotto fundaram o Centro de Orientação Missionário (COM), na diocese de Caxias do Sul. O COM estabeleceu contato com o Instituto Franciscano de Teologia e a Editora Vozes, ambos em Petrópolis, importantes focos de produção teórica da Teologia da Libertação (SUSIN, 2009, p. 17).

Como morador na Vila Cerne, entre o Bairro Harmonia e Mathias Velho, Irmão Antônio traz sua experiência prática e teórica no campo da nova proposta de Igreja para Canoas em 1975. A região é atendida pelos freis capuchinhos da paróquia São Pio X, no Bairro Mathias Velho. Os freis eram vinculados às orientações da Teologia da Libertação e

acolheram o confrade marista. Como citado anteriormente, a estrutura da Igreja se expandia nos Bairros Mathias Velho e Harmonia. No Bairro Harmonia, em 1976, fora criada a paróquia Sagrado Coração de Jesus, abrangendo a Vila Cerne. Esta ampliação da estrutura da Igreja bem indica o crescimento populacional na região.

Irmão Antônio se estabeleceu na Vila Cerne, após contato com o pároco local. Segundo depoimento de Irmão Antônio, seu estabelecimento em Canoas foi comunicado pessoalmente ao arcebispo D. Vicente Scherer, o qual, apesar das divergências políticas, o apoiava, por saber que sua atuação se dava nos marcos da Igreja.

Significativamente, em 1980, a Campanha da Fraternidade, promovida pela CNBB, teve como tema as “migrações no Brasil” – colocando a seguinte pergunta como *slogan*: “Para onde vais?” Em publicação produzida por intelectuais católicos e endereçada aos agentes pastorais, líderes e membros de comunidade e do Clero, as migrações são encaradas como:

[...] fenômeno global que abrange dois pólos: o pólo da saída e o pólo da chegada. A problemática rural e a [...] urbana [...] O processo da espoliação no campo [...] [a] implantação do sistema capitalista no campo [...] não é uma realidade estranha ao arrocho salarial, às más condições de vida, à falta de infra-estrutura e aos conflitos sociais [vividos pelos migrantes nas cidades] (CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS, 1980, p. 104.).

Note-se na análise do texto para subsidiar a ação dos agentes político-religiosos que há a preocupação de articular campo e cidade. É uma análise, arriscamos afirmar, afinada com a orientação política seguida pelas pastorais comunitárias e, em especial, pelas CEBs. Os migrantes que chegavam ao Bairro Mathias Velho eram em grande número antigos agricultores (como podemos verificar ao examinar as fichas organizadas pelas comunidades religiosas, no acervo pessoal de Matilde Cechin) e viviam esta realidade. Irmão Antônio estava atento a isto e, como apontamos anteriormente, vinha atuando também na área rural.

As experiências dos trabalhadores e suas famílias eram marcadas pelas contradições criadas pelo avanço do capitalismo no campo e que são marcantes no movimento comunitário no Bairro Mathias Velho, em Canoas – com a expulsão do campo marca as famílias migrantes.

O município de Canoas, devido a sua proximidade com Porto Alegre e com o Pólo Petroquímico da cidade de Triunfo, torna-se no final da década de 1970, um pólo atrativo para esse processo migratório, onde saída do campo para a cidade é intensa, na procura de uma vida melhor. O emprego industrial é a grande meta de muitos trabalhadores, de modo especial na construção civil. O espaço urbano não oferece as condições dignas para tantos migrantes

em busca de trabalho e renda. É nesse espaço, então, que ocorre grande luta e mobilização, buscando muitas vezes em áreas devolutas e ociosas, um local de moradia, um local de “afirmação de vida”.

É importante destacar que o marco inicial deste processo de organização ocorre com duas ocupações no Bairro Mathias Velho. A primeira em uma região de várzea, usada anteriormente para o cultivo de arroz, batizada pelos moradores de Vila Santo Operário, em homenagem ao metalúrgico Santo Dias da Silva, morto pela Ditadura Militar no centro do País. Clésio Aires de Oliveira, um dos primeiros moradores da Vila Santo Operário, relata que Santo Dias da Silva era muito ligado a Igreja, como participante da Pastoral Operária em São Paulo, além de ser um líder sindicalista (PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2000, p. 28). A segunda ocupação ocorre no antigo Prado da cidade, um local mais alto e menos alagadiço que a Vila Santo Operário, usado anteriormente para corrida de cavalos, denominada Vila União dos Operários, nome emblemático da ação coletiva empreendida.

A unidade dos moradores para a conquista da moradia pode ser percebida na foto seguinte, que registra as primeiras ações de ocupação da área, no caso a ocupação da área da futura Vila União dos Operários. Elementos religiosos como a cruz e o sino estão presentes no momento da ação política.



Imagem nº 10

Fonte: Acervo pessoal de Matilde Cechin.

A ocupação da Vila União dos Operários é mais conflitiva do que a primeira, a Vila Santo Operário. Os herdeiros desta área contratam jagunços na grande Porto Alegre para

contrapor com a força o processo colocado em curso pelos novos moradores desta área. Por ser uma área mais enxuta, possui um valor maior, despertando também mais interesse imobiliário. É importante destacar que o sino tinha duas funções específicas, uma era avisar aos moradores sobre as celebrações religiosas e outra que havia pessoas estranhas no local, principalmente os jagunços, que tinham a tarefa de expulsar os ocupantes. A união e a resistência destes acontecimentos resultam simbolicamente na denominação de uma rua chamada “Rua Sino da União”, relatada por vários moradores como Wilsonlório de Souza (PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2000, p. 87). Este sino ainda permanece em meio a Vila União dos Operários nos dias atuais, como forma simbólica de lembrança às gerações mais novas das lutas e resistências do início do processo histórico significativo na vida dos primeiros moradores.

A situação se normalizou em 1983, quando os moradores obtiveram o direito de posse na Justiça. Segundo Ivo Fiorotti, o advogado Jacques Alfonsin⁸ defendia a tese do “estado de necessidade social” e, enquanto isso, os moradores estavam reunidos “em oração”, na capela da comunidade Divino Mestre, na Mathias Velho (FIOROTTI, 2011). A partir desse ano, começa a consolidação da ocupação. A regularização dos terrenos, no entanto, apenas iniciou no início do mês de julho, deste ano de 2012.

Estes desdobramentos judiciais da ocupação de terrenos tiveram um impacto positivo sobre os moradores, além de darem alento para formulação de novas reivindicações. O risco de um retrocesso das ocupações foi eliminado e os integrantes do movimento comunitário puderam se perceber como protagonistas da História, corroborado pelo relato do advogado:

O Tribunal de Alçada, na época, como quase todos os tribunais do país, já tinha firmado a doutrina de que a reintegração de posse pressupõe prova inequívoca de posse anterior. A posse anterior que esse condomínio de pessoas – Nelson Nejar, Ary Bergenthal e outro que não lembro agora –, o condomínio alegava que tinha posse sobre uma área que era destinada a corrida de cavalos, uma área de Prado. Um juiz da época convocou uma audiência de justificação de posse, na qual esse pressuposto da posse anterior não ficou provado. E o juiz, indeferindo a liminar, favoreceu a audiência de testemunhas e durante esses anos a ocupação da área que tinha sido no princípio só de 119 famílias se multiplicou tremendamente. Aquilo virou um bairro durante o andamento do processo. [...] quando o recurso que nós interpusemos numa sentença que tinha sido dada a favor dos condôminos, quando foi julgado o recurso nós conseguimos um voto há nosso favor. Os dois outros juízes votaram contra, ou seja, a favor do condomínio. Com base nesse voto que foi dado há nosso favor, isso no dia 18 de novembro de 1983, justamente o julgamento das câmaras que tiveram que se reunir para decidir se aquele voto que tinha sido dado há nosso favor prevalecia ou não. [...] nós ganhamos de 4 a 3 (ENTREVISTA COM JACQUES ALFONSIN, julho de 2011).

⁸ Jacques Alfonsin hoje é membro da “Comissão da Verdade” do Rio Grande do Sul, nomeado pelo Governador do Estado para investigar os crimes políticos cometidos pelo Estado durante a Ditadura Militar Brasileira.

A partir do ganho de causa, de acordo com o advogado Alfonsin, se abre um precedente válido para outras ocupações urbanas e rurais no Rio Grande do Sul, inclusive a ocupação da Fazenda Anoni, que originará o MST. Segundo Alfonsin, o processo de legalização de posse nas ocupações da Mathias Velho será inspiração para vários outros processos para justificar ocupações de terra. Esta ação concreta de posse é relatada pelo advogado dos movimentos sociais e procurador aposentado Jacques Alfonsin, responsável pela defesa destes moradores na esfera jurídica:

[...] para discutir domínio e não mais posse, já que tinham perdido na ação possessória, entraram com uma ação que dava direito a discutir a propriedade da área. Durante o andamento desse processo da reivindicatória, o advogado da reivindicatória cometeu um erro gravíssimo, dizendo para o juiz que a área já tinha sido transformada num verdadeiro bairro e que, afinal de contas, haveria a possibilidade de ser decretada a desapropriação indireta. Ou seja, o poder público pagar a área para os proprietários, porque aquilo lá agora já tinha sido transformado num bairro. O juiz deu vista pra nós dessa alegação dos condôminos. [...] nós dissemos para o juiz que os próprios titulares dos domínios da propriedade reconheciam que não eram mais donos porque eles admitiam até a desapropriação indireta com indenização. [...] o juiz então julgou extinto processo porque havia reconhecimento dos autores da ação de que aquilo lá não era mais propriedade, foi um erro gravíssimo, mas nós devemos ao advogado da outra parte. Devemos a isto o julgamento definitivo a nosso favor (ENTREVISTA COM JACQUES ALFONSIN, julho de 2011).

O historiador Adriano Luiz Duarte ao analisar a lei, a justiça e o direito na ordem do modo de produção capitalista, à luz do pensamento do historiador Edward Palmer Thompson, identifica que o Estado, a manipulação da mídia e as políticas autoritárias em relação aos movimentos populares, aguçam a luta de classes, sendo o conflito inevitável. A luta do movimento popular, como o movimento comunitário no Bairro Mathias Velho, fortalece a ideia de que toda ação para alçar os direitos e a democracia, principalmente em relação à moradia, ocupando terras devolutas, insere-se neste pensamento, como podemos verificar:

[...] as batalhas coletivas em defesa das liberdades civis, dos direitos de cidadania e da democracia dinamizam os movimentos populares e consolidam um cenário mais amplo para a luta de classes. [...] defesa enfática dos direitos civis e sua luta contínua contra a opressão do Estado privilegiam quatro eixos centrais à políticas autoritárias e antidemocráticas: a manipulação da mídia; as ações secretas do governo, em nome dos interesses da nação; o permanente silenciamento das vozes dissonantes; e a contínua intervenção do Estado no sistema legal. A única maneira de combater essas forças contrárias às liberdades democráticas residia na reatualização de uma *política vista de baixo*, que articulava uma luta libertária contra a opressão do Estado tornando mais aguda a consciência de classe dos de baixo (2010, p. 183-4).

O Bairro Mathias Velho, em Canoas, é uma referência no Rio Grande do Sul em termos de ocupação urbana, tendo na organização e na força popular a base social necessária

para transformação sócio-política. A necessidade de sobrevivência e a busca de trabalho e renda constituem a base concreta para o movimento; a aspiração por uma vida melhor, com dignidade (respeito à “pessoa humana criada à semelhança de Deus”), a base subjetiva para as mobilizações sociais. Como sintetizou Pablo Richard (1982), a Igreja latino-americana precisa *salvar o homem* ameaçado pelas estruturas econômicas e sociais. Uma tarefa que se realiza concomitantemente à criação de uma nova cristandade.

O objeto da história conceitual do político é entender a ação e participação política, seja da perspectiva burguesa ou popular, como um conjunto de práticas de avanços e recuos, natural em um processo histórico em disputa, quando envolve maneiras diferentes de projetar o futuro, seja no ato de conservar um espaço, muitas vezes assegurado por leis, seja na conquista do mesmo espaço, na ótica popular de ter acesso à moradia e à dignidade humana. É importante identificar como as pessoas estão vendo o mundo concreto, mesmo que seja em oposição ao que está estabelecido. Neste sentido, podemos verificar:

O objeto da história conceitual do político é a compreensão da formação e evolução das racionalidades políticas, ou seja, dos sistemas de representações que comandam a maneira pela qual uma época, um país ou grupos sociais conduzem sua ação e encaram seu futuro. [...] história política na medida em que a esfera do político é o lugar da articulação do social e de sua representação. Ela é história conceitual porque é ao redor de conceitos – a igualdade, a soberania, a democracia, etc – que se amarram e se comprovam a inteligibilidade das situações e o princípio de sua ativação (ROSANVALLON, 1995, p. 16).

Os moradores do bairro são motivados por agentes político-religiosos, que atuam a partir das propostas organizativas e religiosas da CEBs. São esses agentes que dinamizam as potencialidades transformadoras das classes trabalhadoras e possibilitam que se organizem em movimentos sociais.

3.2 A Participação do Irmão Antônio, da Educadora Matilde e as Ocupações

O Irmão marista Antônio Cechin, que possui como carisma fundamental a educação, teve uma trajetória de vida marcada pela coragem e o testemunho de um cristão comprometido com as causas populares em busca de sua libertação. Uma trajetória marcada pelos desafios e as mudanças ocorridas tanto na sociedade como na Igreja.

A presença formativa política e religiosa do Irmão Antônio Cechin, como liderança, é fundamental para entendermos o processo de organização coletiva de ocupação no Bairro Mathias Velho, durante a Ditadura Militar no Brasil.

Pilato Pereira faz um breve relato da mudança na vida de Antônio Cechin:

“Eu era adjunto da Ação Católica”, diz Antônio, “e dei esse passo junto com os jovens com quem trabalhava. O método ver, julgar e agir, agora aplicado com o instrumental marxista”. Sempre que fala da Ação Católica, o Irmão Antônio recorda este processo fundamental de mudança, a evolução a partir do contato com o instrumental global marxista. Antônio recorda que “temos que começar analisando a realidade pelo econômico”. Depois de descobrir a situação econômica, vamos para a superestrutura que é o político, o social e o cultural. Sendo que dentro do cultural temos o religioso também (PEREIRA, 2009, p. 35-6).

Irmão Antônio aprofunda sua compreensão do mundo à luz das mudanças que ocorrem dentro da Igreja Católica. Neste período, Irmão Antônio torna-se um dos principais líderes no Brasil e um dos pioneiros no Rio Grande do Sul, tendo em Canoas a principal base.

Nos anos 1960, viveu “a busca da relação intrínseca entre os pólos da mística e da ação social e política” (SUSIN, 2009, p. 13) apresentando-o no Congresso Internacional de Medellín, em 1968. As fichas se inspiravam no método Paulo Freire e tinham propósito “libertador”, segundo seus criadores. O material foi divulgado a partir da Regional Sul 3 da CNBB, no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e, mais tarde, declarado “subversivo” pela Inspeção Regional de Ensino, ligada ao Ministério de Educação (CECHIN, 2009, p. 66).

Segundo depoimento de Irmão Antônio, isto os preparou para “a luta dos pobres”, a decisão de um trabalho efetivo nas áreas populares e não mais nos espaços de classe média.

Como forma de inserção nos meios populares e ao mesmo tempo como forma de afastamento das perseguições aos agentes político-religiosos pela Ditadura Militar, Irmão Antônio vai morar na Vila Cerne, nos fundos do Bairro Harmonia (ao lado do Bairro Mathias Velho), na segunda metade da década de 1970. A periferia das grandes cidades passa agora a ser o espaço de atuação destas lideranças religiosas. Em 1975, ocorre o 1º Encontro Intereclesial Nacional de CEBs, na cidade de Vitória, no Espírito Santo, considerado um marco divisor do fortalecimento das CEBs nacionalmente, em termos de unidade e apoio. Vários religiosos decidem-se por atuação na periferia das cidades brasileiras e Irmão Antônio dirige-se à Região Metropolitana de Porto Alegre, mais especificamente, no Bairro Mathias Velho. Trata-se de um projeto nacional de ações comunitárias.

Inicialmente, Irmão Antônio tem contato com um casal de rezadores, Roberto e Carmem, oriundos da cidade de Criciúma, estado de Santa Catarina, pessoas religiosas e analfabetas. Este contato é facilitado pelo pároco da igreja do Bairro Harmonia, que conhecia

os rezadores. Irmão Cechin passa a freqüentar as reuniões de oração organizadas pelo casal e também a colaborar com eles.

Irmão Antônio valoriza a religiosidade popular e a entende como expressão das convicções culturais do povo pobre e simples. É nessa perspectiva que o religioso inicia seu trabalho de formação: a partir das expressões espontâneas da religiosidade popular. Envolvendo-se com o povo humilde, articula suas demandas sociais de forma coletiva. A partir do projeto cristão de justiça e igualdade, vincula a *Bíblia* com a realidade da vida e atualiza a mensagem religiosa com as condições sociais do “Povo de Deus”. Estes aspectos são relatados por Irmão Antônio Cechin:

Na parte mais baixa do bairro Matias Velho havia um casal de rezadores, Roberto e Carmem (ele aposentado das Minas de Carvão de Criciúma / Santa Catarina). Foi meu primeiro contato na Vila Cerne. Fui à reza do terço, num grupo liderado por estes rezadores, uma forma também de união para resolver as dificuldades do povo. Eles rezavam o terço, de forma truncada, entre dez ave-marias e um pai nosso faltava a leitura bíblica dos mistérios da vida de Cristo. Mas como eram analfabetos e não sabiam ler, a filha deles ajudava, pois sempre tinham a Bíblia aberta na casa. Após a reza de vários terços, aos poucos partimos para ações mais concretas. Com base na questão da Bíblia para o povo, juntava um outro grupinho [e] durante a conversa entre eles rolava o chimarrão. Havia um grupo das mulheres, onde uma mulher tinha a preocupação de onde deixar as crianças. [...] Vi uma conversa em que uma das mães precisava ir ao posto de saúde. [...] Logo depois da reza do próximo terço, foi feita uma programação, rezava e levantava questões [...] tinha a questão da aposentadoria de um guarda em dificuldades [...] outro fato como exemplo era um mãe com filhos com necessidades especiais, três crianças. [...] Assim depois de várias reuniões, fizemos uma avaliação e começamos encontrar solução para pequenas dificuldades do povo (Entrevista de Irmão Antônio Cechin e Matilde Cechin ao Autor, abr., 2011).

Destaca-se no seu relato o modo como ele se insere com os rezadores e os demais cristãos: auxilia na leitura dos mistérios de Cristo e passa a identificar os problemas vividos por cada um. Identifica os problemas das mulheres (o cuidado com os filhos), dos velhos (as aposentadorias) e os vai articulando com passagens bíblicas. Irmão Antônio cria laços fraternos com os moradores que vêm rezar com *seu Roberto e dona Carmem* e, desta forma, inicia um lento processo de formação de líderes populares no Bairro Mathias Velho.

Irmão Antônio tinha (e tem ainda) consciência da necessidade de uma mística para impulsionar a luta comunitária e a mobilização das massas populares. Em 1977, ele sabia da necessidade “de uma Mística de luta muito forte que pudesse concretizar no cotidiano o dinamite escondido na *Bíblia*. Andávamos necessitados de uma espiritualidade libertadora” (CECHIN, 2005).

Nesta época, Irmão Antônio está atuando no meio rural, quanto na periferia de Canoas, na Vila Cerne e no Bairro Mathias Velho, motivando e organizando o povo humilde – muitos

deles, migrantes recém chegados do campo. No Natal de 1979, esta população inicia um processo de ocupação na Mathias Velho. Irmão Cechin serve de interlocutor, para encaminhar as demandas e soluções dos problemas da comunidade. A confiança no trabalho desse religioso e a união das pessoas eram elementos importantes para a organização popular. A união popular, sedimentada pela fé religiosa, deu suporte para a principal referência do movimento comunitário no Rio Grande do Sul.

A experiência formativa política e religiosa do Irmão Antônio Cechin, como liderança popular é fundamental para entendermos o processo de organização comunitária no Bairro Mathias Velho, na cidade de Canoas, região metropolitana de Porto Alegre, durante a Ditadura Militar Brasileira e o processo de redemocratização. As Comunidades Eclesiais de Base são o eixo formativo desta experiência, fornecendo a consciência crítica sobre a realidade social à luz de leituras bíblicas. As Comunidades são as motivadoras das ocupações, ao formularem um discurso que coloca a terra como local de moradia e trabalho, local abençoado por Deus, sem cercas, sem propriedade privada nem opressão, conforme indica a *Bíblia* ao comentar a sociedade tribal dos antigos hebreus.

A experiência das CEBs torna-se historicamente importante, na medida em que articula um contingente populacional na busca de trabalho e renda, tendo na fé religiosa a base da organização popular, com a luta social e política.

Neste sentido, usamos como ilustração a foto abaixo. Na foto, podemos observar Irmão Cechin auxiliando os violeiros a tocar seu instrumento, tornando-se ele também um instrumento para que as manifestações populares possam existir plenamente. O viola, o canto, a fé, a leitura da *Bíblia* e as lutas populares, várias dimensões do mundo sócio-cultural das classes populares vão se entrelaçando para originar um novo movimento social e uma nova configuração religiosa.



Imagem nº 11.

Fonte: Acervo pessoal de Matilde Cechin

Nesse momento (segunda metade da década de 1970), os migrantes chegam à Região Metropolitana de Porto Alegre, em especial no município de Canoas, e também as CEBs se organizavam no Estado. A união popular, forjada a partir das mulheres organizadas em clubes de mães, que na partilha e na prática solidária exercitam o trabalho coletivo, deu suporte para o início do movimento comunitário. Um desafio para os moradores, conforme relata Antônio Cechin:

Em 1979 tinha havido o primeiro encontro de CEBs no Rio Grande do Sul em São Gabriel. Nós tínhamos já uma caminhada. As famílias eram de todo o interior do estado, como Camaquã e Rio Pardo, e também de Santa Catarina. Com a migração, buscavam trabalho no Pólo Petroquímico. O povo se espalhou nas ruas, nas pontas de estrada e a região se encheu de gente. Nessas famílias, de manhã, os maridos ia trabalhar no Pólo, enquanto as mulheres ficavam em casa (Entrevista de Irmão Antônio Cechin e Matilde Cechin ao Autor, abr., 2011).

Desta maneira, aproveitando os feriados do Natal daquele ano, deu-se a tomada dos terrenos pelo “povo humilde”. O trabalho iniciado por Antônio e Matilde transborda da organização das mulheres e se dirige para a ocupação organizada de terrenos para moradia. Como dissemos acima, algumas famílias já moravam na área e o que foi feito foi à ocupação sistemática do espaço.

Identificar, porém, a criação dessa organização mais complexa que possibilitou a ocupação dos terrenos tem sido o desafio da pesquisa que realizamos. Supomos que outras organizações atuavam e colaboravam. Segundo o testemunho de Irmão Antônio e Matilde, o movimento social com características comunitárias originado das CEBs foi ganhando dinamismo, autonomia e sabendo colocar – e realizar – tarefas cada vez mais complexas.

No Natal de 1979, simbolicamente, os carroceiros, trabalhadores humildes numa área industrial como Canoas – com a Refinaria Alberto Pasqualini já consolidada, com as obras do Pólo Petroquímico em curso –, tomaram a dianteira da ocupação. Como vemos na imagem nº 12, abaixo, nas carroças estava uma faixa com os contundentes dizeres: “*Jesus ocupou uma gruta. Nós ocupamos esta terra.*” A luta da comunidade – a ocupação de uma propriedade privada – estava respaldada na história bíblica: o nascimento de Jesus Cristo. A Sagrada Família em peregrinação para Belém e a ocupação de uma gruta para passar a noite eram ressignificados à luz do drama dos migrantes do século XX. Os migrantes que chegavam ao Mathias Velho também buscavam um chão para morar.

Esta mística, aliada às lutas cotidianas, é evidenciada na ocupação da Vila Santo Operário, como podemos perceber na foto:



Imagem nº 12.

Fonte: Acervo de Matilde Cechin.

A mística está relacionada ao mistério da eterna busca do conhecimento, inclusive de caráter científico, e do sentido existencial do ser humano. A mística está ligada à vida. É um conceito que se refere à adesão apaixonada e ao devotamento a ideias e valores. Na forma

como é empregada pelas lideranças político-religiosas, não se refere às realidades ocultas que não podem ser explicadas racionalmente. A mística identifica envolvimento com a esperança – no caso das classes populares, a esperança de uma vida digna e um mundo melhor para todos – e com a certeza da transformação da realidade.

Do ponto de vista religioso, a Teologia da Libertação procura dar um sentido concreto à esperança. Assim, podemos identificar uma base argumentativa para as ações transformadoras: a “mística”. A mística é motivadora de fé religiosa e impulsionadora para uma saída da posição passiva e ingresso no campo da ação e da busca concreta por melhores condições de sobrevivência. Uma força interior inerente a todo ser humano em busca de algo que possa lhe dar um sentido à existência. Uma angústia humana e religiosa em busca de explicação e sentido para a existência. É a procura por mais dignidade e justiça aos seres humanos, como evidencia Boff:

Procuram descobrir em si as várias dimensões do mistério da vida e os níveis de profundidade da indagação humana. Identificam aí os grandes sonhos e visões de um mundo novo e de relações humanas e sociais mais benevolentes e amorosas que povoam nosso imaginário e que, de tempos em tempos, incendiam nossos corações (BOFF, 1994, p. 11).

A força desta mística, dentro de uma visão libertadora, é histórica. Os cristãos vivem a sua presença, na medida em que estabelecem um compromisso com o bem comum, de modo especial com os deserdados da sociedade que sofrem discriminação e opressão. Dentro dessa visão, quanto mais a sociedade for justa, solidária e fraterna, maior a proximidade com a utopia cristã, cuja realização definitiva seria na eternidade (Reino de Deus⁹). Neste sentido, relações políticas que oprimem os seres humanos como o capitalismo, que não alteram as injustiças sociais e econômicas e deixam os pobres à própria sorte, regimes dessa natureza seriam contrários aos ideais cristãos, não tanto pelas suas consequências, mas por seus princípios.

A Teologia da Libertação procurou unir a mística cristã ao combate às injustiças, abrindo espaço para a ação dos católicos progressistas junto às camadas populares na luta por direitos sociais e humanos. Dessa maneira, as ações da Igreja passam a ter desdobramentos sociais e políticos, como analisam os historiadores Mauro Passos e Lucilia Delgado:

A participação dos católicos nos movimentos sociais e políticos foram-se tornando significativa. Um ar de desorientação e revolta invade diversos setores da sociedade.

⁹ “O Reino de Deus é a transformação radical das pessoas e do Universo. É a civilização do amor. O fim de todas as formas de injustiças. [...] Esse Reino não está ainda completamente realizado na história, mas foi realizado por Jesus, que plantou seu germe entre nós. Essa semente cresce no mundo sem que a gente perceba: em todo lugar onde a justiça vence a injustiça, a liberdade vence a opressão, a vida vence a morte” (BETTO, 1991, p. 39).

[...] Os fatores de mudança social, econômica, política e religiosa são amplos e complexos. [...] As mudanças vão-se inscrevendo em vários países latino-americanos de formas diferentes. [...] O principal interlocutor, para diversos setores da Igreja, passa a ser a sociedade civil. [...] Esse processo possibilitou a aproximação entre Igreja e várias manifestações culturais, a expansão da ação social e, ainda, uma compreensão mais ampla desse exercício, reforçando, assim, sua aliança com as camadas populares. Essa nova articulação fez com que o catolicismo se colocasse ao lado dos grupos na luta pelos direitos sociais e humanos. No entanto, as posições são múltiplas dentro da Igreja. A polarização também se fez sentir na hierarquia religiosa e junto aos leigos (DELGADO; PASSOS, 2009, p. 104-5).

Entendemos que o trabalho político-religioso de Irmão Antônio e Matilde tem sua grande força nessa capacidade de articular verdades bíblicas com as demandas das camadas populares. Para isto, é muito importante a observação de Irmão Antônio quanto às famílias: elas vinham do interior, onde era viva a tradição religiosa católica.

No Bairro Mathias Velho, “o povo foi muito e a organização boa”, como apontou um site luterano, fazendo o histórico da Vila Santo Operário:

Da noite pro dia germinavam, como brotando do chão, dezenas de barracos ao lado dos que já estavam plantados firmemente. Havia comissões para coordenar as atividades: os terrenos eram demarcados, as ruas eram traçadas; em seus aspectos externos essa vila em nada perde para qualquer loteamento feito por engenheiro. Água e luz foram imperativos para a Prefeitura, evidentemente precisavam ser conquistados, como tudo na periferia (TREIN, s.p., 1989).

Os terrenos foram ocupados de forma planejada – e isto é sempre lembrado por todos que participaram do movimento ou conheceram a ocupação posteriormente. Rapidamente as ruas foram traçadas, os terrenos demarcados e feita a construção de casas de madeira. Valas para esgoto foram abertas, e água e luz puxadas das áreas limítrofes. Segundo o relato de moradores antigos e de militantes políticos, era uma ocupação organizada, “profissional”. Parecia feita por engenheiros, como está no texto citado acima.

Na foto nº 11, vemos Irmão Antônio com violeiros e cantores populares, organizando os cantos capazes de motivar a ação. Sua principal tarefa nos parece ter sido a de criação da mística religiosa capaz de motivar os homens, concretizar “o dinamite escondido na *Bíblia*”, como ele escreveu. No processo de consolidação da ocupação de terras, é fundada a Associação dos Moradores da Vila Santo Operário. Em janeiro de 1983 é criado o Boletim da Associação e nele lemos que os moradores foram recebidos pelo Prefeito de Canoas. Na audiência com o Prefeito, tratou-se do fornecimento de água e luz, mais conserto das ruas e, principalmente, das áreas que alagavam com as chuvas. A associação estava reivindicando condições básicas de infraestrutura e forçando a autoridade municipal a resolver uma situação complexa do ponto de vista legal: atender a um bairro que foi fruto de uma ocupação.

O Bairro Mathias Velho, em Canoas, adquire importância para as CEBs, pois ali o movimento social comunitário se articulava de forma efetiva com o projeto político-religioso da Nova Igreja e produz conquistas sociais.

O sociólogo, padre redentorista e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Rio Grande (UFRGS), Pedrinho Guareschi, participou no início do processo de organização na Vila Santo Operário. Sua contribuição foi de animar e celebrar a vida na comunidade que estava nascendo, além de ajudar a medir os primeiros lotes para as futuras moradias. Pedrinho Guareschi fala da importância das CEBs e a importância do estudo das crenças pelo historiador na formação popular:

Há um fator que não se compra, não se vende, que é a dimensão do gratuito. Acho que aí que as Comunidades Eclesiais de Base tiveram sua palavra. Penso a palavra, hoje, porque ela está presente quando eu começo qualquer reunião nas vilas. É essa dimensão do gratuito que transparece. Eles querem ir lá para se encontrar, pra rezar, pra pedir graça, pra pedir socorro, às vezes e também pra festar, para dançar, porque toda a reunião também tem o seu baile e isso é um pouco que o se começou lá na Santo Operário. [...] a gente vê que eles se organizaram como povo e fizeram história. [...] daquilo então um historiador não pode esquecer, dessa dimensão, mas é uma dimensão pouco estudada e pouco resgatada. O mal das ciências modernas é que estudaram o cognitivo, estudaram mil coisas, se esqueceram de estudar as crenças. Desde o começo a gente percebia que eram exatamente os líderes das várias situações que começaram também a marcar presença aí na capelinha, nas reuniões. Era a hora que se planejava a luta, se planejava briga [...]. Agora o que vamos fazer? Vinham os planos, temos que fazer isso, fazer aquilo. Então essa junção da celebração e da ação que é exatamente o ver, julgar e agir. Foram várias capelinhas que foram dando cria por lá (Entrevista de Pedrinho Guareschi ao Autor, 2011).

Em 1981, na Capela Nossa Senhora da Luz, na Vila Santo Operário, ocorre um encontro das CEBs. O povo procura relacionar os nomes a fatos concretos de sua História, como a conquista de luz elétrica para os moradores, que pode ser observada na seguinte foto:



Imagem nº 13.

Fonte: Acervo pessoal de Matilde Cechin.

A construção de alternativas para mudar a sociedade, tendo a fé religiosa como base, é um novo paradigma social e político, alicerçado na organização coletiva, na qual os pobres e excluídos são protagonistas centrais, com o apoio de lideranças político-religiosas.

A experiência das CEBs teve como prática o exercício da fé cristã, lutar através das pastorais sociais da Igreja Católica e dos movimentos populares por justiça e fraternidade. Esta prática proporcionou uma força popular que originou diferentes movimentos sociais brasileiros, como por exemplo, o movimento por habitação por emprego e renda, base do movimento comunitário no bairro Mathias Velho, em Canoas. Neste sentido, os pobres não são mais objetos de caridade, mas sim sujeitos transformadores da História.

A liderança da educadora popular Matilde Cechin é destacada na organização comunitária e das CEBs de Canoas. A participação dessa liderança feminina com sua formação e sensibilidade identificava-se com a expressiva participação das mulheres, como se vê na foto a seguir numa reunião de CEBs, em que a educadora popular Matilde – que está no primeiro banco, à direita – coordena a reunião com ampla participação de mulheres.



Imagem nº 14

Fonte: Acervo pessoal de Matilde Cechin.

A força e testemunho do Irmão Antônio Cechin e a participação da educadora Matilde Cechin, além da rede de comunidades com a participação dos Freis Capuchinhos dão o suporte necessário para viabilizar a organização popular. Pilato Pereira corrobora sobre a importância do Bairro Mathias Velho para as CEBs:

Na época, todas as comunidades de base ligadas às paróquias Sagrado Coração de Jesus, do Bairro Harmonia, e São Pio X, do Bairro Mathias Velho, constituíam uma rede de comunidades. No início, quando Antônio e Matilde foram morar no centro das comunidades, o local tinha o espaço da residência e um espaço para acolher pessoas que vinham de vários lugares do Brasil para conhecer a rede de CEBs existentes em Canoas. E também era o local de encontro e formação de lideranças (2009, p. 101-2).

Canoas vivia um processo de crescimento populacional e o Bairro Mathias Velho era emblemático dessa situação: alvo de migrantes vindos do campo, esperançosos das oportunidades oferecidas pelos grandes centros urbanos. Mas a realidade era bem outra. As carências que as famílias dos migrantes passavam a viver eram enormes e foi com essa população que Antônio e Matilde escolheram trabalhar. Eles iniciaram suas atividades com rezadores analfabetos e logo partiram para organizar as mulheres em clubes de mães.

Na memória coletiva dos moradores, há uma referência constante ao trabalho dos frades capuchinhos, que administram até hoje a paróquia do bairro. Os moradores foram tocados e transformados pela mensagem dos líderes religiosos. Uma nova consciência surge a

partir da integração dos moradores ao projeto das CEBs, um novo paradigma é estabelecido, como expressa um dos moradores, Wilsolório de Souza:

Despertei a partir desse tipo de reflexão que os capuchinhos faziam. Era nessa linha da Teologia da Libertação. Era diferente daquela Igreja que eu me criei. Sempre fui católico, desde que nasci. Mas até cheguei [...] a suspeitar que Deus não existia. Com essa dúvida fiquei a vida toda, sofrendo muito [...]. Quando eu conheci a Teologia da Libertação, eu vi que as minhas dúvidas saíam porque era uma Igreja que denuncia e pede justiça na sociedade. [...] Em oitenta participei da Pastoral Operária. É a Igreja a serviço dos operários. [...]. Vendo aqueles trabalhadores se comunicar e se expressar, eu também achei que podia [...]. Ao chegar em Canoas, nós reunimos um grupo de casais de trabalhadores e, por quatro anos, todas as sextas-feiras refletíamos o Evangelho e a realidade da sociedade (PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2000, p. 58).

A participação dos freis capuchinhos se dá a partir das paróquias dos bairros Mathias Velho e Harmonia. Os freis realizam um trabalho pastoral impulsionado pela mística franciscana, com o apoio a luta dos menos favorecidos e por maior dignidade humana. O Frei Wilson Dallagnol, capuchinho e teólogo com doutorado em teologia dogmática pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, professor de Teologia Pastoral e coordenador da CPT do Rio Grande do Sul por cinco anos, morou na Vila Santo Operário no início do processo da primeira ocupação e hoje é o pároco da Paróquia Harmonia. Ele relata o seu envolvimento no movimento comunitário, a partir da mística franciscana:

Eu poderia dizer de antemão que nós freis fomos de certa forma forçados pela situação e pelo convite do Irmão Antônio a nos somar nessa luta. E porque nós estivemos presentes nessa luta do povo? Porque nós temos em São Francisco aquele que não contente com a sociedade do seu tempo, não satisfeito e não realizado, como pessoa humana dentro de uma sociedade feudal, de uma sociedade de senhores, sai da cidade de Assis, dos muros de Assis, e vai encontrar a sua realização junto aos pequenos agricultores nas baixadas. Fora dos muros, lá onde estão os pequenos agricultores, estão os leprosos, que a sociedade não aceitava dentro da cidade. Lá estão pessoas que tinham que viver por força da necessidade, de pequenos furtos para poder sobreviver. E eram considerados ladrões. E Francisco vai se misturar com esse povo aí. Pra nós também! Quem eram os leprosos? Quem eram os necessitados, os excluídos do tempo de Assis? E hoje, nós víamos que os necessitados eram aqueles que estavam ali, precisando morar, precisando ter um espaço pra viver. E, necessariamente, a nossa inserção junto ao povo foi dando condições a eles (Entrevista de Frei Wilson Dallagnol ao Autor, 2012).

Frei Wilson, ao mostrar a mística franciscana como motivação de sua ação, também fala que seu envolvimento na luta pelos direitos humanos negados, fortalece a ideia da libertação humana:

Eles, vendo a nossa presença, eles se sentiam legitimado no seu direito. [...] os freis estão com a gente, os padres estão com a gente. A Igreja esta conosco porque a nossa luta é justa. Quando se busca os direitos sociais, os direitos humanos negados; se está buscando aquilo que Deus deseja. É uma luta necessária, porque a vida está em perigo e a presença do religioso, a presença do sagrado ali, legitima a luta,

porque ao menos estão vendo que essa luta faz parte da sua libertação (Entrevista de Frei Wilson Dallagnol ao Autor, 2012).

Do ponto de vista dos agentes político-religiosos, Antônio e Matilde, que são o eixo de nosso enfoque, o resultado foi proveitoso. Plantaram a semente da organização e do trabalho comunitário e, no final da década de 1980, se retiraram do Bairro Mathias Velho. As comunidades eclesiais, por sua vez, continuam até hoje. Menos aguerridas que no passado (agora que estão asseguradas as conquistas, conforme afirmam as lideranças religiosas), mas ainda presentes e capazes de proporcionarem festas religiosas, como a da procissão de Nossa Senhora Aparecida, no dia 12 de outubro de cada ano. Uma procissão que atravessa a Mathias Velho e tem presença de diversas comunidades eclesiais, rezando, agradecendo e mantendo viva a chama do trabalho comunitário que assegurou benefícios para muitos.

3.3 Os Clubes de Mães

A organização popular possui duas vertentes que serviam de tática para a organização: de um lado a mística religiosa cristã, comum entre a população que vinha de municípios pequenos, mais intimista e não ligada diretamente a uma luta social ou política; de outro, uma consciência maior da complexa realidade que os cercava. Antônio e Matilde Cechin vão trabalhar essa religiosidade que os migrantes traziam e ressignificá-la. Além desse aspecto da mística, essas lideranças político-religiosas vão trabalhar no sentido de uma conscientização a respeito da situação sócio-política. Esta articulação, por sua vez, baseava-se no trabalho miúdo desenvolvido na comunidade da Mathias Velho, especialmente com as mulheres. Elas faziam colchões de trapos para o inverno e ao mesmo tempo criavam laços fraternos de solidariedade. Os colchões eram objetos necessários para o cotidiano e também expressão de uma rede de contatos, discussões, laços de fé e trabalho coletivo. Conforme Antônio Cechin:

Estabelece-se, após leitura de um trecho da Bíblia o que diz para nós, cada um lia um pedaço mais fácil, não solto, salmos ou fatos históricos. Após, cada um falava o que tocava nossos corações e que mais impressionou, e a partir daí vamos encostar nas nossas vidas e as questões de hoje [...], tudo isso era a preparação para a ocupação de famílias que viam do interior e não tinham como construir suas casas. A gente depois de fazer os colchões de trapos, tinha organizado grupos de novenas e grupos de famílias (ENTREVISTA COM IRMÃO ANTÔNIO, 2011).

Os laços de solidariedade e fraternidade evidenciados pelo Irmão Antônio Cechin, originam os chamados “Mandamentos da Partilha”, que, segundo Matilde Cechin, se tornam uma força significativa para a luta e a resistência das mulheres na periferia de Canoas. Lideranças são formadas recebendo funções de coordenadoras, como podemos ver no seguinte relato:

Mas realmente a coisa funcionou, quando, com acolchoado de trapos, a gente começou a reunir o pessoal de cima da rua. Que era os que vinham do interior e iam colocando suas casinhas, uma do lado ao outra, encostadas na cerca, do lado de fora. E com problemas de todo tipo [...] por exemplo, água. Água tinha, eles buscavam nos que tinham, que estavam assentados na frente. Que tinham comprado o terreno, etc. No começo era fácil lavar a roupa. Mas depois, quando era muita gente que corria para buscar água no vizinho, aí começou o grito: “Assim não dá. Eu tô pagando a água, tu não paga”, essa coisa toda. Aí então eu fiz um mutirão e limpei um poço, que era dos animais. Então aí tivemos mais tranquilidade pra ir organizando. Porque tu vê, as mulheres nas vilas estão o dia inteiro com as mãos dentro d’água. E as pessoas que vinham do interior realmente, o homem procurava serviço imediatamente, mas a mulher ficava cuidando dos filhos em casa. Não tinha essa coisa de mulher trabalhar, a questão de trabalhar fora (Entrevista de Irmão Antônio Cechin e Matilde Cechin ao Autor, abr. 2011).

O papel das mulheres é destacado por Irmão Cechin. Elas são o germen das CEBs e são incentivadas pela educadora Matilde. Os intelectuais – como Matilde, no caso da atuação junto às mulheres – ficavam juntos para ajudar na organização, mas as mulheres é que são as protagonistas do processo.

Nas suas reuniões, a força da iniciativa feminina teve como consequência a organização da Pastoral da Mulher Pobre.

O papel das mulheres é destacado por Irmão Cechin, as quais, por meio dos “Clubes de Mães”, geraram as CEBs. Para isto, funcionava a “Pastoral da Mulher Pobre”. Estes elementos de luta são afirmados por Antônio Cechin:

Trabalho comunitário, metodologia bíblica. Evangelho nos clubes de mães, início da ocupação, início da Igreja que já vinha para a periferia. As mulheres nas reuniões com intelectuais ao redor com cantos de luta. Três tipos de cantos: canto das avós mais conhecidos, cantos bíblicos e cantos de luta. Preparação para a ocupação propriamente dita, famílias extremamente pobres vindas do interior. No Natal de 1979. Durante a semana sozinho, percorria as casas, porta aberta, com chimarrão. Fazer reuniões de vizinhança como tática [...] para reuniões aos sábados [...] reuniões da comunidade [...] prestava-se serviço para encaminhar os problemas, jogos com as crianças, catequese das crianças e clube de mães, depois chamado pastoral da mulher pobre (Entrevista de Irmão Antônio Cechin e Matilde Cechin ao Autor, abr. 2011).

Se entendermos que as mulheres têm papel chave na dinâmica das CEBs (como, por sinal, sempre tiveram na História da Igreja), vemos que Matilde é figura central no desencadeamento dessas ações femininas. É ela quem coloca o “fermento”, ao enfatizar que o

comportamento das mulheres é comunitário, agrega pessoas e contribui para o “jeito novo de ser Igreja”.

Em Canoas, Matilde Cechin enfatizou as práticas das mulheres do bairro, as quais se reúnem nas suas casas, formam Clubes de Mães e, na sequência, Comunidades Eclesiais de Base. Como é o caso de dona Erondina (viúva recém chegada do interior, com filhos) que reúne mulheres para fazer acolhoados de trapos, na sua casa, e com isso dá origem à Comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na Vila Santo Operário (CECHIN, 1990, p. 11). Mulheres que, na perspectiva de nossos agentes político-religiosos, têm o “fogo comunitário despertado por Maria, seguidora fiel dos apelos do Espírito Santo”. Uma mística religiosa que acompanha os textos e depoimentos produzidos por Irmão Antônio e Matilde, e que registramos certos de que essa orientação religiosa forma uma das matrizes do movimento social que proporcionou a ocupação de terras na Mathias Velho.

Matilde Cechin começou seu trabalho dentro da perspectiva da “teologia das mulheres pobres” e as organizou em Clube de Mães. Como explicou em entrevista, passou a “dar uma metodologia” ao trabalho do irmão. A respeito da atuação das mulheres, Matilde escreveu:

O Evangelho entrou em nosso continente através de duas vertentes: a Missão [por meio das instituições religiosas] e a Devoção [desenvolvida pelo povo]. [...] Na esfera devocional, coube à mulher transmitir de geração em geração [...] as primeiras orações, juntamente com as primeiras práticas e representações religiosas. Daí ter sido ela a propulsora principal do Catolicismo Popular [...] (CECHIN, 1990, p. 8).

Os Clubes de Mães tornam-se a base a formação das CEBs, constituindo o cerne da organização comunitária e das ações reivindicatórias em um espaço público. O método utilizado nos clube de mães era semelhante ao Ver-Julgar-Agir. A ligação entre fé e vida, a visão libertadora cristã e o compromisso com a dimensão política da Bíblia evidenciavam “a mística ou a marca registrada da interpretação popular”. Os clubes seguiam os seguintes passos: uma reflexão sobre a realidade, o estudo da Bíblia e a vivência da comunidade de fé através de gestos concretos de amizade. Merece destaque elementos que vão ser fundamentais na aplicação do método:

[...] o primeiro livro é a natureza... a história... a realidade que nos envolve... a vida que vivemos. [...] Deus escreveu um segundo livro, que é a Bíblia. “Precisa ser lida com fidelidade ao texto e não de forma interesseira; precisa ser lida com mentalidade generosa e não avarenta; precisa ser lida nas linhas e entrelinhas, assim como fez Jesus, que usou a Bíblia para interpretar os fatos da vida. [...] A interpretação da Bíblia “deve ser feita a partir do povo crente e oprimido que hoje busca a sua libertação” (TREIN, 1993, p. 86).

A autonomia conquistada pelos moradores das Associações de Bairro torna-se necessária, pois um espaço é o da formação (CEBs) e o outro espaço é o da reivindicação (associação de moradores). Esta experiência não é um fato isolado, mas uma ação que ocorre em várias regiões do Brasil, durante a Ditadura Militar, num contexto gerado pelo arrocho salarial, pauperização das classes populares e especulação imobiliária. A socióloga Maria da Glória Gohn descreve esse período histórico:

O novo movimento de bairros no Brasil surge na década de 70, nos anos agudos da repressão, 1972 e 1973. Ele surge articulado às novas práticas da Igreja Católica, principalmente no clube de mães das paróquias. A situação de carência gerada pelo arrocho salarial e a pauperização dos recém-formados bairros periféricos gerados pelo mecanismo de especulação imobiliária e expulsão para novas áreas foram os germes iniciais da aglutinação das camadas populares. A falta de espaço para discutir problemas e o medo da repressão fizeram com que o manto da Igreja tornasse a saída possível na busca de soluções para as questões cotidianas. À medida que os novos movimentos urbanos foram se formando em nível local, eles foram se desvinculando da Igreja, embora continuassem a usar o espaço físico desta. Desenvolveram-se dois tipos básicos: um de comunidades de base, reivindicatório, e outro, de Comunidades Eclesiais de Base da Igreja, voltadas para questões mais litúrgicas. Esta diferenciação foi mais marcante nas paróquias dirigidas por padres que ficaram a meio caminho entre a moderna teologia da libertação e a Igreja tradicional (GOHN, 1991, p. 53-4).

A grande diferença social e econômica da sociedade brasileira, na qual a riqueza econômica de poucos e a pobreza da maioria, é percebida em termos religiosos, como uma ofensa a Deus. Nessa visão teológica, o capitalismo é excludente, que mantém uma situação de desigualdade social e injustiça inaceitáveis. Os cristãos, então, têm a responsabilidade de conhecer e denunciar essas contradições. O horizonte sócio-político, porém, é a comunidade cristã construída nos primórdios do cristianismo. A democracia é uma aspiração e um elemento de agregação aos outros movimentos sociais e políticos de oposição à Ditadura Militar. Uma democracia que deve ser construída de forma coletiva em todas as esferas da sociedade, para que o ser humano não se torne objeto do lucro e nem o consumismo seja o ideal a ser alcançado.

Desta maneira, as propostas dos movimentos sociais inspirado pelas CEBs estavam de acordo com uma nova concepção de democracia, que se desenvolve no século XX:

As novas orientações históricas estavam em harmonia com o ambiente intelectual e político. O advento da democracia política e social, o impulso do movimento operário, a difusão do socialismo dirigiram o olhar para as massas. A compaixão pelos deserdados, a solidariedade com os pequenos, a simpatia pelos “esquecidos da história” inspiravam um vivo desejo de reparar a injustiça da história para com eles e restituir-lhes o lugar que tinham direito (RÉMOND, 2003, p. 19).

O processo de fortalecimento de uma visão progressista de aproximação dos católicos com políticas de esquerda é um elemento recente na Igreja Católica. Uma tendência em vários países do Ocidente e também no Brasil:

O fenômeno recente que data de meados dos anos 60 é o afastamento de uma parte dos católicos praticantes das organizações de direita. Um em cada quatro aproximadamente vota hoje nas formações de esquerda. O fenômeno é difícil de interpretar, e está sem dúvida ligada a evolução da sociedade e da Igreja (COUTROT, 2003, p. 353).

A formação de lideranças populares que vão representar as conquistas de uma população que age coletivamente.

3.4 Organização e Consolidação do Movimento Comunitário no Bairro Mathias Velho

O processo de desenvolvimento industrial é a grande meta de muitos trabalhadores rurais, que almejam chegar tanto na capital como em outros pólos, para procurar emprego nas indústrias. Os trabalhadores rurais, junto com suas famílias, transferem-se para os centros urbanos, com a esperança de mudar de vida, vislumbrando novos horizontes. A possibilidade de encontrar uma vida melhor, superando as dificuldades da vida rural, no entanto, não é uma possibilidade concreta para a maioria, especialmente na conjuntura econômica das décadas de 1970 e 1980.

Lutadores sociais cristãos, com sua visão progressista, vão morar na região ocupada pelos migrantes, dando uma contribuição importante a esses grupos populares. Esta experiência de relação direta entre intelectuais orgânicos (religiosos) e o povo são elementos fundamentais para a construção das CEBs.

A prática dos lutadores sociais e a inserção nas periferias são fundamentais tanto para vivenciar o cotidiano dos pobres (um dos objetivos da mística cristã) como para colocar em prática os valores da justiça e da solidariedade. A união popular era a meta dessas lideranças.

A Teologia da Libertação visa, para a concretização do seu projeto, a organização de movimentos comunitários, os quais resultam em movimentos sociais, como os que identificamos no Bairro Mathias Velho. Esses movimentos almejam a transformação da realidade adversa ao Povo de Deus, ao reivindicar os bens essenciais à vida, negados pela sociedade capitalista. A auto-organização é fundamental para isso, evitando dessa maneira as práticas assistencialistas e paternalistas.

O resultado são as várias organizações populares oriundas desse movimento social de inspiração comunitária e religiosa. A experiência mostrou que a organização popular tem força, na medida em que encontra meios para atingir seus objetivos organizativos e também espirituais. Entre as conquistas populares, entre os anos de 1975 e 1988, podemos destacar a Associação de Moradores, o Clube de Mães, a Horta Comunitária, a Associação Beneficente Educadora Creche Vó Maria (na Vila Santo Operário), a Cooperativa dos Mecânicos (COOPERCAR), a Associação dos Carroceiros e Catadores de Material da Vila União dos Operários (premiada pela ONU) e os Fornos Comunitários do Bairro Matias Velho, cujo destaque é dado pelo jornal *O Timoneiro*, em 1986, conforme vemos abaixo:



Imagem nº 15

Fonte: Acervo pessoal de Matilde Cechin

Os fornos comunitários foram uma iniciativa que congregou várias comunidades na preparação e na partilha do pão. Entre as comunidades envolvidas podemos citar: Comunidade Nossa Senhora Aparecida, Divino Mestre, Nossa Senhora dos Romeiros, Sagrada Família, Nossa Senhora de Fátima, Jesus Operário, Perpétuo Socorro, Espírito Santo, Nossa Senhora da Luz, São José Operário e São Pio X. Cada comunidade está distribuída em dez grupos internos, com cinco senhoras cada, para elaborar o pão. A partilha do alimento abarca cerca de setenta grupos participantes, com cerca trezentos e cinquenta senhoras e

também um cerimonial religioso. A leitura bíblica de novo se faz presente na ação comunitária de fazer o pão.

As CEBs formam o núcleo do movimento comunitário, contribuindo essencialmente na dimensão formativa e mística. Mas são em outras estruturas da sociedade que os moradores têm seu espaço de ação política, como as associações de moradores, os sindicatos e os partidos políticos. A formação e a mística desenvolvidas pelas CEBs, no entanto, são pensadas como garantias da independência e autonomia dos movimentos populares, garantia também da participação não apenas de católicos mas de uma ampla pluralidade religiosa. A Igreja Católica dá o suporte teórico-religioso, metodologias de formação e prática, como evidencia o sociólogo Pedrinho Guareschi:

O religioso é um fator indispensável na organização popular. Foi aí que as comunidades de base ajudaram muito, porque houve um tempo que o religioso é que comandava, na década de 70. Todo mundo se refugiava em baixo da “umbrela” da Igreja, todos os partidos. Mas foi na década de 80, com a abertura [política e a redemocratização], que as próprias comunidades de base perceberam que elas não podiam mais ser o centro. Que precisava investir no sindicato, na associação de bairros, em outras instâncias. Uma vida é muito mais que o católico, o sindicato deve ter sua autonomia, o partido político a sua autonomia, e assim a vida ser constituída em várias instâncias. Mas eu diria que o religioso é o primeiro local que chega e congrega a turma (Entrevista de Pedrinho Guareschi ao Autor, 2011).

O processo iniciado pelas CEBs, pela Teologia da Libertação, conforme vimos analisando até aqui, se consolida ao longo da década de 1980. O movimento comunitário impulsionado pelas CEBs se desdobra numa variedade de movimentos sociais, com conquistas efetivas e concretas – como vimos realizar-se no Bairro Mathias Velho – especialmente com a ocupação de terrenos e formação de vilas populares.

Entendemos que as CEBs foram o espaço de articulação política e religiosa que possibilitaram os movimentos sociais do Mathias Velho. Fé, vida e política se congregam nas reflexões e práticas desencadeadas por agentes político-religiosos. Este é o propósito dos desses agentes motivados pela Teologia da Libertação. Realizada essas ações, eles se retiram do Mathias Velho, certos de que o Povo de Deus encontrou o seu caminho. Ou, seja qual for o caminho que resolva trilhar, este se encontra alicerçado num projeto de autonomia e de raízes cristãs.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Há aqueles lutam um dia e por isso são bons;
Há aqueles que lutam muitos dias
e por isso são muito bons;
Há aqueles que lutam anos e são melhores ainda;
Porém, há aqueles que lutam toda a vida.
Esses são os imprescindíveis.”
Bertolt Brecht*

Nesta dissertação de mestrado, foi historiada e analisada a formação das CEBs, no Rio Grande do Sul através da experiência de uma organização comunitária no Bairro Mathias Velho, em Canoas, entre os anos de 1975 e 1988. Um processo que ajuda a entender as relações entre a Igreja Católica e os movimentos sociais. Ou, se parecer exagero falar na instituição Igreja Católica como um todo, falemos de relações entre os setores progressistas da Igreja, informados pela Teologia da Libertação, e as lutas populares.

No caso do Bairro Mathias Velho, as CEBs dão origem a movimentos que realizam ocupações urbanas – a maior ocupação urbana no Rio Grande do Sul até então – que ocasionam a formação da Vila Santo Operário e da Vila União dos Operários, hoje consolidadas. Uma caminhada de lutas e conquistas dos moradores do bairro.

Os aportes teóricos de formação das CEBs são oriundos da Teologia da Libertação. Esses aportes fornecem a base para a resistência popular, a organização popular e projetos de transformação social e política.

Investigando a formação das CEBs e suas lutas no Bairro Mathias Velho, verificamos que se dá a pretendida ligação entre Mística e Ação, Fé e Vida, Bíblia e História, Igreja e Sociedade, pobres e libertação, conforme pretendem os agentes político-religiosos Antônio e Matilde. A mística elaborada a partir do exemplo de Sepé Tiarajú, líder guarani contra as tropas de Portugal e Espanha, motiva as classes populares do Rio Grande do Sul contemporâneo à ação política. A fé religiosa entrelaça-se com os dramas cotidianos das famílias migrantes que chegam ao Bairro Mathias Velho e possibilita a construção de alternativas para a vida do “Povo de Deus”. Os dramas apresentados pelos textos bíblicos se mostram presentes no cotidiano e nas lutas dos moradores do bairro e servem como um norte para as suas lutas. A Igreja se constitui junto aos leigos, às classes populares, e se reconstrói conforme a proposta inovadora da Teologia da Libertação: uma nova Igreja para os pobres da América Latina. Os pobres, os excluídos em geral, encontram caminho para a sua libertação – ou, ao menos, a sua possibilidade de esperança.

Para os militantes religiosos do Rio Grande do Sul, a experiência comunitária do Mathias Velho permanece como referência. Os eixos de luta visando uma vida digna, a organização inicial para a busca por moradia, emprego e renda, mais água, luz e transporte coletivo, parecem ter se consolidado. Surgem clubes de mães, associações de moradores, fornos comunitários, hortas comunitárias, entre outras ações e práticas organizativas – todas elas acompanhadas de celebrações religiosas, como a que podemos presenciar durante o dia de Nossa Senhora Aparecida, em 12 de outubro de 2011.

Na ocasião, acompanhamos uma longa procissão pelo Bairro Mathias – da Igreja São Pio X até a Comunidade Nossa Senhora Aparecida – e constatamos a presença numerosa de população organizada, associações de moradores, grupos religiosos, lideranças sindicais e de partidos políticos, representantes da Assembleia Legislativa do Estado e da Prefeitura Municipal. Uma população numerosa congregada pela procissão, a missa campal e o almoço de confraternização. O resultado, entendemos, de uma construção religiosa, social e política que envolve grande parte da comunidade do bairro.

A proposta das CEBs, ao longo do trabalho, foi identificada como não apenas dirigida aos cristãos católicos, mas a todos que se congregam ao projeto organizativo, que se unem de forma solidária, em busca de justiça. Entendemos que a proposta das CEBs se concretiza nas comunidades do Mathias Velho.

As mudanças de diretrizes da Igreja Católica no Vaticano no final dos anos de 1950 e início dos anos de 1960 foram historiadas, bem como a influência que essas mudanças têm na América Latina, no Brasil e precisamente no Bairro Mathias Velho. O estudo do surgimento das CEBs e a opção evangélica preferencial pelos pobres foram identificados nesta pesquisa como a motivação para a ação dos agentes político-religiosos que atuam durante a metade da década de 1970 e a década de 1980 na organização de um contingente populacional no bairro referido.

Para entender a formação das CEBs, foi analisado o surgimento da Teologia da Libertação, base da orientação teórica das mesmas, tanto na América Latina, como no Brasil, até alcançar o Bairro Mathias Velho, em Canoas. As CEBs trouxeram novo alento aos movimentos sociais e políticos, pelo fato de partirem de uma base eclesial (Igreja), com reflexão informada pelo sentimento religioso e elaboração teológica original.

O cenário social e político de ditaduras militares na América Latina e no Brasil serviu de base para entender o papel e a força que a Teologia da Libertação e as CEBs tiveram, tanto no interior da Igreja Católica quanto na organização dos movimentos sociais, sindicais e políticos. O depoimento de lideranças destes movimentos no cenário brasileiro, no período

histórico estudado, ajudaram a entender a relevância que estes setores da Igreja Católica tiveram para que os movimentos populares e partidos políticos no Brasil tivessem a força necessária para fazer oposição à Ditadura Militar e colaborar na redemocratização do Brasil.

No campo da esquerda, o significado de unir uma orientação religiosa com um instrumental marxista para questionar e superar o capitalismo, entendido pela Teologia da Libertação como um sistema contrário aos princípios cristãos, mostrou uma guinada desses setores da Igreja – isto é, o rompimento de setores da Igreja em relação à tradicional postura conservadora da Instituição. No contexto da Ditadura Militar e da redemocratização do Brasil, esta luta comunitária está inserida no quadro mais amplo dos movimentos sociais combativos que atuam na vida nacional, estadual e local.

A conjuntura política marcada por ditaduras militares dentro do contexto da Guerra Fria, as CEBs marcam uma nova trajetória da Igreja na América Latina, especialmente no Brasil. O elemento agregador da força popular por mudanças está na profunda fé religiosa do povo, que encontra em setores da Igreja uma aliada em suas demandas. Muitos teólogos procuram teorizar uma alternativa dentro dos parâmetros cristãos, na qual a Igreja se torna mais evangélica e profética e, ao mesmo tempo, inspiradora dos cristãos para a luta em diferentes organizações por uma sociedade fraterna e solidária.

O trabalho do Irmão Marista Antônio Cechin e da educadora popular Matilde Cechin enquadram-se dentro desta perspectiva político-religiosa. A partir de 1975, eles passam a atuar no Bairro Mathias Velho. Personagens que simbolizam a intervenção de uma instituição milenar (a Igreja) em transformação. Personagens que operam para que a massa anônima dos setores subalternos da sociedade possam se tornar protagonistas de sua própria História.

Através desses agentes político-religiosos, entendemos que os setores sociais subalternos ingressam no campo da ação política. As CEBs são o instrumento e o eixo dessa participação, conforme se pode constatar nas formações comunitárias e, posteriormente, nas ocupações de terrenos e construção de moradias – hoje em áreas com razoável infra-estrutura urbana.

Essa experiência política se deu sob inspiração da fé. Fé religiosa que aspira justiça e fraternidade. Exemplo para os setores sociais que tem na Teologia da Libertação o seu norte de orientação política.

A experiência dos trabalhadores e suas famílias, ligada a luta e a consciência contra o processo de exclusão social são marcantes no movimento comunitário no Bairro Mathias Velho. Essa ação concreta com o aporte teórico-metodológico das CEBs torna-se referencial para os movimentos populares do Rio Grande do Sul.

As CEBs, por meio de uma prática pedagógica libertadora, oportunizam a conscientização dos moradores da periferia de uma região metropolitana, no caso do Mathias Velho, e indicam possibilidades de ação efetiva. Com isso, reforçam valores culturais e religiosos antigos – como a solidariedade, sempre presente nas práticas coletivas populares – e inauguram novas práticas políticas. De certa forma, disseminam um novo imaginário político e religioso, baseados nas práticas coletivas e fraternas.

Para que este processo popular se efetive – como de fato ocorreu no Bairro Mathias Velho, em Canoas – entendemos que a formação de cunho libertador foi o elo importante fundamental. Afinal, foi esta formação que uniu as CEBs e os moradores, que forjou a consciência da exploração e fez desses oprimidos protagonistas de um movimento comunitário combativo e de resistência a uma situação de adversidade social e política.

No Bairro Mathias Velho, em Canoas, a ação das CEBs ganha visibilidade ao promover a organização comunitária e a ocupação de terras para moradia. Atuação numa região de fronteira entre o rural e o urbano, num espaço conflitivo da sociedade capitalista, num momento de crescimento industrial (Pólo Petroquímico). Em sintonia com os valores culturais e religiosos da população humilde, as CEBs tanto fortalecem um movimento social quanto esboçam a construção de uma nova Igreja. A busca pela moradia, trabalho e renda, na perspectiva dos lutadores sociais cristãos, evidencia não só um processo de luta política, mas também a afirmação “do Povo de Deus em busca da Terra Prometida”. Um processo que afirma novos valores culturais em termos de religiosidade e ação coletiva.

A liderança formativa do Irmão Antônio Cechin e de educadora popular Matilde Cechin, a leitura bíblica unindo fé e vida, e a força das CEBs são elementos que deram a base para a organização comunitária em busca de seus direitos a uma vida digna. Esta experiência concreta em Canoas mostrou que a organização popular tem força, na medida em que encontra meios para atingir seus objetivos concretos, organizativos e também espirituais.

É importante destacar que a pesquisa historiográfica e a entrevista oral são aliadas no processo de desvendamento dos caminhos da História – principalmente quanto ao resgate das falas de seus atores sociais.

A inserção do Irmão marista Antônio Cechin, inicialmente na Vila Cerne, e depois sua participação importante nas ocupações da Vila Santo Operário e União dos Operários, revela uma estratégia de uma liderança que com sua base teórica de transformação social, oriunda das mudanças da Igreja, especialmente após sua experiência pessoal na prisão e tortura, revela-se um “testemunho evangélico radical em favor dos menos favorecidos”. Por outro lado, a educadora popular Matilde Cechin mereceu um destaque especial na pesquisa, pelo

fato de ter uma base de formação religiosa, semelhante ao seu irmão de sangue Antônio Cechin, e, especialmente, por ter sistematizado as intervenções entre a população. Matilde Cechin foi elemento chave na formação dos clubes de mães e na sistematização de diversas ações comunitárias. Vale também destacar que as inúmeras fotos, boletins e documentos utilizados nessa pesquisa, cedidos por esta educadora popular.

As CEBs, no Bairro Mathias Velho, são um exemplo de uma formação que procura mudar a visão não apenas religiosa, mas também política, pois na sua pedagogia as classes populares são tratadas como protagonistas de um processo comunitário, com lideranças e demandas próprias. Podemos identificar o papel dos agentes político-religiosos como formadores, desencadeadores de ações e posteriores apoiadores. São lideranças que se propõem “secundárias” diante da mobilização autônoma das classes populares. Agentes que utilizam seus conhecimentos teológicos, sociais e políticos a favor da organização popular.

Neste aspecto, a Teologia da Libertação, através das CEBs, procura conscientizar a população de que a religiosidade pode estar conectada com as pequenas e grandes transformações sociais, dentro dos parâmetros dos Evangelhos, em termos de libertação humana de todas as formas de opressão, seja social, cultura, política e até religiosa. Percebe-se, também, neste estudo que todos aqueles que denominamos de agentes político-religiosos possuem um testemunho de humildade e um espírito altruísta de trabalho.

Em termos evangélicos, estas considerações encontram sustentação na passagem evangélica que afirma que, para alcançar a vida eterna, o cristão deve seguir o exemplo de Cristo: tem que estar ao lado dos pequeninos, podendo ser identificado com os pobres. Toda a vez que um cristão socorre alguém que está preso, com fome ou nu, é ao próprio Cristo que está atendendo. Desta maneira, a Teologia da Libertação forma um quadro diferenciado de militante político: quadros abnegados e de grande firmeza espiritual.

É importante também destacar que a participação do advogado Jacques Alfonsin, cujo depoimento foi fundamental. Ele é figura significativa no processo de organização comunitária da população do Bairro Mathias Velho. Afinal, é com uma vitória na Justiça que esses novos moradores, oriundos das ocupações, podem permanecer em suas moradias e conquistarem melhorias através das associações de moradores, ganham o direito de posse e posteriormente o registro legal dos terrenos.

Cabe destacar também, como afirma o sociólogo Pedrinho Guareschi, que teve participação no processo, que o fator religioso foi um elemento indispensável na organização popular. As CEBs tiveram um papel importante, mas seus agentes perceberam que elas não são o centro de tudo e sim o povo, que deve investir em instituições como associação de

moradores e sindicatos, capazes de serem mais efetivos no campo econômico, social e político. Nesse sentido, podemos verificar que as CEBs cumpriram o seu papel formativo: os moradores do Bairro Mathias Velhos alcançam, por meio das CEBs, outro estágio de consciência e organização.

O depoimento do Frei Wilson Dallagnol, que morou na Vila Santo Operário, sendo um agente político-religioso que esteve ao lado das causas dos moradores, enfatiza um elemento religioso importante sobre o processo das ocupações ocorridas no bairro. De acordo com esse religioso, a motivação e a resistência para realizar as ocupações tiveram origem nas reflexões bíblicas. A maioria dos migrantes tem na sua formação religiosa cristã anterior a visão que a propriedade privada era sagrada, portanto deveria ser preservada, mas no momento que começam a ter uma nova formação cristã, em que os textos bíblicos apontam que as necessidades gerais do povo estão em primeiro lugar e Deus está ao seu lado, ocorre uma mudança de posição em relação ao uma conquista coletiva.

Esta posição também é compartilhada por Wilsonlório de Souza, liderança no processo de ocupação, que chega a afirmar que desconhecia esta nova visão da Igreja. Textos bíblicos que justificam as ocupações podem ser encontrados no *Gênesis* – Deus criou a terra para todos e não havia cercas, nem propriedade privada –, no *Êxodo* – quando Deus libertou o seu povo da escravidão dos faraós – ou nos *Evangelhos* – onde vemos que José e Maria eram migrantes, não tinham moradia, e seu filho nasceu em uma gruta ocupada.

A faixa elaborada pelos moradores, na ocupação iniciada no Natal de 1979, com a frase *Jesus ocupou uma gruta, nós ocupamos esta terra*, torna-se o argumento definitivo para ocupação. O próprio filho de Deus dos cristãos era um migrante, não tinha moradia e teve que ocupar uma gruta habitada por animais. Esta ligação entre a mensagem bíblica e a ação política contemporânea é, provavelmente, o “grande achado” da ação política desses agentes cristãos. Eles se movimentam no campo profano da política, na luta dos homens pelos bens necessários para vida, orientados por uma mística religiosa. A força moral desse *slogan* desfraldado na ocupação de 1979 é impressionante. Desarma os adversários, no nosso entendimento – na medida em que a História do Cristo é a referência essencial da Civilização Ocidental Cristã.

Na ótica das CEBs, a mística religiosa é o elemento aglutinador das práticas cotidianas e da luta social e política. Esta mística está endereçada ao “bem das classes populares” e se opõe “ao capitalismo e desagregador”.

A mística religiosa foi o elemento usado e fortalecido por Irmão Antônio Cechin na formação das CEBs, em Canoas, e também enraizada na caminhada das CEBs no Rio Grande

dos Sul, especialmente pela ligação entre Sepé Tiaraju e a luta dos sem terra e sem teto no campo e nas cidades do Rio Grande do Sul. A experiência do trabalho coletivo dos guaranis, com apoio dos jesuítas, também serviu para fortalecer a mística política religiosa da solidariedade e o uso coletivo da terra. Esta mística ligada aos índios fortaleceu a organização dos Trabalhadores Sem Terra (MST), que estiveram em Canoas na Romaria da Terra de 1984, para fortalecer a luta das ocupações.

Fotos deste evento fazem parte desta dissertação como fonte documental, trazendo presente a perspectiva das lutas dos movimentos sociais rurais e urbanos, muito presentes no Rio Grande do Sul neste período histórico. Vale lembrar que o MST, considerado o maior movimento social do Brasil, tem seu nascedouro em solo sul-rio-grandense, oriundo de várias lideranças ligadas as CEBs, especialmente da cidade de Ronda Alta, descrita na pesquisa pelo Irmão Antônio Cechin.

Percebe-se no presente estudo, o estabelecimento de uma relação fraterna entre a liderança religiosa do Irmão Antônio Cechin e da educadora popular Matilde Cechin com os moradores do Bairro Mathias Velho, em Canoas, na região metropolitana de Porto Alegre. Irmão Antônio e Matilde se fizeram presentes e solidários no cotidiano da população, por meio de uma concepção nova de Igreja: a Igreja enquanto povo de Deus. Encaminharam uma nova mística e espiritualidade cristã e, ao mesmo tempo, ações práticas para atender a demandas da comunidade.

Os cristãos que atuavam nas CEBs procuravam suscitar crítica e consciência sobre a estrutura social e política que os cercavam, apontando suas contradições e estimulando a transformação. Esta consciência crítica é estimulada por uma educação libertadora, cujo método Ver-Julgar-Agir confronta uma realidade de exclusão social. Esta nova postura da Igreja é exemplificada no Bairro Mathias Velho, em Canoas, no Rio Grande do Sul.

Em nossa abordagem, procuramos identificar a relação entre as CEBs e a organização dos moradores de forma comunitária, evidenciando uma experiência capaz de ligar o religioso, o social e o político na formação teórica de uma população que não possuía as condições mínimas para sobreviver. Nesse sentido, a presença dos agentes político-religiosos, especialmente Antônio e Matilde Cechin, dão a base necessária para uma ação coletiva que proporciona conquistas significativas. A possibilidade concreta de transformação social, de forma organizada, de uma região que inicialmente era uma lavoura de arroz abandonada e um antigo prado para um local de moradia, que hoje possui infraestrutura adequada: água e esgoto encanado na maioria das ruas, luz elétrica, ruas asfaltadas, transporte coletivo e casas dignas de moradia. Recentemente, os moradores da Vila União dos Operários receberam suas

escrituras, fechando um ciclo de conquistas, como é relatado por Ivo Fiorotti, ex-frei capuchinho atuante na vida comunitária do bairro e hoje morador na Vila União dos Operários, além de ser vereador em Canoas.

As CEBs no Bairro Mathias Velho são um exemplo de formação religiosa que procura mudar não apenas o religioso, mas também o mundo prático e político. Na sua pedagogia, as classes populares são tratadas como protagonistas de um processo comunitário, com demandas próprias que devem ser atendidas, com lideranças que devem disputar espaços na estrutura de poder.

Um dos objetivos desta dissertação de mestrado é relatar essa experiência histórica, identificando as diferentes motivações tanto dos agentes político-religiosos quanto dos moradores do Bairro Mathias Velho. Ocorreram transformações substanciais na vida e na formação de todos os envolvidos, evidenciando o papel das CEBs na dinâmica pessoal, religiosa e política das pessoas que se envolvem nesse projeto de reestruturação da Igreja e da sociedade. Igreja e sociedade se fazem juntas, indicam os agentes político-religiosos que enfocamos. Não há divórcio entre fé e vida. Idealismos e engajamentos a parte, é isso que procuramos evidenciar por meio de uma experiência histórica que refutamos fundamental.

Por meio de fontes documentais e depoimentos orais, procuramos delinear um fenômeno de organização popular, comunitária, de orientação religiosa, que entendemos significativo na História dos movimentos sociais do Rio Grande do Sul e do Brasil contemporâneos. Um movimento social marcado pela fé católica renovada a partir do Concílio Vaticano II, e, especialmente, pela “opção evangélica preferencial pelos pobres” estabelecida pela Conferência de Medellín. Fé e renovação contestada pelos novos ares conservadores da Igreja, mas, ainda sim, um marco e uma referência para muitos católicos e combatentes cristãos.

REFERÊNCIAS

- ALFONSIN, **Jacques Alfonsin**: depoimento [jul. 2011]. Entrevistador: Odilon Kieling Machado. Porto Alegre, 2011. Arquivo de gravador de voz digital. Entrevista concedida para trabalho de dissertação de mestrado.
- ANSART, Pierre, História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (res) sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, São Paulo: Unicar, 2001.
- BENICÁ, Dirceu; ALMEIDA, Antônio Alves. **CEBs**: nos trilhos da inclusão libertadora. São Paulo: Paulus, 2006.
- BETTO, Frei. **Batismo de sangue**: os dominicanos e a morte de Carlos Marighella. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- _____. **Catecismo popular**. São Paulo: Ática, 1991.
- BÍBLIA. 1990. **Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Traduzida em português por Ivo Storniolo. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1990.
- BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda**: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1995.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCI Nicola; PASQUINO Gianfrancesco. **Dicionário de política**. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.
- BOFF, Leonardo. **Seleção de textos militantes**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- BONOTTO, Cléo Adriano Sabadi. **Tendo a cruz por bandeira**: movimentos religiosos contra-hegemônicos na América Latina inspirando as histórias da formação e a prática de agentes religiosos em movimentos populares no Rio Grande do Sul (1970-1980). 2008. 103 f. Dissertação (Mestrado de Integração Latino-Americana) – Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2008.
- CAMARGO, Candido Procópio Ferreira de; SOUZA, Beatriz Muniz de; PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira. Comunidades Eclesiais de Base. In: SINGER, Paul; BRANT, Vinícius Caldeira (Orgs). **São Paulo**: o povo em movimento. Petrópolis: Vozes e CEBRAP, 1981.

CANCIAN, Renato. **A Igreja católica e a ditadura militar no Brasil**. São Paulo: Claridade, 2011.

CECHIN, Antônio. Histórico dos encontros interclesiais de CEBs do Rio Grande do Sul. In: **Revista Renovação**, Porto Alegre, n. 234, p. 2-9, mar.1990.

_____. Um pouco de história das CEBs no Rio Grande do Sul. In: **Clareando** – Informativo do 11º Encontro Estadual das CEBs/RS, nº 2, p. 3, abr. 2005.

_____. A Igreja dos pobres. In: PADRÓS, Serra Enrique; BARBOSA, Vânia M.; LOPEZ Vanessa Albertinence; FERNANDES, Ananda Simões (Orgs). **Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964 -1985): história e memória**. Porto Alegre: Corag, 2009. 2 v.

CECHIN, **Irmão Antônio; Matilde Cechin**: depoimento [abr. 2011]. Entrevistador: Odilon Kieling Machado. Porto Alegre, 2011. Arquivo de gravador de voz digital. Entrevista concedida para trabalho de dissertação de mestrado.

_____. **Irmão Antônio Cechin; Matilde Cechin**: depoimento [maio 2011]. Entrevistador: Odilon Kieling Machado. Porto Alegre, 2011. Arquivo de gravador de voz digital. Entrevista concedida para trabalho de dissertação de mestrado.

CECHIN, Matilde. A mulher na Igreja. In: **Revista Renovação**, Porto Alegre, n. 242, p. 07-11, mar.1990.

CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS. **Migrantes: êxodo forçado**. São Paulo: Paulinas, 1980.

COGGIOLA, Osvaldo. **Governos militares na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2001.

COMPÊNDIO DO VATICANO II: constituições, decretos, declarações. Frei Frederico Vier (Org.) Petrópolis. Vozes, 2000.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Pronunciamentos do Papa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. **Puebla, a evangelização no presente e no futuro da América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1983.

COUTROT, Aline. Religião e política. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

DALLAGNOL, Wilson. **As romarias da terra no Rio Grande do Sul**. 2 ed. Porto Alegre: Evangraf, 2009.

_____. Frei Wilson. Depoimento [jul. 2012]. Entrevistador: Odilon Kieling Machado. Santa Maria, 2012. Arquivo de gravador de voz digital. Entrevista concedida para trabalho de dissertação de mestrado.

DELGADO, Lucilia; PASSOS, Mauro. Catolicismo: direitos sociais e direitos humanos (1960-1970). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília. **O Brasil republicano: o tempo da Ditadura**. RJ: Civilização Brasileira, 2009. 4 v.

DIAS, Romualdo. **Imagens de ordem: a doutrina católica sobre a autoridade no Brasil (1922-1933)**. São Paulo: UNESP, 1996.

DUARTE, Adriano Luiz. Lei, justiça e direito: algumas sugestões de leitura da obra de E.P. Thompson. In: **Revista de Sociologia e Política**, 2010, v 18, n 36, jun. 2010.

DUSSEL, Enrique. **Teologia da Libertação: um panorama de seu desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1997.

FÉLIX, Loiva Otero; SILVEIRA, Daniela Oliveira, **Esqueceram porque as ditaduras não duram para sempre**. Passo Fundo: UPF Editora, 2004.

FERTIG, André. A história política: da história tradicional á história renovada. In: **Territórios e Fronteiras**, Cuiabá, PPG em História/UFMT, v. 2, n. 2, jul/dez 2009.

FIOROTTI, Ivo. União dos Operários: novas conquistas. (2011) In: www.discursosivo.blogspot.com.br/artigos-publicados-no-jornal-da-mathias. Acesso: 20/07/2012.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 20. ed. Petrópolis: Paz e Terra, 1994.

GASPARI, Élio. **A Ditadura derrotada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e lutas pela moradia**. São Paulo: Loyola, 1991.

_____. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.

GÖRGEN, Frei Sérgio. **A resistência dos pequenos gigantes: a luta e a organização dos pequenos agricultores**. Petrópolis: Vozes, 1998.

GUARESCHI. **Pedrinho Alcides Guareschi**: depoimento [jul. 2011]. Entrevistador: Odilon Kieling Machado. Porto Alegre, 2011. Arquivo de gravador de voz digital. Entrevista concedida para trabalho de dissertação de mestrado.

GUAZELLI, César Barcellos. **História Contemporânea da América Latina**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1993.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

Imagem 04. Disponível em: <http://www.documentosrevelados.com.br/wp-content/uploads/2012/05/esquerda-clerical-Page-12.jpg>. Acesso em 17out2012.

KOUCHER, Ademir. Concentração e desconcentração populacional: uma análise das migrações internas no espaço do Estado do Rio Grande do Sul entre 1970 e 2000. In: HERÉDIA, V.B.; MOCELLIN, M.C.; GONÇALVES, M.C. (orgs.). **Mobilidade humana e dinâmicas migratórias**. Porto Alegre: Letra & Vida, 2011.

LÖWY, Michael. **Marxismo e teologia da libertação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

LÖWY, Michael. As esquerdas na ditadura militar: o cristianismo da libertação. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Orgs.). **Revolução e democracia: 1964**. Rio de Janeiro: Vozes/CEBRAP, 2007. 3 v.

MOVIMENTO NACIONAL DE FÉ E POLÍTICA. **Mística da Militância – Encontro Nacional de Fé e Política**. Goiás: Editora Rede, 2001.

NORA, Pierre. Entre memória e história: problemática dos lugares. In: **Projeto História**, São Paulo, PUC, n.10, dez 1993.

OLIVEIRA, Pedro Assis Ribeiro. CEBs, o triunfo do povo da periferia. In: **Revista História Viva: temas brasileiros**, São Paulo, nº 02, p. 76-83, s/d.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A política externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?** Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 2003.

PENNA, Rejane; CORBELLINI, Darnis; GAYESKI, Miguel. **Mathias Velho: Canoas – para lembrar quem somos – nº 6**. Canoas: Editora La Salle, 2000.

PEREIRA, Pilato. **O irmão dos pobres: Antônio Cechin, uma biografia**. Porto Alegre: ESTEF, 2009.

PUHL, João Ivo. O rosto gaúcho das CEBs. In: **Revista Renovação**, Porto Alegre, n. 239, p. 6-14, ago.1990.

REIS, Daniel Aarão. O Partido dos Trabalhadores: trajetória, metamorfoses, perspectivas. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Orgs). **Revolução e democracia: 1964**. Rio de Janeiro: Vozes e CEBRAP. 2007. 3 v.

RÉMOND, René. Do político. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

Revista História Viva: temas brasileiros – “A Igreja católica no Brasil fé e transformações”, ed. especial temática, nº 2, s/d.

RICHARD, Pablo. **Morte das cristandades e nascimento da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1982.

RODRIGUES, Leôncio Martins. As tendências na formação das centrais sindicais. In. JR. BOITO, Armando (Org.). **O sindicalismo brasileiro nos anos 80**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RODRIGUES, Parrião Karoline. A solidariedade e a mediação da igreja católica no processo de enfrentamento da questão social: um estudo sobre a referência da Teologia da Libertação. In: **II Jornada Internacional de Políticas Públicas UFMA**. Ago/2005. Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppII/pagina_PGPP/Trabalhos2/karolineParri%C3%A3o_Rodrigues137.pdf.

ROSANVALLON, Pierre. Por uma história conceitual do político. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 30, 1995, p. 9-12.

SALEM, Helena (org). **A igreja dos oprimidos**. São Paulo: Editora Brasil Debates, 1981.

SECCO, Lincoln. **História do PT**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

SECRETARIADO REGIONAL SUL 3 DA CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Conclusões de Medellín: II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano**. Metrópole: Porto Alegre, 1968.

SILVA, Neves Émerson. O encontro entre igreja católica, teologia da libertação e marxismo: a contribuição da Igreja Católica Latino Americana, para o estabelecimento de movimentos do campo no México e Brasil. In: **Vivência**, n.38, 2001. Disponível em: http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/38/PDF%20para%20INTERNET_38/04%20_%20C3%89merson%20Neves%20da%20Silva.pdf.

SUSIN, Luiz Carlos. **Memória para o futuro**: nos passos de Irmão Antônio Cechin. Porto Alegre: ESTEF, 2009.

TREIN, Hans Alfred. **O evangelho no clube de mães**. Ocupações do solo urbano em Canoas/RS. Relato de uma caminhada com a Bíblia, 1989. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/portal/site/conteudo.php?idConteudo=13525>. Acesso: 18jul2012.

_____. **O evangelho no clube de mães**: análise de uma experiência de leitura popular da Bíblia. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE, 1993.

ANEXOS

Anexo 1

AS CEBs NO RIO GRANDE DO SUL: O CASO DO BAIRRO MATHIAS VELHO - MUNICÍPIO DE CANOAS (1975-1988)

TRASCRIÇÃO Nº 01 (Revisada)

Nome do arquivo: Ir.Cechin dia 29 04 11.mp3 (formato MPEG, tamanho 37,48M)

Duração: 1h21min38seg

Data: 29 de abril de 2012

Local: Residência dos entrevistados – Rua Coronel Vicente, 444/ 130. Centro. Porto Alegre/RS Cep: 90.030-040

Entrevistador: Odilon Kieling Machado

Entrevistado 1: Antônio Cechin (Irmão Marista)

Entrevistado 2: Matilde Cecchin (Professora Universitária Aposentada)

E: Bom, hoje dia 29 de abril de 2011 estou aqui na casa Ir Antônio Cechin, irmão marista, junto com nossa educadora a Matilde professora, dentro da contribuição que eles vêm fazer aqui em Porto Alegre pro trabalho de mestrado, meu trabalho, Odilon Kieling Machado, do curso de História na Universidade Federal de Santa Maria, sobre a linha de pesquisa Migração e Trabalho dentro do Projeto “A Contribuição das Comunidades de Base, a contribuição das CEBs no Rio Grande do Sul no Bairro Mathias Velho em Canoas no período de 1978 a 1988. Essa é uma contribuição para a história do Rio Grande do Sul, pro bairro Mathias Velho, pro do Rio Grande do Sul pro Brasil, enfim, um trabalho de pesquisa que se inicia através desta entrevista, entrevista oral, com depoimentos para que a gente possa contribuir então num trabalho comunitário de forças pra essa importante história do Brasil do regime militar brasileiro, a resistência dos pobres dos oprimidos na perspectiva também, da igreja, da teologia da libertação e as comunidades. Então inicialmente assim, tanto o irmão Antônio e a Matilde fiquem à vontade nesse sentido e a gente falar um pouco assim da experiência deles como lideranças contribuíram muito para como é que se deu a ocupação então do bairro Mathias Velho nesse período inicial de 78 nessa primeira década, vocês puderem então contribuir, fiquem à vontade.

E1: Bom, é nós realmente fomos morar em Canoas no ano de 1975 depois do primeiro encontro Nacional de CEBs na capital do Espírito Santo, Vitória né, onde a gente nesse primeiro encontro, de todo Brasil... de alguns teólogos da libertação já que tava começando, não é, então a gente decidiu vendo que no Brasil inteiro nós estávamos mais ou menos com a mesma decida inserção nas periferias, nós tínhamos feito uns treinos e agora, depois da minha prisão, não é, a gente achou que tinha que sair de Porto Alegre e ir numa região um pouco mais afastada, para não ter esse controle que era os militares tinham aqui, por toda a parte, não é, então de 75 em diante é que começou esse processo em Canoas, e lá em Canoas fomos ao padre Catelan, não é, que era coadjutor da paróquia principal, onde era vigário o Monsenhor....

E2: Leão

E1: Leão, de que? O sobrenome era... Leão... Então o padre Armino disse: olha aqui embaixo, vocês querem trabalhar na periferia, tem a vila Cerne, não é, bem embaixo da Mathias e tem um casal de rezadores nessa vila, chamado... chamado esse casal como Matilde pra dizer os nomes?

E2: Roberto e Carmem

E1: Roberto e Carmem, que esses eram os rezadores de terço da comunidade, dessa vila, não é, quando tinha algum falecimento, algum problema as famílias convidavam eles para rezar um terço, não é, e eles eram naturais de Santa Catarina, de Criciúma, ele o Roberto tinha trabalhado lá nas minas de carvão.....

E2: Sim era aposentado das minas de carvão de Criciúma.

E1: E aí então nós começamos esse contato com eles, né, e eu num primeiro momento ia sempre que eu tinha tempo, a Matilde era professora universitária na Unisinos, em fins de semana então ela vinha junto comigo né, e nessa vila então começamos na casa desse casal, quando eu cheguei num primeiro contato perguntei a respeito do trabalho deles, não é, e eles me disseram dessa questão da reza do terço e que eles então me avisassem quando é que tinha uma oração não é. E lá então eu comecei a participar desse grupo, não é da reza do terço, e achei logo interessante, não é, que eles rezavam o terço de uma maneira meio truncada, não é, eles rezavam as dez dezenas, não as cinco dezenas do terço, sem enunciar os mistérios, não é, só pai nosso e Ave Maria, então perguntei: escuta vocês rezavam o terço em Santa Catarina? Sim. E não falta alguma coisa? Ah sim ta faltando. E... E depois de um Pai nosso e dez ave marias a gente tem um glória ao padre e depois tem alguma coisa... mas nós somos analfabeto, não sabemos lê, não é, etc, então aí veio logo e disse: mas vem cá, vocês não sabem ler, mas tem a filha de vocês, Jussara, acho que se chamava né Matilde?

E2: É. Eles tinham a Bíblia sempre aberta em casa. A Bíblia grande aberta.

E1: A Bíblia aberta...

E: Sim. Sim

E1: A filha deles estava no colégio, não é então digo eu trago o livrinho com os mistérios etc e tal, e então aí a gente completou o primeiro terço, não é, e depois disso então veio então o passo seguinte, então eu já comecei com base na questão da Bíblia, a importância e isso para o povo etc e tal e o... comecei a fazer com que as coisas acontecessem de maneira mais concreta não é, então e depois de vários terços assim várias rezas em que juntava um grupinho na casa desse Roberto e Carmen. Então juntava, eles, antes tinha toda uma conversa entre eles, as mulheres para um lado, os homens pro outro, o chimarrão correndo, não é, e me lembro que uma ocasião, não é, uma mulher que tava assim no grupo das mulheres eu ouvi que ela tava atrapalhada porque ela... dizia olha amanhã eu tenho que levar minha criança no posto bem no centro de Canoas e as outras crianças eu não sei aonde deixar etc e tal, né, ela falava assim, e então quando terminou a reza do terço eu disse: olha me parece que eu ouvi alguma coisa que no... na conversa das mulheres que também como eu tava muito perto escutei, parece que tem um problema que surgiu aí em relação a uma mãe que precisa ir no posto de saúde etc e tal, e então eu digo, olha, nos acabamos de rezar o terço será que ela não podia quebrar esse galho pra ela, não é, e aí foi interessante e logo então de terminado o terço houve uma família que se encarregou aí.. de manhã de buscar as crianças de levar para casa etc e tal, então no terço seguinte não é, a gente fez a avaliação da ação, primeira ação que nós tínhamos programado não é, e né com a alegria de todos ficou bem resolvido etc, e assim vieram esses pequenos problemas não é que a gente então, ao mesmo tempo que a gente rezava, né a gente levantava, até tinha a questão depois do Ervino não é da aposentadoria dele lá, que nós, ele era guarda e era cego de um olho, né, então ele não podia, por exemplo guarda usando arma sem enxergar, não é, essa coisa toda, então foi um outro fato... Depois tinha um outro fato que eu me lembro só dar exemplo não sei é demais de uma mãe que tinha alguns filhos assim com necessidades especiais não é, se lembra Matilde

E2: é _____ Batista, Ipanema

E1: A gente _____ da mesma maneira tinha três crianças com necessidades especiais, um era paralítico, outro era mudo e outro não sei o que, não é e ela com essas três crianças dentro de casa uma trabalhadeira etc e tal essa coisa toda ela colocou o problema dela na reunião, não é, e aí então ficou uma mulher encarregada de ir na base aérea de Canoas para ter tinha lá o capelão militar, não é e uma outra mãe foi no o Instituto Pestalose que era em Canoas também a base assim de uma escola de crianças anormais

E2: portadoras de necessidades especiais,

E1: E eu fui aqui em Ipanema, tá, em Porto Alegre onde tinha também uma escola desse tipo até eu acho até que foi onde...

E2: Era dos franciscanos Educandário São João Batista

E1: não era dos franciscanos era da famosa Mãe ____ dos alunos "Gufalt" que foi a família depois que fez todo o loteamento na praia tinha uma casa lá e eles, do tipo família rica que faz escola para gente pobre que parece que nesta escola estudou Juramar depois também o nosso índio atual que está nas ilhas ____ então nos reunimos depois lá no terço em função da solução...

E2: Agora vamos ver.

E1: Olha a primeira coisa a mulher que foi na base aérea nos escandalizou, não é Matilde? (risos) Porque ela falou com o capelão militar. E o capelão militar... Não sei se é interessante contar...

E: Sim, fiquem à vontade, o que vocês acharem ...

E1: Ela ficou escandalizada porque ela eu disse fui que falar com o padre aquele que era Grings o nome dele, acho que era tio do arcebispo que era, que agora já morreu, ela diz: olha fiquei triste com uma coisa triste, ele disse: pois é vocês bota filho no mundo até não mais poder e depois não pode mais dar conta deles aí vem correndo atrás da gente, não é, ele dizendo coitados, imagina o pessoal do interior...

E2: e foi mais longe, mais longe, disse tem que capar o marido de vocês e ainda deu umas dicas pega uma faca bem afiada...

E1: E quando ela foi não tinha coragem de falar com um militar foi falar com um capelão em todo o caso a gente conseguiu e resolver o problema de uma ou duas crianças, não me lembro direito, acho que uma foi internada aqui...

E1: isso o senhor já morando na vila Cerne.

E1: Sim, isso quer dizer, num primeiro momento morei eu, mas nos fins de semana é que a Matilde vinha lá junto comigo lá

E2: Na vila Cerne no início da ocupação

E1: Parte inicial

E2: Terrenos irregulares

E1: E aí nos ajudamos, além dessa família de aposentados mais duas outras famílias, de homens aposentados, não era mulher, então tinha uns três aposentados

E2: três homens

E1: que foram a base de outras reuniões, mas sempre com essa preocupação de não ficar na reza e realmente ver a gente com a bíblia, como a gente diz, então a um determinado momento a menina lia o mistério etc. e tal e depois a gente em vez de rezar todo o terço, começamos lendo rezando uma dezena foi anunciando cada mistério aí nos parávamos para trocar ideias, não é, e eram três perguntas sempre, que nós...

E2: as três perguntas eram sistematizadas mais adiante, no decorrer do tempo, tanto que tem uma dissertação de mestrado de um pastor luterano que ele pega até tem um livrinho dele o "evangelho nos clubes de mães" mais adiante aí já se tinha uma sistematização, uma metodologia mas por enquanto era tudo espontâneo

E: um trabalho inicial

E2: É

E1: sim embora não sei se isso vem mais adiante

E2: Vem mais adiante, depois pra tu ver como era a coisa... como é, a metodologia dele era interessante sem muito estudo a gente ia pelo faro tinha pela intuição, até a turma do PT que tava lá, das, aquele grupo Aruera que na época junto, eles vinham junto eles vinham nos clubes de mães, a gente trabalhando com trapos e aquela alta intelectualidade ali e eles chegam se___ só assim...um negócio que no meio assim um negócio no meio assim de um lugar que tem 40, 50 60 mulheres não tem que trabalhar o todo assim, tu tem que trabalhar ela mas tu tem que ter no meio delas aquelas que vão trabalhas elas então se instituiu assim um tipo mulheres coordenadoras não chamava liderança agora chama de liderança, coordenadoras aquelas que a gente viu, procurava pegar assim de pontos diferentes das vilas ali que vinham até ali, então elas coordenavam grupos de 10, 12, mas a gente chamava essas coordenadoras a parte, noutro dia da semana, a tarde antes do trabalho geral e com elas então preparava e cada uma depois no dia dos trabalhos ela fazia a reunião com seu grupinho,ela, não, preparava os trabalhos com seu grupinho, depois vinha a reunião grande. Eu sei que esta turma da Aruera tinha um pouco Paulo Freire ali,a gente conhecia Paulo Freire, a gente fez curso com ele e tudo então para todos terem chance de falar, para todos participar, não é assim um oba oba, né?

E: Entendo...

E2: então isso veio depois, mas isso foi sistematizando... porque isso que meu irmão ta relatando são problemas individuais que são resolvidos naquele momento devido a médico, a ir ao posto, o outro quer um par de óculos, o outro que tem que encaminhar a aposentadoria e essa coisa toda, até que desses individuais parte para ver problemas que são mais de todos,

E1: sociais

E2: por exemplo

E1: mas é todo mundo colaborando na solução de problemas individuais, comunidade

E1: Sim todo mundo trabalhando, mas de repente vêm problemas que atingem todos é a questão do posto de saúde, necessidade, aquele sofrimento naquelas filas lá no centro, então fazer ali um posto, foi o primeiro posto de saúde na periferia de todo Rio Grande do Sul.

E2: chamado posto avançado do tempo do Jair Soares, foi o primeiro ali, saiu da luta, saiu da mobilização

E1: é, a partir do pessoal nosso, que veio falar com ele, um grupo, muita gente etc e tal aí começou essa descentralização da saúde

E2: tá, mas aí nessa primeira luta,assim devido ao posto a gente já teve um primeiro choque, ou sei lá como pode chamar

E: Sim

E2: então tá o posto ali, e agora... as funcionárias do posto, nosso espanto é que a gente imaginava essas lideranças assim, esses três casais,muito muito altruísticos, pensando no bem comum e tudo mais de repente eles encaminham as filhas deles para serem as funcionárias, quer dizer que na hora do bem bom, do emprego... bah a gente levou um choque, um choque daqueles. Imaginava as pessoas mais santas que a Tereza de Calcutá.

E: ah sim imagino

E2: mas acontece que o Tônico tando lá, eu indo de vez em quando, a gente ia percorrendo..., não sei se esta história ta junto, espaço, construção do espaço, a gente ia caminhando, lendo, vendo, vendo a geografia, então a gente foi numa porção de lugares, seja ali numa ali favelinha que tinha ali embaixo no Guabiju, mas longe demorava duas horas para chegar lá a gente ia domingo de tarde

E: o Bairro já existia já Mathias Velho

E2: não, nós estamos na vila cerne

E: que não era no Mathias Velho

E2: não é, ficava nos fundos da Harmonia

E: Harmonia naquela região próxima

E2: não tem capela ainda não tem, e esse casal Roberto e Carmem que ele indicou, era um casal que era frequentador assíduo lá da paróquia, uma porque eram assistidos também

E: da paróquia harmonia

E2:não paróquia central, harmonia também não tinha

E1: não era paróquia ainda

E2: então eram meio assistidos ali, assim ele tinha aposentadoria dele e tudo mais, até o terreno onde eles moravam é um terreno que eles desmembraram dum terreno destinado para a Igreja lá na Vila cerne, te lembra que o terreno da Vila Cerne foi doado pela loteadora do lugar...a mulher...

E1: era uma prática do padre Leão, era isso, ele pediu para implantar em canoas que tava crescendo assustadoramente, ele ia falar com as imobiliárias, dizendo: olha se vocês colocam uma capela no centro, aí vocês imediatamente vão conseguir vender os lotes com mais facilidade (risos)

E2: aproximação de espaços comunitários

E1: então recebia de graça o terreno para fazer a capela

E2: e para esse Roberto e Carmem, eles moravam no terreno cedido compraram a preço módico pela paróquia, terreno então tudo em terra legalizada que aí mais adiante começam a falar em ocupação _____ ocupação vai dar um choque também entre aqueles que compraram a duras penas seu terreninho e os outros que vão pegar simplesmente, pegar um estrupício ali então, as duas formas assim de chegar a terra a posse da terra, aí então vieram assim mais os problemas do coletivo, aí eu vou te dizer onde entram as mulheres nessa história. Chegada do inverno, a favelinha do Guabiju, as casinhas muito ruim muito ruim muito ruim aquela pobreza chamava assim levar um calorzinho assim para essas famílias chamá-las, trazê-las, havia, começou a vir aquela preocupação aos sábados tinha uma reunião era feita uma reza de vez em quando era feita uma missa aquela preocupação de trazer povo, então lá na favelinha pra trazê-las, para elas virem.

E2: Foi feito um chamamento em função de, de se preparar pro frio, enfrentar o frio, fazer acolchoados de roupa velha. Então esse foi o, o primeiro jeito, que aí que vem então, durante a semana, além do sábado. Então se tinha movimentação durante a semana, com o chamamento dessas, pra fazer acolchoados, e aí é que vêm então os dois momentos: vários grupinhos de acolchoados que eram feitos no chão. Na casa que meu irmão alugava lá já se deixou uma peça grande, que um desses casais ele fez uma casa, meu irmão pediu pra alugar, mas pediu pra deixar um espaço grande...

E: sim, sim...

E2:... sem repartição. Então era naquele assoalho ali que eram feitos acolchoados. Então vamos dizer, eram quatro grupos de acolchoado, cada um tinha que ter um alguém que administrava, aí começou a surgir então a coordenadora, que chamaria hoje a liderança. Mas tinha também que ir a busca da roupa velha...

E: sim, sim...

E2:... então se chegou a outra ponta daquele território, que é lá perto do rio, uma fábrica, uma fábrica de... não, é um beneficiamento de soja, a Bianchini, ali é um outro ponto onde vai haver conflitos ali. Porque, até universitários que às vezes apareciam por lá, é for.. estudavam... Sociologia, sei lá o que, eles olhando aquela fábrica e o funcionamento dela, eles achavam que, o cidadão pra implantar aquela fábrica ele tinha tido assessoria de antropólogos. Porque o grupo humano escolhido. Era uma fábrica e os operários em volta. Que a fábrica era noite e dia.

E: aham, claro. Vários turnos...

E2:... noite e dia. É. Então eram operários trazidos lá de Santa Catarina, de uma localidade...

E1: Alpestre... era bem na fronteira com o Uruguai. Cidade de Alpestre, todos eles, de origem italiana a maioria.

E: sim, sim...

E2: é da colônia, e... Então as mulheres daqui, as mulheres aqui da vila Cerne, que elas tinham conhecimento desses Bianchini, que eles também iam pra igreja.

E: Ah, sim...

E2: Lá na igreja... Então chegando lá, passando nas casas, a partir do, da... Iolanda, acho que é o nome daquela que conhecia melhor, tipo uma líder na comunidade. Passar nas casas, roupas que as pessoas não precisam mais, pra dar pra favelinha, fazer acolchoado. Aí começou a aproximação com essa Bianchini como eles sendo os classe média, vamos dizer, os que podiam se achegar, ter, teriam coisas a repartir afinal. Com eles aqui. E assim se estruturou o... Então desses problemas assim, é que veio a coisa maior então. Aquela favelinha, trazer a realidade, aquela favela do Guabiju - 00:22:58)

E1: Em cima da rua essa favela. De um lado o pessoal era proprietário. Então a rua terminava assim bem numa estrada tá, então do lado... é, o nome da rua era...

E2: José...

E1: José Veríssimo, né. Então do lado esquerdo do centro de Canoas era já tudo vendido lote. Gente morava...

E2: Era vila Cerne, regularizado.

E1: e do lado direito era um grande latifúndio do Mathias Velho, dos descendentes do Mathias Velho. Tinha algumas cabeças de gado pastando lá, mas então ali...

E2: (fala sobreposta e barulho ambiente) tinha terrenos pantanosos, impróprio pra habitação. Esse é o detalhe.

E: uhum... Sim.

E1: E ali, num canto, bem num fundo à direita, foi uma negra a primeira que ocupou do lado direito da rua encostado na cerca do latifúndio.

E2: que teria sido empregada do Mathias Velho, qualquer coisa assim...

E1: Vó Maria... O povo apelidou.

E2: Ela tinha qualquer relação...

E1: Vó Maria.

E2: Tinha qualquer relação com os Mathias que deixaram ela ocupar aquele cantinho ali.

E1: É. Sim. Então essa tinha um triangulozinho bem na ponta encostado na cerca. E ai depois veio. Ai começou o pessoal a ocupar. A partir do triângulo dela chegou uma, um casal sem eira nem beira.

E: Uhum...

E1: E não tendo, onde fazer a casa foi mantendo-se ali. Então falaram com ela:

– Escuta...

Ela diz:

– Não... Aqui no meu lado tem lugar.

E já dentro do terreninho dela ela colocou umas duas ou três famílias. E aí começou a fila de casinhas, né. Porque olha, foram colocando durante, não sei quanto tempo, mas eu acho que tem um quilometro de extensão, no mínimo isso, que eles fizeram isso. Até que nós fizemos a ocupação, não é? Quanto, quantas quadras ali pra cima, não é, que já tinham chegado? Quase a metade do latifúndio do Matias, não é já. As casas, né.

E: Uhum.

E1: Então ai junta agora essa questão da fábrica de acolchoado de trapos. E é... a preparação do inverno...

E2: Já era interessan... Já era interessante também porque já é introduzido uma mística da partilha que vai dar origem, mais tarde de uma forma mais estruturada, aos mandamentos da partilha, os mandamentos da coordenadora, pra te dar essa prática, porque pra elas assim, elas faziam juntas. Elas tinham um chamamento, vamos dizer que era, eram quatro mutirões de dez. Quem é que leva acolchoado? Era feito por todas e entre elas já tinha essa questão de elas dizerem qual é a mais necessitada, qual é a que tem que levar primeiro.

E: Uhum...

E2: e junto vinha relato das conversas, de como é que elas enfrentavam o frio, então aquela mãe que contava que a criança, o nenê tava com as mão completamente geladas, que ela teve que ir lá no lá no lugar do fogão, aquecer o gás, pra aquecer um pouco as mãozinhas. Vinha relatos assim, né. Porque ali é um... muito úmido ,muito frio. É quase beira de rio.

E: Uhum...

E2: os terrenos pantanosos...

E1: Alagadiços...

(ruído ambiente e fala curta inaudível.)

E1: sim então vê na hora... Nós tamos vendo todo o espaço...

E: sim, sim.

E1: como uma beira de rio lá, onde tinha pescadores, né. E assim por diante, mas realmente a coisa funcionou, quando, com acolchoado de trapos, não é, a gente começou a reunir o pessoal esse em cima da rua, não é. Que eram os que vinham do interior e iam colocando suas casinhas, uma do lado ao outra encostadas na cerca, né, do lado de fora. E então com problemas de todo tipo

E: uhum...

E1: Por exemplo água, não é. Água tinha, eles buscavam nos que tinham, que estavam assentados na frente. Que tinham comprado o terreno, etc. No começo era fácil lavar um _____ com dois ou três. Mas depois quando era muitas gentes que corria buscar água no vizinho, ai começou o grito:

– Também não! Eu to pagando a água, tu não paga. Etc, essa coisa toda.

Aí então eu fiz um mutirão e limpei um poço, que era dos animais ali, no lado, ahm..de um lado lá daquela, daquele morro, etc e tal, então aí bem já tivemos mais tranquilidade pra ir organizando. Porque tu vê as mulheres nas vilas, não é, tão o dia inteiro com as mãos dentro d'água, não é. E as pessoas que vinham do interior realmente, o homem procurava serviço imediatamente, não é, mas a mulher cuidar dos filhos em casa. Não tinha essa coisa de mulher trabalhar, na questão de trabalhar fora.

E: sim...

E2: Mas o que tinha de comunidade de base, acho que a primeira característica, ali né, que era aí dos pobres chegar aos mais pobres.

E: uhum. Sim, sim...

E2: Então aquilo assim, onde é que tão os que precisam mais do que nós. Então na hora de fazer grupo de família, novenas, via sacra, por onde é que a via sacra vai passar? Aí se introduziu a sexta-feira santa a procissão da marcela. Então se fazia naquele local, como chamar atenção.

E1:... Quinta-feira Santa o lava pés...

E2: Lava pés, depois do lava pés é mais adiante, quando tem as comunidades.

E1: sim, bom...

E2: Então claro que aquela favelinha ali, pela extensão dela, se fazia estações da via sacra, por exemplo ali diante esse poço, que tava com a água pra ser limpada, então ali se pegava a via sacra do Jesus morrendo...

E: uhum...

E2: que diz: - “Tenho sede!”. Aqui o povo aqui dizendo...

E: uhum... Isso. Ligando com a bíblia...

E2: Vai ligando...

E1: Sempre ligando com a bíblia...

E2: O povo aqui também tem sede! Pra Jesus ofereceram vinagre, fel, vinagre

E: sim, sim, sim...

E2: E agora pra esse povo aqui, o Jesus de hoje, ta sendo oferecida uma água que não é boa. Muita criança com diarreia, muito problema. E assim ia... E o pessoal então da, da vila regular, que acompanha da vila legalizada, esses primeiros casais, com outras pessoas iam acompanhando, iam...

E: Essa vila organizada dentro já do Mathias Velho? Esse povo que ia chegando já era na periferia, em volta já pra o espaço que não tava ainda sendo ocupado, que era criação de gado e tal...

E2: É. A gente quase que foi da favelinha, pra da favelinha...

E: Isso...

E2:... da ocupação e a ocupação ela vai...

E1: Antes disso, Matilde, tinha no clube de mães, que a gente fazia, duas vez por ano a reunião das grávidas, não é. Em torno do natal as grávidas das vilas ali, não é

E: sim, sim...

E1: e no tempo da festa de São João Batista. Junho um grupo, por que a gente não trabalhava é...

E2: Por regra basal

E1: a gente trabalhava comunitariamente. Então ali é que entrou realmente com força essa questão da metodologia bíblica nossa. Que esse pastor protestante que tu falasse fez o, a tese dele sobre a bíblia nas CEBs.

E2:... Sobre o clube, o evangelho nos clubes de mães...

E1: Nos clubes de mães.

E2:As três perguntinhas...

E1:Mesmo o Nilton Fischer, que morreu agora, faz um ano, professor de pós graduação da universidade.

E: Deixa eu anotar o nome dele...

E1: Nilton Fischer, ele fez a tese dele nos Estados Unidos sobre a questão do poder dentro dos clubes de mães.

E2: não sei se... Bem o início da ocupação é o trabalho dele...

E1: sim, ali naquele início, trabalhando com mulheres...

E2: só que esse trabalho dele ele nunca traduziu. Nunca publicou.

E: ah, sim...

E1: sim, mas aí se pode falar com a esposa dele, vai etc e ve.

(Fala breve de E e E2 sobreposta)

E1: mas, já pra ver né, havia uma grande curiosidade em função desse início, de, da Igreja indo pra periferia. Esse grupo Aroeira, por exemplo, quando o Olívio ganhou pra prefeitura de Porto Alegre, e o grupo que tá acompanhando até Brasília depois o Olívio como ministro, esse grupo de gente que foi indicado pelo Frei Betto, não é. Ele tinha um amigo entre eles, não sei quem era, e eles queriam assim tomar conhecimento desse trabalho da Igreja nas periferias, em plena a ditadura. E eles vinham aí seis ou dez cada vez não é?

E2: não... não era tanto...

E1: hein?

E2: Não era tanto...

E1: não era tanto? Mais de seis às vez tinha né. Eles se assentavam em redor das reuniões nossa de clube de mães, de tudo que fazíamos... Até nos atrapalhavam bastante...

E2: E que provocou depois o partido, o Partido dos Trabalhadores foi fundado lá. Na ocupação. O primeiro presidente de Canoas é um, do, do ocupação. É o Luiz...

E1: O constrangimento que colocavam as mulheres, com a presença assim de intelectuais ao redor, não é. Nós tínhamos dito pra eles só assistir, não é, não interferir porque, tratavam dos problemas, não é, das lutas. E sempre vem com esses cantos então de luta tá.

E: uhum...

E1: Porque o Marcelo Barros ele sempre insiste que nas liturgias de base das nossas comunidades tem que ter três tipos de canto sempre o canto antigo, aonde a nossa mãe, nossa avó, nossa bisavó se identificam. Desses cantos populares bem antigo mundo conhece, não é. Segundo bíblico, e terceiro um canto de luta, não é. que isso nunca podia faltar, não é. E de hoje, quer dizer, eu sinto as CEBs esqueceram todos esses cantos primitivos, eu mesmo... nós temos esses ainda né. A gente sempre trabalha. Começamos sempre de novo em outros grupos. Mas então, ai a gente estabeleceu que depois de lida a bíblia, não é, um trecho da bíblia. A primeira pergunta era: "O quê que nós lemos?", não é. O pessoal reproduzia o texto e se não bem fácil, quem sabe vamos ler de novo, não é. Aí então dá mais atenção. Então uma mulher colocava uma frase um pouquinho, a outra colocava mais um pouco. Até reconstituir todo o texto, não é. E naturalmente no começo eram pedaços bíblicos assim mais fáceis. Uma parábola, não é. Um fato histórico, não é...

E: sim...

E1: que ficava não tanto assim um texto solto, como os crentes costumam pegar etc e tal. Então primeiro a pergunta era essa. O quê que nós lemos. Segundo: ahm.... o quê que mais tocou o nosso coração assim durante a leitura, não é, tomando por exemplo Emaús, que é nosso coração, se aquecia enquanto nos falava pelo caminho.

O que mais impressionou cada uma de vocês, etc e tal? E a partir daí, então, vamo encostar nossa vida esse texto aí, o quê que essa mensagem, que acabamos de ler, diz pra nós hoje, entende, dentro os nossos problemas.

E: uhum...

E1: Então em torno dessas três perguntinhas, esse pastor protestante fez, não é, a tese dele também de pós-graduação.

(tosse)

E1: A bíblia nas CEBs das mulheres de Canoas. Bom, então isso sobre essa questão toda do, da preparação não é, que a gente teve para a ocupação propriamente dita. Porque essas famílias, então de extremamente pobres que vieram do interior sem recursos pra construir uma casa não é. Eles faziam um rancho, aí, de qualquer maneira, de lona, disso e daquilo. Então vê, a gente, de repente, né, depois desse trabalho de acolchoado de trapo, etc e tal, tendo organizado, assim, grupos de novena que a gente chamava naquele tempo, grupos de família, por ocasião da Páscoa, se fazia isso, depois ocasião de Natal, né. Então a gente no Natal de 1979, não é, naquele ano, tinha havido em São Gabriel, o primeiro encontro de CEBs do Rio Grande do Sul. Quer ver, nós estamos em cima da vila lá nossa de Canoas. Mas nós já tínhamos, né, uma certa caminhada, que nos (palavra inaudível)

E: E o senhor tem ideia de onde é que vieram estas pessoas, do interior, quê que eles procuravam?

E1: Ah, esses lá, eram de todo o interior do estado, tinha gente até de Santa Catarina, mas, por exemplo, de, aqui Camaquã, todo um lote de famílias que tinha né, vinham de ãhm... de outras cidades aí, mais pro interior, não é, Rio Pardo, ãhm... Bom, pode agora até...

E: E essa migração, quê que eles buscavam? Era um...

E1: Eles buscavam trabalho. Vinham em função de trabalho no pólo petroquímico, não é.

E: Ah, no pólo petroquímico...

E1: porque essa onda se espalhou, não é, e deu realmente de repente lá muitas ruas assim, porque as ruas vinham pro centro, e..., Às vezes eram empedradas ou asfaltadas e depois eram estradas, não é.

E: sim...

E1: Então nas pontas assim, bem de de ãhm... como é que se chama? Ruas, estradas vicinais, né, encheu de gente. Bam... tinha uma massa por tudo que era lado, não é. Então nós ali com essas famílias que de manhã o marido, saia em cima de um caminhão pra trabalhar no pólo petroquímico, a mulher ficava o dia inteiro dentro de casa a volta com as crianças, não é. Inclusive isso, ve , a Matilde e eu. Eu por exemplo um tempo que a Matilde não vinha, duas, três semanas, eu ia sozinho percorrendo as casas. E aquelas casinhas, via de manhã, pobre né, de manhã... (soa um relógio cuco) de manhã abriam a porta ficava aberta o dia inteiro. Inclusive porque era só uma peça, né. Não é como digamos no bairro dos ricos, não é, a porta ta sempre fechada. Então ali já da rua:

- Oi vizinha! Como é que é?
- Bah... Como é que vai o senhor?

Entrava...

E: começava...

E1: como chimarrão, não é.

E: a comunidade a se organizar...

E1: então, _____ eu notei, lá pelas tantas, vi que principalmente eu era muito mais moço do que hoje, mas eu senti né, que como eu ia sozinho, e visitava e só tava mulher em casa, de repente eu senti que tinha um problema que surgia a partir dos maridos, né. - "mas quê que quer esse cara aí, né?". Pra começar eles me tomavam no começo como crente, porque eu me apresentei como Irmão. O padre na missa disse olha o Irmão Antonio vai começar um trabalho lá etc e tal. Então irmão eram os crentes...

E: Eles tinham esse conhecimento da religiosidade, já tinham uma ideia ...

E1: É, sim. Então e aí eu decidi com a Matilde, ó nós sempre vamos juntos. Eu e tu como irmãos somos comunidade. E só como comunidade. Nos domingos sim nós iamos juntos. E aí vem também essa questão de, fazer essas reuniões de vizinhança. A gente aprendeu toda uma tática também né, de. Se a gente ia durante a semana e só encontrava a mulher em casa, (soa um relógio de pêndulo). A gente descobriu coisas assim, né, a gente convidava pra eles virem então de noite na reunião, né, etc ou... da comunidade n e muitas vezes só vinha a mulher. Mas porque que não vem os maridos? Não vem os maridos né... Então a gente percebeu que quando o marido chegava em casa e ia pro banheiro pra tomar banho ou coisa assim, a mulher gritava:

- "Ó João! Teve aqui o Padre Antonio essa coisa toda e nos convidou aí pra reunião da comunidade. Agora sábado, tem de noite lá a reunião, etc e tal...

Bah o homem ta tomando banho lá, etc e tal, daí ele se enxuga. E no fundo ele pensa:

- Bom, veio o padre, convidou a mulher. Coisa de mulher essa reunião!

Mas vê, agora ainda este ano lá em Bagé fizemos a reunião da mística feminina. Foi impressionante o que saiu lá em termos assim de machismo, né, naquelas tempo....

E1: (dirigindo-se para Matilde) Tu já vai menina?

E2: Já. Eu vou me embora. Não vou falar no interior.

E: Ah, tá bem tá bem

E2: o interior tem assunto até... Eu não vou chegar a tempo do caminhão.

E1: é bem assim...

(riem cordialmente)

E: Isso. ta certo, pode ficar à vontade.

E1: então, bem, terminamos esse ano um encontro agora, este ano em janeiro,

E: sim...

E1: onde ficou assim garra total contra o machismo, porque mulheres lá já naquele começo, que agora fazem parte dos quadros de CEBs e tudo, nos relataram assim com mais detalhes, (breve ruído sobrepõe a fala) de que até o, de próprio marido, né que começou a ver que elas iam pra reunião do clube de mães né. Iam pra reunião de liderança, iam pra reunião da comunidade, né, acabavam dizendo: - “mas vem cá! Tu tem que ficar em casa, cuidar das crianças!” Até porque elas vinham com a crianças, elas tinham serviço com as crianças. - “quer dizer que eu casei contigo, pra tu trabalhar, fazer minha cozinha, etc e tal. Tu não casou com o Padre!”. Então houve até gente que se separou a mulher do marido né, por causa desse, desse machismo, né. Dessa coisa.

(ao fundo se ouvem sirenes)

E1: então vê, tudo isso são os problemas que surgem, né...

E: o senhor falou que tinha muitos que iam pro pólo petroquímico, mas tinha muitos que não tava trabalhando ainda, tavam desempregados...

E1: é tavam buscando e emprego.

E: ... buscando emprego...

E1: Aliás, negócio de. Como eu ia e vinha nos ônibus apertado... de repente eu indo pra Canoas não é, uma tarde assim pra o terço da noite, não é. (cessam as sirenes) então de repente lá dum canto do ônibus: -”Ô Fulano de Tal não te esquece de passar pela igreja, né!” ta bom, eu prestava atenção, digo ó esse cara é religioso, né.

E: sim, sim

E1: Então eu aproveitava pra sair, lá na, na vila, não onde eu devia sair, mas quando ele descia do ônibus eu ia atrás dele e dizia: - Escuta, tu é bem religioso, né, etc e tal? A igreja era o buteco!

(ambos riem)

E1: É que o cara, e aí era o trágico né. Saía todo o dia pra buscar emprego e pra não enfrentar a mulher cara a cara desempregado, não é, ele primeiro enchia a cara no buteco, né. E a mesma coisa as crianças menor, eles vieram do interior imediatamente, na conversa com as crianças, as crianças tinham orgulho do pai:

– “Porque, bah! O pai sabe plantar! Ele tinha uma horta que era uma maravilha, trabalhava na roça.”... etc e tal.

Depois de um mês, coisa assim, ele procurando emprego e não conseguindo, a própria criança, não é: - “Meu pai não sabe fazer nada, né...” complexo de inferioridade e tudo né. O que é esse êxodo rural, não é? Pra gente que vem pra cidade que pra buscar emprego, não é.

E: sim.

E1: E não consegue emprego. E, bom, tudo isso né, faz parte não é, da...

E: sim, sim...

E1: Mas a gente por isso, só inserido, né, morando junto com eles ali na conversa, dia a dia não é, contato com as crianças, não é. Então...

E: E eles aceitavam assim, o trabalho de vocês assim?

E1: Ah sim, sim, porque vê, a gente prestava serviço. No sentido de encaminhar os problemas.

E: uhum...

E1: Depois, vê, a gente fazia as festa, organizava...

E: ... não era só religioso. Tinha a parte da ação...

E1: Não não. É, por exemplo, eu organizei uns timezinhos de futebol com as crianças. Onze times, eu tinha lá. Com as crianças, que elas mesmas faziam as regras do jogo, quem é que deve apitar... no final, não é, a gente dava um chocolate pra cada um que ganhava o, e assim, não é, a gente então. Que também tínhamos a catequese das crianças, não é, depois tinha o clube de mães, que começou aqui que nós começamos a chamar, já em todo o Brasil a Pastoral da Mulher Pobre. Então era, o nosso símbolo era o acolchoado de trapos, não é, porque buscávamos trouxas nas Cáritas, então de também, atingíamos a Cáritas, porque juntava roupas velhas rasgadas, mas misturadas com casacos, com calças, etc e tal. Então as roupas mais grossas mais inteiras, elas costuravam uma na outra pra fazer a parte cima e a parte de baixo do acolchoado.

E: uhum...

E1: e dentro tudo que é roupa rasgada, tudo que é sobra, tudo que eles cortavam em pedaços menores e fazia o enchimento, não é. Então eram realmente acolchoados muito rústicos, pobres etc e tal, mas que eram muito apreciados porque esquentavam. Hehehe...

E: E eles usavam esses acolchoados e vendiam também, ou? Como é que eles faziam?

E1: ... não não, não. é só pra uso pessoal.

E: ... uso pessoal. Subsistência...

E1: É. Sim, porque não se cobrava nada e a partir daí a gente ensinou então as regras da partilha...

E:umm...

E1:deles não é... deles refletir no final, hoje, fizemos dois, acolchoados, não é, grupo de mulheres, seis mulheres assim a o redor. Que primeiro foi no chão, mas depois foi em cima de mesa. Então, elas no final: - “quem é que vai levar? Ah, tá, quem que precisa mais agora? Quem tem menos roupa quente em casa e então era de sempre procurar os últimos, não é, os que mais necessitavam. Daí construímos os” Dez Mandamentos da Partilha “, já. E depois vê sempre essa preocupação de cada grupo de seis, uma ta no acolchoado, fabricando três de uma lado da mesa, três do outro costurando. Assim a agulha pra cima e pra baixo, pra juntar a parte de cima com a parte de baixo. Então sempre tinha uma coordenadora do grupinho, não é.

E: uhm.

E1: E essa coordenadora, ela tinha o papel de manter unidade do grupo. Resolver os problemas e os conflitos que surgissem. Então enquanto elas trabalhavam aí, tínhamos também trabalho com as crianças. Fora daí, ou fora de casa porque primeiro foi uma casa que eu aluguei, né com um operário. E a partir...

E:isso na vila operária?Vila operária...

E1: Na vila Santo Operário mas....

E: que hoje virou o bairro. É isso?

E1:É, sim, mas vê isso era o terreno do Matias

E: Do Mathias Velho...

E1: E quando fizeram...

E:... centro operário tava no Mathias Velho, naquela oportunidade...

E1: O terreno do Mathias Velho estava entre a vila Cerne e a vila Mathias Velho. Aí era ainda um trecho onde ele tinha alguns animais em cima, não é.

E: Ah sim, sim.

E1: Fechado com cerca, tudo ao redor.

E: uhum.

E1: quando nós fizemos a ocupação, foi a turma da vila Cerne que entrou com o gado e nós não tínhamos trabalhado a vila, a vila Mathias Velho, mas muitos da Mathias Velho, aproveitaram a onda da ocupação, e ocuparam também menos espaço com gente deles. Mas lá ficou bagunçado, de qualquer maneira, ao passo que nós não. Já preparamos,né, etc. Bom, não sei se já vamo lá ou como é que fica?

E: Não vamos indo... Acho que importante o senhor (ruído sobrepõe uma palavra)que vai se organizando a comunidade...

E1: sim, a comunidade vai se organizar em torno de. Primeiro aconteceu em São Gabriel, porque vê, nós, o interessante é que nós fomos ampliando o serviço pra uma serie de dimensões. Então vê, quando a gente já ia preparando a ocupação. Que já estávamos com clube de mães, e tínhamos feito na Páscoa os grupos de família, não é

grupo de vizinhos, etc e tal. Então eu pensava muito assim: mas como que nós vamos ocupar essa área aí, etc e essa coisa toda? De jeito nenhum. Vamos ser tudo preso, não é...

E: eu ia lhe perguntar como é que a prefeitura via. Tinha as oposições a isso também?

E1:sim, sim...

E: porque era a ditadura militar...

E1:Sim era a ditadura militar mas vê, a nossa, é que, só ficamos assim marcados pela prefeitura, porque enquanto tu tá organizando teu clube de mães lá com gente pobre, resolvendo problemas individuais, não é. indo aqui, indo ali etc e tal.o negócio começou a ferver com o poder no Natal, nós decidimos ocupar, né.

E: em 70 e. 9?

E1: em 79. certo.que antes disso me tinha havido em. Bom, primeiro houve o Ano dos Mártires, 78, onde o meu grupo tive, (ruído) tive ligado e aí começou como Sepé Tiarajú. Mas em 79, depois que fizemos o Ano dos Mártires, tendo começado 7 de fevereiro, lá no Caiboaté. A, o, o desencadear do Ano dos Mártires indígenas de toda a América Latina patrocinado pelo CIMI com D. Pedro Casaldáliga então tudo isso aí. Então nós achamos, 500 pessoas reunimo no Caiboaté. Aí vimo: - “bom tá maduro as comunidades de base no Rio Grande do Sul!” Tava lá o Padre Arnildo já, não é, com os colonos dele em função do Ano dos Mártires e tudo. Então 7 de setembro. Três dias 6, 7, 8 setembro, fizemos em São Gabriel, no Colégio Marista, que conseguimos, era férias né, férias de, ahm.. não, em torno do feriadão de Sepé Tiaraju...

E: aham.

E1:Não! Da Independência do Brasil. Então fizemos o Primeiro Encontro de CEBs Como as do Padre Arnildo estavam mais adiantadas já no trabalho que a gente se trocava através da CPT a qual eu também pertencia. No dia 7 de setembro, levantamos de manhã ao toque aí de, de uma música, no Colégio Marista e vem a notícia de que as comunidades de base de Ronda Alta tinham feito a primeira ocupação de terra na Fazenda Macali, não é.

E: E lá em Canoas tava se formando ainda assim? Ou já tava meio que se formando em Canoas?

E1:Não, nós já távamos trabalhando desde 75 também, já estamos agora em 79.

E: Em 79 tavam se organizando as Comunidades de Base. Como é que nasceu? Nasceu nesse grupo de mães e aí foi desenvolvendo...

E1: É, foi desenvolvendo, mas quando houve, nos voltamo, então. Nós fomos a São Gabriel, comunidades de base em... gestação não é. Das cidades, bem foi interessante, porque cada um lá em São Gabriel se apresentava:

- “Eu sou da comunidade de base da vila Cerne.”
- “Eu sou da comunidade de base nome tal da vila Não Sei o Quê.”

ou que se eles se apresentam como uma paróquia, não é. Eram essas incursões nas periferias, a inserção não é. E a gente fazia um trabalho, realmente, desligado das paróquias, entendeu.

E: umm...

E1: Era por comunidade. Então fomos a São Gabriel, também no, nesse, pra esse encontro motivados pra uma mística de luta porque eu pensando, não é, na hora que a gente falava na reunião do grupo. - “olha no fim do ano, nós, etc e tal... tamos apertados aqui em cima da rua, não tem nem lugar pra botar latrina, nem nada disso.” Eles, dizem não, porque vamo tudo preso porque imagina de tar presente, o Matias Velho é o dono disso aí, etc etal. Então tu vê, fomos buscar espiritualidade, força no índio Sepé Tiarajú, lá em São Gabriel, onde ele lutou aí, etc e tal, né.

E: sim...

E1: então já fomos com eles no início do Ano dos Mártires, lá representantes, lideranças, não é. Em 7 de fevereiro. Quando em setembro a turma do campo ocupou a fazenda Macali, depois veio a fazenda Brilhante, depois veio em Encruzilhada Natalino, etc e tal, nós naquele fim de ano. Bah, nós não podemos ficar pra trás. Como é que os colono do interior, vocês não eram colono? Tudo lá do interior, então não tinham medo. E olha aí, eles fizeram. Colega de vocês, não é. Então, organizamos por ocasião do Natal os grupos de vizinhos com eles, com agora, a ocupação de dois meses antes do Natal, bem planejada, né. Ai entra nessa questão do planejamento da invasão uma pessoa jurídica.

E: umm.

E1: Que é o Jacques Alfonsin que foi meu aluno, por isso que eu corri atrás dele lá no Rosário. Ele era advogado alienada da FAG. A Frente Agrária Gaúcha, não é. Quando o presidente era, o Dom Edmundo Kuns. Vê a Igreja, o Dom Vicente, né, na questão das ligas camponesas do nordeste. Dom Vicente se assustou, porque o comunismo vai tomar conta. Nós vamos perder todo o interior aí, nossas vocações interioranas tudo isso vai se acabar. Então Dom Vicente foi em todas as paróquias da Arquidiocese obrigando os padres a criar o sindicato rural, né. Então o padre convocava toda a colonada e já faziam assembléia, né e etc e tal. Uma diretoria do sindicato, aí depois foi o Irmão Miguel que trabalhou com eles. Não sei se você conheceu?

E: Não cheguei...

E1: E aí então Jacques Alfonsin era então o advogado ãhm, Frente Agrária Gaúcha. Ele já tinha sido promotor do estado, etc e tal. E daí ele veio pra Canoas, e um sábado ainda eu me lembro, começou às duas horas da tarde saiu a meia noite.

Porque já estava na iminência de nós ocupar aí a vila Mathias Velho Então vinha muita gente e achou que a procuração que cada um dava pro advogado, isso era o título da terra, não é.. Então eles já começaram a trazer a casa antes do estouro da boiada no Natal. Então aí começou a prefeitura a reprimir. Que as casas já iam chegando perto da cidade, já e etc e tal. E havia reclamação do povo da frente: - “esses vagabundos aí, etc, essa coisa toda, se instalando na nossa frente, desvalorizando o nosso terreno. Etc, essa coisa”. Bom, essa coisa aí...

E: E o prefeito da época o senhor lembra quem era ele?

E1: o prefeito da época era um tal de Guindane, Guindane o nome dele.

E: sim, sim. Sim, sim...

E1: Bom, então vê, já começou a policia aí a expulsar a gente. Entravam pra construir a casa. “Não, retira o teu material”, etc e tal. O pessoal era podre, então fazia das tripas os coração, pedia pra um vizinho da frente que guardasse o material. Então vê, nós tínhamos preparado, porque o, o Natal daquele ano, 79, foi quatro dias. Tipo esse último feriadão agora que houve há pouco, de quatro dias aí a Semana Santa.

E: uhum.

E1: Então ali sim, vê. Nós tínhamos um arquiteto, chamado Artur Toi, Tuia, era o nome dele, que buscou o teodolito na PUC, não é. E vemos, nós tínhamos uns 15 agrimensores entre aspas. Então é... Tínhamos já a associação de moradores, que era a pessoa jurídica, porque o Jacques Alfonsin disse: - “se der qualquer problema todo mundo ta junto e vamos nos defender como associação de moradores,”. Aí então esses agrimensores, um barbante de 30 metro de comprimento e aos 10 metros tinha um nó, não é. Então dizia: “olha, ta aqui esse valão aqui”,... A beira desse terreno ele tinha um valão onde corria água. Não era muito grande o valão, não é. Mas serviu pra nós nas ficha que fizemos em preparação da ocupação como uma espécie de Mar Vermelho. Aí botar as casa do outro lado do valão, não é.

E: sim, sim...

E1: Então foi a base das carroças, não é. Não dava pra botar do outro lado, mas eles, assim as vez vinha uma casinha, assim toda inteira assim, em cima de um caminhão meio velho etc, essa coisa todo. Bom isso na ocupação.

E: sim.

E1: Mas então no. Naqueles dias, do Natal, onde, prefeitura não tava funcionando, polícia menos ainda, ninguém. Então foi o estouro da boiada. Entraram, aí entrou dois três mil, não é. E a gente ficava lá todos aqueles dias, e cumprimentando um, cumprimentando outro. E a turma então, são os agrimensores: “Olha aqui na frente, 5 metros!” Todo mundo, cada rua, recuar. Pra depois botar o teodolito, não é e r o alinhamento. Que a hora que você mede um terreno, 30, que era todo o barbante, de comprimento, por 10 de largura, mas aquilo lá a cova em fuga lá, porque eu acho que pelo menos um quilômetro de frente não é. Então com isso nós fizemos a s ruas bem traçadas, não é. De acordo com o tamanho normal, não é. Então isso se deu bem no Natal de 1979, né. Ai então começou uma guerra mais forte, depois entre os vizinhos, não é, por causa dessa vila aí etc, de qualquer jeito, que desvaloriza terrenos isso e aquilo. Então nós fazíamos assim, por exemplo, no dia, entramo no Natal. No dia 2 de fevereiro, me lembro que fizemos uma grande procissão nessa, nesse um quilometro de frente da nova ocupação. Cantando, rezando e vociferando contra os vizinho, né, do outro lado.

(ambos riem)

E1: porque não incomodassem, que nós de primeiro momento era gente de paz, etc,essa coisa toda. E vê, tudo isso depois de a gente celebrava. Por exemplo, todo tempo que nós estivemos em Canoas a Matilde e eu, por ocasião do Natal, cada ano, a gente fabricava as capelas. Que nós então dividíamos tudo nas comunidades, onde tinha clube de mães, cada comunidade, tinha catequese das crianças, então tinha a sua liturgia, etc e tal né. E reservamos já um terreno pra fazer as capelas, né. Aí, ãhm...a gente... bom que agora to perdendo o fio. Então... a gente fazia um, uma maloca

E: uhum.

E1: Que servia de presépio, não é. Pra cada vila celebrar o Natal, lembrando a luta pela casa, não é. Nós távamos em barracões etc e tal. Aos poucos então, tamo melhorando a casa. Essa casinha ela ia em cima de uma carroça. As carroças em geral, por causa da chuva, elas tinham um fecho, não é, tinham um telhadinho. E lá em cima, não é. Então eu não sei quantas comunidade eram. Mas em torno de... de meia dúzia, de seis a sete...

(Entrevistador tosse)

E1: então vieram uma procissão que fazia toda uma caminhada ao redor da ocupação, de capela em capela pra entregar o presépio, não é. Que era onde ia ser colocado na frente ou dentro da casinha o menino Jesus, Nossa Senhora, etc. E tão vê, tinha li né ,se bem me lembro, tinha um cavalariano que tinha lá, não é que tinha um cavalo flanante , lá dentro da vila, dentro da . E ele vinha na frente, fazia questão de ir. E tinha um gaiteiro e a gente cantava, né. Então sempre vem lembrando a ocupação. Então a entrada do Mar Vermelho ali, e nós botamos as casas do outro lado do valão. Do outro lado era a Matias Velha que nos fechava as casas tudo, e aqui pra poder entrar no terreno onde tavam alguns animais tinha que retornar a cerca e tudo,botar as casa, ai então tinha que atravessar esse valão, naturalmente que. Normalmente tinha pouca água, né.

E nós também, a Matilde e eu colocamos lá uma maloca também, nossa, etc e tal dada por outros e fizemos... Então durante dias e dias e mesmo semanas, não tínhamos ninguém dentro da vila, pra rezar junto conosco porque e tudo a turma tava na base do martelo. Era martelo de dia e de noite. (riso cordial de ambos) Eram uns martelos... Bom. Então aos poucos vê, agente foi aumentando a luta. Os problemas, por exemplo, das crianças dentro da vila. E sempre eram problemas já de algumas mães, né, que começavam a poder trabalhar, seja como domésticas isso e aquilo. Então a questão da creche foi a primeira coisa que nós fizemos. Então me lembro, dia 2 de fevereiro, não é. Dia 2 de fevereiro, é a festa de Navegantes. Então na festa de Navegantes, nós ãhm... já começamos coma preocupação da creche, e pra isso, ãhm.. Tínhamos lá um, m, lugar que tínhamos reservado pra ser uma praça. Então no canto da praça. Nós íamos fazer, primeiro aí algumas mulheres iam cuidar das crianças, elas por conta. E então conseguimos já por conta de crianças, dia inteiro nessa casa, não tendo água sadia pra beber,não tendo luz. Então daí conseguimos que a CEEE puxasse a luz até lá.

E: uhum...

E1: depois veio a prefeitura, pra não ficar pra tras também se obrigou a botar luz. Mas pra isso ia todo o mulhério dos clubes de mães na frente da prefeitura.

E: Em 79 isso? Fevereiro de 79?

E1:é em 79,não é. Não. Isso é 80 porque foi no Natal de 79 que nós ocupamos

E:Ah...

E1: então já era o ano de 80.

E: já ta a ocupação acontecendo.

E1: Sim aí então vê que o prefeito ele ficava apavorado. Volta e meia a gente mandava um recado pra ele, né: - “olha prometeu isso e aquilo, né etc essa coisa toda, as mulher tão se organizando vão vim aqui na frente da prefeitura.” já mandava um emissário dele lá pra tranquilizar, não é... por que ele iria lá, ao invés de nós ir pra frente. Então vê aí as lutas passaram a ser, não é realmente, sempre em função de coisas que se precisava. A luta pelo colégio, pelo posto de saúde, tudo isso, foi sempre a mesma dinâmica. Porque logo de saída a gente descobriu que as pequenas lutas, pra resolver um problema individual no começo, é a mesma coisa que uma grande luta. Tem que ser planejado, qualquer trabalho que vamos fazer com uma pequena comunidade, não é. Um grupo de oração primeiro, depois uma comunidade de base, etc, né ou uma ocupação de uma terra realmente

com muita gente, não é. Com centenas e pessoas é muito mais complicado, mas tudo tem que ser planejado e organizado, né.

(som de tamborilar na mesa)

E1: E aí vem depois junto com isso depois veio a fundação do PT. O presidente da associação lá nossa da Santo Operário, ele ficou presidente do PT de Canoas. Não é. Em vista de toda essa mobilização que nós fizemos. Bom, aí então vê de, também começamos na grande Porto Alegre a Pastoral da Criança que também, vê, tava agora ligada a, a Pastoral da Mulher Pobre, não é. Por isso que fomos buscar a Zilda Arns, não é. Ela tinha duas irmãs freiras aí em Santo Antônio da Patrulha, que também tavam começando. E aí a gente foi fortificando, não é o...

E:... A luta.

E1: a luta de tudo que era jeito. De que eu me lembro mais? (soa o cuco novamente). Temos, lá pelas tantas houve uma,... um desemprego muito grande. Então vê, o presidente da associação lá, que era meu vizinho na, que nós ocupamos também uma maloca lá na _____. Em determinado momento ele me diz: - “olha Antonio eu to cansado, aí com meus companheiros de pedir tudo emprestado. A gente não tem mais trabalho não tem, então, podia dar um jeito. Vou buscar, tomar café com ele, de noite vou noutra casa. Eu digo; mas o quê que tu sugere, não é? Aí ele diz: - “olha, basta nós ter pão e feijão, não é. O resto a gente, é o resto, não é”. Então ve realmente a gente fez isso. a gente começou a ver que o povo sabia fazer fornos. No interior eles, cada um tinha lá o seu forno feito de barro. Etc e tal né.

E: uhum. sim

E1: e fomos pedir rolão, que chamavam o negócio do farelo, né. Que não é propriamente o farelo pra porcos nos moinhos do centro (soa o relógio de pendulo) tinha uma farinha de primeira, uma farinha de segunda, etc e tal. E conseguimos então que as comunidades do centro, elas nos garantissem esse, que depois ficou, é uma comida famosa que a Zilda Arns valorizou enormemente que diz que tem mais vitamina, do que o pão esse mais branco etc e tal. O próprio Colégio Anchieta, que eu me lembro, nos vínhamos, eles nos davam tantos sacos de farinha por mês, etc e tal. Então foi a época dos fornos comunitário, não é. Então, assim como nos clube de mães as mulheres preparando o colchão, fazendo colchão, em determinado momento suspendiam pra ler a bíblia. Aí eu me lembro, por exemplo, quando lemos o texto, como eram grávidas, que faziam os enxovais das crianças todas elas, por ocasião da Festa de São João e por ocasião do Natal, então de quando lemos a visita de Maria a Santa Isabel.

- “Quê que vocês acham que as duas mulheres conversavam entre elas? Quê que elas faziam?”.

(afinando a voz)

- “Faziam os enxovais dos bebês, uma do menino Jesus e outra de São João, né”.

Ah, maravilha etc e tal; essa coisa toda não é. Então a mesma coisa com o negócio do desemprego, com os problemas que a gente tinha que enfrentar, não é. A gente sempre essa preocupação de fazer explodir a política, a luta, a partir de um texto bíblico. Porque o pessoal, a na época, como qualquer um, dentro daquele cristianismo tradicional, ele não, não sabia como é que ele ia poder ocupar coisas, parece que ia ofender o direito de outra pessoa, então tudo isso...

E: na mística da ocupação, entrava na questão religiosa ajudava.

E1: É. Sim, e as lutas do Sepé Tiarajú, um índio que realmente, enfrentou de peito aberto, etc, essa coisa.

Bom eu com chimarrão não fiquei bom. Quem sabe tu interrompe um pouco?

(interrupção na gravação. Volta com ruídos sobrepondo uma breve fala do entrevistador)

E1:Então vê que eu tava falando dos fornos comunitários...

E: pois não.

E1: semelhante aos clubes de mães, né que aí era mais fácil, as mulheres faziam junto o pão, amassavam o pão tudo. Uma trazia o azeite, a outra trazia não sei o que, né. E cada comunidade tinha um forno. Então, quando botavam o pão pra cozimento, aí elas tinham o tempo de ler a bíblia, refletir, né, etc. Encostar com a três perguntas né. Primeiro o quê que nós vemos? O quê que tocou o nosso coração? De uma, de outra. Valorizar o conteúdo da bíblia. E depois o quê que esse texto diz pra nossa vida hoje, pras nossas lutas, não é. Realmente, sempre tinha não é, essa questão da comunidade, né. Alimentada pela palavra, não é. E ao mesmo tempo partindo pra ação, né. A luta, o engajamento. Impensável esse tipo de coisas tipo Marcelo Rossi aí, um banho de uma missa só no religioso, aí. Que no fim é uma simples auto-ajuda, não é. Não tem vida comunitária, não tem engajamento, não tem...

E: o movimento fé e política ele já tem um pouco de... vai surgindo um pouco né...

E1: Exatamente. É a longo disso que vai se ligando tudo né. Pois é. Bom, não sei se. Talvez de tuas perguntas também alguma coisa, não?

E: um pouco sobre... o senhor tava dando o relato, né da ocupação assim, o senhor tava falando lá da Romaria da Terra. Quer dizer o que aconteceu? Eles ajudaram também um pouco a fazer a ocupação, que é uma questão importante pro trabalho é de onde é que vieram esse pessoal. por uns já estavam, outros vieram. Porque foi organizado como o senhor disse né. O senhor lembra mais ou menos como é que se organizou, né?

E1: Sim, a Romaria da Terra começou no Ano dos Mártires, né. Indígenas de toda a América Latina preparando pro Puebla, Pedro Casaldáliga com o CIMI eles, Não é então eles decidiram, depois de eu escrever um livrinho “São Sepé Tiarajú, rogai por nós”, né. Aí esse livrinho caiu nas mãos do Pedro Casaldáliga, ele diz : - “Antonio que mas que maravilha! Esse livrinho pode nos ser útil para o Ano dos Mártires indígenas de toda a America Latina. Porque nós estamos acostuma dos a celebrar os mártires que os outros nos fizeram, mas nós ate hoje nunca celebramos os mártires que nós fizemos aos outros.esses milhões de índios que foram mortos, etc. E aí então foi desencadeada a Romaria da Terra, com base nos índios, 1978, 7 de fevereiro, tá. E logo no ano seguinte ela foi assumida pela Comissão Pastoral da Terra, para as CEBs tanto da roça como da cidade.

E: umm...

E1: Porque era terra pra plantar, pra turma do interior, e terra pra morar na cidade então a Romaria ela realmente unificou toda a luta das Cebts no Rio Grande do Sul, cidade campo.Depois já quando o Frei Egídio assumiu a pastoral do operário, ele criou então a Pastoral do Trabalhador, mas sempre tem um problema quando tem a Romaria do Trabalhador. Eles têm dificuldade de alguma diocese pra assumir, ao passo que a Romaria da Terra, que foi construída a partir da mística de luta do Sepé Tiarajú, das Missões Jesuíticas, essa economia eminentemente solidária, que eles tinham nas missões, não é. Realmente eles eram o Paraíso terrestre do Rio Grande do Sul, né. Com os índios guaranis, os padres que vieram pra dar uma alternativa a conquista pela armas eles fizeram a conquista dos corações pela Cruz etc, né. Mas até vê, tem um livro de um professo de Caxias do Sul, acho que é Nivaldo Soares, um baiano. Esse livro ele ainda não é muito conhecido no Rio Grande do Sul. Ele é um baiano que sempre ficou impressionado com a pouca religiosidade do gaúcho.

E1: então ele veio aqui pelo Rio Grande, etc e tal e no fim, estudou na Universidade de Caxias, hoje ele é professor lá. O livro dele é “Deus morto no Pampa”. Então exatamente isso que ele conta, né que o Paraíso terrestre missioneiro, o gauchismo matou. Ele toma como base o livro do Érico Veríssimo, “O Tempo E O Vento”, que o Érico Veríssimo coloca toda a historia do Rio Grande do, a partir das missões, do Sepé Tiarajú, das maravilhas das missões e tudo. Depois vem um negócio do Capitão Rodrigo, Ana Terra, é “ dA Origem”. E aí vemos realmente o, o, essa questão, o... os heróis farroupilhas, acabaram substituindo os heróis missioneiros, não é.

E: a grande luta contra esse gauchismo então é isso?

E1:É. Aí é que ta, meio. Nós tamo vivendo agora, eu to numa briga aí. Não sei se tu acompanhasse, ultimamente. Eu acho que ainda estamos na semana missioneira, criada aí pela Assembléia Legislativa. Que por traz ta o Emiliano Limberguer, que foi presidente do MTG, etc e tal. Eu pensei que em 2006, 250 anos da morte do Sepé, nós tínhamos acabado com esse negócio dos grandes se adonar do Sepé porque essa terra tem dono, né propriedade,não é, etc e tal. Mas agora to vendo, que ta voltando, né. O prefeito de São Gabriel, ultra ultra conservador, que lá andaram até assassinando um sem terra uns dois anos atrás, viu a besteira que ele fez,não é, demolindo até o monumento ao Sepé que os índios levantaram e os movimentos populares em 2006. e agora ele com um deputado dele do PDT, um tal de Adroaldo Loureiro, fez uma lei, criando a Semana Missioneira. E eles fizeram toda uma semana de comemorações agora em 5 municípios do Rio grande do Sul mas querendo destruir o nosso trabalho. Porque eles têm aquele passaro, acho que é o anu que coloca o ovo no ninho dos outros,né.

E: sim, sim

E1:E também nós tamos já na quinta bicicletada, desde 2006, tamo atuando agora com jovens ,catadores, universitários. Me entusiasmo. Eles de bicicleta vão desde Rio Pardo até, até São Gabriel, né onde foi realmente a luta do Sepé, né com os 1500 companheiros, contra os exércitos de Espanha e Portugal. Que o Sepé morreu na Sanga da Bica, lá em São Gabriel e os 1500, foram chacinados no Caíboaté, né...

E: sim,sim

E1: Então eles estão ãhm...indo nos lugares,onde nós tínhamos as pousadas lá, nos temos contato com a s comunidades, algum quilombo, etc e tal.pro pessoal da cidade se dar conta, do resto do Paraíso terrestre que ainda existe. Por que quem conservou todos os parques que o governo decreta aqui e ali, foram os índios.

E:uhum, sim...

E1: então eles vêm essas plantações de soja, essas criações de gado, e ao mesmo tempo né tem um índio que foi acompanhando esse ano, chamava a atenção deles pelos odores da mata. Do fedor do veneno pra soja, etc e tal.

E:sim, sim...

E1:que eu nunca tinha visto um índio chamando a atenção disso aí.

E: é eu lhe entendo. Mas me diga uma coisa Irmão, assim retomando um pouquinho até um elemento interessante, sobre a vila Santo Operário né, que é Mathias Velho também, acho um elemento interessante, até virou bairro atualmente, como é que o senhor vê assim mais especificamente, né o Santo Operário, como é que se deu lá, as comunidades como é que se organizaram? A própria participação na ocupação, o senhor lembra assim alguns dos detalhes?

E1: E domingo então.

E: Domingo

E1:Só tu me deixa o telefone...

(GRAVAÇÃO ENCERRADA)

Anexo 2

AS CEBs NO RIO GRANDE DO SUL: O CASO DO BAIRRO MATHIAS VELHO - MUNICÍPIO DE CANOAS (1975-1988)

TRASCRIÇÃO N° 02 (Na íntegra)

Nome do arquivo: Ir.Cechin dia 01 05.mp3 (formato MPEG, tamanho 62,5M)

Duração: 2h16min25seg

Data: 01 de maio 2011

Local: Residência dos entrevistados – Rua Coronel Vicente, 444/ 130. Centro. Porto Alegre/RS Cep: 90.030-040

Entrevistador: Odilon Kieling Machado

Entrevistado 1: Antônio Cechin (Irmão Marista)

Entrevistado 2: Matilde Cecchin (Professora Universitária Aposentada)

(Obs.: Foi mantida a ordem indicativa dos entrevistados em uniformidade à entrevista anterior.)

E: Bom hoje então nós estamos no dia 1° de maio, Dia do Trabalho, novamente aqui no apartamento da Matilde Cechin e do Irmão Antônio, né. Continuando nosso trabalho, a pesquisa depoimento, sobre todo esse processo no Mathias Velho, a ocupação, a organização das comunidades, a participação das CEBs. Então a gente continua esse depoimento e ao mesmo tempo contribuindo pra história do Rio grande do Sul, pra história do Brasil. (ruído de microfone sendo posicionado) (fala breve e baixa de difícil transcrição)

E1: ...força Matilde...

E2: Não sei, o senhor que ta...

E: Fiquem à vontade é bem informal sem problema. Nós estávamos falando um pouquinho na ocupação, né. Já em 79, um pouco antes assim né, a organização ali na Santo Operário, né, que eu acho que foi a primeira. E depois o processo, que a gente pediu pro senhor dá um relato, né...

E2: Bom ali eu acho que o que foi decisivo, ali, pra, pra ocupação, faz todo o esse contexto que havia já de clube de mães, mais uma liturgia semanal que era realizada ali, na Vila Cerne, e... e se dava sempre essa preferência na Vila Cerne pelos problemas dos mais necessitados. Então já havia todo um clima, já de preparação. Havia condições objetivas, se quisermos e necessidades humanas urgentes. Aí quando vem a, a novena do Natal, aí já se preparava um materialzinho específico de celebrações de final de semana baseado principalmente na liturgia de Vitória do Espírito Santo, que eram as comunidades mais avançadas. Aí se preparou um... material pra grupos de família...

E: Já havia o encontro das CEBs lá em Vitória do Espírito Santo?

E2: 75 já tinha acontecido.

E:.. aí dominou um pouco a (??? 00:01:53)...

E2: E lá Vitória tinha um... Como nos temos o Dia do Senhor, o material da Diocese pras paróquias todas.

E: Sim.

E2: O deles tava muito dentro dessa ligação de fé e vida. Então a gente pegava dali. Preparava algum materialzinho e pro grupo de família então, se preparou, se fez a novena no Natal, levando em conta aquela realidade ali, aquelas necessidades. Então esse aqui é o material catequético básico, em cima do qual, tanto os grupos de famílias do lado regularizado, quanto na favelinha a gente orientou e fazia junto, esse conteúdo, dessa preparação aqui. Até esse material aqui deu... teve de positivo, né, que justificou, legitimou, sacramentou essa, essa ocupação. Se o próprio Jesus tinha ocupado uma gruta pra poder nascer...

E: Uhum.

E2: É uma gruta destinada aos animais, aquela granja de arroz abandonada, onde tinha alguns animais também pastando.

E: Sim.

E2: Era uma situação assim, idêntica a de Jesus. Por que não fazer como Maria e José pra Jesus nascer? Só que eu te falei outro dia que tinha lá em baixo a fábrica Bianchini, onde tinham uns operários mais, ãhm, desenvolvidos, mais avantajados ali em volta deles. E aonde (pigarro) o padre chamava pra missa e eles vinham na Harmonia, na Vila Cerne, e aí se levou esse material aqui pros Bianchini também. Pros da família dos Bianchini.

E: sim...

E2: E o quê que aconteceu?

E: Bianchini era o de?

E2: ... da fábrica...

E: ... da fabrica.

E2: Fábrica Bianchini.

E: Fábrica de?

E2: Beneficiamento de soja.

E: Que também os operários já estavam (fala sobreposta 00:03:42)

E2: que tá lá até hoje, mas nenhum desses operários aqui da...

E1: Parecia uma vilinha, da fábrica, só dos operários deles. Que vinha a maioria de Alprestre.

E2: Não pegava ninguém ali da, da. Não pegava ninguém.

E: Ah! Sim, sim...

E2: Como eu te disse.

E: Sim.

E2: Os universitários que tavam lá, que conheciam disseram: “Ó isso daqui tem assessoria d antropólogos”. Porque o grupo escolhido... então era um grupo meio segregado, assim...

E: Isso já era o ano de?

E2: Nós tamo em 79.

E: 79. Muito bem.

E2: Aonde tinha esse contato, muito, muito de muita boa vontade, entregavam roupas velhas pras mães. Aquela coisa toda e tal. Então eles, eles davam, faziam essa caridade, pras mulher pobre que iam lá. Mulheres principalmente. Aí deu um estouro (em algumas coisas??00:02:25) com esse material, aonde houve uma assembléia convocada pelo padre, ou convocada não sei por quem, onde deu-se um estrupício. Onde o ... de repente esses Bianchinis... Porque o padre que veio pra lá, nesse tempo.

E: Uhum...

E2: Paróquia se constitui, a Harmonia se constitui em paróquia e o primeiro padre de lá foi o Padre Pedrinho. Um maravilhoso padre, Pedrinho não sei do que...

E1: Pedrinho Arnold. Ainda existe (fala mais duas frases sobrepostas por ruído)

E2: Só que daí sai o Padre Pedrinho...

E1: Pedrinho Arnold.

E2:... e eles colocam quem. Colocam um padre..., como é o nome dele? Por...

E1: Padre Gama.

E2: Gama, português de Portugal ou de Angola, de não sei da onde, ãm, de mais idade, que não podia ser mais pra trás na história do que... tanto que, uma favelinha que tinha ali perto da Harmonia que tem até hoje, chamada re, na rua da República, cada vez que ele tinha que mencionar na fala que ia ter uma procissão ou qualquer coisa, cada vez que ele tinha que dizer: “Ó vai sair da Rua da República.” Ele falava República e atrás ele acrescentava: “Que nome mais feio Deus que me perdoe!”

E1: É. “Eu não quero nem ouvir esse nome” (imitando sotaque luso)

E2: Nem a palavra república ele se... pra tu ver.

E1: Ele era um monarquista. Hahaha!

E2: Então aqui o quê que acontece? Acontece que veio, (som do que parece ser uma batida com mão sobre a mesa) nessa assembléia com os Bianchini.

E: Uhum...

E2: Os Bianchini são os operários lá ta...

E: Sim, sim, sim... (segue concordando em segundo plano ao longo da fala da entrevistada)

E2: ... E o Padre Gama que deu certo. O grupo dos operários da Bianchini como o Padre Gama se entenderam, aí veio assim: “Agora nós temos duas igrejas. A Igreja do Padre e a Igreja do Irmão”. Porque o, o Padre Gama de lá veio com um materialzinho da Arquidiocese pra eles. E nós aqui com um materialzinho bem pra realidade daquele povo ali.

E1: Em cima dos problemas...

E2: Bom, se por um lado deu o estrupício lá, mas por outro lado foi este materialzinho aqui, feito nas casas, ó tu pode ver os títulos ó (lendo): “Deus prepara o Natal visitando os pobres.”

E: Uhum...

E2: Aquela realidade de visitação, e os pobres se visitam, e o Anjo visitando Maria, e os pastores, a grande visitação.

E1: Os pastores visitando o menino, Maria visitando Isabel, não é.

E: Uhum...

E1: Então o tempo de Natal foi um tempo de visitação geral, não é.

E2: Agora tu olha o segundo encontro (novamente lendo): “Os poderosos forçaram José e Maria a sair de Nazaré.”

E: Ah! sim!

E2: Olha o outro aqui ó (tornando a ler): “O único lugar que sobrou para Jesus foi uma estrebaria”. Olha se é pouco direto.

E: (riso)

E2: Agora vem: “Da estrebaria, Jesus começa a união dos trabalhadores.” O quê que dá a entender né? Que é lá dos fundões, né, lá dos bem desprezados. Olha o outro encontro: (segue lendo) “A união dos pobres, que nasceu

em Belém, se estende para todo o mundo.” Esse é o quinto encontro. O sexto: “Jesus nasce para dar vida e saúde para todos.” Aí vem vindo, aí vem vindo (folheando algumas páginas). Aí outro: “No Natal Jesus começa a luta contra os poderosos”. Justamente a luta que eles iam ter que enfrentar ali, né, com prefeitura e com tudo...

E: Uhum.

E1: Porque já havíamos tido nessa altura, Matilde, a intervenção da prefeitura pra segurar as ocupações em cima da rua.

E2: Então tu olha aqui o chamamento pra comunidade, que é o que vai sustentar a luta e sustentá-los na fé e dar coragem, ó esse encontro: (mais uma vez lendo) “A casa em que o povo se reúne é a casa em que Deus está presente.” valorizar o espaço, valorizar a comunidade. Bom, então aqui um pouco, dentro da linha de comunidade que se vai fazer, com os grupos de bairro que vão sendo...

E: Sim.

E2: Tipo que organizam a resistência, que nos organiza.

E: Sim. Já contribuí pra, pra ocupação o processo.

E2: Aqui a Vranúla (??? 0:08:26) coloca naquele pedacinho da união dos operários, ela coloca que é da, da, da grande Porto Alegre essas ocupações, que o, que possibilita a existência desse tipo de luta, ela coloca assim é a organização da sociedade civil. Ela coloca. Claro nós também sem a Associação de Moradores.

E: Uhum.

E2: Claro que ela não dá ênfase pra questão religiosa, a questão da igreja, mas dá, dá ênfase pra organização coletiva, do coletivo.

E: Certo. certo. (segue concordando em segundo plano ao longo da fala da entrevistada)

E2: Então como aqui como o religioso era como que um denominador comum a todos eles, foi essa força aglutinadora e que levou então para essa ação de ocupar. Então esse material aqui ele tá... a gente ficou... bom, então veio aqui ó... (farfalhar de papéis)

E1: Por causa dessa situação de povo, que vem do interior, naquele religioso alienado, né que nunca, né. Nós fazemos explodir a boa nova a partir da bíblia, não é. De fatos que eles conhecem, porque eles não aceitariam uma lavagem, ahm, ideológica somente, análise de classes, etc e tal. Não. É do livro que eles aceitam, que é a bíblia que salta a política, né.

E: Certo. Certo.

E1: Então vê, com isso eles aceitaram de fazer a ocupação, porque, né, Jesus Cristo, fez uma ocupação, não é, de uma gruta abandonada, etc e esse terreno todo aí bam, bam...

E: A dimensão política e social do Evangelho...

E1: Exatamente...

E2: Tá. Então é uma mística que tinha que ser alimentada e realimentada constantemente. E o Natal então era o grande momento de realimentação, né, pra outras lutas que vinham vindo e que tinham que buscar força...

E: Sim.

E2: ... originária. Sempre tempo de Gênese. Tá sempre se refazendo.

E: E a Teologia da libertação vai dando a idéia.

E2: Então olha aqui ó. Esse aqui das carrocinhas, olha aqui ó por exemplo, o grande chamamento. Até essa charge aqui a gente encontrou, com assim ó. Essa é original. “você não podem ficar. São invasores”. Aí então que a gente fez, mostrando né que Jesus e Maria também ó. Essa charge aqui não é nossa. Ela veio nos jornais. É porque era um momento assim de muita mobilização popular.

E: claro.

E2: Então todo chamamento, toda programação. (lendo) “26, domingo, 8 horas: procissão de carroça, bicicleta, á pé”. Sempre ali, saindo dali sempre. Do guabiju. “Termina na Creche Vó Maria. Benção depois das carrocinhas, tatata”. E sempre o chamamento ó. “dezembro 78 os moradores preparavam o Natal, grupo de famílias, tá, Natal, igualzinho o Natal, venha de carroça, de bicicleta”. Então sempre o chamamento pra esse fato fundante. (ruídos)

E1: Em cima das carroças as casinhas que serviriam de presépio em cada comunidade, não é. Né, Matilde?

E2: É, eu já mostrei uma fotografia...

E1: Porque. Lembrando as casas ...

E2: que eles traziam...

E1: que eles traziam...na hora da ocupação.

E2: na ocupação.

E1: com tábuas e tudo né.

E: Sim

E1: Que vê foi a conquista da terra pra morar, né

E: Sim, sim.

E1: Porque depois vê bem a Romaria da Terra, para os do interior, com o Padre Arnildo, foi “Terra para plantar”, não é.

E: Uhum...

E1: E eles aqui “Terra pra morar”. Porque a ênfase maior nossa era a moradia,né. E a ênfase maior dos do interior era a grande terra né.

E: Ah...

E1: Nós aqui só um lugar pra casa, né.

E: Claro,claro. Eles queriam morar pra trabalhar.

E2: Depois desse fato inicial, dessa...

E: Sim...

E2: Dessa primeira entrada ali, via associação, via a parte jurídica, com o Jacques Alfonsin, agora da um pouco lá dentro...

E: Isso tudo já é o Santo Operário, que seria no futuro?

E2: Tamo tudo no Santo Operário. Que a (a união dos???:12:30)Operário vai ser,vai ser

E: vem depois.

E2: como que um respingo dessa aqui.

E: No início era lavoura ainda. (segue concordando em segundo plano ao longo da fala da entrevistada)

E2: Então isso aqui, quero te mostrar um pouquinho aqui como a coisa surge. Então tu a vendo aqui...

E: Sim.

E2: Aqui são os fundos, ó, lá mais lá pra dentro, lá quase perto da União dos Operários. Então quem são essas pessoas que estão aqui?

E: Uhum. Eu vou botar aqui: Santo Operário.

E2: Santo Operário, como é que, como que se...

E: 79.

E2: Como é que ia se dando a ocupação do terreno e como é que ia se tendo as lideranças e como é que ia se formando as comunidades.

E: Sim, sim. Claro.

E2: Que ali o quê, ali é meia dúzia de comunidades, ali. Ou menos. Menos. Pra um... É muito povo ,muito espaço.

E: Sim.

E2: Então tu olha. Essa aqui é a Ana Maria que vinha lá de cima da comunidade que vai ser a Nossa Senhora da Luz. Aqui ta a Erundina, mãe da Odete, que eu acho que tu vai conhecer...

E: Uhum...

E2: Essa aqui ela veio lá de cima de.... de onde é que elas são? De onde é? A Odete e a Erundina, não é Catuípe, é.... Aí meu Deus! Agora me escapou.

E: O nome dela é Odete?

E2: Não. Essa é a Erundina.

E: Erundina.

E2: Essa aqui já é falecida...

E1: ... Ajuricaba. Ajuricaba, não?

E2: Lá de cima, a Erundina. Não... Essa é a Selma. Selma o nome dela. Ta.

E: Selma, só pra eu ter uma idéia...

E2: Então assim, âm, âm, âm... no caso eu to tirando a fotografia, né.

E: Claro, claro...

E2: Então eu descia até lá com a Ana, que vem com a filhinha dela, que morava já era ocupante da Santo Operário. Atrás da casa onde o (Tônico ??? 0:14:05) já tinha se instalado, que atualmente é o centro das comunidades.

E: Uhum.

E2: Então ta. Então ela veio comigo, no caminho pegamo aqui a Erundina, que vai ser a fundadora da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. E lá em baixo nos espera a Selma, tu vê que é um mundo feminino, não é.

E: Sim,sim...

E2: Lá embaixo nos espera a Selma, com umas criança. Então a Selma, ela tinha a casinha dela aqui por baixo, a Erundina,na metade do caminho. Era uma casinha meia solta assim. Então, a Selma ela vinha com o marido dela lá em cima, logo no início da ocupação. (pigarro) Lá em cima que eu digo, mais em direção ao serro, na Santo Operário, Nossa Senhora da Luz...

E: Sim, sim,sim...

E2: Ela vinha com o marido que tocava gaita.

E: Certo.

E2: Domingo de manhã. Uma maloquinha que servia de sede da associação, sede de igrejinha e tudo.

E: Uhum.

E: Tocando gaita. Muito bem. Mas era lá dos fundão. Da, quase na, na,na mari, na Maria Isabel.

E: Uhum

E2: Jesus Operário é cá embaixo.

E: Sim,sim. (segue concordando em segundo plano ao longo da fala da entrevistada.)

E2: Quase aqui na Maria Isabel, bem aqui pra baixo. Ta. Então. Aqui é ... era essa a paisagem, lá pra baixo. Então o quê que era: era uma Via Sacra. Que a gente ia começar cá embaixo. Mas ó a gente começa assim. Só que nessa subida da Via Sacra, eu vá puxar Ave Maria. Só quem sabia responder Santa Maria era essa aqui a Erundina. Era Erundina. Aí viemo vindo, viemo subindo, depois a, a Erundina, ela na casa dela ela vai começar a chamar mães pra fazerem acolchoado no assoalho da sala dela, em função do inverno. Então depois vai ser ali a Comunidade do Nossa Senhora Perpétuo Socorro, que dá idéia de onde que ela veio lá em cima,onde tinham os padres da devoção do Perpétuo Socorro. E aqui ta a procissão...

E1: fala sobreposta (??? 0:16:00)

E: Uhum...

E2: Aqui ta a procissão, vinha já mais engrossada, já vindo de lá. E chamando, e convocando, assim...

E: Uhum...

E2: Aqui dá uma idéia dos iniciozinho da ocupação também...

E: Sim, sim,sim. Perfeito.

E2: Essa é das imagens, assim, que a gente tem, das mais antigas dali...

E: Das mais antigas...

E2: Fora outras que a gente...

E: Que era Vila Santo Operário então ali?

E1: É.

E: Vila Santo Operário... uhum.

E2: Vo buscar uma cola...

E1: E isso foi decidido na associação...

E2: Essa aqui é a Vó Maria...

E1: ... qual é o nome a dar.

E: Associação que tava se formando...

E1: Sim.

E2: Essa aqui é a Vó Maria, que vai dar nome à creche.

E: Ah, essa é a Vó Maria...

E2: A creche vai se chamar Vó Maria.

E1: Essa foi a primeira ocupante, nã, sem nós.

E2: Ali no cantinho onde tu já escreveu ,lá, né.

E: Ah! sim, sim,sim. Aqui ó.

E1: Bem o fundo, ela tinha um triangulozinho onde tinha a casinha dela, não é.

E: Uhum.

E2: Ela teria sido empregada dos Mathias, qualquer coisa que então...

E1: É.

E2: ... concederam dela se instalar lá pra baixo.

E: Sim.(concordando algumas vezes em segundo plano ao longo da fala do entrevistado)

E1: E como ela tava em cima da (palavra sobreposta por ruído 0:16:57) ela foi acolhedora. Porque ela botou dentro do terreninho dela que não tava fechado, né, mas que ela tinha uma assinalação, mais duas famílias. Aí quando tinha três, levou a quarta,né, fora do terreno dela e foram subindo, né, ao lado da rua, né. Do lado da frente o, a turma tinha comprado o terreno e tinha sua casa tudo bonitinho, não é.

E: Sim. Sim,sim. Aí então vai, se organizando, a turma...

E1: Matilde, vem continuar! Abandona o microfone e tudo.

E: Não. Não... mas... Pode. Se o senhor quisesse também continuar...

E1: Não,não. Ela nem pede licença...

E: Não,não...

E1: ... pra tu desligar então o aparelho. Mas que (pena??? 0:17:41)

E: Isso...

E1: Olha aí!

E: Então, aí são fotografias, né?

E2: Bom. Não, é que aqui onde que ta centro das comunida, nome do centro ,centro de formação...

E: Sim.

E2: ... o número tudo direitinho.

E: Aham.

E2: Então ficou com o nome Centro das Comunidades Santo da (???0:18:00)

E1: Que era onde tava nossa maloca aí quando nós entramos junto com eles.

E2 e E falam simultaneamente (não transcrito)

E: ah...

E2: Aí com verba do (adveneto ???0:18:09) se fez esse,esse...

E: o centro da comunidade...

E2: que depois os capuchinhos em cima, com verba do Adão Preto fizeram o andar de cima, que é onde pegaram e tiram tudo. Tiraram árvore, tiraram tudo. Até o guabiju. Nem viram o guabiju ali. Que era o dos sete anos, né.

E: Eles construíram outra coisa? Então foi demolido essa...

E2: Não! Lá em cima outro andar.

E1: Fizeram outro andar em cima.

E: Ah...

E2: Mas limparam. Limparam. Limparam árvore, limparam a frente. E. Pior de tudo, essa grutinha aqui. Pior de tudo a coisa mais trágica...

E: Uhum...

E2: É que eles... Onde é que ta a da grutinha? Ta aqui. Pior de tudo, pior crime é esse aqui:

E: É?

E2: Então tu olha essa grutinha aqui linda, bonita, bonitíssima...

E: Ah sim, aqui.

E2: Gradearam! Cheia de grade. Ah, porque viam os marginais e quebravam, que não sei o que não sei o quê, que não o ... ih!(Inspiração profunda) umas grade hor-ro-ro-sas!

E1: Botaram uma grade com uns ferros desse tamanho, a gente nem enxerga a imagem quase.

E2: Até quando a gente de vez em quando tem a mística na Vila Cerne, agora, foi quando, não faz muitos anos foi o encontro da mística feminina. aí as que são mães de Santo, se vestiram de mães de santo. fizemos ali na frente todos uns impropério, uns exorcismos.

E: Uhum. (Segue concordando)

E2: Ou as mulheres se libertam e na libertação delas vão libertar a mulher que está ali atrás da grade também. Aquela grade é um símbolo. Todos nós somos prisioneiros da violência que nós deixamos tomar conta. Até eu disse pra ela não adianta, ó. O lugar de mais violência daquelas ilhas ali. Lá o tempo que a gente tava no galpão com elas foi de botar também uma Nossa Senhora Aparecida lá no chão do galpão

E: Pois é, a Nossa Senhora Aparecida é o Centro aqui.

E2: É o Centro de Comunidades. É o que tinha ali. Aí na ilha as mulheres diziam assim: “Matilde, bota grade, bota grade, naquela Nossa Senhora, porque vamo...” Não vamo! Ninguém vai quebrar, não vai ter grade, não vai ter grade, não vai ter grade! Ó teimamo, teimamo, teimamo, até hoje, ela ta na beira da estrada. Ela não tem grade! Ninguém quebrou, ninguém depreudou. Então o negócio e viver junto.

E: Eles respeitam...

E2: Não. O negócio é viver junto.

E: (Segue concordando...)

E2: Na medida em que tu aceita ser gradeada pela violência, tu bota grade em tudo. E resolve o quê?

E1: Sim, o negócio de violência, vê, quando o povo no começo ocupou a vila, eles tinham muito medo da violência etc e tal. Mas à medida que as capelas foram se organizando, perderam todo o medo não é. A questão da comunidade era uma, uma garantia pra eles até deixar a casa deles, sozinha né, pra sair pra trabalhar...

E2: Não e principalmente a gente da pastoral. Tu vê esse aqui. O filho da... da, da Erundina aqui, Miro, ta aqui, se instalou aqui junto com ela vindo lá de cima, de Catuípe, de Alpestre, não sei daonde. Ele... (pigarro) Porque a Matilde velha só ouvia falar de violência, violência, violência.

E: Uhum.

E2: Ele veio pra veio (???0:20:53) com a coisa internalizada.

E1: Bom. Fica pra ti o chimarrão que ela não toma, e eu já tomei bastante de manhã..

E: Ta bom... Obrigado.

E2: Aí, aí então diz assim que, que ele também tinha medo, aquela coisa toda (não saia de noite??? 0:21:03) Mas quando ele via o Irmão Antônio passar de noite com a pastinha embaixo do braço passar de noite sozinho por ali, ele viu que...

E: Não é bem assim, hehehe...

E2: Impressionante como tem algum que diz, escuta amigo, que história é essa eles são mais poderosos, mais forte que nós o quê que é?

E: Aí então iam se organizando...

E2: Vão se organizando. Então veio várias fórmulas, várias lutas de solidificação. Uma das primeiras... bom teve então a questão da... de sair pra buscar melhorias. Mas essa, essas buscas de melhorias...

E: Sim.

E2: A gente já tinha as ferramentas, por exemplo já tinha o clube de mães.

E: Uhum.

E2: Tinha as comunidades.

E: Sim.

E2: Agora tu já tem assim uma mobilização e uma organização pra.

E:... umm, uma mobilização. Só uma pergunta, esse centro aqui, comunitário, hoje tem a Nossa Senhora Aparecida, hoje as comunidades de base lá de, de, do Mathias Velho elas...

E2: ãm, ãm.

E: Não é o mesmo local? É outro local?

E2: Não o local ta ali mas acontece que agora ta desfigurado.

E: Ah ta. Então ta. Só pra...

E2: (??? 0:22:09) ta desfigurado!

(série de ruídos)

E1: Até eles fazem de vez em quando alguma concentração lá, alguma missa etc e tal. Porque vê ã, ã, junto com isso depois vem a ocupação...

E2: Ah! fazem a Missa da Saúde todos os dias (??? 0:22:24) de cada mês.

E: Ah... sim

E2: Na frente ali...

E1: ... lá na outra ocupação, Matilde, do prado, bem na Mathias Velho...

(som de tosse seguida e uma frase inaudível de **E**)

E1: Aí nós começamos uma capela dentro da ocupação, que hoje é centro importante (tosse de **E2**) de Nossa Senhora Aparecida, por ocasião de que dia que eles fazem a procissão? A procissão de toda a Canoas ali.

E2: Dia doze...

E: 12 de Outubro.

E2: Claro!

E1: 12 de Outubro, né.

E: Isso, isso...

E1: Porque uma outra coisa que nós começamos (novamente som de tosse em segundo plano) que nós começamos no Rio Grande do Sul. Todo mundo dava risada de nós, foi na Sexta-feira Santa o negócio da marcela.

E: Umm...

E2: Antes da ocupação (palavra sobreposta por ruído)

E1: Eu sei que vinha o Padre Augustinho Preto lá do Rio e ria, ria, ria porque nós vê: “Jesus é a marce, divina marcela que cura todos os males”, não é.

E: Ah ta...

E1: E nós fazíamos a procissão da Sexta-feira Santa com uma cruz. E aí ta o negócio da última procissão, esses macetes, que a gente botava tudo em cima de uma cruz só com marcela de cima a baixo e nos braços. É uma cruz gloriosa, não é, porque é a flor da marcela. Então de hoje ta espalhado pelo Rio Grande do Sul que é uma coisa típica só nosso estado, a questão da marcela ser superação.

E2: Bom, estamos aqui na...

(seqüência de ruídos)

E: Santo Operário...

E2: Ta, mas tudo (??? 0:23:40) uma situação de deserto. Não tem água, não tem luz, não tem árvore, uma desolação. E aí até nas catequeses com crianças que se fazia, se elaborou um esquema próprio chamado pra catequese de criança, que se chamava “Mutirão das Crianças”, que se chamava as crianças pra muito mais pra uma convivência.

E: Uhum... (segue concordando ao longo da fala).

E2: Até ali se fazia, se fazia uma relação, que a... Essa rua José Veríssimo, aqui, ela tem do lado do Santo Operário, tem um valão, um riachão um qualquer coisa...

E: Um arroio...

E2: com umas pontezinhas assim muito frágeis. Que passa pra essa granja aqui. E não tinha necessidade de ponte, nem nada porque era tudo abandonado. Então era aquelas carrocinhas em cima daquelas pontes, trazendo a casinha, assim as tabuinha e vai não vai... é... cai não cai. Então se fazia esse riacho grande aqui, esse valão, como fosse o Mar Vermelho.

E: Umm... (e segue concordando em segundo plano)

E2: Então seria a travessia, daqueles que tão em busca de casa, tão em busca de uma vida melhor, em busca de um lugar pra morar, tivesse que fazer a travessia do Mar Vermelho, e agora enfrentar aqui dentro o deserto.

E1: A Terra Prometida.

E:Uhum. Perfeito.

E2: Ta. Agora tudo ali era pra se fazer então. Falta luz, falta água, falta né... estrada que ali eram terrenos baixos era um lodaçal só. Até o Tônico contava, contava que de noite ele tinha assim como que pesadelos. Imaginando assim, se tinha feito certo ou errado, incentivar o povo a essa ocupação. Por que agora tava ali ó...

E1: Todo mundo no barro... (???0:25:27)

E2: tudo esturricado no verão, porque sem nenhuma árvore, nada nada. Aquelas maloquinhas e coisa. Bom, então agora vamos começar por onde?

E: Sim.

E2: Mas se tem as mulheres reunidas, tem final de semana nas comunidades,tem reunião na associação. Aí vem vindo. Precisa de tudo. Então a luta mais fácil aqui,mais fácil que foi a primeira foi a conquista da luz. Da luz como? Da luz como? Daí a gente tem ali uns quadrinho. Procurando até eu acho. Com Newton Fisher, aqui se fazia aquela questão do Paulo Freire, né. Então se tem desenho com guache, né com tintas, como é que um (pigarro) gato, né roubava a luz do poste. Até hoje essas vilas é só gato ,né.

E: Sim, sim, claro.

E2: E como é que essa luz que ele pegava do poste, como é que fios, iam se passando nas casinhas, lá pra trás, lá pra trás, lá pra trás. Então a entrada a entrada da luz ela foi facilitada porque um que era gerente da CEE, ele era paroquiano aqui do Harmonia um, , e ele ajudava na paróquia. O Jaime.

E1: Jaime Cruz o nome dele.

E2: E a esposa dele catequista, a sogra também, muito ligada ao Apostolado da Oração ali na Harmonia, e davam apoio. Então ele chamou o gerente da CEE, não se o quê e aí aquela situação deles resolverem o problema da luz do jeito deles, forçou. E era o interesse também da CEE regularizar, que assim não é luz roubada, é luz paga. Então a primeira conquista foi a conquista da luz.

E1: E a conquista da luz que foi a a CEE colocar uma linha de postes na primeira fila,né da nossa ocupação.

E2: Sim,na José Veríssimo.

E1: Na José Veríssimo aqui...

E2: uma fila de postes.

E1: E aí a turma foi puxando pra trás né.

E2: Ta. Mas aí então se festejou, justamente 2 de fevereiro,que é Dia de Nossa Senhora Candelária...

E: Navegantes.

E2: Candelária, das velas, da luz. Tanto que...

E1: É Candelária, nós celebramos a luz aqui.

E2: Tanto que a primeira comunidade ela vai se chamar aqui, pena que esse mapa aqui não marca, ela vai ser Nossa Senhora da Luz. Aqui dentro.

E: Uhum.

E2: Aqui naquela beiradinha aquela casinha onde o Tônico morava aqui, que depois vai ser o Centro das Comunidades, ali então a gente já chamou ali o centro Nossa Senhora da Luz. Depois lá pra dentro vai ser construída a capela, um centro comunitário maior. Então vai ser Nossa Senhora da Luz. Luz.

E1: Sim e ali Matilde, junto com a Nossa Senhora da Luz, que é no dia 2 de fevereiro...

E2: Ah ta.

E1: Como esse nosso pessoal todo da região metropolitana tem a, tinha a grande procissão de Navegantes.

E: Uhum.

E1: E é a grande concentração de negros, etc aquela coisa toda.

E: Sim.

E1: Então vê, nós, por se chamada a festa de Navegantes de Nossa Senhora da Melancia, que é a época da melancia.

E: Uhum.

E1: Então lá, vê nós com base né, aproveitávamos sempre coisas do devocionismo popular,etc e tal pra dar. (sinos soam em segundo plano) Então nos dizíamos, olha, a melancia é uma fruta comunitária, porque ela é tão grande que ninguém come uma melancia sozinho, não é.

E: Uhum.

E1: Então pra o povo estreitar laços comunitários; tínhamos um, chamado Zé do Carretão, que até morrer, né, faz poucos anos, ele, ele tinha um carroção, (toca o cuco ao fundo) um de quatro rodas e ele doava todos os anos o carretão dele cheio de melancia pra festa de Nossa Senhora da Melancia, né.

E: umm

E1: Então é desde o início da ocupação que se celebrou com a fruta enorme que a gente come. (ruídos) E daí os pequenos grupos semelhante à multiplicação dos pães, que comia melancias juntas na festa, né. Sempre essa questão do projeto de Jesus de organizar o povo. A pequena comunidade e trabalho de massa, né. Sempre a multidão, não é.

E: Sim. (concorda algumas vezes em segundo plano durante a fala do entrevistado)

E1: E a pequena comunidade como fermento da massa. Então essa coisa religiosa, né a gente sempre ligava com a parte bem concreta, não é.

E: Fé e vida.

E1: Fé e vida. Bom Matilde, vai tocando.

E2: Vai tocando o quê? E agora?

E: Hehehe.

E2: Bom,nós tamo na luta da luz.

E: Na luta...

E2: Da luz.

E: Na luz...

E2: Agora vinha...

E1: tinha ainda aquele negócio da luz ainda a luz por enquanto ela estava na beirada ali, e ela entrou mesmo...

E2: Para aí, agora a gente ta na água!

E: Ah, ta...

E2: Que ela vai entrar...

E: Sim.

E2: Que assim: e agora pra água entrar?

E: Ah pois é...hehe.

E2: Essa beiradinha aqui pegava água aqui da Vila Cerne. Mas aí vem aquele conflito, justamente a entrada da luz ela acirrou o conflito com esse do lado de cá da José Veríssimo que é tudo re, legalizado.

E: umm...

E2: É tudo juridicamente constituído. Claro que eles tinham horror àqueles... primeiro ter maloqueiro na frente de casa.

E1: Que desvalorizava os terreno deles.

E2: Uma,ma , uma favela desvaloriza. Outra coisa, (pigarro) como que eles estão pegando de mão beijada, aquilo que eles pagaram? Uns tavam até hoje pagando seu terreninho, uns não tinham nem pago. Agora aquela gentalha ali daquele jeito. A entrada da luz acirrou o conflito.

E: Umm...

E2: O que dificultou eles pegarem água do lado de cá. Mas agora pra entrar nós tinha que ter alguma coisa pública que vá pra dentro. Aí então se bolou a história da creche.

E: Umm...

E2: Uma creche. Mas a creche lá dentro. Na rua, como é que chama a rua da creche, que a gente ta meia esquecida aqui?

(pigarro)

E1: Só vendo o nome...

E2: A rua aqui pra. Bom. Então numa dessas ruas aqui, bem. Ta?

E: Sim.

E2: Bem no centro, lá dentro do campo se achou em espaço, já com os traçados de rua tudo no papel mais ou menos. Vamos correr atrás de creche. Bom aí vinha então, o prefeito antes do Jacomazi como era o nome daquele outro?

E1: Guindane.

E: umm.

E2: O Guindane.

(E e E2 riem)

E2: Então já tinha aquela ida á prefeitura, aquele bando de mulher, chegavam entrando com criança, e aqueles tapetes, aquela coisa toda. Então eles também, alguma coisa eles tinham que conceder.

E: Sim.

E2: Aí eles já (enviavam lá??? 0:31:53) uma creche. Temos mães que trabalham fora. No tempo que as creche eram pras mães, agora a creche é pras crianças, não é mais pras mães,né.

E: Ah..

E2: A Constituição de 88 mudou o foco totalmente.

E: Pois é.

E2: Aí então o quê que ele faz. “Ah! Tem uma escola velha ali por demolir. Se você quiserem aquelas madeiras, podemos destinar pra vocês.” Ah! Dito e feito. Então elas arrumaram um mutirão pra desmontar e pra montar. Aí então claro, a creche tu não ia botar na beiradinha.

E: Sim.

E2: Tu ia botar lá dentro. Porque a creche ela ia te dar força, ela ia te, ter força moral. Porque olha escuta: “como é que vamos atravessar esse barro?” tem que ter umas ma, um trabalho de máquina aqui,pra ajeitar umas ruas, ver algum aterro alguma coisa. E a água? Vamo funcionar a creche ? Então forçou a primeira entrada de água.

E1: (unicamente??? 0:32:45) forçou o governo. Onde é que se viu? Quarenta, cinqüenta crianças sem água,não é. Sem luz. Sem uma, uma, uma rua decente, é tudo banhado né. Então foi a pressão popular. Apoderamento popular.

E2: E, e até essa creche, feita assim de ta e trabalhado voluntário e uma. Começou a funcionar, ai o prefeito se obrigou também a ter alguma funcionária da prefeitura. Aí vem aquela história, quem são as que vão pegar de funcionárias? Que a gente pensou que as lideranças fossem umas Tereza de Calcutá. Mas não são. Tavam pensando nas filha, nos filhos...

E: Sim,sim... (segue concordando)

E2: A gente teve a mesma coisa lá com o posto de saúde da Vila Cerne, de ver que as lideranças tratavam de arrumar pros filho e pras filhas né. Ta. A gente custou a, a engolir, né, mas vamo engolir. Que quê vamo fazer?
(pigarro)

E2: Aí até...

(pigarro)

E1: Também começa aí a questão da, da, do próprio governo ter predileção por tal ou tal candidato, né...

E: Ah!

E2: Ah! É, a, era assim, negócio de cooptar também as lideranças.

E: Sim, sim.

E2: Eles são lideranças, vou puxar pro meu lado, vão trabalhar.

E1: É.

E2: De fato a gente teve aí um distanciamento dessas lideranças na medida em que elas (começaram em???)
0:33:53) favores governamentais. Tudo isso aí claro. Tudo isso tu vai sofrendo e vai indo.

E: Sim, sim, sim. Interfere...

E1: É a política, isso aí, né.

E2: Mas essa creche, essa creche aqui ela motivou uma chamada “Operação Cardeal”. O Vicente Scherer aqui que era o Cardeal (pigarro) ele... umm... sempre assim teve uma certa admiração pelo meu irmão.

E: Sim.

E2: Embora no tempo da catequese, assim, tivessem frei, te, tido como discussões, não muito amigáveis, mas ali no embate com o padre. Nós tínhamos essa dificuldade como Padre Gama, esse português.

E: Uhum.

E2: Ele se colocar totalmente contra essa ocupação. E a, e, e, e, até desmobilizar. Aí o que quê teve que se fazer?

E1: O Padre vê, que tinha sido capelão militar no Moçambique.

E2: É.

E1: Quando era colônia portuguesa.

E2: Ele se negava vim...

E1: Então, ultraconservador, né. Foi expulso do Moçambique, veio pra Porto Alegre. Ele é até de uma congregação religiosa os... Salesianos.

E: Uhum. Salesiano...

E1: Ele é Salesiano, imagina. Então, ó, vê, o, o, ele perguntava:

– “Antônio, onde é que fica a Vila Araújo?”

E eu:

– “Olha Padre, o senhor pega aqui a Rua da República...”

(imitando sotaque luso)

– “Ah! República! Não quero nem ouvir esse nome!”

Né.

E: Hehehe.

E1: Porque ele era monarquista convicto.

E: Sim.

E1: Então nós ocupando ãhm, mas onde é que se viu?! Nós. “Lá eu não boto o pé!”

E2: Isso! Se negava a vim fazer qualquer celebração, qualquer ato religioso. Aí que nós chamamos sempre o Padre Armindo Cattelan que era lá de São Luiz. E outro que vinha aqui que tava fazendo também os doutorados, as teses dele lá da faculdade, é o Pedrinho Guareschi.

E: Ah, o Pedrinho Guareschi.

E2: (pigarro) Onde ele aprofundando Paulo Freire essa situação ele...

E: Uhum.

E2: Até muito lindas as missas. Ali que eu captei pela primeira vez aquilo de repartir o pão.

E: Uhum.

E2: E o Jesus, esse repartir é Jesus. Quer dizer, é, é na partilha que ta Jesus. Não é no pão em si. Quanto no...

E: Ah! Sim.

E2: Barbaridade, dizia coisas maravilhosas ali...

E: Sim, sim

E2: ... nessa, casinha também improvisada que se tinha ali no lugar...

E: Sim, sim.

E2: ...Onde via ser o centro das comunidades.

E: Sim. Sim.

E1: E porque ali, numa vila como essa de gente do interior e tudo, nós imediatamente tínhamos o problema dos batizados.

E: Umm.

E1: Quer dizer, nós podíamos fazer nossas liturgias, tudo e quando não tinha padre nós fazíamos. Mas a angústia de batizar os filhos, sem o padre tu não conseguia batizar. Agora, naquele tempo nós tínhamos uma grande novidade em relação ao batismo, que eles tinham o chamado batismo em casa.

E: Umm.

E1: Explica um pouco...

E2: Todo mundo tem batizado em casa Santa Maria, também eu acho.

E: Sim, sim, sim, sim.

E2: Justifica tu ter mais madrinha, mais padrinho, né.

E: Ah, sim, sim.

E2: Então lá também, claro batizado em casa mas tem que ter batizado na igreja.

E: Claro.

E2: E o padre aquela coisa toda. (pigarro)

E: Sim.

E1: E aí vem uma coisa interessante que aconteceu mais tarde. Eu vim na Cúria, uma ocasião em função dos batizados e certificados e o padre de Cúria disse que éramos nós, nas periferias que sustentávamos toda a máquina na Arquidiocese. Digo: "mas como?" Ele diz: -" Olha, aqui no centro tem um, dois batizados no máximo por mês. Vocês vêm há centenas de batizados!" Como nós pagávamos regularmente, né, (rindo enquanto fala) o dinheiro das periferias que sustentava a máquina".

E: Bah! Interessante.

E2: Ta, então ele, ele se negava a ir pra lá, mas houve muito forte esse conflito que o padre, falando mal e tendo o grupo dos operários da Bianchini...

E: Uhum.

E2: ... contra e mais alguns. E a Vila Cerne.

E: Uhum.

E2: Ta. Os próprios, o próprio casal esse que, onde se começou a rezar terço.

E: Sim.

E2: Esse, o casal de moreno, de negros ali.

E: Sim.

E2: Os filhos dele que não tinham onde botar a casinha. Tavam tudo amontoado no pátio deles. E, (pigarro) na hora que quiseram ir lá colocar a casinha ali, eles foram contra. Eles achavam que o filho tinha que fazer que nem eles. Tinha que pagar, tinha que dar duro, tinha que...

E: Uhum.

E2: Então tu não tinha nem dos da Vila Cerne, de repente o apoio. Aí então quê que se fez. O Tonico veio aqui ao Cardeal, relatou o fato. "Ó tamos com esse problema, assim, assim. Mas já tamo lá com uma creche." Pois o Cardeal veio lá em pessoa, rezar uma missa na creche.

E: Umm.

E2: Olha se o Cardeal vem ali... Recebido assim em procissão e tudo mais.

E1: Um grupo de cavaleiros na entrada.

E2: O padre teve...

E1: Fizeram um arco, o povo acostumado à recepção do bispo no interior, não é.

E: Uhum.

E1: Um arco triunfal...

(E2 tosse)

E1: (falando enquanto ri) ... por baixo do qua...

E: Hehe. Sim.

E1: ... o Cardeal passou. Com uma, a, com palmas de coqueiro, etc.

E2: É.

E: Domingo de Ramos, então.

E2: Então ficou "Operação Cardeal", que deu força, ãhm....(pigarro)

E1: E aí no sermão...

E2: Sacramentou! No sermão.

E1: No sermão dom Vicente só faltou me canonizar, não é.

E: Aham.

E1: "Tem um modelo aqui, do catequista, Irmão Antônio". E ele exigiu (batendo com a mão contra umas móveis repetidas vezes) que eu fosse no Padre Gama, esse português. "Tu vai lá no Padre Gama e diz: O Cardeal mandou o senhor estar lá na missa que ele vai rezar." (risos contidos, seguidos de mais batidas). E o Padre Gama, não é. escutando esse negócio todo.

E: Hehehehe

E2: É. Não se faz mais Cardeais como antigamente, porque agora esses Bispo aí, tudo.

E: Sim.

E2: Largam qualquer padre e deixam. Se atrapalha o povo, não tão nem aí. Infelizmente.

E1: Sim, daí, esse povo que é interiorano eles não tão querendo saber se o Cardeal é conservador ou coisa nada. É o Bispo e acabou!

E: Sim...

E2: Ta então esse questão...

E1: A presença do Bispo dá uma força assim, que né.

E2: Essa questão...

E1: A gente aproveitou isso.

E: Claro.

E2: Então aqui essa questão da creche ela vem junto. Agora estamos então em 1979, dos 80.

E: Uhum.

E2: 81. Aonde o Partido dos Trabalhadores vai ser fundado, em Canoas.

E: Uhum. (segue concordando em segundo plano ao longo da fala)

E2: E vai ser fundado aqui. Ao lado da casa onde o Tonico morava, que vai ser esse Centro das Comunidades, ali morava um dos ocupantes que era tam, que foi também o primeiro presidente da ocupação.

E1: Foi da associação...

E2: Da Vila Cerne.

E1: ... e depois foi presidente do...

E2: Sim, ele vai ser presidente do PT. Isso que eu to querendo dizer. Então ele ta ao lado da nossa. Ali ta a igreja. É uma maloqueira, mas ela tem o formato em cima se botou, ãm, se botou um cruz, ta. Então ao lado ta a casa dele – Luiz Onofre Teixeira.

E1: É um esquadrinheiro. Da construção civil.

E2: aí então, na casa dele, ali ao lado, ele botou uma placa bem grande. ãhm, ãhm... “Presidente Nacional do PT: Luiz Inácio da Silva Lula. Presidente Estadual do PT:” Não era o Olívio? Quem era? “O nome bem grande.”

E1: “Olívio Dutra”.

E2: “Olívio Dutra”. E, e, e...

E1: “Presidente”...

E2: “Municipal: ele, Luiz Onofre Teixeira.” Bom, agora tu olha só o quê que acontece. Aí (me vem umas pessoas???) 0:40:55) como é o nome desses, umas Comissões de Direitos Humanos, o intelectuais que tinha ali.

E: Uhum.

E2: Não lembro bem como é que é o nome. Um deles debandou não nos acompanhou mais quando viu a placa do PT aqui, a igreja ao lado. Acho que ele era um PSDB, PMDB, não lembro, um dos direitos humanos. Se escandalizou! “Como é que pode? Vocês aceitarem do lado da igreja, uma placa do PT?”

E1: Hahaha.

E2: Bom então veio o lado desses aqui. E agora vai começar vim o estúpido.

E: Sim.

E2: O PRC. Nos deixaram enlouquecidos. E a loucura total se deu na Romaria da Terra em 84.

E: Umm.

E2: Aí eles acabaram com nós.

E: Bah.

E2: Até agora no aniversário do Selvino. Tava lá o Pilato. Como é o primeiro nome dele? Pilati.

E1: Pilati. Sobrenome.

E2: É o Pilati, ele era Capuchinho. Os capuchinhos tudo, também essas alturas com o Frei Sérgio Dal Moro. Ainda não tão lá os Fiorotti, essas altura. Os Fiorotti vieram depois.

E: Uhum.

E2: Até o Sérgio Dal Moro, meio que larga mais de mão. Ai! E a re, a Romaria de 84, ela também deu um estúpido com o Padre Armindo Cattelan. Achando que o Irmão Antônio ti, tinha levado a Romaria da Terra lá pra se promover ele, pra ele aparecer. Onde é que se viu! Como dizer, não tem estrutura, não tem nada, não tem nada.

E1: A Romaria da Terra em Canoas.

E2: Em 84.

E: Sim.

E2: Então tu olha o momen, o momento de solidão dessa Romaria da Terra de 84. Então quê que se tinha feito? (pigarro) Como aqui era uma ocupação.

E: Uhum.

E2: Então era a junção, não é de terra pra morar, terra pra trabalhar. Então lá do interior, né, com o Padre Arnildo, eles iam trazer, algum alimento, alguma coisa, tatata. E aqui então atrás, da, do espaço grande, bem no centro da Santo Operário, se tinha deixado um espaço bem grande, pra ser tudo um espaço comunitário.

E: Uhum.

E2: Então ali a igreja...

E1: Conforme um bosque até, pra turma tomar chimarrão (na parte da tarde ??? 0:43:00)

E2: Junto à creche. A creche ia ser o primeiro.

E: Ah, ta.

E2: Depois ia ter a associação de moradores, ia ter a igreja. Então de um enorme espaço. Então esse enorme espaço, como não tinha árvore não tinha nada, ali fo projetado e se levantou, toda uma... com taquaras ou com o que hein?

E1: Com eucaliptos. ãhm...

E2: Postes de eucaliptos, iniciou toda uma ramada. Coisa mais linda, coisa mais linda! E foi a primeira vez que se fez...

E1: E pra abrigar o pessoal da Romaria da Terra de um solação, não é, que...

E2: E foi a primeira vez que se fez assim dos clubes de mães que já eram vários. Cada comunidade já botava seu clube de mães. Elas trazerem as coisas, elas fazerem pão, fazerem sanduíche, fazerem...

E: Mas a idéia da Romaria da Terra junto com a ocupação e pra dar força pros dois então? Seria essa a idéia?

E1: Sim. Não, é que realmente, vê o Padre Skill, vê a Romaria da Terra começou em 78. Essa foi em 84. Então, vê primeiro fizemos três, é em São Gabriel...

E: Uhum (segue concordando em segundo plano ao longo da fala)

E1: Em função do Sepé Tiaraju, os mártires indígenas, etc e tal. Depois, se fez, vê, uma lá dos, ãhm, da água lá em Carlos Gomes. Aqueles contra as represas, etc e tal. Fizemos, eu sei que de repente, né, o Skill disse "não, vamo juntar". Assi, daí. Eu era da CPT, não é, era nós que planejava a Romaria da Terra.

E: Ah, sim.

E1: E disse, vamos juntar as comunidades de base com da, da, a da cidade, não é com o campo, não é.

E: Uhum.

E1: Aí, vê, foi Canoas que marcou essa...

E: Umm.

E1: Única romaria onde campo e cidade se juntaram, fortemente, e aí, exatamente foi feita então na nossa ocupação lá. E vê, esse espaço grande que ela ta falando, é que realmente, o, a imensidão do, do terreno da Mathias Velho, não foi ocupado todo.

E: Uhum.

E1: Sobrou lá um miolo, não é.

E: Umm. Uhum.

E1: Porque o pessoal ocupava sempre as beiradas, não é.

E2: É, de a ...

E: Claro.

E1: E era um banhado, né.

E: Sim.

E1: Não vão ocupar o centro do banhado. E lá então era nossa esperança de fazer. E a Romaria da Terra que foi feita junto a capela central, que é a Nossa Senhora da Luz, não é, ficava atrás da igrejainha, naquele espaço enorme, nós armamos esses paus porque não era banhado no verão, né.

E: Uhum.

E1: Aí depois nós queríamos esses paus que conseguimos a caro custo, não é. Através do, daquele cara da, da Santa Maria, aquela família que tem aquela transportadora. Como é?

E2: É o Mercúrio. Expresso Mercúrio.

E: Expresso Mercúrio.

E1: Expresso Mercúrio. Ele tinha um eucaliptal lá perto de Canoas e ele nos deu de graça todos esse paus, onde armamos é o, a barraca, etc e tal pra Romaria da Terra.

E2: Mas então tu olha só o quê que tava se preparando:

E: Sim.

E2: Tinha conflito lá com o Padre Armindo, que era o que mais ou menos nos dava assistência ali, e já naquela ebulição, naquela coisa, já vinham outras forças subversivas...

E: Uhum.

E2: ... forças, ãhm, final, para organizar o movimento popular. E uma figura que apareceu lá foi um tal, ãhm, "ex-padre", espanhol.

E: Uhum.

E2: Casado com uma ex-freira também. Temo um casal. Esse casal se estabeleceu, mas uma, uns avião assim de, de luta e de tudo.

E: Uhum.

E2: Então, nas reunião de associação de moradores, não sei o que, eles sempre vinham. Mas eles sempre vinham com aquela: que essa coisa de igreja é alienação, nós temo que... E, e, uma coisa que ele quis desmobilizar toda vida foi também a questão da mulher.

E: Umm.

E2: Porque ela tirava, desmobilizava, pra luta principal. Que nós tava se ocupando de fazer acolchoado...

E1: Eles achavam que a luta de mudança é com metalúrgicos,né.

E: Ah...

E1: Os operários mais avançados. “Quê que esses que esses caras querem...”.

E2: Não e também eles tinham...

E1: ... com o lumpemproletariado.”

E2: Então, então, eu acho que era mais a luta assim pra eles serem a vanguarda, eles pegarem a frente.

E: Ah, sim!

E2: Porque, eles iam na igreja. Ele ex-padre, ela ex-freira. Bom, então nós tinha problema ali. Mas eles não eram, o Partido dos Trabalhadores não foram eles que, acho que eles não eram, não eram muito...

E1: Não. Não, não.

E2: Bom. Mas nós tínhamos do Partido dos Trabalhadores ali...

E: Eram mais marxistas então.

E1: É. Bah! Marxistas roxos!

E2: Aí...Ah ta! E o quê que ele dizia ali nas reuniões, tudo, ele achava tudo, que era tudo, tudo cabeça... Ele falava em “cabeças desarrumadas”.

E: Umm.

E2: Então quem tinha uma cabeça mais arrumada, depois nós vamos te colocar a cabeça arrumada por excelência.

E: Sim,sim.

E2: Que é a figura de uma mulher chamada Judite.

E: Aham.

E2: Tem que te dar um capítulo especial sobre ela, que uma hora tu vai entrevistá-la.

E: Sim,sim,sim.

E2: E só vai ver.

E1:E hoje está na universidade de Filosofia!

E2: Não, se formou agora, em Filosofia. E fez a dissertação dela sobre Kant.

E: Ah...

E1: Haha. Uma ralada lá...

E2: Não é ralada, essa aí, essa aí tem outra história.

E: Hehe.

E2: Peraí que depois, essa é um capítulo à parte.

E: Sim, sim, sim.

E2: Mas então, olha o que tava se tramando ali.

E: Aham.

E2: Então tu ta a mil com as comunidades, se preparando, tatata. E essa massa que vem, ó.

E: Sim, sim.

E2: Da Romaria da Terra, que vem de lá. E... ãhm. Agora pelos microfones, não acho que aqui, não sei se era os Fiorotti aqui. Não, era só o feio.

E1: Não, não.

E: Não, aham.

E2:Era o Pilati aqui.

E: Pilati.

E2: Bom, pelos microfones, dizendo, olha aqui pessoal, tem nosso clube de mãe e tal. Só que por fora...

E: Uhum.

E2: ... por exemplo, os PRC da vida, e outros tavam tentando também,botar suas tendinhas, vender suas coisas, tudo mais. Agora o estrupício que se deu. Mal...

E1: (seguindo a batida ??? 0:48:40) junto com isso veio o negócio de que eles,a turma essa, eles queriam utilizar pra fazer um plebiscito do PT por ocasião da Romaria da Terra.

E: Umm.

E1: Tu não te lembra?

E2: (fala sobreposta)

E1: Eu não sei de candidatos lá ou coisa parecida. E nós com os clube de mães organizados e tudo. E aquele negócio de uma igreja do Rio Grande do Sul que iria em massa pra lá, aparecer PT na Romaria, seria uma coisa fortíssima demais.

E: Uhum.

E1: Então a gente quis equilibrar. A pa, vê.

E: Uhum.

E1: Por isso, isso é interessante essa questão que nós lá. Vê, pra começar a briga com a igreja institucional foi por causa catequese libertadora...

E: Umm.

E1: ... E do início da Teologia da Libertação com essa Bíblia política, não é.

E: Uhum.

E1: Então explodiu tudo ali não é. (batendo coma mão num móvel.)

E: Uhum.

E1: Então a gente não cansava de segurar um negócio por uma ponta, explodia da outra ponta. E agora, vê, o nosso presidente da associação, que era ao mesmo tempo presidente do PT, eles cooptaram a diretoria da associação, essa turma do barulho, não é. E vê, e nós conseguimos segurar que não aparecesse a bandeira do PT, que não aparecesse inscrições, que não fizessem um plebiscito. Porque eles, eles queriam fazer folhas pra que o pessoal colocasse em urnas lá, negócio de candidatos.

E: Uhum. Huhu.

E1: Aí foi... Bom, é melhor ela contar. Daí eu já me lembro... eu quase

E: Não mas é importante o senhor ir colocando isso.

E1: Então, vê, era...ãhm... Espalharam caminhões cheios de comida, porque viria uma massa de pessoas trazendo comida, não é.

E: Aham.

E1: Encheram as guampa do povo que depois da Romaria né, vai ser uma distribuição de alimentação, né.

E: Uhum.

E1: É Matilde!?

E: Então foi juntando...

E2: Não, então foi assim ó. Final de Romaria.

E: Sim.

E2: Final de Romaria aconteceu uma coisa totalmente imprevista, imprevisível, mas tudo eles trabalhado por baixo.

E: Umm.

E2: "Eles". Quem? Essas outras forças que não são direitistas, são esquerdistas mas aqueles esquerdistas...

E: Não são pessoal da igreja, são mais...

E2: São também. Eles vinham.

E1: São da igreja. O pessoal da nossa comunidade...

E: Ah...

E1: ... tudo cooptada. Cooptada!

E2: Mas ali...

E1: Por esses esquerdinhas violentos.

E2: Essas figuras desses... Uma outra figura ali que também, nos deixou quase louco, é aquele que depois foi da, do (Campi/Urcamp ??? 0:51:11), o Adair. Ele até hoje mora na... O teu professor deve conhecer.

E: Sim.

E2: A mulher dele é a Lúcia, ela da aula na UERGS. Eles se mudaram pra lá.

E: Sim.

E2: Na Harmonia, mais perto.

E: Aham.

E1: Mas e tudo em função do nosso trabalho.

E2: Porque esse, ó, esse aí com esse problema, quer dizer, o negócio efervescente, eles achavam assim que, de certo, tinha que entornar o povo pra ações de violência, de, de né.

E: Sim.

E2: Então que quê eles trabalharam que a gente nem se de por conta. Terminou a Romaria, pessoal foi indo, ih! (inspirando com força) e o pessoal tudo, claro o desespero é material de construção ali.

E: Claro.

E2: ih! (inspirando com força) Todo mundo levando embora aqueles eucalipto. Vá levar embora e ó, não levou uma hora...

E1: Os eucaliptos que nós íamos aproveitar...

E2: ... plantados...

E1: ... pra fazer galpões, pra nossa necessidade.

E2: Sumiu tudo!

E1: Não tínhamos nem a igreja construída ainda, nada, né. Digo, bom, vamos aproveitar os eucaliptos no final.

E2: Não, ia ser feito tudo distribuído pros...

E1: É.

E2: ...pelas forças organizadas, e clube de mães e comunidade. Ih!(suspirando) aquilo, ó, parecia, sabe o quê que é...

E1: Na hora, é que...

E2: ... um formigueiro assim, que as formiga assim vão, vão, levam tudo, tudo. Ó!

E1: Sim.

E2: Ficou nada!

E1: Eu no meio de o de, a Matilde, pra segurar. Dizer: “povo isso vai ser pra nós! Tudo...”

E: Vocês têm idéia de quantas pessoas já tinha na ocupação naquele momento ali? Tinha...

E1: Olha, tinha mais de mil. Ih! Era enorme...

E2: É.

E1: ... na totalidade, acho que no fim deu uns três, quatro mil pessoas, somados as famílias tudo, só nessa ocupação.

E: Mas eles vinham tudo aos pouquinhos, e iam se organizando?

E1: Sim. Mas naquela área ali, (batendo com força com a mão contra o móvel) depois que terminou a Romaria, a vila inteira, toda aquela massa e era criança e era mulher, e era, todo mundo levando embora toda nossa...

E2: Levaram. Olha. Mas aí então, tem a história dos alimentos. Os alimentos ficaram guardados...

E: Umm.

E2: ... mas é que houve no outro dia de manhã, porque eles espalharam também qualquer coisa dos alimentos.

E1: Sim, que viriam...

E2: Que os alimentos vinham pra eles, e ...

E1: Toneladas e alimentos.

E2: ... e que não sei o quê, não sei o quê. Ih!(suspirando) de manhã se teve que guentear o levante popular.

E: Uhum.

E2: Aquelas mulheres furiosas. E onde é que ta, onde é que ta, onde é que ta?

E1: Onde é que ta a comida? E todo mundo lá...

E2: Falando mal da, que...

E1: ... nas nossas portas, na porta da igreja. Cheio de gente por todo o lado. (ilustrando com batidas) “Comida! Onde é que ta a comida? Antônio, onde é que ta a comida?”.

E2: E já tina irmã morando na vila Jesus Operário, tinha (essa??? 0:53:25) aqui embaixo, Jesus Operário, aqui, já tinha uma irmã, uma congregação irmãs da, missionárias.

E: Umm.

E2: Agora tu imagina uma das muié, até ela tinha um problema no braço, uma mulher mais idosa, mais ou menos assim. Claro, bom, eles insuflaram que padre e freira eles passam bem na vida tãtãtã. Imagina o que ela largou ali. Falando mal das irmãs. “Aquelas irmãs ali, a, a, até carne elas comem todos os dias!”

E: Uhum.

E: Hahaha.

E: Hehehe.

E2: Claro, foram direto à comida, né.

E: Sim. Sim, sim.

(tamborilar)

E2: Olha veio de um jeito tal, ó. Nos arrasou! Terra arrasada!

E1: Ne, e, é, esse negócio entre um tipo de igreja e outra, não é.

E: Uhum.

E1: Um tipo de povo que começa a se conscientizar e outro, e os esquerdinhas se aproveitando de tudo.

E2: quer dizer, os apressadinhos, queriam apressar, apressar.

E1: Ah, sim de...

E2: Ações (forjas/ forzas ??? 0:54:20) , promessas.

E1: E inclusive, vê, vo, “vocês são uns basistas!” hahaha.

E2: Ah é. Basistas.

E: Ah, (fala sobreposta).

E2: O boi de botas. Tudo isso aí.

E: Hehehe.

E2: Tudo o que tu possas imaginar

E: Sim eu entendo. Não tinha nada a ver.

E2: Então. Isso foi, ahm, bom, vê, nesse tempo nós, com nossas organizações, firmezinho, viemo vindo...

E1: Sim, a Matilde ali, é interessante...

E2: .. sofrendo embates.

E1: Nessa época, o grupo Aroeira.

E: Uhum.

E1: Que esse grupo Aroeira, foi o grupo do Olívio Dutra como prefeito de Porto Alegre, depois como governador, né o Laerte. É ... São os atuais, aí, grandes que tão em Brasília encostados no Olívio etc tal. (batendo no móvel) Eles começaram assim porque, vê...

E2: Mas esse grupo...

E1: ... acabou a época assim da...

E2: Mas esse grupo, assim sim, eu acho que é outra tendência. Não é a mesma do Tarso do PRC.

E1: Não, não, não. É...

E2: Esse Jairo, de aí (??? inaudível??? 0:55:08)

E: Sim.

E2: É desse PRC...

E: Uhum.

E2: Desses que me incomodavam, incomodavam. Depois mais adiante vai se ter um outro atrito com ele na hora de, de formar a, a, a nova chapa da associação de moradores.

E: Uhum.

E2: Que tava uma chapa vitalícia, que ta até hoje vitalícia ali aquela chapa eles que não se deram conta. E se queria mudar. E até com o Jacques Alfonsin tudo, se estudou, se bolou, se não sei o quê, e lá na hora da eleição, também deu um estrupício, com esse Jairo Jorge ali, ó.

E: Sim. Sim.

E2: Trinta anos atrás.

E: Que hoje é o prefeito.

E2: Que hoje é o prefeito. Ele junto...

E1: E que hoje nos cultua! Tu vê...

E2: Ó. Junto com essa figura chamada Judite.

(soa um relógio de pêndulo)

E: Umm

E2: Judite, como o espanhol dizia, tudo cabeça desarrumada, onde aparecia uma cabeça mais arrumada...

E: Uhum.

E2: ...claro que essa cabeça arrumada era pra ele, né.

E: Sim.

E2: A igreja era uma ferramenta secundária, que não interessava pra luta. Não sei o quê, não sei o quê. E ...

E: Não valorizavam a força...

E1: Não valorizavam a igreja pra nada.

E2: Não, acho que valorizavam pra esse primeiro momento.

E: Sim.

E2: Mas depois dali eles faziam a triagem.

E: Ah, sim!

E2: Ia nos deixar eternamente assim, nós, né, com os de cabeça desarrumada, né.

E: Ah, sim.

E2: Pra ver se ele arrumava uma que outra pra eles. Da o prato prontinho pra eles assim, né.

E: Sim, sim. Entendo. Perfeito.

E2: E nós ali, sofrendo, sofrendo. Mas nós vamos de vagarinho.

E: Sim, não. Claro, claro.

E2: Com nosso clube de mães.

E: Isso.

E2: Então nesse tempo tinha a organização das mães. Vou te mostrar como é que ele ia indo.

E: Uhum.

E2: Ela vai indo.

E: Sim, sim.

E2: Então o quê que vai acontecer com ela. Essa organização ela vai aparecer. Ela vai aparecer e vai haver assim, um esforço de apropriação.

E: Umm.

E2: Começando lá pela própria instituição igreja...

E: Uhum.

E2: ... as paróquias as comunidades se arrumando. Aí vem o Frei Sérgio Dal Moro, dos capuchinhos, lá da Mathias, que, institui o trabalho do clube de mães das mulheres como o "serviço da caridade" lá.

E: Uhum.

E2: Então já...

E1: Já melhorou. Né, aí ...

E2: Quer dizer, melhorou, todo mundo faceiro, porque agora tem a legitimação. O Padre apóia, o Frei apóia, tãtã, tãtã. Aqui vem o apoio oficial ...isso aqui é do...do...

E1: Cheuiche.

E2: Dom Antônio Cheuiche.

E: Uhum.

E2: Aqui é do centro de pastoral, em 85.

E: Opa!

E2: Ele nos brinda, nos faz um belo folheto. Nós que bolamos, ele imprime.

E1: Nós que imprimimos...

E2: Por conta, com a verbinha dele. Então esse aqui era o símbolo. Cada clube de mães tinha...

E: Umm.

E2: ... esse símbolo aqui. Uma bandeira feita de estopa. Em cima, clube de mães tal. Mas era essa simbologia, do pão repartido, essa fraternidade aqui.

E: Uhum.

E2: E aqui já vinha as várias coisas que as mulheres já faziam,ó.

E: Ah...

E2: Grupo de mães gestantes, de onde vai dar a pastoral da criança.

E1: É. Uma vez por ano lá. Natal e São João Batista. Não é.

E2: E as...

E1: Evangelhos da infância de Jesus, né, (tamborilando no móvel). E aí então...

E2: Isso o senhor já falou outro dia. Então aqui os desenhinhos tirados de fotografias.

E: Uhum.

E2: Os mutirões aqui. E aqui a mística.(??? 0:58:10) o encontro de Maria e de Isabel aqui.

E: Ah, a mística que dava a força.

E2: tanto que depois a gente começa em oitenta e sete, vai ser o primeiro encontro da Pastoral da Mulher Pobre. Porque aí então, e aquilo da.... daquela frase do, acho que tu conhece essa frase maravilhosa do João Cabral de Melo Neto.

E: Umm.

E2: Que foi dita aqui, que eu peguei aqui em Caxias. Onde eu fui fazer um curso com, um dominicano sobre,sobe Saulo, sobre Paulo. As epístolas.

E: Umm.

E2: Porquê que Paulo tem necessidade assim de andar, andar e semear comunidade, comunidade, comunidade. Aí vem a frase do João Cabral de Melo Neto: “Um galo sozinho, não tece uma madrugada”.

E: Umm.

E2: Como é linda essa frase!

E: Ah imagino.

E2: Bom então...

E: ... sendo comunidade.

E2: ...aqui pela grande Porto Alegre tudo mais, tava na história de (sábado ??? 0:59:00). Aí começam a nesses encontros, a gente fazia encontro mensal, de todos os clube de mães dali, dessas comunidades.

(soa o cuco)

E2: Então outros vem se associar, com essas mensagens de outros lugares, e ai então em 87 a gente faz o primeiro encontro, já quase que estadual. E a gente fez no centro,o n centro pastoral ali ele é, era dirigido pelos cursilhistas. Era, era um antigo colégio de freiras. Ali o Colégio Santa Clara, colégio não seio quê.

E: Sim.

E2: E o Dom Antônio Cheuiche, que era ali coordenador nos, abria pra nós. A gente levava lá nossas comida, nossa, nossos... E as próprias mães cozinhavam, já a gente ficava três dias. Tanto que agora vamos para o vigésimo quinto.

E: Umm.

E2: Encontro. (pigarro) Mas aqui ta o comecinho então.

E: Claro. É muito importante.

E2: Aqui o que quê vai significar...

E: Sim.

E2: ... o que quê vai significar agora a instituição maior, Igreja, enxergar e ela, ãhm, se apropriar e “não vocês são um serviço aqui, o serviço da caridade.” Então, claro, tem a Cáritas, então. Então de um lado tu tem a legitimação.

E: Uhum.

E2: Mas de outro lado, tu fica, tu cria uma,uma dependência. Onde tu ta sob o olhar deles e tu tem que corresponder às expectativas deles.

E: Uhum.

E2: A gente teve aqui um, um primeiro probleminha de, umm, umm... de visibilidade.

E: Sim.

E2: Nós ali entrando com trapo, a mulher não é nada... a mulher não sabe o que fala nas reunião, tãtãtã, tãtãtã... Foi na Vila Cerne, (pigarro) já nesse fervo de ocupação.

E: Uhum.

E2: Aconteceu uma... As mulheres: Vamo fazer uma festa de São João.

E: Umm.

E2: Vamo fazer uma festa de São João. Ih! Os homens nem deram bola. Festa de São João, mulher tudo mais. Só que nessa festa a gente cobrou um pouquinho pelos amendoim, pelos quentão, tãtãtã. Pra fazer uma caixinha.

E: Umm.

E2: Uma caixinha comunitária de clube de mães, tal e coisa. No final da festinha, apareceu dinheiro.

E: Ah! Sim.

E2: E aí aconteceu o primeiro atrito com os homem.

E: Uhum.

E2: Eles que comandam o espetáculo, mas a muié tem agora aqui o seu economicozinho. Ta.

E: Sim, sim, sim.

E2: E até nessa questão das comunidades, como é que elas foram dando pra trás, ta a questão da caixinha.

E: Uhum.

E2: Por que a gente fazia os encontros, é, esses anuais, clube de mães, e de...

E: Sim.

E2: ... onde era noutra cidade, pagar passagem.

E: Uhum.

E2: Elas faziam seus eventos, suas promoções e eram auto sustentáveis.

E: Umm.

E2: Aí o que quê faz ali as paróquias, a, da Matilde, da Harmonia. Elas começam a centralizar, ter uma caixinha centralizada.

E: Ah! Sim.

E1: Sob o pretexto de díizimo, não é.

E: Ah! Sim.

E2: De um lado então, de um lado te deu uma força, mas de outro lado te, te atrelou. E aí entra outra coisa fortíssima, altamente institucionalizada, que é a Pastoral da Criança.

E: Ah! Sim.

E2: A Pastoral da Criança. Então tu ta com esse trabalho espontâneo, tudo, e surge aqui, e surge ali, tu vai...

E: Sim, sim, sim.

E2: ... à deriva do espírito, né, que sopra onde quer.

E: Isso.

E2: Só que vem uma coisa que no começo, bah! A gente agarrou com as duas mãos, quatro mãos, era uma coisa maravilhosa, a questão da criança e tudo mais.

E: Uhum.

E2: E digo, bom agora nós vamos ter, a nossa, a coisa não vai ficar tão solta. A gente vai ter uma metodologia, vai ter um, um, uma sistemática.

E: Uhum.

E2: Assim tu olha. Ainda mais com todo negócio de Paulo Freire. Bom ela vai vim com tudo com Paulo Freire essa Pastoral da Criança.

E: Uhum.

E2: Então num primeiro momento, até que, né, deu pra trabalhar junto, esse trabalho mais espontâneo com esse mais institucionalizado. Até houve a resistência da parte do Frei Sérgio Dal Moro. Me lembro aquele, aquela, aquele vasto salão da Nossa Senhora da Luz, cheio de mulher pra, pro, primeiras explicações da doutora Zilda sobre a Pastoral da Criança.

E: Uhum.

E2: E o Sérgio Dal Moro...

E: Uhum.

E2: ...que achava que as comunidades já tinham, se, assim, como tavam montadas com seus serviços bem certinhos, da fé, da esperança, eu sei lá como é que é...

E: Uhum.

E2: E agora vim mais outro, eu não sei ele achou que os quadros dele iam ficar meio, meio que, com serviço demais, com sobrecarga. Me lembro até foi uma médica aqui que nos ajudava, uma anestesista, a doutora Maria da Graça. Depois até ela foi pra trabalho voluntário no, voluntário não, pelo Grupo Conceição, ela foi no Timor Leste. Ultimamente ela foi no Haiti com o Grupo Hospitalar Conceição.

E: Uhum.

E2: E ela nos ajudava lá com as muié, tudo mais. Eu sei que ela que teve um...

E: Sim.

E2: Uma defesa assim com o Frei Sérgio Dal Moro.

E: Uhum.

E2: Pra defender a necessidade, que tinha que implantar e que era um programa bom, tatata, tatata. Bom, (pigarro) então de uma certa forma quando a coisa vem. Aí o, o feminino ele vai perdendo a hegemonia...

E: Ah,ta!

E2: ...na medida em que a instituição toma conta.

E: Sim, sim, sim. (pode falar)

E2: O institucional e o, e o feminino...

(falas sobrepostas – transcrição impossibilitada)

E1: A briga entre profetismo e o institucional, não é.

E: Umm.

E2: O hierárquico, aquilo que é hierarquizado também não dá...

E: É. Aí a igreja por conta...

E2: Não dá horizontalidade. De jeito nenhum.

E1: A igreja procura tomar conta de tudo, não é.

E2: É. Não é só a igreja, né.

E: Uhum. (concordando várias vezes ao longo da fala do entrevistado)

E1: Inclusive a Romaria da Terra, no começo ela era livre, feita pela CPT, com programa pro Rio Grande do Sul. Agora vem a CNBB que no começo, seis anos, nunca quis saber da Romaria da Terra. Nós tinha que buscar Dom Tomás Balduino, Dom Pedro Casaldáliga, Dom Moacyr Grechi, pra nós enfrentar o argumento deles que diziam: “A Romaria de vocês não é eclesial, porque não tem Bispo”!

E: Umm. Eclesialidade...

E1: Pra garantir a eclesialidade, não é. Depois quando eles viram que ia vim vinte, trinta mil pessoas, daí, não...

E: Umm.

E1: E até hoje, vê, ela tá, assim, açambarcada pela CNBB e não fazem mais aquilo que era o início a Romaria da Terra, que contrariamente às romarias religiosas de todo o estado, nós ia junto daqueles que (moram/morrem???) 1:05:30) hoje, né. Então, era vê...

E: Uhum.

(ruídos concomitantes a fala)

E1: ... Os sem terra acampados na beira da estrada, lá nos íamos com a Romaria da Terra. A turma que tava sofrendo agora, por que iam fazer lá um, é um, deslocamento de muita gente por causa da água etc e tal, que queriam fazer uma grande represa. Íamo nós lá, não é. Os índios, aí não é, que tavam num sofrimento incrível, Nonoai e etc. Não sei. Bah! lá íamo nós né.

E2:(???) isso daqui ?pra tu olhar??? 1: 06:00) depois eu deixo...

E1: Hahaha.

E2: À la volonté.

E: Não, não mas vamos lá.

E2: Então a gente...

(fala de **E1** sobreposta)

E2: A gente vem vindo, vem vindo.

E: Sim, sim.

E2: Então, a gente tinha, ahm, no começo do ano...

E: Uhum.

E2: ...a gente tinha um, uma programação de planejamento.

E: Uhum.

E2: Grupo de mulheres de várias comunidades, da. Esse daqui por exemplo é o último. 87 foi último. Depois não sei se continuaram, mas o que tá registrado.

E: Sim, uhum.

E2: Que foi 87 no aniversário do meu irmão.

E: Sim.

E2: Que foi no dia 17 de junho.

E: Uhum.

E2: Que tá naquele outro dossiê que tu levou.

E: Sim, sim.

E2: Tá ali o convite, onde ele convida...

E: Ah, tá.

E2: ... pra uma celebração.

E: Acho que eu vi.

E2: Tem até uma pétala de uma flor ali.

E: Sim, sim. Ah! Eu vi.

E2: Aquela ali onde chamou os frei, chamou todo mundo. Ele ia completar 60 em junho. Seria junto com São João.

E: Uhum.

E2: Se fez uma janta se chamou as mulher dali pra fazer uma feijoada, fazer não sei o que.

E: Sim.

E2: Então isso aqui é o começo do ano, ó. Então se deixou tudo arrumadinho, bonitinho. Tanto que o último ato foi a entrega, lá pros freis, de uma Kombi.

E: Umm.

E2: Que se conseguiu da Alemanha, por causa do trabalhado do clube de mães.

E: Ah, sim, sim, sim.

E2: Então a Kombi a serviço das mulheres que precisavam carregar trouxa da casa. Carrega farinha, carrega não sei o quê.

E: Uhum.

E2: Bah! Eu sei que eu fui, o Tônico pegou a Kombi aqui na Panambra, até Canoas eu fui chorando!

E: Imagino.

E2: Pegar onde tava com tudo, tudo montadinho, nos centros de comunidades pra fazer a formação. Eu digo: “Ai! E agora largar tudo e começar do zero aqui.” e numa realidade aqui que...

E: Completamente diferente.

E2: Essa, essa era de deserto. A realidade do lixo. Deus o livre!

E: Uhum.

E2: Então tu olha, bem arrumadinho, ó.

E: Ah, sim.

E2: A gente fazia um calendário...

E: Opa.

E2: ... no começo do ano.

E: Uhum.

E2: ãhm. ãhm...

E: Com as reuniões.

E2: É. As várias comunidades, olha aqui ó.

E: Umm. Dá pra ter uma idéia de quantas já tinha, né, nesse período.

E2: Quantas já tinha, que se juntavam.

E: Tudo clube de mães aí?

E2: É.

E: E as tu...as comunidades, os clubes de mães, tavam inseridas.

E2: É. Assembléia Diocesana, já tá. Mas olha aqui, ó. Então vinha sempre a ... as equipes que tinha dentro ó.

E: Uhum.

E2: Equipe de educação, de mutirão mini cooperativa, de comunicação, bênçãos, chás, alimentação...

E: Uhum.

E2: ...comunicação. As várias equipes. Então olha aqui, esse programa de 87. Como é que ele foi realizado aqui ó. (lendo) “Idéias fortes...

E: Uhum.

E2: ... construídas pelas mães animadoras de comunidade para o ano de 87.”“.

E: Uhum.

E2: Três dias de formação. Primeiro dia ver...

E: Aqui comunidade, já eh a CEBs que tá atuando, e junto que dá o suporte a toda.

E2: É. Mas o hegemônico é a mulher.

E: Sim. A mulher, como até hoje.

E2: É o feminino.

E: Sim, sim, sim.

E2: Sim, mas o ...

E: Sim.

E2: ... O paradigma é a mulher...

E: Aham.

E2: ... mas ela tem que adotar o, o ...

E: Sim.

E2: O masculino.

E: Claro.

E2: Então é, o ver...

E: Uhum.

E2: O segundo dia o julgar. A partir da Bíblia a mulher.

E: Uhum. Sim. Sim.

E2: E aqui o agir.

E: O agir. Uhum.

E2: 87. Tá tudo organizadinho, organizadinho, organizadinho.

E: Opa. imagina, isso aí. É rico esse material.

E2: Depois a ente tinha outra coisa.
E: Uhum.
E2: Outra coisa. (folheando papéis) Por exemplo aqui, ó, outras... outras áreas.
E: Sim.
E2: Tu vê o mesmo ano de 87, aqui já são outras áreas.
E: Aham.
E2: Da onde sai então, desses encontros a Pastoral da Mulher Pobre. Tu olha aqui ó.
E: Umm.
E2: Clube de mães, serviço da caridade, pastoral... então olha aqui, ó. Vila Tronco.
E: Uhum.
E2: Como aquela história do, do...Da,da, das colméia. A rainha é mãe, ou essa dos galo, né.
E: Sim, sim, sim, sim.
E: Essa rede de comunidades.
E:Aham.
E2: Lomba do Pinheiro.
E: Ah já tem várias...
E2: Como a coisa se alastra.
E: Sim.
E2: E aí possibilita esses encontros anuais.
E: Mas e Canoas que começa a ... a preocupação da mulher pobre começa ali se organizar.
E2: Sim. Lá, é. Mas ela começa assim toda...
E: Sim, sim.
E2: Um galo canta aqui, outro canta...
E: É sim, um pouco de cada um.
E2: Senão, nada feito. Não é.
E: Sim, não.
E2: Um sozinho, não...
E: É.
E2: E, e até pro, prum grupo se alastrar, da Vila Cerne, pra nós enxamear pra outros, tu vive um momento assim, de muita, de muita incerteza. (tosse) Ta tanto tu pode botar tudo a perder quanto pode...
E: Claro, claro...
E2: Por que ali ta tudo tão certinho, tão bonitinhos aqui. Pra que quê vamos formar outro clube de mães no Nossa Senhora da Luz?
E: Umm.
E2: Por que outro clube na Nossa Senhora da Saúde? Se tudo aqui juntinho é. É muita incerteza.
E: Sim.
E2: E já tinha...
E1: E a tentação sempre de fechar num grupinho...
E: Sim.
E2: Então olha aqui, ó. O pão comunitário.
E: Uhum.
E2: “Como construir o novo homem fazendo pão”. Mas ta sempre essa coisa bem, bem de baixo, né.
E: Claro. Claro.
E1: Forno comunitário.
E: Uhum.
E2: Esse aqui era do, do Mundo Jovem.
E: Ah! Mundo Jovem.
E2: Esses aqui tu já tem lá no outro, esses jornaizinhos aqui.
E: É, alguma coisa eu tenho.
E2: Então to retirando daqui, o que...
E: Sim, o quê já tem.
E2: ... não tem lá e que interessar-te possa.
E: Claro, claro. Uhum. (???)muito 1:11:00)
E2: Então a gente tinha também aqui, que o, mas acho que ta naquela outra que te dei.
E: Aham.
E2: Ali o colégio, ali os jesuítas.
E: Umm.
E2: O centro ali dos retiros dele.
E: Sim.
E2:Eles nos davam uma vez por ano.

E: Ah!

E2: A gente fez vários anos.

E: Sim.

E2: Nos davam três dias lá, um grupo de quarenta, cinquenta mães pra fazer um retiro. Naquelas instalações maravilhosas deles lá. Tu conhece esse frei?

E: Não, não.

E2: O da Unisinos, aquele que era o antigo seminário dos jesuítas.

E: Sim, de falar sim. Claro.

E2: Que era local de formação.

E: Dom Ivo inclusive teve lá uma época antes de ser Bispo me parece.

E2: Não, esse teve aqui em Viamão.

E: Não eu vi então... em Viamão. Exato. Eu tava confundindo.

E2: Aqui, naquele mato, aquele lugar maravilhoso.

E: Mas, imagina.

E2: Nós fazendo nosso retiro...

E: Uhum.

E2: ... nós mesmas as pregadoras.

E: Ah, sim. Imagina.

E2: Lá tu tem naquela outra que eu te passei...

E: Claro. Eu vou dar uma olhada mais.

E2: Tu tem até a lista.

E: Sim, sim.

E2: Bom, então a gente se organizando, a gente chegou isso aqui ó.

E: Sim. Sim, sim.

E2: Os mandamentos, os Mandamentos da Coordenadora.

E: Uhum.

E2: E Os Mandamentos da Partilha.

E: Bah! (que bonito??? 1: 12: 05 – fala baixa inaudível)

E2: Que é tipo um decálogo, vamos dizer. Né.

E: Sim, sim. Exato.

E2: E o ... bom esse aqui acompanhou...

E: As mulheres vestidas de Moisés aí... hehehe. Interessante.

E1: Isso aqui vê, hoje, eu to aproveitando, quero aproveitar, pros catadores.

E: Uhum.

E1: Em termos dos galpões, né.

E: Ah! Sim.

E1: Que seria, pra mim a regulamentação do mutirão, não é, por que...

E: Uhum.

E1: Nós começamos ou com associação, ou com cooperativa, e não é bem assim, né,

E: Claro, claro.

E1: Por que isso não funciona.

E: Uhum.

E1: Começamos com a regulamentação do mutirão onde ta.

E: Uhum.

E1: Como coisa básica.

E: Sim.

E1: Além de uma ...

E2: Te dou um cafezinho, agora ou não toma um chimarrão, ou tu não?

E: Nada! Eu tomei antes um pouquinho. Não. Pra mim ta bem assim, Matilde. Não se preocupa. Ta obrigado. Agradeço.

E1: Então vê, isso aqui é a base do, ahm...

E: Sim.

E1: Aquilo que eu chamava o ... *modus vivendi*. Como é que se chama...

(E2 tosse)

E: Ah! Ta.

E2: Tu sabe que atualmente... regiment

E1: Deixa eu explicar... eu já expliquei pra ele...

E2: Regimento interno!!!

E1: O regimento interno.

E: Ah...

E1: Que é a vida, o cotidiano, não é.

E: Sim, sim, sim.

E1: Eles têm que construir esse regimento interno...

E: Ah, é um...

E1: ... um livro de atas.

E: Umm. Organização.

E1: Uma contabilidade transparente, que é a questão da partilha que é extremamente difícil entre eles, não é.

E: Uhum. Sim, claro.

E1: Então três ou quatro prendiam negócio na parede. A prestação de contas semanal, etc e tal.

E: Uhum.

E1: Porque vê, eu sempre enxergo como, atualmente, pra um grande novo surto de CEBs, são as comunidades ecológicas de base. Porque, ninguém tem a vantagem que nós temos nos galpões de ter oito horas por dia... (nesse ponto em segundo plano se ouve o que parece ser um cochicho de E2)

E2: Tônico! Esse assunto não interessa. Até 88 só que interessa.

E1: Só, mas...

E: Não mas é interessante só pra ter uma idéia, né.

E1: Porque hoje há uma decadência da CEBs, não é?

E: Claro, claro.

E1: Então eu to prevendo uma retomada...

E: Claro.

E1: ... com todo vigor. Porque quem é que tem oito horas por dia...

E: Uhum.

E1: ... de gente trabalhando junto.

E: É. Verdade.

E1: Porque o projeto de Jesus é a comunidade, né.

E: Sim. Claro.

E1: Então pra mim, não nas igrejas, mas junto aos galpões da reciclagem, inclusive a própria celebração comunitária ecumênica, no próprio galpão em fim de semana etc e tal. Porque “mete-os juntos a construir uma torre”, diz o Saint-Exupéry, “tê-los-á transformado em irmãos”, não é.

E: Uhum.

E1: Então ali, é que nós podemos, ãhm, porque todo mundo dizendo, aqui, todo fazendo reuniões uma vez por mês de agente de pastoral. Todo mundo desesperado porque não tem mais comunidade, né.

E: Uhum. É.

E1: E eu to com, sempre com entusiasmo e achando não...

E: É.

E1: Por isso to até com o dinheiro do Lula. Agora com a promessa, não é, da Petrobrás.

E: Sim, sim.

E1: E quero ver se montamos uns galpões pra valer, né.

E: Mas essa mística aqui, ela deu a base...

E1: Exatamente.

E: ... pra organizar o povo.

E2: Agora, agora, essa aqui quando se tratou na, no Senado...

E: Aham.

E2: ... que o Paim, falava de, de Comunidade Solidária, como é que é aquela história. Aí não sei quem que mandou aquele Delgado. Agora burrice do meu irmão não ter... Aí veio pela Internet...

E: Uhum.

E2: E veio uma fala que ele fez, lá no senado...

E: Umm.

E2: E (inédita??? 1:15:30) sobre Economia Solidária.

E: Sim.

E2: E não é que nessa fala ele inclui...

E1: Inclui sem nos pedir licença, sem nada...

E2: ... esses dois textos.

E: Ah...

E1: Um pastor protestante.

E2: Sem pedir licença...

E1: Um diabo protestante.

E2: Não sei se eu tenho...

E1: Mas eu tenho no computador!

E2: Tem?! Faz uma cópia quero ver onde aparece isso aqui.

E1: Ah vamo vê. Deixa eu ver se eu encontro...

E: Mas é interessante...

E1: Vai, vai, vai ocupando ele.

E2: Vou ocupando espaço.

E: Sim,não, claro...

E2: Então é assim,ó. Isso aqui...

E: Sim,sim.

E2: Que eu vou te passar agora...

E: Claro, claro... Aham. É uma base da...

E2: É o seguinte: Quando, então a gente tava com a coisa mais ou menos a caminho...

E: Sim.

E2: ...nesse processo.

E: Isso.

E2: Então houve um determinado momento em que... tu viu falar, tu, aquele centro, centro no Rio de Janeiro onde ta o Pedro Ribeiro de Oliveira. Ai como é que é o nome. Ai agora me esqueci.

E: O Pedro de Oliveira a informação que eu tinha ele tava na CNBB, depois ele saiu, né.

E2: Sim, mas aquele outro centro que eles tinham antes.

E: Ah! Eles têm outro... tinham antes.

E2: Um antes, antes que eles tinham.

E: Ah! Ta.

E2: E eles tinham uma vertente lá chamada “Mulher e Teologia”. (pigarro)

E: Ah, sim.

E2: Tanto que a gente foi pra lá...

E: Sim,sim.

E2: Negócio de terra tudo mais.

E: Ah...

E2: Aí, que ano que foi isso aqui? (manuseando papéis) Não tem a data,mas deve ter sido...

E: Sim.

E2: Jornal O Timoneiro 85 é da onde saiu.

E: Ah! Ta (1:16:37 explicado ???)

E2: Então isso aqui...

E: Sim.

E2: ... é um trabalho que é, a gente apresentou lá.

E: Esse jornal O Timoneiro é de, de Canoas?

E2: É. Não, aqui é só uma citação...

E: Ah uma citação. Vê. Uhum.

E2: Mas deve ter sido ali, 87. Eu acho.

E: Sim,sim. Aham. Ta.

E2: Então a gente se juntou, olha aqui ó, eu (folheando papéis), quem mais aqui? Dentro da idéia daquele da pas... da nova mulher, a mulher comunidade.

E: Uhum.

E2: A Eliana é uma nutricionista.

E: Sim.

E2: Ela fazia nutrição na Unisinos, e ela fazia trabalho voluntário lá com o Padre Oreste.

E: Uhum.

E2: Em São Leopoldo. E ela acompanhava também o movimento das mulher aqui negócio de nutrição.

E: Uhum.

E2: Essa Rosane é uma protestante.

E: Uhum.

E2: A gente se encontrou com ela aonde meu Deus do céu? Total junto,fizemos esse trabalho aqui, apresentamo lá.

E: Uhum.

E2: Olha, a gente começa pelo, pelo logotipo:

E: Claro.

E2: “Através da Partilha”.

E: Sim.

E2: Ali do Isaías, e esse aqui d Boff ó.

E: Uhum.

E2: (lendo) “As leis só mudam com as novas práticas”.

E: Uhum.

- E2:** “A partir de práticas libertadoras criam-se estruturas...”
E: ... “e leis libertadoras...”
E2: ... “e leis libertadoras”. Então apresentamos lá, isso aqui ó.
E: Umm.
E2: “Gestação do novo na união e organização das mulheres pobres.”
E: Sim.
E2: Então aqui alguma coisa que tem lá no,alguns depoimentos que tem lá naquele livro, alguma coisa repete.
E: Ah! Sim.
E2: “A luta pela terra na cidade. A luta pela terra na...”
E: Isso, ta tudo aí.
E2: Não me diz que não me achou o texto. Nem acredito.
E1: (se aproximando enquanto fala) ... quase. Depois eu vou...
E2: hehehehe.
E1: É só um texto, não é, mas então eu vou procurar depois.
E: Não. Sim, não. Não tem problema.
E2: Ah, ta, é da idade da Constituinte ó.
E: Ah, sim,sim.
E2: Dentro da preparação da Constituinte de 88.
E: Ah! De 88, tava já preparando...
E2: É de 87. 87.
E1: Tu vai até 88...
E: Basicamente até 88.
E2: Eles tão embutidos aqui, esses...
E: Que é a Constituição, exatamente. Aí já ta na Constituição.
E2: Bom, aqui ta...
E: Sim.
E2: Esse encontro que a gente fez.
E: Aham.
E2: “Mulher, Terra, Teologia - 87.”
E: Sim.
E2: Aqui da, ta os depoimentos,ó.
E: Uhum.
E2: “Mulher, Terra e Teologia”. A finalidade do encontro.
E: Sim.
E2: Dia 23 de maio de 87.
E: Aham.
E2: “O que é Teologia da Libertação, no olhar feminista.”
E: Sim.
E2: “O fazer teológico da mulher na linha da libertação”.
E: Aham.
E2: E aí vêm, então, os relato, ó. Tamo junto, ó. Ta a Vila Duque, ta Alvorada.
E: Ah, sim...
E2: A gente já...
E: Essas vilas são todas ali na...
E2: Enxameia. Vila Dique, São Leopoldo.
E: Umm.
E2: Que já se encontravam e que vai favorecer...
E: Organização...
E2: ... esse encontro estadual né, do...
E: Umm.
E2: ... primeiro da mulher pobre, quando completou dez anos esses encontros...
E: Sim.
E2: ... aí houve todo um, eu nem entrei na briga. A troca de nome. Tinha umas irmãzinhas. Achavam que era feio dizer mulher pobre.
E: Uhum.
E2: As mulheres se sentiam diminuídas, não sei (o seu ??? de novo ??? 1:19:15)
 Mas não vou brigar por causa de nome, né.
E: Sim, não, claro.
E1: Daí então mudaram pra?
E2: Rede Mística Feminina no Meio Popular.

E: Uhum.

E2: Então aí, vê, por que de fato vinha...

E1: Aí satisfaz a turma do, classe média de mulherio, por que, onde é que se viu, não é.

E: Ah...

E1: Agora é a mulher pobre, papapapá, não é.

E2: Então, aqui tu tem ó, se tu quer trabalhar com depoimento de mulheres...

E: Ah, não, não eu vou... Vou aproveitar também. Eu vou aproveitando.

E2: Aí tu tem, ó. Da comunidade Nossa Senhora da Saúde, que ficava lá em cima.

E: Aos pouquinho a gente vai montando.

E2: Da Santo Operário, ó.

E: Que essa participação é muito importante nesse processo todo, né.

E2: ta cheio de poimen... de depoimento delas...

E: Claro. Ta ótimo!

E2: Tirados assim de gravador também.

E: Também, claro. Vai pegando...

E2: Se tu quiser utilizar tu utiliza à vontade.

E: Não, não tem problema.

E2: (lendo) "A gestação do fazer teológico, latente a expressão de vida que elas, as mulheres, tem desenvolvido nas experiências comunitárias, em três eixo principais".

E: Uhum.

E2: "A fé, a luta e a alegria".

E: Olha só.

E2: Isso tudo eu entendo muito mais nessa dimensão... (folheando papéis)

E: Uhum. Da realidade.

E2: (pigarro) São as conclusões desses encontros.

E: Ótimo. Perfeito.

(Falas seguintes sobrepostas)

E1: Agora ali, nessa questão, também...

E2: Então isso tudo aqui é da mesma época...

E: Uhum...

E1: Parte dos homens também, teria muita coisa também de testemunho de políticos.

E: Umm.

E1: Que nós temo lá, Matilde, Nelsinho hoje.

E: Ah sim. Depois a gente vai se construindo.

E1: Esses vereadores, que por nós, o próprio Jairo, né.

E2: Isso, bota bastante homem, viu! Bota bastante homem, porque.... (bufa) Mania! Porque não adianta! Tem que botar o lado da mulher!

E: Não mas dá pra juntar os dois também...

E1: Eu sei...

(riso de **E** e **E1**)

E2: Não a, essa, essa Judite ela é interessante, que ela fez filosofia agora. Ela...

E1: Porque ele, o Paim, fomos nós que criamos, né. O prefeito de Canoas foram as CEBs que criaram.

E: Uhum.

E1: Então tem assim coisas importantíssimas, né.

E: Ah não, claro, vamos juntando tudo. O importante quanto mais a gente pegar...

E2: Bom, esse aqui seria, não sei se esse, essa....

E: Não, mas é importante, porque ela, a formação do PT dentro da comunidade.

E2: Esse a gente dá pra ti. Quando foi o Olívio, o Tônico elaborou uma cartilha.

E: Umm. Ótimo.

E2: Esse aqui seria o ponto de chegada.

E: Opa.

E2: O Dia D Rio Grande do Sul.

E: Uhum

E2: Então tipo uma, uma cartilha porque que o povo...

E: Sim, sim.

E2: ...devia ir.

E1: É, nós aí tava com um fervor do PT. Vamo conseguir a eleição e pau e pau. Então...

E: E aí a força do.

E1: ... então tava ali...

E: Ótimo. Isso aqui vai tar bom o material. Até 89.

E2: (pigarro) Sim que isso aqui seria , o desfecho,né.

E: Isso,isso mesmo.

E1: E ali já é em função, tu é forte de classe, né. Agora, nós vamos pelear contra os da classe dominante,não é. E aqui nós a classe de baixo,não é.

E: Uhum.

E1: Porque foi realmente, o próprio Lula sempre dizendo que a eleição dele ele devia à Igreja Católico com suas Comunidades de Base, etc tal, né.

E:Uhum.

E1: Então, essa foi a caminhada, não é.

E: Sim. Exatamente.

E1: Hahahaha...

E: Por isso que é importante pra História, tudo isso aqui.

E1: É.

E: Isso aqui vai ajudar muito. Imagina. E a gente vai somando aos depoimentos também no futuro pra organizar. Mas essa é a base, ta aqui. Hehe.

E2: Ta agora então vamo vê o quê que tu precisa mais, agora tu, a tua emer... tua urgência é Pelotas ali?

E: Aqui no caso a gente pode, é, dentro também de, desse trabalho vem junto,acho que a gente vai construindo junto., nós tamo aqui no Santo Operário, não é isso?

E2: É.

E: E aí, não sei se a gente podia falar um pouquinho também já da...

E1: Da União dos Operários.

E: É, é a segunda ocupação também, né?

E1: É

E: E depois no futuro, em outros momentos, a gente pode retornar novamente, eu vou pontuar algumas coisas pra gente ir retomando, tar sempre retomando.

E2: Isso. É...

E: O importante,nesse primeiro momento, me parece, essa, essa geral assim como é que se deu esse processo né, desses principais atores, mulheres e homens, enfim, que construíram esse processo. Por que aí vocês acompanhando aí, acompanharam e participaram, né. Então, não sei se foi o caso da União dos Operários, se foi mais ou menos na mesma época?

E1: Não, não, a União dos Operários foi muito mais difícil! Mas. Começou na mesma época, não é.

E: Em que ano? 79 também ou não?

E2: Acho que por 80, 81...

E: 80...

E1: e um... É, por aí. 80, 81. Porque veja a, a ...

E: Aí já é Mathias Velho, né?

E1: Sim, mas acontecia vê, que...

E: Sim.

E1: De repente, eu, durante o dia, e via o pessoal montando a casa e tudo. Chegava uma casa nova em cima da ocupação, da Santo Operário.

E: Uhum. Sim.

E1: E lá então eu descobri, “de onde é que tu vem?”

– Ah, eu venho lá do outro lado. Da União dos Operário etc, essa coisa toda.

– Ah! Lá na Mathias tem uma outra vila onde, onde, tem... e lá vê... (pigarro)

Então eu fui lá,(pigarro) e eles estavam cercando o antigo Prado,não é.

E: Umm.

E1: Chamado Prado da Tablada, se chamava lá.

E: Sim.

(breve seqüência de ruídos sobrepondo a fala)

E1: Que era da grande Porto Alegre, negocio de corrida de cavalos,lá em Canoas, né.

E: Uhum, sim.

E1: O Prado faliu, e aí vê o quê que fizeram os donos do Prado: os donos do Prado eles lotearam três beiradas, do terreno grande, das corridas de cavalo.

E: Uhum.

E1: Uma beirada, sobre, o centro da Vila Mathias Velho. A beirada sobre o centro que se chamava Avenida Rio Grande do Sul, lá não lotearam aquela parte. Por que era, seria a frente de um sonho que eles tinham,não de fazer uma grande imobiliária lá.

E: Uhum.

E1: Que era o terreno mais alto lá daquela região. Então, tinha lotes, tudo ao redor, que é, venderam esses lotes pros sócios do, pra ajudar a entupir a falência do Prado, não é.

E: Uhum.

E1: E o quê que aconteceu? Ta. A turma comprou os lotes, gente de Porto Alegre e tudo,mas nunca zelaram pelos lotes deles. Claro, lá naquele fim de mundo. “Eu tenho um lote lá”, tão hehe...

(em segundo plano ouvem-se sinos soando)

E: Uhum.

E1: E o povo ocupou primeiro esses lotes, tudo ao redor e ficou assim,como sempre,não é, o miolo. Todo,bem grande, desocupado. E quando se deu a invasão da, da ocupação da, da Santo Operário, os donos, eles então, botaram cerca de arame farpado.

(cessam os sinos e soa o relógio de pêndulo)

E1: Na Avenida Rio Grande do Sul, não é, onde puderam fazer uma linha reta de cerca. Tinha uns seis ou sete arames farpados, então. E depois vê, como o povo tinha ocupado aqui, aqui e aqui.

E: Uhum.

E1: Mas não se satisfizeram, o pouco, porque não tinha cerca, não é. (folhar de papéis) Então eles foram estendendo, o, o,m pouquinho, aqui. Principalmente nesse lado,mais pra lá. Pra longe do centro da Mathias. Aqui ta a Avenida Rio Grande do Sul que é o centro da Mathias.

E: Uhum. Sim.

E1: Então mais pra beirada, não é. Então, mas aqui, os mais pobres de casa, não tinha mais lugar nas beiradas, eles ocuparam por aqui. E o que quê aconteceu: essa cerca reta. Essa cerca aqui já um pouquinho reta, e depois ela começava a respeitar a, as casinhas que o povo tinha botado aqui, né.

E: Uhum.

E1: E aí, tudo com arame farpado, etc e tal, porque, até o Jacques de Alfonsin, advogado, lá pelas tantas ele insistiu com o juiz pra vim visitar aqui,como é que tava a cerca, pro juiz se convencer que os donos não zelaram pelo terreno. Porque aqui ela era como cobra em fuga não é que.

E: Umm.

E1: Tava respeitando quem tava lá antes,né.

E: Sim,sim, sim.

E1: (batendo com a mão repetidas vezes) Porque esse era um argumento forte, pra,bom. Então de, é,é, é... Tinha gente, que na hora que essa cerca aqui fechou do lado de cá, e tinha as morada do lado de cá, eles não tinham mais como sair pro lado da rua. Eles fecharam com muitos arames farpados. E eles então botavam as tábua da casinha por cima da cerca, e iam lá na Santo Operário onde tinha terreno de sobra pra fazer as casinhas, e lá ninguém incomodava, não é.

E: Ah! Sim!

E1: Então vê, eu fui visitar donde eles vinham,né.

E: Uhum.

E1: E aí vivia aquela turma lá dentro, fechada lá dentro, e toda a angustia deles, porque, tinha os extremamente pobres, não é, que tavam lá e não saiam de lá. Porque diz: “Não, eu não posso levar minha casinha porque desmancha tudo.” Né.

E: E tudo pessoal que vinha do campo, né. Vinha de fora pra...

E1: É. Já tavam há muito tempo ali.

E: Umm.

E1: A casa já tava podre, não é. E diz: “Não eu to, eu vou ter que ficar lá. Não é. Então vê, eu comecei, a cada fim de semana, não é, eu ia lá. E subia por cima da cerca de arame farpado, que eles não deixaram nenhuma porta,os donos. E ia lá dentro e comecei então a reunir eles ali,né”.

E: Uhum.

E1: E essa, esse, Prado da Tablada, toda aquela parte de dentro etc e tal, onde não tinha sido feito os lotes assim por três lados. Eram três empresários que tinham arrematado toda aquela parte interior, não é.

E: Uhum.

E1: E eles tinham já, na prefeitura, o projeto e uma grande imobiliária,que eles iam, bom.

E: Sim.

E1: Então vê. Começamos as reuniões lá dentro, não é. E ai, ai, eu fazia a reunião sempre cantando no começo,não é.

(toca o relógio cuco)

E: Uhum.

E1: Aqueles mais ralados, que não conseguiam levar a casa pro outro lado. Então cantávamos aquele: (cantarolando) “A terra é de todos disse Deus a Adão. Toma e tchururu tira dela o teu pão. Toma e ju...” Ó, to ficando, me esqueci já.

E: Sim,mas era assim.

E1: Mas era o canto inicial, depois então ta,não é. Se conversava, essa coisa toda. E eu procurava entusiasmar eles a cortar a cerca.

E: Uhum.

E1: Digo ó, ninguém pode ficar dentro de um chiqueiro aí, etc tal. Porque eles tinham problema por exemplo, de mulheres grávidas, que tinham que levar pro hospital. Então era tudo uma função. Deles até às vezes, pagavam um táxi. Mas precisava meia dúzia de homens pra pegar a mulher e botar por cima da, do arame farpado e o táxi do outro lado pega, pegar. Quer dizer, as coisas mais elementares, né.

E: Sim, sim, sim, sim.

E1: E não tinha jeito. Eu digo, bah! Eu to com uma vontade de ir lá com um tesourão e cortar a cerca e tudo, etc e tal. Porque eu mesmo, né, pulava por cima da cerca, respeitando. Que eu digo, é eles que vão ter que cortar.

E: Claro.

E1: Como é que nós vamos conquistar essa terra, se eles não se fortificam, não é.

E: Sim, claro.

E1: Então, uma reunião, duas reuniões, três reuniões, quatro reuniões. Só depois de mais de um mês, não é. Ah, eu vinha falar como Jacques Alfonsin, que tinha sido o advogado da, da primeira ocupação e tudo lá. E ele: “Não, eles têm que cortarem.” O direito de ir e vir e esse negócio todo.

E: Uhum.

E1: (batendo repetidamente com a mão) Então, depois de um ou dois meses, não é, que eu sempre ia lá. E cantava de novo e pá e vo se... “Não dá, e não... Não adianta. Não adianta. Ou vocês cortam ou não há o que (porque isso é aquilo também. ???1:30: 59) Não é”.

E: Sim.

E1: Então, um domingo, eu chego lá, pelas nove, dez horas, né. E aí reúno aquele pessoalzinho. E vem um negrão, lá bem da beirada do terreno, que tava do lado dele, chamado Valdemar, e ele chega no início da reunião e diz: “Seu Antônio! Cortei a cerca!” (bate forte com a mão) Ninguém acreditou, né. (rindo) Aí então fomos todos juntos que tavam na reunião, pra ver a cerca lá...

E: Hahaha.

E1: ... onde ele tinha a casinha lá dele, atrás da casinha assim pro lado da, dessa beirada aqui...

E: Sim.

E1: Tava a cerca derrubada de um lado e de outro. Ô, lá abraçamos ele, aplaudimos, ele veio junto. Então cantamo, rezamo, fizemo... “Olha, isso foi a maior vitória de vocês!” E pá e pá e pá, né.

E: Uhum.

E1: Mas aí, vê, aí começaram realmente os empresários, contratavam jagunços, né.

E: Sim.

E1: E começaram a incomodar. Quando os homens saiam pra trabalhar, que era tudo gente do interior, não é...

E: Sim.

E1: ... que trabalhavam no pólo petroquímico. Aí eles batiam assim, com gente de fuzil, e, e começaram depois a vim com trator, a demolir casas, etc essa coisa toda. Então, vê fizemo lá uma capelinha improvisada lá dentro, de madeira. Penduramos um sininho, não é, então, na hora que eles se anunciavam, os jagunços, etc e tal, então batia o sininho da igreja né. Tem a fotografia até hoje no gabinete do Jacques aqui no centro da cidade.

E: Sim. Aham.

E1: Quando tu vai entrevistar ele, tu vai ver, aí ele pode te contar essa história.

E: Sim.

E1: Porque ele, ãmm, realmente lá pelas tantas ele vem me ajudar, depois na reunião, etc e ele lá fundamos de novo uma associação, né. E aí vê, fomos, ãmm, ãmm, sempre nessa luta. Domingos de manhã a gente se reunia com aquele povo ali, né.

E: Uhum.

E1: E, ãmm, sempre vinha um ou outro assistir a reunião, porque sonhava em ter o seu terreno, a sua casa, e sabiam assim, que essas coisa se espalham no povo. E a gente então conscientizava. “Olha se tu quiser aumentar a, a força da nossa luta, vai trazer tua casinha aqui, tu vai correr teus riscos como nós...” (batendo com a mão)

E: Sim, claro.

E1: Pra começar, vê, nunca conseguimos que nenhum crente, viesse lutar conosco, né.

E: Ah...

E1: Eles depois que ocupamo, aí eles vieram, botaram igrejinha lá dentro e tudo.

E: Ah, sim. O início não foi fácil.

E1: Ma, como. Então, vê. Aí foi uma luta duríssima, (novamente batendo com a mão) não sei quanto tempo exatamente. Íamos aumentando assim, pouquinho... uma casinha a mais, uma casinha a menos.

E: Sim.

E1: E, e, o é... chegou um determinado momento, aí em que ãmm, por exemplo, o pessoal, ãmm, e eu mesmo achei não é.

E: Sim.

E1: Diz, “olha é uma boa idéia se uma igrejinha aqui dentro.” Já tinha, aí eu sonho como Frei Sérgio, de fazer, lá. Mas na hora de fazer a capela lá dentro, pra dar força pro povo, né. O Frei Sérgio não quis arriscar o dinheirinho das tábuas dele

E: O Frei Sérgio, era o pároco da...

E1: Era o pároco da Mathias Velho.

E: Mathias Velho.

E1: Capuchinho. E ele comprou um desses terrenos da periferia, aqui, nessa beirada aqui.

E: Uhum.

E1: E lá ele botou, a Comunidade Nossa Senhora Aparecida, não é.

E: Umm.

E1: Que era dupla, porque lá pra baixo não tinha nenhuma capela, e serviria pra esse pessoal.

E: Sim.

E1: Bom, como não conseguimos botar a igreja. Então o povo disse: “Mas, uma congregação de freira, né, quem sabe uma irmãzinhas, né.”

E: Uhum.

E1: Ta. Então com isso, vê, o povo ficou com mais coragem, etc e tal. Porque agora a igreja está do nosso lado, etc, essa coisa, né...

E: Ah, sim! Claro, claro.

E1: E vê, o negócio, a luta foi dura de tal maneira, que vê o, nosso advogado ele teve que entrar, porque os proprietários entraram com ação na justiça. E alegando as coisas mais absurdas, né. Ámm... Até tinha sempre na cabeça os três nomes deles, não é, aqui de Porto Alegre... Como é o nome dele? Com é o nome daquele?

E2: (gritando de longe) Bergenthal.

E1: Bergenthal era um deles. Aírton Bergenthal. Quem mais?

E2: Não. Era sempre o Bergenthal.

E: Ah.

E1: Sim. Então vê lá, lá a coisa foi mais sistemática a organização, porque era mais ferrenha.

E: Sim.

E1: Então nós construímos lá vê, primeiro a frente social. A frente popular, não é. Que eram aquelas reuniões com o povo.

E: Sim.

E1: A frente jurídica, com o Jacques Alfonsin e o escritório. A frente política, vê lá com o é o Jorge Uequet, né. O deputado, que vinha lá embaixo, de vez em quando nas reuniões, né.

E2: Ah, é...

E: Sim.

E1: E a frente política e a frente religiosa.

(fala de **E2** sobreposta inaudível)

E1: A religiosa, com as freiras, a capela, etc e tal, né.

E: Uhum.

E: Inclusive lá, vê, ãmm, logo que construímos a capela como o sininho, aí as mulheres, o clube de mães, com a Tânia, né Matilde?

E2: Era a Dirce...

E1: Um clube de mães.

E: Sim.

E1: Pra encorajar as mulheres, costurando juntas, etc e tal. Elas se entusiasmarem umas as outras, né. Então, ãmm... quando é que foi Matilde, quantos anos depois que é... foi feito um processo?

E2: (ainda de longe) Levou cinco anos.

E1: Cinco anos, né. De tudo aquilo lá, duro, duro, duro.

E2: É, foi todas as instâncias.

E1: E vê o nosso pessoal já tava com coragem. Chegava o trator etc e tal, eles já iam com ferros nas rodas do trator pra arrebentar as rodas. Já iam assim.

E: Uhum.

E1: Hehehe.

E: Haha.

E1: Mas era o sininho sempre que chamava, na hora assim...

E: Ah, sim, sim.

E1: E esses, esses jagunços, ninguém conhecia. Não era gente e Canoas, né.

E: Ah, sim.

E1: Porque senão eles seriam...

E2: Essa foto aqui, agora, ãm, oração do Pai Nosso, essa aqui. Acho que foi depois da última audiência, aqui.

E: Uhum.

E2: Que se veio aqui e se rezou.

E1: Isso é no Prado, né Matilde?

E: Aqui...

- E2:** É, é a União dos Operários.
- E:** Aqui já é a União dos Operários, essa duas fotos.
- E1:** E esse, esse da cruz é do sininho, ta aqui, né.
- E2:** É. Esse foi o Pai Nosso de mão dadas.
- E1:** Hahaha.
- E:** Uhum. E que ano é isso aqui? Deve se lembrar mais ou menos.
- E2:** Aí o Jacques Alfonsin deve ter a data bem certa.
- E:** Ah, ta. Mas é no inicio dos anos 80, por ai?
- E1:** É...
- E2:** Levou cinco anos. Isso aqui é 86, 87.
- E:** Ah, ta. Mais ou menos 86.
- E1:** Não, mas de 84 eu sai de lá Matilde. Ou 87?
- E2:** Oitenta e sete!
- E1:** Ah ta bom. 87.
- E:** 86, 87, mais ou menos.
- E1:** E vê, no final, quando fizemos a ro ... Que ano foi a romaria da lá?
- E2:** Da terra 84.
- E1:** 84, vê.
- E:** Umm.
- E2:** Saímos dali, saímos dali.
- E1:** Fizemos...saímos, a procissão inicial a romaria saiu desse lugar aqui.
- E:** Como que chamava?
- E2:** Era Vila União dos Operários.
- E:** Ah, ta.
- E1:** Já estávamos com, ãm, a luta há vários anos, não é. Távamos consolidando.
- E2:** A resistência. Era a tábu da residência.
- E:** Mas essa cruz aqui foi o marco inicial aqui da, da ocupação?
- E1:** Não, não foi bem no início não.
- E:** Mas foi (de alguma coisa???)1:38:30)
- E1:** Isso aqui foi quando construímo logo em seguida a cruz, fizemos a sede...
- E2:** Nossa Senhora dos Romeiros esse aí.
- E1:** Não!
- E:** Mas a presença da igreja, mais se deu aqui?
- E1:** Não. Não Matilde, não é Nossa Senhora dos Romeiros. Aqui era o Divino Mestre.
- E:** Umm.
- E1:** Divino Mestre, é foi. Inclusive foi, Matilde, o, o César que veio trabalhar lá conosco e ele botou o nome da capelinha Divino Mestre, né.
- E:** Mas aqui a força da igreja popular ela começa aqui? Basicamente aqui? Com esse marco aqui?
- E1:** É. Com esse marco aí. Já tinha acontecido.
- E:** Sim.
- E1:** A capela Nossa Senhora Aparecida em cima de um terreno...
- E:** Ah...
- E1:** ... que frei Sérgio comprou.
- E:** Uhum.
- E1:** De um cidadão que tinha é que tinha comprado, não é
- E:** Sim, sim.
- E1:** Da beirada.
- E:** Aham.
- E1:** E, e essa dentro, então, ela foi seguida de um barracão que funcionou como capela...
- E:** Uhum.
- E1:** ... e como lugar de trabalho das mulheres, não é.
- E:** Esse local aqui?
- E1:** Junto, junto dessa cruz. né.
- E:** Ah, sim.
- E1:** E aí então, vê, ãm...
- E:** Então era uma capela e mais o centro comunitário, é isso?
- E1:** É. E aí foi o ...
- E:** Que é Divino Mestre, no caso, aqui.
- E1:** É Divino Mestre, porque, esse camarada, que a, ros, morreu. Um tal de César, não é.
- E:** Uhum.

E1: Ele...

E: Ah! Ta aqui, ó. Setembro – 84. Ta escrito a data aqui ó.

E1: Ah. Ta. É. Isso mesmo. É. Foi 84. Então ali...

E: Ah, ta aqui o mês da romaria, exatamente, a mesma época.

E1: Então vê, o Jacques, é o Jacques Alfonsin...

E: Uhum.

E1: Ele nesse processo aí, forçava o juiz a visitar.

E: Uhum.

E1: Pra o maior argumento dele, “olha esse povo ta lá dentro, os donos da propriedade não cercaram a propriedade. Eles não zelaram pela posse, né.” Então era um argumento forte, porque e eles fizeram uma ação de, de, de retirada dos moradores, né.

E: Na verdade tinha, que eu entendi, eles tinham a área, que tava usucapião, botava a cerca, e o pessoal foi lá, tava lá dentro já. E eles cercaram pra evitar que viesse mais gente.

E1: É.

E: E aí vocês começaram a trabalhar.

E1: Exatamente. Aí.

E: Umm.

E1: Sim, porque vê, o terreno deles ia até, o, a... se aqui ta o terreno, quadrado assim, não é.

E: Seria isso aqui mais ou menos.

E1: É. Então a, é, o, aqui, nessa beirada aqui desse terreno assim...

E: Aqui junto. O Santo Operário era do lado então, aqui.

E1: Sim. O Santo Operário, bom, aqui na parte de cima, enquanto que a, a Mathias é aqui embaixo, na Florianóp... no fundo da Florianópolis, aqui.

E: E aqui a Mathias aqui, e aqui União dos Operários.

E1: É.

E: Uhum.

E1: Bom...

E: Sim, mas então eles tavam fazendo, vocês estavam ali então organizando.

E1: Sim, e aí, o é, por ocasião do Natal, mil novecentos e oitenta e... não sei se é oitenta e sete, então é.

E: Uhum.

E1: Matilde sempre fala 87.

E: Aham.

E1: No Natal, ãmm, nas vésperas de Natal então houve o julgamento em última instância estadual, pelo Tribunal de Justiça, né.

E: Uhum.

E1: E foi feita aqui no, no, no... logo aquele prédio do Tribunal de Justiça, na Praça da Matriz, não é. (pausa curta) Vê, nós viemos com dois ou três ônibus, com todo o pessoal dessa, dessa vila aí, União dos Operários, né.

E: Uhum.

E1: Inclusive lá de novo, quem sugeriu o título da vila foi nessas reuniões, o povo. Vila União dos Operários. (batendo palmas espaçadamente) que aqui nós temos que nos unir, porque a aqui a coisa vai ser dura. Contra, diretamente contra os grandes latifundiários, né.

E: Isso já era o ano o que? 80, 85, por aí, já?

E1: Sim, é.

E: Uhum.

E1: Sim, sim.

E: A vila já tava se formando.

E1: Não, essa vila, essa coisa de ocupação das beiradas. Isso aí era muito antigo, né.

E: Ah, foi juntando então. Uhum.

E1: E agora na parte de dentro...

E: Ah, ta.

E1: ... eram os últimos chegados.

E: Ah, dentro.

E1: Os mais pobres, né.

E: Sim.

E1: que, vê, realmente o pessoal sempre ocupa perto de ruas...

E: Claro.

E1: ... perto de armazéns. Mas assim no miolo da coisa, né.

E: Uhum.

E1: ãmm... Porque lá também não tinha água, instalação de água não tinha nada.

E: Sim, sim.

E1: Todo mundo tinha que se defender, né.

E: Uhum.

E1: (pausa breve) Então esse processo, a gente veio...

E: Aham.

E1: Na praça assim, pensávamos ocupar o tribunal e tudo, etc,muita gente.

E: Sim,sim.

E1: Aqui os, Tribunal de Justiça, não deixou. Só conseguimos, uma representação de três ou quatro pessoas e o Jacques lá,(bataca com a mão) batalhando não é, contra os proprietários. Começou pelas nove e meia, dez horas da manhã, e perto do meio dia, aquele povo todo do lado de fora, gritando,etc, sentados no chão e tudo. Então vê, eu tenho a impressão que eram seis desembargadores, não é.

E: Uhum.

E1: Então, ämm, começou o primeiro voto, não é, foi a favor dos proprietários, né.

E: Uhum.

E1: Segundo voto foi nosso.

E: Umm.

E1: Terceiro voto foi nosso, né.

E: Uhum.

E1: E assim, ämm,nós tínhamos três votos. E não, eu acho que eram sete. Bom. Todo caso, não me lembro.

E:Sim, sim.

E1: Sei que o último voto, era o decisivo é. E o cara que deu o último voto disse: “Olha, eu não vou estragar o Natal de vocês, etc essa coisa toda etc e tal coisa. Eu vou dar a favor de vocês, por isso, por isso e mais aquilo.” Bom lá fora foi aquela explosão não é. Pessoal voltou de ônibus, saltou dos ônibus. Numa correria,assim, né. Fizemos lá já,uma cantoria, celebração na igreja, agradecemos a Deus. Foi uma Vitória assim, acho que uma das primeiras do Jacques Alfonsin assim, em termos, porque vê, e lá, ele começou assim,vê eu também, eu sou formado em direito. Mas foi lá ele que me levou pela primeira vez aquela expressão de direito achado na rua, não é.

E: Uhum.

E1: Que vê, hoje o grande brasileiro que defende o chamado direito alternativo, hoje,reitor da Universidade de Brasília, que esteve há uns três semanas atrás, aqui. Quando a Assembléia Legislativa, aqui, (batendo coma mão) ämm, fez uma sessão. Em função de que essa sessão? Bom fui lá eu, estive lá.

E: Uhum.

E1: Ah, era uma sessão,ämm, sobre a questão da a ... Comissão da Verdade,né.

E: Uhum. Sim.

E1: Então eles estão fazendo assim, toda uma campanha nacional pra fortalecer que esse ano, acho, que com a Dilma.

E: Sim.

E1: Vai se conseguir a Comissão da Verdade, né.

E: Sim, sim.

E1: Dos, dos mortos, e políticos, etc e tal.

E: Aham.

E1: Então veio esse reitor da Universidade de Brasília.

E: Uhum.

E1: E esteve aí também, o Paulo Vanucchi.

E: Umm.

E1: Que foi o Ministro dos Direitos Humanos.

E: Sim, sim.

E1: Então, foi uma sessão assim muito interessante, o Vanucchi, fez a partir dos fatos. Mostrou a dificuldade do avanço da luta pelos direitos humanos e tudo que foi feito assim, o sentido da recuperação desses restos mortais dos presos políticos, que foram mortos,né.

E: Sim, sim.

E1: E aí eu realmente me convenci totalmente, que ó, o Lula, mais não podia fazer,não é.

E: Uhum.

E1: E que o negócio, avança muito lentamente mas, sempre firmes, o povo vai conquistando.

E: Aham, sim. Exato.

E1: Então vê, ô. (pausa breve) Quando já se tratou da Santo Operário, não é, e que o Jacques veio,e fizemos a fundação da associação. E ele deu então a ... (batendo com a mão) cada morador que faria parte que faria parte da associação, deu a representatividade pro Jacques.

E: Sim.

E1:Pra defender, e eu perguntando: “Mas Jacques e agora como é que nós vamos fazer a invasão?” “Façam como vocês acharem melhor. Que depois eu vou procurar as brechas na justiça, não é”...

E: Umm.

E1: ... “pra defender vocês, né.”

E: Sim, sim, sim.

E1: Aí então, ele já começou com a expressão, não é, “direito achado na rua”, não é, e hoje vê, tem até uma revista da Unisinos que por sugestão minha, saiu não é. Vários artigos, né, sobre isso, porque realmente, há uma caminhada de direitos humanos imenso. Porque as constituições só defendem um ou outro direito humano.

E: Sim, sim.

E1: Mas há uma gama de direitos humanos que não terminam, né.

E: Claro, claro

E1: E aí, então vê, o Jacques se tornou o grande especialista brasileiro de direitos humanos. Vai, até foi pro estrangeiro, etc e tal, em função dessa caminhada.

E: Sim, claro.

E1: Então vê, ali foi garantida a posse deles, ãmm...

E: Uhum.

E1: Que continuam até hoje. Eles não pagam nenhum imposto, não é.

E: Uhum.

E1: É a posse ainda é coletiva, né.

E: Sim.

E1: E aos poucos, me parece eles estão regulamentando, né. Mas já as ruas lá deles até já são asfaltadas, etc , não é.

E: Sim.

E1: E a gente sempre, mas não consegue garantir, que, seria bom, que a propriedade continuasse coletiva, né.

E: Uhum.

E1: Da associação de moradores, etc e tal. Eles não, eles querem por causa de herança, por causa de vender, não é, etc e tal. Tão sempre aí as voltas com questão de propriedade particular, não é.

E: Sim.

E1: (batendo) Porque o direito dos pobres é o direito de posse, não é.

E: Ah, sim, sim.

E1: Pra que vender a terra, não é?

E: Ah, sim.

E1: Seria muito melhor, né.

E: Aham.

E1: Os ricos e que querem a propriedade. E temos o exemplo dos índios, por exemplo, aqui em Viamão, não é, etc. O primeiro, ãmm, a primeira reserva indígena, bom, não sei se é uma reserva...

E: Sim, sim.

E1: Não sei como é que chama. Urbana, tá aqui, bem no limite de Porto Alegre, que é o Canta Galo. Foi a primeira do Brasil, né.

E: Umm. Sim, sim.

E1: E ali, vê, todos eles são proprietários. A CNBB no ano da Campanha da Fraternidade, dos índios né, por sugestão minha até, aqui a arquidiocese, construiu as casas, né. E aí, vê. Uma coisa interessante, eles não se acham donos da casa. De repente eu vou lá e tem uma casa vazia: “Ah, o que morava aqui, ele por causa do casamento com uma lá no rio ele deixou a casa aqui pra um outro ocupar e agora vai morar lá no rio também, não é...”.

E: Sim.

E1: ... “aonde a terra é de todos índios, mas não tem.”

E: Claro.

E1: Então isso seria o certo. Haha.

E: Mas lá na ocupação, então lá na Vila Operário, lá eles tinham essa perspectiva do coletivo e aos pouquinhos...

E1: Sim. Bom, tudo lá pra nós, a nossa luta foi mesmo na Santo Operário...

E: Aham.

E1: Deles não comecem a vender. Mas não adiantou, vê. O pessoal que é de periferia, de repente fica desempregado, não consegue pagar as taxas etc e tal.

E: Sim.

E1: E são eles que fazem a urbanização.

E: Sim.

E1: Porque, eles acabam vendendo, às vezes a preço de banana.

E: Sim.

E1: E eles vão fazer uma maloca lá, numa outra ponta.

E: Sim. Não pode...

E1: Onde tem um terreno baldio, etc e tal, não é.

E: Uhum.

E1: Mas então, vê. Essa vitória...

E: Sim.

E1: ... foi uma vitória suada. Na justiça até o final. E a gente até tava esperando que os proprietários recorressem à Brasília, não é.

E: Uhum.

E1: Que, a final de contas, dizem que as vez se arrasta por quarenta, cinquenta anos esses negócio de propriedade, não é.

E: Sim.

E1: Porque ainda por vir até o Supremo, não é.

E: Ainda pode ainda, ainda não ta resolvido, então, digamos? Legalmente...

E1: Não, não. Mas não foi ao Supremo. Eles não recorreram.

E: Ah!

E1: Que eu saiba...

E: Então continua sendo do, do, dos...

E1: Deles.

E: Dos trabalhadores.

E1: É, exatamente, é.

E: E ainda é forma coletiva? Ou já ta individual lá.

E1: É. Já ta individual, sim, é.

E: Mas e ai, essa mesma estrutura que vocês ajudaram a montar aqui na Santo Operário? Conseguiram montar lá?

E1: Lá muito mais perfeita.

E: Ah...

E1: Lá as ruas tão o máximo, né.

E: E esse trabalho da igreja, das CEBs, como é que se deu lá?

E1: Ah, sim. Vê lá nos temos a comunidade Divino Mestre, a comunidade Nossa Senhora Aparecida.

E: Uhum.

E1: E a comunidade Nossa Senhora dos Romeiros, porque a romaria de 1984....

E: Ah, sim.

E1: Ela começou dentro desse terreno aqui e bem embaixo, vê, é aqui, ó, vê...

E: Sim.

E1: É aqui nesse fundão aqui.

E: Aham.

E1: E a na, a rigor é por aqui que ta a Nossa Senhora da Luz. Eu até precisaria ver qual é a rua.

E: Aham.

E1: Agora não me lembro...

E: Sim, sim, não, mas. Só pra ter uma...

E1: Que foi a primeira, né.

E: Como daqui passando pra cá. E aí vieram em romaria...

E1: Viemos sim. Exatamente. E aí vê, mas naquela partida não é...

E: Aham.

E1: A gente enfogueirou todo mundo....

E: Uhum.

E1: ... que agora nós tamos fortes com essa massa toda que vem junto conosco, etc, essa coisa toda. Pra conquista final. E realmente, uma ou duas semanas depois de feita a romaria, com o que ela tinha a partir daqui...

E: Aham, sim.

E1: Nós damos o golpe final e aí foi então construída a capela, que o povo criou também o nome. Nossa Senhora dos Romeiros.

E: Uhum.

E1: Porque ali tinha sido feito o inicio da Romaria da Terra de 1984, não é.

E: Uhum.

E1: Inclusive tem uma pintura lá, se não me engano, no, no altar. Onde exatamente um, da vila, desenhou essa questão de Nossa Senhora dos Romeiros. Uma imagem, né, que ele imaginou.

E: Sim, sim.

E1: E era um lugar, vê, do Prado. Onde tava certos romeiros.

E: Uhum.

E1: Num declivesinho, onde era a chegada das corridas de cavalo. Lá era o único lugar elevado, aterrado, né.

E: Sim, sim.

E1: Então ela foi feita também em declive, né. Porque era uma arquibancada onde iam as autoridades, etc, né.

E: Uhum.

E1:(Batuca com as mãos)

E: É, junto a isso formou também esse clube de mães,que mais teve?

E1: A mema coisa!

E: Mesma coisa. Repetiu-se lá ...

E1: Sim,sim.

E: ... mesmo o trabalho meio parecido, então. Seria isso?

E1: Sim. Inclusive, vê, nós influímos...

E: Uhum.

E1: De tal maneira nessa ocupação...

E:Uhum.

E1:Que vê, lá pelas tantas, o ... nessa região toda os padres decidiram fazer missão popular, né.

E: Uhum.

E1: E sabe que vieram então capuchinhos de Vacaria, onde eles tinham a sede deles.

E: Sim, sim.

E1: E nós fizemos uma reunião com eles pra preparar a missão, não é.

E: Uhum. Isso que ano era, o senhor lembra mais ou menos?

E1:Ah, isso foi agora depois que tinha sido ocupado tudo isso aí, né.

E: Ah, sim, sim.

E1: Deve ter sido, antes de eu sair de lá. Olha, se nós saímos de lá 87, com diz a Matilde, eu acho que foi aí por o final de 86, coisa assim.

E: Uhum.

E1: E vieram os capuchinhos e eles começaram. Bom. “Vamos organizar uma...” Matilde a questão da...missão aquela que os capuchinhos tinham e se recusaram a fazer. Tu não te lembra que ano foi?

E2: (responde de longe) Ah bom,isso tem que saber deles. Gurizada mais nova. Só que infelizmente, essa gurizada mais nova não ficou né. Não teve jeito.

E1: Não mas eles não quiseram! Não saiu a ...

E2: Eu sei que não saiu.

E: Acabou não saindo...

E1: Acabou não saindo sabe por quê?

E: Sim, só o ...

E1: Eles ficaram espantados os missionários.

E: Uhum.

E1:Que vieram assim, gente de idade, já tudo.

E: Sim,sim.

E1:Com prática dessas missões populares por todo o Brasil.

E: Sim, sim.

E1: Falavam: “Comissão de liturgia”. Nós dizemos: “Mas já tinha comissão de liturgia em cada.” “Comissão não sei de que quê tinha,uma comissão de catequese.” “Mas já temos, né, etc e tal”

E: Ah, sim.

E1: Sabe, eles se apavoraram, diz: “Puxa, isso aqui ta de tal maneira organizado que nós ó.” (batendo com as mãos em sinal de desdém.)

E: Nem precisa. Hehe.

E1: E picaram a mula, não é.

E: Ah, sim, sim.

(novamente soa o relógio de pêndulo)

E1: Olha a gente ficou chateado porque a gente tinha interesse, na romaria pra melhorar, tudo etc e tal.

E2: (de longe e em segundo plano) (eles não viam e transavam???1:55:50) pelas base. Comunidade pelas bases é que são elas.

E: Pois é.

E1: E eles não tinham prática de organização de povo assim.

E: Uhum.

E1: Comunidade por comunidade. O negócio era de massa, né.

E: Ah, claro.

E1: Mas podia ser isso ai, nós íamos ajudar. Eu digo já ta pronto. E agora é só embalar o carro...Mas não adiantou, não é.

E: Ah, si, sim.

E1: Sim eu , a não sei o que nos íamos torno disso mais que eu agora perdi a...

E:Sim. O senhor tava falando da questão das missões, aí veio os capuchinhos...

E1: Ah sim! Vê.

- E:** A formação de comunidades...
- E1:** Nós burlemos aí com a própria estrutura de paróquia e que acabou...
- E:** Ah...
- E1:** ... toda essa área aí que foi entregue para os capuchinhos. Foi criado uma unidade tal.
- E:** Sim.
- E1:** Pelo nosso trabalho.
- E:** Aham.
- E1:** Que era Padres seculares, na vila Cerne, não é. E padres capuchinhos na Mathias Velho que eles começaram a trabalhar na Mathias Velho, por causa da TV, da rádio deles e a TV.
- E:** A Difusora?
- E1:** Difusora. é.
- E:** Ah, ta.
- E1:** Então eles estavam na Mathias Velho que era um buraco lá do fim do fim do mundo, né, etc e tal.
(Soa em segundo plano um alarme com som de buzina)
- E:** Mas nessa época a Vila Operário pertencia ao Mathias Velho?
- E1:** Os seculares, né. Não. Não.
- E:** Não, eu digo a área da Mathias Velho, pertencia ao Bairro Mathias Velho?
- E1:** Não, não. Eu acho que a San, Santo Operário toda é Matilde...
- E2:** (de longe) Sim, ficou com a Santo Operário, com tudo.
- E1:** É, ficou ligado a Santo Operário.
- E2:** Justamente, ele, ela acabou...
- E1:** A Vila Cerne, a vila Cerne...
- E2:** Ela acabou com a história de cerca dividindo porque... (se aproximando)
- E:** Sim, pois é com a caída da cerca, aí voltou.
- E2:** A caída da cerca foi assim. Porque alguns dos que ocupavam aqui...
- E:** Aham.
- E2:** ... vinham da, da Mathias.
- E:** Ah...
- E2:** Outros vinham daqui.
- E:** Ou vinham daqui.
- E2:** É. Então eles forçaram as duas paróquias...
- E:** Tinha duas forças, aqui. Uhum.
- E2:** Obrigaram as duas a se entrosar.
- E:** Sim.
- E2:** Agora...
- E1:** E o Padre Armindo ele era Vigário...
- E2:** ãhm...
- E1:** ... do centro de Canoas, que abrangia a Vila Santo operário, não é.
- E:** Uhum.
- E1:** Antes era o Cônego Geral.
- E2:** É que aqui não tinha a paróquia da Harmonia, a paróquia da harmonia foi fundada depois.
- E1:** (sobrepondo a fala) Não tinha paróquia da Harmonia, é.
- E2:** Aí os freis, como interessava eu acho pra pastoral deles.
- E:** Aham.
- E2:** Eu acho que foram eles que pediram pra pegar a Harmonia.
- E:** Ah, sim...
- E2:** Pegar a Harmonia também.
- E:** Sim, sim.
- E2:** Então eles tiveram com as duas paróquias então unificaram. Porque era, depois separaram de novo agora. Ta separado, né.
- E:** Mas o bairro em si, o Mathias Velho, ele já abrangia então o Santo Operário e União dos...
- E2:** Não...
- E:** Ainda não era ainda?
- E2:** Como a ocupação se deu via associação de moradores da Vila Cerne...
- E:** Ah, sim, sim, sim...
- E2:** Porque eles pertenciam aqui, José Veríssimo e Guabiju.
- E:** Ah, ta, ta, ta...
- E2:** Era Vila Cerne.
- E:** Vila Cerne. Não aí ta certo.
- E2:** Então a invasão, o patrocínio, vamos dizer...

- E: Claro. Sim.
- E2: É associação de moradores Vila Cerne.
- E: Vila Cerne.
- E2: E a ocupação toda foi aqui ó.
- E: Na Santo Operário também.
- E2: Por aqui também vai, mas vai ir secundariamente.
- E: Não, não. Eu entendi.
- E2: Vem daqui o grosso.
- E: Claro, claro.
- E2: Vinha daqui. Ainda mais que, essa a Florianópolis aqui...
- E: Aham.
- E2: ... os terrenos da beirada aqui da Santo Operário, são todos legalizados.
- E: Ah, ta. Ta.
- E2: Então era por trás desses terrenos legalizados, que ficava a granja.
- E: Uhum.
- E2: Ao passo que aqui não. Diretamente em cima da José Veríssimo que é o limite...
- E: Ah, sim.
- E2: Isso aqui ta desocupado.
- E: Ah, ta, ta.
- E2: E o que ta ocupado aqui é só a favela que ta explodindo pra cá.
- E: Uhum.
- E2: Então o fulcro, o epicentro, é daqui pra cá.
- E: Daqui pra cá. E aí vai unindo com a Mathias Velho aqui, que.
- E2: Aí eles vão, (pigarro) via paróquia.
- E: Sim, via paróquia.
- E2: Faz de tudo isso aqui, uma rede de comunidades.
- E: Uhum.
- E2: Então, tanto trabalhavam juntas, até que...
- (soa o cuco)
- E2: Na história da caixinha, separar a caixinhas.
- E: Uhum.
- E2: Monopólio do, do dinheirinho das comunidades, aí de novo. Ta paróquia da Harmonia e paróquia da Mathias.
- E: Mas a minha pergunta assim...
- E2: E as duas...
- E: Isso em termos de igreja. Mas eu digo em termos de Canoas, da prefeitura. Eles consideravam já o bairro. Isso que eu tava, era a minha dúvida.
- E2: Não o bairro eles começaram a considerar mais tarde.
- E1: Toda essa região era a sesmaria do Mathias Velho.
- E: Tudo pertencia a Mathias Velho. Isso que eu quis dizer.
- E2: Ao Mathias, mas não, não que fosse da vila Mathias Velho.
- E: Não, as vilas...
- E1: Sim, eles, as vilas foram ocupando.
- E: Ah, ta.
- E1: Os herdeiros, esses foram vendendo regiões ali.
- E2: Bom, eu não sabe, que nos mapas das cidades...
- E: Ah, não. Aí depois vou ver no mapa.
- E2: Aonde não tem vila, não tem casa, aquilo ali não existe.
- E: Ah ta. Isso é elementar. Agora, ficou, claro.
- E2: Isso aí não existe.
- E: Não, claro. Perfeito.
- E2: Não aparece.
- E: Mas no fundo pertencia aos herdeiros ainda.
- E1: Aos herdeiros, toda aquela região era do Mathias Velho.
- E: Claro, claro, era uma fazenda, né.
- E1: Ele tinha um palacete até ali.
- E: É, eu vi que tem a casinha lá da fazenda original.
- E1: É, casa da fazenda, é.
- E: Ta no livro aquele. Exatamente.
- E2: Se eles não tiverem um, um mapa mais recente...

- E:** Uhum.
- E2:** Eles devem ter feito um mapa, de cada canto.
- E:** Não mas isso daí a gente procura depois.
- E2:** É capaz de nem constar no mapa.
- E1:** Isso aí, vê, não sei se é interessante pro teu trabalho?
- E:** Sim.
- E1:** Mas essa coisa, lá em alguém devia dar uma orientação.
- E:** Claro, claro.
- E1:** Sobre a questão...
- E:** Da localização.
- E1:** ... de como foi ocupado isso aí.
- E:** Não, não. Claro.
- E1:** A partir, vê, dessa chegada em massa, pra o pólo petroquímico.
- E:** Sim, claro. Essa é a raiz da coisa.
- E1:** Porque vê o, Nelsinho, Matilde, não sei se tu tava lá. Uma reunião que nós tivemos na Câmara de Canoas.
- E:** Uhum
- E1:** Eles apresentaram nós dois como os grandes povoadores de Canoas.(riso)
- E:** Ah, sim. Mas esse pólo petroquímico era em Triunfo, não era em Canoas.
- E1:** Triunfo.
- E:** Que é próximo a Canoas, é isso.
- E1:** Sim, sim.
- E:** Mas como era grande, na época, o pessoal veio...
- E1:** Porque tinha muitas (ocupadas ??? 2: 01: 00) de Montenegro.
- E2:** (novamente se aproximando) Não, é que o pólo, o pólo ele coloca, colocava seus próprios ônibus pra buscar os moradores. Eles tinham que sair a pé de lá.
- E1:** No começo era caminhões, Matilde.
- E:** Triunfo é pequeno, tinha que, Canoas era maior, então...
- E1:** Matilde não...
- E2:** Não, o pólo petroquímico acho que fica mais aqui perto de Canoas do que Triunfo.
- E:** Ah, sim.
- E2:** O pólo petroquímico...
- E:** Ele fica entre os dois municípios, então.
- E2:** Ali é Santa Rita onde entra pro pólo petroquímico.
- E:** Uhum.
- E2:** Ali é mais perto de Canoas, do que da, de Triunfo.
- E:** A massa dos trabalhadores tava aqui nessa região de Canoas.
- E2:** Bah! Ficava a massa aí.
- E1:** Sim, mas, o pólo petroquímico, é chamado o pólo de Triunfo.
- E2:** Ta. Mas onde é que ta localizado? Ta ali na Santa Rita.
- E:** Que fica próximo, né.
- E2:** Que fica mais pra Canoas do que pra ...
- E1:** Não.
- E:** Mas pra eles buscarem o pessoal daqui é...
- E1:** Santa Rita ta grudada ao pólo praticamente.
- E2:** Ta. E é mais perto de Canoas do que do Triunfo.
- E1:** Sim, mas além disso, em Montenegro tinha muitas ocupações, também, não é.
- E:** Ah, sim.
- E1:** E, realmente, a maioria tava lá na região de Canoas.
- E:** É.
- E1:** É Santa Rita, que logo é o prolongamento de Canoas, não é.
- E:** Sim, claro. Isso mais pra ter uma idéia. Mas o importante aqui na questão é que esses operários eles trabalhavam no pólo...
- E1:** No pólo, e no começo...
- E:** ... e muitos que vinham pra essa região pra tentar trabalhar no pólo também.
- E1:** No começo não era de ônibus que eles iam pra lá. Era de caminhão.
- E2:** (de longe) Já falou isso...
- E1:** Tipo pau de arara.
- E:** Ah, e depois os ônibus. Claro, foi (com o tempo??? 2:02:21) aí.
- E1:** Depois a prefeitura, foi mo... obrigando...
- E:** Aham.

- E1:** ... eles a ir de caminhão. Os que pa... os que levavam eles pra lá.
- E:** Aham.
- E1:** Que eram as próprias empresas,não é.
- E:** Claro, claro.
- E1:** Que contratavam operários né.
- E:** Mas e aí Matilde, as mulheres também, aqui na União dos Operários,também tinham a sua força também?
- E2:** Ah, vinham com esse pique de lá.
- E:** Com o mesmo pique, organizavam.
- E1:** Com o mesmo pique. Ah sim.
- E:** Aí...
- E2:** Vem contaminando, vem contaminando, né.
- E:** Aí tinha também as creches... aquela estrutura ela, acabou se repetindo um pouco ou não?
- E2:** Não, não. Aí parou.
- E:** Ah, sim.
- E2:** Os cinco anos de luta, judi... jurídica...
- E:** Ah, sim.
- E2:** Ficou só uma pequena resistência, nessa, na União dos Operários.
- E:** Umm.
- E2:** Os que tinham a casinha mais ou menos que dava pra desmontar eles desmontavam e levavam embora. É aquilo que se disse: “minha casa ta to ruim, que se eu tentar removê-la, vai ficar sem nada, vai desmanchar a casinha.”
- E:** Claro, claro.
- E2:** Então, se fosse o jagunço a desmanchar, eles a desmanchar pra ir embora, é uma força da resistência, que é uma força da pobreza.
- E:** Sim.
- E2:** Só que tem um detalhe aqui.
- E:** Sim, sim.
- E2:** Essa União dos Operários,nessa rua aqui, ó Livramento, que faz o limite.
- E:** Aham.
- E2:** Aqui tinha por exemplo, ca, a Nadir. Tinha uma que outra pessoa daqui, salientou-se Nadir, que agora é falecida.
- E:** Aham, sim.
- E2:** Ela era daqui dessa terra legalizada...
- E:** Uhum.
- E2:** ...e que dava o apoio aqui pra dentro.
- E:** Ah, sim,sim, sim.
- E2:** Então a gente fazia a reunião todos os sábados, domingos de manhã.
- E:** Uhum.
- E2:** Então vai ter a Nadir acompanhando, e os das outras comunidades vinham...
- E:** Pra dar força.
- E2:** Pra fortalecer, clube de mães. Elas vinham daqui. A Tânia aqui de baixo.
- E:** Uhum.
- E2:** A grande força foi a Tânia que morava além da São Sepé, aqui pra baixo...
- E:**Aham.
- E2:** E que elas aparecem no mutirão dos acolchoados, aqui nas fotografias.
- E:** Sim, sim, sim.
- E2:** Então aqui foi resistência. Com aquelas pessoas que tinham ali, ó. A, claro quando da o, o processo jurídico, por cinco anos...
- E:** Ah, enquanto tava o processo eles não podiam?
- E2:** Claro que não. Não podiam fazer nada.
- E:** Ah então tava todo mundo parado lá, é isso?
- E2:** Parado. Só ali.
- E:** A organização se deu depois que, que liberou o processo, é isso?
- E2:** Sim, mas, eles...
- E:** Durante cinco anos...
- E2:** Eles se organizam como?
- E:** Sim.
- E2:** Como eles, é... tão mobilizados.
- E:** Claro. Claro.
- E2:** Tem que chamar o povo,na hora que o sininho que toca.

- E:** Sim.
- E2:** Quando a ameaça do jagunço de destruir alguma casinha. O sininho toca.
- E:** Os jagunços tavam tentando tirar tudo de lá.
- E2:** O pessoal vem, ta. Então nesse armazém da resistência...
- E:** Uhum.
- E2:** Já armazenou pra quando...
- E:** Sim.
- E2:** Viesse a legalização, eles entrarem, já bem, bem planejados.
- E:** Ah, ta.
- E2:** Por exemplo, traçado de ruas, obedecia um traçado, como foi obedecido aqui.
- E:** Semelhante. Aham.
- E2:** Onde deu rua dos...
- E1:** Muito mais caprichado.
- E2:** Ta. E aí aconteceu uma coisa, de que cada associação de moradores, aqui.
- E:** Aham, sim.
- E2:** Que a cada...
- E:** Dos operários. Uhum.
- E2:** Ela ia ter cada quadra.
- E:** Uhum.
- E2:** Ela ia ter um representante.
- E:** Ah, sim.
- E2:** Pelo poder popular, que vem quadra a quadra.
- E:** Sim, sim.
- E2:** Eles conseguiram fazer isso. No início, pelo menos. Depois. Depois, que, que é liberado, pela...
- E:** Uhum.
- E2:** Pela justiça.
- E:** Sim.
- E2:** Eles conseguiram manter uma organização de verdadeiro poder popular. Que é quadra a quadra, com seu representante. Esse representante, lá da associação. Então, era, claro, bem mais organizadamente, até.
- E:** Aham.
- E2:** E ali essa comunidade...
- E1:** E foi depois da romaria, Matilde, que aí se deu o golpe final da ocupação lá. Da Romaria da Terra que começou aqui. (batendo repetidas vezes com a mão sobre algo) Com Nossa Senhora dos Romeiros que ficou na capela final.
- E2:** Ah é, ela ficou chamando Nossa Senhora dos Romeiros a sede. Essa, a capela Nossa Senhora dos Romeiros, ta construída, aonde eram as arquibancadas.
- E:** Uhum.
- E2:** De, de apreciar as corridas de cavalo.
- E:** Ah, sim.
- E1:** É, exatamente.
- E2:** Elas ficam no alto. Só que infelizmente o frei dos capuchinhos tinha uma coisa. Frei Sérgio Dal Moro. Com tanto engenheiro, arquiteto que faz trabalho voluntário gratuito. A gente tem aqui eles dispostos a ajudar.
- E:** Uhum.
- E2:** Ele fazia as capelas da cabeça dele, tudo quadradão assim.
- E:** Ah...
- E2:** Aquela Romeiros, era pra ter feito assim, que tu chegasse e tu enxergar ali aquelas arquibancadas, né.
- E:** Ah, sim.
- E2:** Fez uma coisa assim quadradona.
- E1:** Horríveis.
- E2:** Ta ela ficou em plano inclinado pra baixo.
- E:** Claro.
- E2:** Horríveis.
- E:** Umm.
- E2:** As igrejas deles e as dos crentes...
- E1:** (sobrepondo a fala) e aqui vê, nessa vila aqui...
- E2:** Não botam uma arte (??? 2: 06:40 nada.)
- E1:** ... eles vão, por exemplo vê, como sempre nas ocupações, eles preservaram um campo de futebol, e conseguimos preservar uma horta comunitária.
- E:** Ah...

E1: Que tentaram, até tiveram que fazer vigilância lá, os Fiorotti, etc e tal. Até tu pode contar isso. De noite, eles parando lá pra evitar que o pessoal ocupasse. Viesse gente de fora, ou Porto Alegre.

E: Aham.

E1: E até hoje funciona a horta comunitária.

(ruídos ambientes sobrepondo-se às falas)

E: Opa que bom...

E1: Foi um sucesso

E: Uhum.

E1: Por isso é bom fazer uma visita lá e vê isso.

E: Bah, mas nós vamos fazer sim. Claro. Com certeza.

E1: Inclusive eles conseguiram dinheiro, através do Paim...

E2: (de longe) Bom o próprio (vereador/ Ivo ??? 2:07:20) Fiorotti que vai, fazia questão de...(fala baixa inaudível.)

E: Sim, sim. Agora agente vai... Agora vamos conhecer.

E1: Ele mora lá embaixo o Fiorotti. Aqui, bem ao lado da horta comunitária.

E: O Ivo?

E1: Ivo.

E2: Eu vou te fazer uma fofoca do Fiorotti. Já que eu fiz fofoca dos outros...

E1: Hahaha.

E: Sim. Hehehe.

E2: Vamo que ele traga uma melhoria pra vila, decide ligeiro botar os familiares.

E: Nessa época o Ivo ainda era Capuchinho ainda?

E2: É.

E1: Nessa época sim. No início sim.

E: Eu conhecia ele capuchinho.

E2: Ai ele desviou quando foi um curso lá em Piracicaba.

E: Aham.

E2: E aí, aham, que ele, ele caiu na sedução dessa...

E: Ah, sim.

E2: Tu conhece a mulher dele, né?

E: Conheço sim, participando no...

E2: Então eu vou te fazer a fofoca: A dificuldade....

(GRAVAÇÃO INTERROMPIDA)

E: Voltando aqui a gra... a ... interessante que me parece assim a questão que são duas realidades, um pouco diferentes, um pouco diferentes. Não sei se ta correta, a minha avaliação.

E1: Sim, sim, sim.

E: Aqui é um lugar um pouquinho menor, mas que teve a sua particularidade, essa questão toda, né.

E1: Aí é conflito, cinco anos, enquanto esse aqui foi uma enxurrada.

E: Aham.

E1: tudo que...

E: Mas aí ma dúvida assim, não sei se me fiz entender. Nesse período dos cinco anos, que te, ainda, quando tiraram a, a cerca, no caso, foi depois que liberaram, é isso? Na Justiça? Até então ficaram se..

E1: Não, não. Depois que a cerca foi cortada, pelo Valdemar...

E: Ah ...

E1: Ela foi desaparecendo como por encanto...

E: Ah. Então já era 84, então? Antes de 84. quando caiu, quando tiraram a cerca? Ou ainda era? Eu não me lembro basicamente...

E1: Não, eu acho...

E: Quando fizeram a Romaria da Terra, já tinha a cerca ainda ou não?

E1 e E2: Tinha!

E1: Tinha ali toda a cerca. Sim, sim.

E: Ah, ta. ta. E naquele momento as famílias, o miolo tinha pouca gente então, não era muito ainda?

E1: Sim. Na Romaria da Terra, só tinha um pedacinho em torno da...

E: Em volta aqui...

E2: Só na volta.

E1: Só na volta.

E: Só na volta aqui. E aí sim, a partir de 84, aí o pessoal começou a ocupar.

E1: Não, não. Já tavam ocupando.

E: Não, não. eu digo assim o miolo, a parte ...

E1: Quer dizer, só onde ta a igre, a capela lá que você conhece, dos Romeiros. Eu acho que a questão de uns cem metros, no máximo, menos. Cinquenta. Ao redor daquele onde ta a capela...

E: Ah...

E1: Aquilo ainda não tinha sido ocupado.

E: Ah, ta.

E1: Porque vê, foi uma ocupação tipo vegetativo, de uma casa num domingo, outra casa noutro domingo. Por quê? Porque o pessoal vinha pra reunião...

E: Aham.

E1: ... e a gente dizia: "Escuta, tu não tem onde morar, ta certo, pá. Tu quer lutar junto com a gente?" Então, vê a gente dava cobertura pra ele, no domingo. "Então tu traz no domingo, que todo mundo te ajuda..."

E: Uhum. Uhum.

E1: "...a botar a casa no terreninho etc e tal, porque tu é mais um que vem dar força pra nós, não é" Então vê, a gente foi crescendo, durante cinco anos.

E: Sim.

E1: Porque havia um nucleozinho dos mais pobres, que resistiram no miolo, né. Por causa...

E: Sim.

(novamente interferência de ruídos ambientes)

E1: E aí a gente foi com o choque permanente, dos jagunços, mas fomos ampliando nos cinco anos pouco a pouco.

E: Ah, sim.

E1: Agora depois da romaria, sim. Depois da romaria veio uma turba assim que fechou o.

E: Aí a ocupa, aí sim a ocupação se deu.

E1: A ocupação.

E: E essa turma toda veio do Santo Operário, veio de outras regiões da cidade?

E1: Bom ali, não, sabe, um pouquinho de toda parte. Mas não eram muitos.

E: Mas eram...

E1: Acho que ali naquele final, Matilde, eu acho que não eram mais de vinte, trinta casas, não é.

E2: É.

E: Uhum.

E1: É. Pouca gente.

E: Pois, é. Então, eu acho que esse primeiro momento assim da nossa, nossa conversa sobre esse, sobre todo esse processo. Ai tem a ver com (??? esse olhar 2:10:50) do mestrado, né. Eu acho que é importante, faz nós ter uma idéia geral, né.

E1: Sim, sim.

E: E a partir daí então, a gente vai aprofundando. Novos contatos, ai, com vocês, também em outros momentos, que eu vou tentar pontualizar alguns pontos específicos, né. Com todo esse material. Bah, isso aqui é riquíssimo, né. E como eu lhe disse no início, pra vocês também, né. Que isso aqui é um trabalho, né, de dois anos, mas eu vou aprofundar o máximo possível, né. Nos vamos ter vários momentos, visitas e tudo mais, para que realmente, isso, essa experiência, ela seja, vá pra história, né. E, com certeza, sei que outros trabalhos foram feitos, né, com outros enfoques. Princ, me parece que o grande riqueza que eu me propus aqui, nesse trabalho é justamente a contribuição das comunidades de base. Esse trabalho da Igreja progressista, né A participação popular, né. E que, quem sabe nas gerações futuras, né e mesmo nas atuais em muitos que não conhecem essa experiência, né. Po, poder se espelhar no, no trabalho comunitário, né. Os pobres que muitas vezes não aparecem nos livros, não aparecem na História, né. Eu quero até reportar um pouco, to estudando um pouco a parte teórica global, né, pra chegar na experiência, que é do, do historiador Thompson, inglês. Talvez conheçam a experiência dele. Ele foi um historiador que estudou a classe operária na Inglaterra. E ele a partir da academia foi trabalhar direto, né, com organização popular, com os operários. Não só os operários organizados, ele queria saber aqueles que não eram organizados, como é que era no dia a dia, né. Isso pra História, hoje tem uma perspectiva chamada Nova História...

E2: Umm.

E: Dentro da História de um modo geral, da academia, que se estuda, né um pouco essa questão. Eric Hobsbawn, que é um outro historiador, trabalha isso.

E2: Ah, Hobsbawn.

E: Que é...

E2: Gente fina

E: ... retomar uma, a experiência, daqueles que não tiveram, voz nem vez, que liga um pouquinho, né, com a Teologia da Libertação...

E2: Ah verdade....

E: ... as comunidades de base, e aí essa proposta ao longo desses dois anos de a gente periodicamente se encontrar, se organizar, ajudar, outras pessoas também, com depoimentos e visitas. Pra gente reconstruir, né, cada vez mais, teoricamente, na prática também, né.

E2: Umm.

E: Para que, realmente, né, essa história seja conhecida, né. E aí vem a proposta, é claro também, né, minha pessoal também da gente divulgar cada vez mais experiência. Então como historiador, professor de história, né. Para que isso, realmente as pessoas conheçam essa realidade. E possam espelhar que é possível né, a resistência, no caso aqui do regime militar também que as pessoas se organizem na diversidade, né, e possam se organizar. E a participação dos lutadores sociais, que vocês também contribuam muito e outras pessoas, para que essas coisas aconteçam, né. Na caminhada, né. É, onde...

E1: É.

E: ... como diz o Leonardo Boff (??? de interpretação 2:13:50) “os povos não são objeto de caridade, mas são sujeitos da História.”

E1: É.

E: ... e nós, e o pessoal está aí para ajudar a caminhada, né. Não sei até se...

E2: Deixa só eu te dizer uma coisa que é, tem um monte e gente aí fazendo entrevista, com meu irmão, eu entrei poucas vezes.

E: Eu sei com é isso...

E2: Mas a (Viana ????:14:00) que, tanta gente que veio tanto não é. Mas o teu diferencial é o seguinte:

E: Claro.

E2: Os que vinham aqui...

E: Aham.

E2: ... eles vinham com a, uma coisa, bem pragmáticos.

E: Sim, sim.

E2: Com um trabalho para fazer, escrever e de.

E: Sim, sim, sim.

E2: O teu diferencial é que a gente não conseguia também, toda essa tua formação, franciscana tudo...

E: Claro, sim, sim.

E2: Não imaginava que tu fosse tão profundo na tua busca...

E1: O negócio de igreja em geral não sabem nada! Como é que a igreja tá organizada.

E: Hehehe. claro, claro.

E2: Então é, a diferença é esta, que é toda uma história, todo um...

E: Sim.

E2: Material, de uma certa forma, pros outros eu nunca mostrei.

E: Sim, claro, imagina.

E2: Pro Darlos, pro Darlos apresentei alguma coisinha.

E: Claro. Claro.

E2: Pra aquele livro ali.

E: Sim, sim.

E2: Mais, tu é a pessoa assim que a gente sente que, traz em ti...

E: sim.

E2: Tu tem na alma.

E: Claro, claro.

E2: Todas essas coisas aqui. Por isso tu és um...

E: Sim, sim.

E2: ... um pesquisador diferenciado.

E: Sim, claro.

E2: Que tu não carrega a coisa de maneira objetiva.

E: Claro.

E2: Tu subjetivou. Todas as histórias...

E: Um trabalho subjetivo, que hoje a História...

E2: Claro.

E1: E outra coisa Matilde, eu acho, que isso aqui influenciou enormemente a luta dos sem terra.

E: Uhum.

E1: Porque vê, a, a, no final, a questão do advogado Jacques Alfonsin, ele como grupo dele...

E: Umm.

E2: Ah, justamente!

E: Isso.

E1: Ele a partir do que ele aprendeu, conosco aqui, (??? então 2:15:15) a frente jurídica, a frente política, vê, o Frei Sérgio Górgen, ele...

E: Sim, sim.

E1: ... políticos do PT, etc e tal.

E: Uhum.

E1: À frente da igreja, apoiando o movimento vivo, tudo isso, foi tudo montado lá em Canoas.

E2: (de longe) O direito acha, o direito alternativo, vê só, ele chamava o direito achado na rua.

E: Sim.

E2: (Fala distante de difícil transcrição) (???2:15:40) Mas isso foi a primeira experiência.

E: Claro, com certeza.

E1: E daí vê, toda essa a, essa badalação que o Susin aí fez dos meus 80 anos. Dizendo: “Não, vocês se nos últimos 50 anos, vocês tiveram na frente aí da maioria, das coisas que se fez a igreja no Rio Grande do Sul.”

E: Isso, isso.

E1: Então eu vou buscar pra ti os livros que eu ainda não te entreguei né.

E: Uhum.

E1: Mas eu não gostei desses três livros, né. Eu sofri uma enormidade.

E: Aham.

E1: E não pude. “Não, tu fica lá, tu não sei o quê”. né. Não pude decidir muito, né.

E: Entendo.

E1: Porque o Susin ele dizia, “não, nós vamos fazer, e tu só entra quando tem que entrar, e não sei o quê.”

E: Mas é isso aí. Eu acho que, na verdade é um pouco essa perspectiva né...

(GRAVAÇÃO ENCERRADA)

Anexo 3

AS CEBs NO RIO GRANDE DO SUL: O CASO DO BAIRRO MATHIAS VELHO - MUNICÍPIO DE CANOAS (1975-1988)

TRASCRIÇÃO Nº 03 (Revisada)

Nome do arquivo: Jacques Alfonsin dia 22 07 11.mp3 (formato MPEG, tamanho 3,82MB)

Duração: 08min20seg

Data: 22 de julho de 2011

Local: Escritório de advocacia do entrevistado – Rua Jerônimo Coelho, 75 sala 408. Centro. Porto Alegre/RS
Cep: 90.010-241

Entrevistador: Odilon Kieling Machado

Entrevistado 1: Jacques Távora Alfonsin (Advogado)

E: Vou deixar aqui.

E1: Em princípio, já tá gravando, em princípio a argumentação usada pelo povo que o ocupou a terra de 42 hectares hoje, conhecida como união dos operários graças a uma sugestão de nome dada pelo irmão Antônio Cechim na época isso em princípio se baseava no seguinte a ação judicial proposta contra esse povo era baseada na posse, na reintegração de posse no tribunal onde a ossada na época como quase todos os tribunais de todo do país já tinha firmado a doutrina, já tinha admitido que a reintegração de posse pressupõe prova inequívoca de posse anterior, a posse anterior que essa, que esse condomínio de pessoas Nelson Nejar _____ e outro nome que não me lembro agora, o condomínio, alegava que tinha posse sobre uma área que era destinada a corrida de cavalos na época, era uma área de prado, outra esta prova escorrega boa que deveria ter sido feito, nunca apareceu dentro dos autos do processo com a clareza que deveria ter, nós desde o princípio conseguimos evitar que a liminar fosse deferida porque o desastre seria muito grande deixamos que a discussão ficasse para a sentença baseada neste fato, o juiz da época convocou uma audiência de justificação de posse na qual esse pressuposto da posse anterior não ficou provado e o juiz indeferindo a liminar favoreceu a audiência de testemunhas durante anos e durante esses anos a ocupação da área que tinha sido no princípio só de 119 famílias se multiplicou tremendamente aquilo virou um bairro durante o andamento do processo

E: que era nos fundo da Mathias Velho

E1: em 1983 quando o recurso que nos interpusemos numa sentença que tinha sido dada a favor dos condôminos, quando foi julgado o recurso nós conseguimos um voto a nosso favor, e os dois outros juízes votaram contra, ou seja, a favor do condomínio, com base nesse voto que foi dado a nosso favor, isso foi no dia 18 de novembro, se não me engano de 1983, nós não dia 18 de novembro foi justamente o julgamento daquele, das câmaras que tiveram que se reuni para decidir se aquele voto que tinha sido dado a nosso favor prevalecia ou não, e nesse 18 de novembro de 1983 nós ganhamos de 4 a 3 foi um julgamento assim muito parelho e a partir daí o povo ampliou mais ainda sua ocupação da área toda, né, hoje um bairro aquilo lá. Não contente com esta decisão do tribunal sobre a ação possessória, esse condomínio dos três proprietários Nelson Nejar _____ e outro nome que não lembro mais o nome entrou com ação reivindicatória, aí para discutir domínio e não mais posse, já que tinham perdido na ação possessória entraram com uma ação que dava direito a discutir a a propriedade da área e durante o andamento desse processo da reivindicatória o advogado da reivindicatória cometeu um erro gravíssimo dizendo pro juiz que a área já tinha sido transformada no verdadeiro bairro e que afinal de contas haveria a possibilidade de ser decretada a desapropriação indireta ou seja o poder público pagar a área para os proprietários, porque agora aquilo lá, porque agora já tinha sido transformado num bairro o juiz deu vista pra nós dessa alegação dos condôminos e nós ... o prato tava feito, nós dêssemos para o juiz que então os próprios titulares dos domínios da propriedade reconheciam que não eram mais donos porque eles admitiam até a desapropriação indireta com indenização, e o juiz...

E: o bairro já existia, porém essa área é que houve o conflito

E1:...é, e o juiz então julgou extinto processo porque havia reconhecimento do autor, dos autores da ação, de que aquilo lá não era mais propriedade, foi um erro gravíssimo, mas nós devemos ao advogado da outra parte (risos)

E: Entendo, favoreceu a ocupação

E1:... o julgamento definitivo a nosso favor, é claro quem vai lá, talvez encontre no máximo quem sabe 10, 15 por cento das pessoas que foram responsáveis pela ocupação, muita gente já foi embora, mercado se encarregou de vender, muitas áreas já foram vendidas, mas hoje lá tem muita igreja, tem posto de saúde, tem posto policial é uma área conquistada pelo povo, né, e há nessa questão toda um grande mérito para o movimento popular, do movimento dos sem terra, do movimento dos sem teto até uma romaria da terra foi feita lá graças a essa mobilização de forma que nós devemos muito o êxito dessa vitória não o trabalho prestado para povo mas um trabalho prestado com o povo e ele, e nós reconhecemos hoje que o grande protagonista da vitória lá foi o povo que teve a coragem de ocupar e com isso houve uma doutrina aqui pelo menos jurisprudencial dos acordos dos

tribunais aqui no rio Grande do sul, um precedente válido a favor de outras ocupações de terra urbanas e rural tanto que a partir desta ocupação nós fomos a... contrato, quando a ocupação da Anone o pessoal do sem terra, sabendo do sucesso dessa área aí, nos contratou, desde 85 pra cá nos continuamos atuando também a favor dos sem terra e não a favor dos sem teto

E: E o santo operário tinha sido antes, o senhor participou também do santa Operário?

E1: tinha o santo operário não houve ação judicial contra nós

E: o senhor se lembra como se deu lá?

E1: A ocupação foi pacífica, quer dizer, a entrada do povo... ocuparam lá o povo decidiu o traçado das ruas, o número das casas as caixas postais, a mesma coisa que depois aconteceu na união dos operários também

E: e pertencia ao bairro Mathias Velho tanto uma área como a outra

E1: isso aí, tanto uma como a outra, meu caro Odilon vou encerrando essa entrevista, porque...

E: não tá bem, entendo, inclusive... quero... entrevista inicial com o professor Jacques Alfonsin em relação a essa questão da ocupação do bairro Mathias Velho 78-88 e com certeza né nós Vamos ter outros momentos importantes

E1: outros momentos para esclarecer

E: momento inicial da questão jurídica, muito obrigada professor Jaques.

E1: Eu tô...

(GRAVAÇÃO ENCERRADA)

Anexo 4

AS CEBs NO RIO GRANDE DO SUL: O CASO DO BAIRRO MATHIAS VELHO - MUNICÍPIO DE CANOAS (1975-1988)

TRASCRIÇÃO Nº 04 (Revisada)

Nome do arquivo: Pedrinho Guareschi dia 23 07 11.mp3 (formato MPEG, tamanho 23,6MB)

Duração: 51min39seg

Data: 23 de julho de 2011

Local: Residência do entrevistado. Sede dos Padres Redentoristas. Rua Bento Gonçalves, 4714 (fundos PUC). Porto Alegre/RS

Entrevistador: Odilon Kieling Machado

Entrevistado 1: Pedrinho Guareschi (Padre Redentorista, Escritor e Professor da UFRGS)

E: Ele já está com zoon.

E1: Então eu já tinha chegado em 80 e estava voltando depois de estar três anos fora do Brasil, e então a gente sabia dessas desse trabalho do Irmão Cechin e dos outros lá em Canoas. Então o Irmão Cechim me convidou pra pra participar lá de algumas medições que eu ajudei quando a gente passava a corda.

E: lá na Mathias Velho já.

E1: da Mathias Velho até aqui para medir fazer as medições e os lotes etc, mas uma das coisas aqui que é um ponto bastante importante, eu já tinha muita atividade pastoral aqui, mas eles lá perceberam que eu acho que intuição interessante, que todo o movimento ele precisa ter uma espécie de justificação legitimação e fortificação.

E: hum hum.

E1: que eu chamaria quase a palavra quase que mística, eu agora tava lendo uma tese participei até de defesa de tese de um fulano de São Paulo que diz assim a falta que nos faz a mística.

E: hum hum.

E1: eu posso te dá a referência disso.

E: hum hum.

E1: então ele analisa justamente um pouco as Comunidades Eclesiais de Base, e analisa até certos movimentos da Argentina né.

E: Odilon hum hum.

E1: de como que, se os movimentos não tem certa mística eles acabam assim esmorecendo cedo acabando. Eu acho que esta foi a intuição das comunidades de base de incorporar essa dimensão transcendente mística de coragem, de esperança, de utopia nos movimentos.

E: sim sim sim.

E1: e isso então se fez um pouco com essa com a tentativa de incrementação e organização das atividades religiosas, que foi o caso lá da São José Operário.

E: sim sim.

E1: e logo de início o Irmão Cechin pode contar melhor, qualquer um eles pensaram também então fazer uma capelinha, porque qualquer grupo humano que se reúne.

E: sim sim.

E1: ham, de uma maneira ou outra, esse grupo humano esse, assim através da antropologia da história.

E: sim sim.

E1: eles também procuram um lugar, Durkheim já falava disso.

E: hum.

E1: o Durkheim, para o Durkheim as formas elementares da vida religiosa.

E: sim sim.

E1: grande livro dele, o Durkheim diz que o religioso é o primeiro social e o social paradigmático.

E: hum.

E1: o social exemplar porque para Durkheim como surgiu o social porque o social _____ vale social, mas o que é o social? O social é exatamente algo que congrega vários, mas tem alguma que congrega vários então, ele começou examinar todos os grupos humanos as até...

E: hum.

E1: as tribos e viu, por exemplo, que nos povos primitivos, era o que ele chamava de totem.

E: sim sim.

E1: porque o totem é um objeto religioso.

E: hum hum.

E1: mas todos os membros da comunidade tinham ligação com ele, então ele fica sendo uma espécie de um elo de ligação e todos eles, isso será o social para Durkheim. Então ele disse, que o religioso conseguiu congrega, fazer os povos serem povos, isso é uma coisa muito profunda que pouca gente reflete, mais hoje em dia por exemplo, se se pergunta numa comunidade, o que há que o povo se sentir comunidade, olha tem uma experiência de 50 anos de quebrar a cara por essas vilas todas.

E: sim sim.

E1: e tentar organizar grupos populares, a gente chega em lugares como aqui a “Atanonca” (???) como a vila dos herdeiros como a Jona Darc, como quando não existia nada.

E: sim sim sim.

E1: então, mas o povo tem uma vontade de tentar achar uma identidade.

E: hummm

E1: para se chamarem eu sou de tal lugar, mas o tal lugar é o que? Então uma coisa esparramada e assim não tem, então precisa um ponto de identidade

E: pois não

E1: então, na minha experiência foi que se você não arranja uma coisa concreta, que para o Durkheim os povos primitivos e na história seria o totem.

E: sim sim.

E1: é difícil organizar este povo, então nas vilas a gente e fazer o que o centro comunitário, a capelinha.

E: a capelinha.

E1: porque aí começava todo o ponto de referência que é comum a todos.

E: sim sim.

E1: e lá, no Mathias Velho foi exatamente assim aconteceu, o povo começou a se reunir, mas vão fazer o que? Naquele tempo não se pensava muito em centro comunitário, as pessoas vinham assim há há... carregando o que podiam e iam se localizando.

E: sim sim.

E1: mas como todo o povo tentar achar uma unidade para essas pessoas, bom, o nome já foi interessante o nome né, Santo Operário.

E: sim sim.

E1: isso já um nome quase que místico, que era alguém que tinha sido assassinado, todos eles eram trabalhadores e isso já foi dando um a pouco do sentido de unidade daquele povo, onde eles todos se sentiam aquele pouco de cada um que formavam.

E: simmm.

E1: e assim também a questão a questão do religioso.

E: sim.

E1: o religioso assim como o jurídico estávamos falando.

E: sim, sim

E1: O religioso é um fator indispensável na organização popular, e foi que as comunidades de base ajudaram muito, porque houve um tempo que o religioso é que comandava, na década de 70, que todo o mundo se refugiava em baixo da “umbrela” da Igreja né e todos os outros partidos, etc etc etc, mas foi na década de 80, com a abertura há o as próprias comunidades de base perceberam que elas não podiam mais ser o centro, porque precisava investir no que no sindicato, na associação de bairros, quero outras instâncias porque lá no religioso em que no fundo os católicos e o católico é pouco.

E: sim

E1: uma vida é muito mais que o católico, o sindicato não, deve ter sua autonomia o partido político com sua autonomia e assim por ser constituído desenvolvendo as várias instâncias, mas eu diria que é o religioso o primeiro local que chega e congrega a turma e no caso lá do Cechin de fato a comunidade religiosa, a Igreja Nossa Senhora da Saúde e várias capelas quer começou a formarem com os grupos humanizados, mas agora me entra que o mínimo que eu pude colaborar nisso, foi que nessa é interessante eles se reúnem, rezam o terço fazem isso, mas há um elemento que vamos dizer assim teologicamente, que é fundamental de fato na constituição de uma comunidade que queria se dizer assim Igreja, que é a eucaristia.

E: sim sim sim.

E1: porque a eucaristia, de fato é o sacramento que reúne todos os outros sacramentos é a síntese dos outros sacramentos, porque a eucaristia misticamente é quase que a gente poderia dizer é a repetição de Deus aqui na Terra, desculpe essa descrição teológica mas eu acho que aprofunda.

E: sim sim sim.

E1: porque quem é afinal o nosso Deus? Além de tudo que você pode imaginar o nosso Deus é fundamentalmente uma comunidade né, uma comunidade de três pessoas, que na comunhão do amor que são duas relações, que na comunhão do amor forma uma coisa só, que nós chamamos Deus.

E: sim sim.

E1: o que é uma comunidade aqui cristã, é isso, é um grupo de gente que na comunhão forma uma unidade e essa comunhão é sustentada, vivificada e fortificada misticamente exatamente pela presença do corpo e do sangue do senhor, que eles repartem entre eles.

E: sim sim sim.

E1: então a eucaristia é quase a concretização de Deus aqui na Terra por isso é uma confusão, isso o Cechin e a Matilde então compreenderam muito bem que era preciso também eucaristia.

E: sim sim sim.

E1: pois é e de fato foi.

E: sim

E1: Então puseram lá o sino, e começaram a se organizar a partir também do religioso.

E: do religioso.

E: então a dimensão do religioso, que aqui eu acho que você vai ter que labutar, prestar a atenção e vamo ver, porque olhe eu eu me interesse por esse assunto e tem muitas vezes, que eu vejo eu eu digo isso também a partir dos sem terra e da história do povo brasileiro.

E: sim.

E1: Então acontece que a cultura, a cultura eu diria que é a alma de um povo. O povo quando perde a sua cultura perde a sua alma e a cultura é a maneira de comer, a maneira de beber, a maneira de vestir e a maneira de dançar, a maneira de se visitar, esse livro sociologia crítica tem um capítulo lá sobre cultura,

E: sim sim.

E1: onde a gente ha discuti isso há, mas se a cultura é alma de uma povo,

E: sim sim.

E1: a religião é alma da cultura. Então a religião fica sendo aquela dimensão mística profunda e radical e fundamental, numa cultura, e o povo perde toda sua identidade e cultural, pode, eles obrigam a comer “xis burger” a tomar coca cola e coisa assim, a vestir determinada coisa, mas o última a última coisa que o povo resiste _____ é a sua alma que dizer a sua religião.

E: sim sim.

E1: por isso que na História do Brasil, quando os pobres, Antônio Conselheiro o movimento daqui do de Santa Catarina,

E: os Muckers.

E1: os Muckers de Santa Catarina, ai a Guerra do Contestado, quando um povo apela para o religioso ele está estourando o último cartucho, quer dizer, ele ele tá congregou naquilo que é de mais místico, de mais profundo que une o povo para resistir a sua destruição ao seu desaparecimento.

E: sim, sim.

E1: Então essa é também, é a dimensão religiosa dos povos, dos grupos, dos movimentos,

E: sim sim.

E: é aquilo que sustenta, é aquilo que dá a força, aquilo que justifica. Aqui ha toda uma busca, forças que são forças gratuitas, agora é aqui que vem de fato a nova dimensão do religioso, porque o religioso é sempre gratuito, o religioso é sempre é graça, ha tem busca pelo econômico,

E: sim sim.

E1: cooperativas e coisas assim e várias maneiras politicamente,

E: claro claro.

E1: agora tem um jeito de se organizar, que é o congrega a turma que a dimensão do transcendente, da crença, da mística, da fé e aí que o Durkheim chegou no começo da organização dos povos, que seria o primeiro social e o social exemplar, esse essa dimensão religiosa ela é sempre gratuita vocês também então agora a história das nossas brigas.

E: sim sim.

E: Antônio contestado, o Antônio Conselheiro ninguém pode dizer que ele tinha interesses econômicos, ele tinha um interesse místico.

E: sim sim.

E1: de garantir a sobrevivência daquele povo, mesma coisa os Muckers eles explorados destruídos percebendo busca uma resistência no transcendente e assim esse aí a Guerra do Contestado, o João Maria, esses vários movimentos religiosos, Guerra dos Pelados, eles buscaram e os sem terra também buscam exatamente nessa dimensão transcendente e gratuita, a maneira de se sobreviver porque eu conheço muito a organização dos sem terra, os acampamentos, assentamentos, se não houvesse a dimensão da gratuidade do religioso o religioso é o gratuito,

E: sim sim.

E1: porque o que que é a religião? A religião é graça né.

E: sim sim.

E1: O Espírito Santo, Deus sempre se mostrou como graça dom gratuito, então de fato a graça muita gente não sabe dizer o que é, mas graça é isso, a graça é o gratuito de grupo a a. É a graça que segura essas pessoas, e se

não há a dimensão da graça a dimensão do gratuito, cedo ou tarde esse movimento arrebenta, é uns exemplos atual política.

E: sim sim.

E1: Conta todo o segredo, que o aspecto político vai e vai, que se quebra, claro também são as precariedades, também partidos, mas chega uma divisão até as vezes as contradições dentro do próprio grupo, porque porque é baseado no poder, na coisa, não quer dizer que a política seja errada não, o econômico mesma coisa, como é difícil escapar da competição econômica de que um come o outro um come o outro e vão surgindo os que mais podem e os outros vão.

E: sim sim.

E1: A saída para que a Bíblia deu para isso foram os jubileus de 50 em 50 anos, então parava tudo e começava tudo de novo,

E: sim sim.

E1: Nessa competição eles iam subindo.

E: imagino.

E1: mais ha um fator que não se compra não se vende, que é a dimensão do gratuito, acho que aí que as Comunidades Eclesiais de Base tiveram sua palavra, penso a palavra hoje, porque elas continuam quando eu começo qualquer reunião nas vilas é é essa dimensão do gratuito é que transparece, eles querem ir lá para se encontrar, pra rezar, pra pedir graça, pra pedir socorro as vezes e também pra festar, pra dançar, por é que toda a reunião também tem o seu baile a sua coisa e isso eram as comunidades e isso é um pouco que o se começou lá na Santo Operário. A novidade foi que lá houve. Eu até faria uma pergunta, sabe discutir (os futuribíblia?) dos jesuítas, o que seria assim?

E: sim não sim.

E1: mas se não fosse a presença lá dessa dimensão gratuita,

E: pois é,

E1: é, teria surgido a Santo Operário? Os capuchinhos com a presença deles lá.

E: sim sim.

E1: teria surgido? Essa é a questão.

E: sim.

E1: É, e a gente vê que eles se organizaram como povo e fizeram história,

E: sim sim.

E1: e foram se multiplicando, eu não acompanhei de fundo a coisa a vinda dos gaúchos, a União.

E: dos Operários.

E1: a segunda lá em baixo,

E: sim.

E1: mas seria o caso de vê o quanto eles puderam ter essa dimensão da do religioso, do gratuito para a sustentação e prolongamento, daquilo então um historiador não pode esquecer essa dimensão, mas é uma dimensão pouco estudada e pouco resgatada.

E: isso.

E1: Pela pela história, por tudo acham que o religioso não tem importância, ora não tem importância.

E: sim.

E1: perguntem pro Durkheim, que é o criador de todo, de todo o pensamento social, mais perguntem pra (Oscovecí?), (Oscovecí?) é um grande pensador do pensamento social progressista dos anos 80 e tantos outros, criador das representações sociais, então (Oscovecí?) é analisando um pouco as contribuições de Durkheim.

E: sim.

E1: Ele diz assim: a a que o mal das ciências modernas é que estudaram o cognitivo, estudaram mil coisas, se esqueceram de estudar as crenças.

E: sim sim.

E1: porque as crenças,

E: sim sim.

E1: a a, porque as crenças são o feijão com arroz dos nossos dias,

E: sim sim sim;

E1: tudo é crença, e mesmo alguém, o capitalismo no fundo é uma religião, é que leva, especializar essa dimensão da crença, e quando essa crença é uma crença gratuita, como no caso é o sumo do religioso.

E: E aí lá essa, no específico lá no Mathias Velho, como o senhor viu, como o senhor percebeu lá o a questão, ela se liga porque ali é um momento de luta pela dignidade, né?

E1: Exato, mas desde o começo, desde o começo a gente percebia que eram exatamente os líderes das varias situações que começaram também a marcar presença aí na capelinha, nas reuniões,

E: nas reuniões.

E1: e era aí, que o pouco até certo ponto se planejava as coisas também, porque era uma hora que todo mundo se queria.

E: ah, sim sim;

E1: E então o interessante é que a liturgia, não era só a liturgia, era muito mais, aliás uma das coisas que me espantava então nessas coisas todas, que lá principalmente era que a turma ia lá e o povo não faz distinção "entre o a luta deles e o rezar" pra se reunir,

E: sim sim.

E1: tanto é assim, que chegava no fim agora então quais são os chamados avisos,

E: sim sim.

E1: mas o aviso era o que? O planejamento da semana, o que a turma ia fazer. **E:** sim sim.

E1: Era a hora que se planejava a luta, se planejava briga que era então o espaço, e bem realmente depois da comunhão, isso é até interessante, e que a turma ia para ação, tá bom gente celebrou essa comunhão nossa aqui,

E: sim.

E1: mas agora o que que vamos fazer e aí, vinha os planos, temos que fazer isso, fazer aquilo, então essa junção da celebração e da ação que é exatamente o ver, julgar e agir. É realmente essa dimensão central da ... De qualquer.. e ninguém estranhava que a gente passasse, algum religioso assim meio... (risos) pode estranhar: mas como, falar de política, agora aqui na missa? Tem nada haver. O povo distingue isso.. O povo que celebrou, agora vai... Quem vai, como vai ser a eleição do conselho tutelar? Como vai ser as questões mesmo dos partidos políticos? Como participar do orçamento participativo? Como fazer? O que, como vamos se organizar aqui no caso concreto, muitas atividades na questão da saúde, que tava começando lá ... Então a ...

E: A própria moradia...

E1: É... Como buscar? Como conseguir as coisas, que era lá no fim da missa,

E1:era a hora em que a turma discutia, dava opinião, participava no planejamento da semana seguinte.

E: E esse local era na Santo Operário?

E1: Sim, lá. Na capela.

E: Na capela.

E1: É, que ___ Nossa senhora do Perpétuo Socorro...

E: Teve vários nomes...

E1: É... Foram várias capelinhas que foram dando cria por lá.

E: Sim, sim...

E1: É... eu sei que o ... eu não sei de cor, mas duas que ___ Nossa senhora da Saúde e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, eles que quiseram, trazer o nome porque era uma devoção que eles já traziam lá dos locais onde eles vinham,

E: Vieram do interior a maioria?

E1: É, é... Tinham então essa identidade...

E: Sim, sim...

E1: mas então isso se fazia nessas reuniões. Então, outra coisa a dimensão do sino, isso é uma coisa interessante, porque o sino é outro sinal da transcendência, e como isso era sagrado pro povo..A lembrança do... O sino se você for analisar historicamente como o sino é, traz toda essa dimensão do transcendente...ele é o símbolo profundamente religioso, o sinal, o chamado, né? Que vem a milhares de anos já, né...

E: Sim, sim, sim...

E1: Eu infelizmente não podia ir sempre, o que que eu fazia? O máximo que eu podia ir era na parte da tarde, porque na parte da manhã eu tava implicado aqui nas minhas liturgias, por aqui tudo, então eu ia lá de tarde. E teve um tempo inclusive que eu comecei ajudar uma outra capelinha mais lá pra baixo. Um pouco a esquerda de quem chegava e ia lá pra baixo, e era um lugar de gente pobre também, mas que a gente ia lá e era a hora em que a turma toda se reunia, que a turma vinha. E nessa outra também tinha muitos jovens que participavam.

E: interessante

E1: Então a minha presença, agora nunca me, nunca me recusei, enquanto eu podia eu tava lá. Depois eu tive que viajar de novo, isso foi de 80, 83,84... Por aí depois eu fui pra Brasília, fui pra CNBB nacional, aí fiquei fora mais quatro anos lá, então eu tive de me distanciar, mas ajudei vários mutirões de medição,

E: Sim, sim, sim...

E1: em que se pegava uma corda grande e se puxava de uma vila a outra porque era, ficava um terreno vazio aí no meio, que depois se descobriu que era da turma do Mathias Velho porque a família (Jó?) e a família Velho, eram os donos daquilo, só que eles descobriram bem depois, quando tudo aquilo tava ocupado. E pertencia no fundo, foram ver quem seria o suposto dono daquilo...

E: E era no município de Canoas, entre o rural e urbano ali...

E1: É, família (Jó?) e família Velho... Porque era um dos secretários da segurança...

E: A, a na época,

E1: E era Mas depois alguns imaginaram não desapropriar, não tirar fora as famílias, não dava mais, era 1..2..3..4..5 mil famílias tomando conta, né. Mas aquilo era um pouco, como eu posso fazer uma analogia disso: era o povo em busca da terra prometida. Então a notícia correu ___ ai baixava a turma lá, vinha... Mas aí, tinha

alguém que acenava exato, com sinal de Deus: Olha quem nos congregou aqui foi essa, a busca de mais vida. A capela Nossa Senhora da Saúde, é interessante né, saúde

E: Sim, saúde

E1: é vida, mais vida pra nós. Então o sinal mesmo disso, do Josué aquela coisa, era um pouco o Cechin, que conseguia segurar a barra aí, e você faça ideia do que seria aquilo se não fosse alguém pra dizer: escute gente, vamo repartir igualmente. Como foi difícil... E alguém no jurídico aí o Alfonsin, segurando a barra aí, e os capuchinho dando uma força lá do outro lado. Então aí vamo repartir igualmente, ninguém vá pega um pedaço mais que o outro, aqui vai ficar rua. Então vamo respeita a rua, porque pensando já no futuro. Então ____ os profetas e logo em seguida perceberam, que sozinho não podiam. Começaram pegar o povo, aí nasceram as CEB's, as Comunidades Eclesiais...

E: há, foi o nascedouro

E1: é, porque isso é uma CEB, uma CEB é, ela não fica só no religioso, ela automaticamente se expande no político, no social, na saúde, na educação, todos os aspectos, né, Que todos os aspectos eram contemplados.

E se pensou, logo se pensou na escolinha, claro a turma precisa de escola. Os centros de saúde como fazer? E ele teve até, não sei esse é um ponto de você vê, mas sabe que não foram todos os religiosos que toparam,

E: pois é

E1: O Armindo Catelan, que era o vigário lá de Canoas, apoiou e apoiava... Mas tinha um padre lá, um padre português que não topava muito, não sei se ele contou essa história?

E: Ele falou um pouquinho.

E1: É?

E: Sim, sim...

E1: Tinha uma rua lá que chamava República Argentina, ele era tão... Tão assim... Ainda monarquista, que ele não andava na rua, porque a rua tinha nome de república. Você viu? E ele de fato prejudicou um bocado até...

E: Então até a própria igreja tinha, claro, as suas dimensões, os seus modelos...

E1: E isso sempre foi assim, e de fato isso aconteceu.

E: pois é.

E: E isso tudo acabou influenciando um pouco, em seu ver, e percebe isso na organização...

E1: É, eu na... Teve até nem sei como dizer isso, porque a Esther Grossi, não sei se o Cechin chegou a mencionar isso?

E: Não, não chegou sobre ela... Não comentou.

E1: É... Aqui houve, houve um... Eu te digo isso, mas você me escute tudo o que os outros dizem e faça... Eu também participei nessa época da pesquisa mais importante que teve acho que na educação aqui do Rio Grande do Sul que foi justamente a questão do construtivismo de 80,84. Esther Grossi.

E: Sim, sim... ____ Do Paulo Freire...

E1: Eu fazia parte da equipe central e eu era responsável, mas só que foi a... Essa experiência, os grupinhos... A gente chamava isso de "clubinhos", onde se fazia os testes, coisa... Era na vila Cerne.

E: Ah, no bairro Harmonia.

E1: Bairro Harmonia. Não era na... Então lá se faziam de fato, a Esther Grossi queria testar o modelo, porque o que tava por traz? O que que acontecia, com a saúde, com a educação?

Então o pessoal do centro... No primeiro ano 80% se alfabetizava. Nas vilas 10%. Então a gente desconfiou disso, e começou a ver, não é porque o povo da vila é mais burro. É o problema da pedagogia, e começamos a ver. Então foram feitos os tais de clubinhos com crianças de 5 anos, que se conseguia alfabetizar no primeiro ano. Porque? Porque a gente tinha como pressuposto, esse pressuposto do método baseado em, assim todos esses... ____ todos esses grandes educadores, de que você precisa alfabetizar com o que a turma tem lá, inclusive uma das coisas importantes: uma casa que nunca viu um jornal. A alfabetização não é só aprender a ler e escrever. A alfabetização é um processo com que você vai incorporando essa coisa nova. Isso é muito, muito interessante. Então a gente trabalhava só com o que a turma tinha e pesquisava, e via e achava o livro e, etc, etc, etc... O resultado: 80, 90% se alfabetizava com 5 anos. De modo que a gente furou aquela ideia de que os do centro eram mais inteligentes, muito pelo contrário, o pessoal da vila tinha muito mais traquejo, muito mais ligeireza, que tinham que pegar ônibus, coisa assim, do que o pessoal do centro, isso em outros aspectos. Então esse foi o processo que foi andando. Lá pelas tantas, muitos da Vila Santo Operário começaram também a participar do clubinho, então eu não, não posso lhe dizer certo, mas teve um outro atrito, acho que foi na parte da Esther Grossi que ela começou a ter uma ou outra crítica, a coisa, e também a Matilde Cechin não viu com bons olhos, a coisa assim. Mas aos poucos ia se solucionando e eu era então, um pouco... fazia um entremeio nisso, tentava: Não, as coisas são possíveis, e as duas caminham juntas ...

E: Clube de crianças, então?

E1: É, mas não era nada... por exemplo, eu era mais responsável mais pelos levantamentos sociológicos daquela questão,

E: a, sim

E1: eu lembro, por exemplo, casa por casa naquela vila Dique, porque a turma não vai pra aula, a porque... Então passava nas casas e via o que? Que fulano não foi porque, porque ele tinha uma peça de roupa, e naquela noite ele se “mijou” e a mãe tinha que cedo lava a roupa, deixa seca, então o guri só podia sair quando as roupa tivesse seca. Então por isso ele não ia na aula... E coisas assim a gente ia descobrindo, né? Ia mostrando no aspecto da alfabetização. E não que não querem ir, não querem saber, mas muito pelo contrário, né. Então essa era mais uma faceta que aparece, mas foi mais na Vila Cerne, não foi exatamente na Vila santo Operário.

E: Porque, pela informação que eu tenho, o clube de mães, que se que foi também quem organizou as CEBs, as mulheres lá... Não sei, como é que o senhor vê?

E1: É, é verdade, porque a mulher nessas, nessas... no movimento popular, a mulher é uma dimensão imprescindível. Se não for a mulher nenhum movimento social vai pra frente. Isso eu digo de 50 anos de quebrar a cara por aí tudo. E como que eu interpreto isso: interpreto porque é a mulher que é de fato aquela que garante a coisa ali no lar. O que que o homem faz? Se você analisar, o homem brasileiro sempre foi um homem de sair, então ele não tem emprego, ele sai vai beber suas cachaça, ou vai procurar emprego, sai num mês, depois ta empregadinho volta de novo... Mas quem aguenta o dia-a-dia, 24 horas, os gurus pendurados na saia, é a mulher. Então o que acontece nesse comportamento da mulher: A mulher tem de começar a... a inventar alternativas, pra poder imaginar, ela desenvolve a criatividade. Então nas reuniões que a gente tinha, esse mil lugares, a gente discutia o problema da saúde, do bueiro, não sei o que... Quando chegava na hora de dizer que na Lomba do Pinheiro. Quando chegava na hora de ver, então vamo fazer o que? Os homens calavam, aí as mulheres vinham com a sugestão, e cada uma vinha com uma, e cada uma vinha com uma... Aliás com isso eu aprendi o que é cidadania, né ... Os gregos, os gregos... Não era todo cidadão grego que recebia o título de cidadão...

E: Sim... As mulheres, os escravos...

E1: Sim... Mas tem mais! Só poucos dos homens que participassem... Só recebia o título de cidadão quem falasse quem apresentasse um projeto. Quem não falasse não era considerado cidadão. Por quê? Porque é na contribuição e na criatividade de cada um que se constrói que consegue se achar essas possíveis alternativas de solução do problema. Eu não lembro do tempo de todo essas... No tempo de briga e tudo, se você deixasse todo mundo falar da reunião, não lembro de uma vez que a turma não tenha achado uma solução, uma possibilidade.

E: uma possibilidade

E1: Por quê? Porque todo mundo contribui com o que ele tem, e a mulher ela contribui porque ela ta sabendo, ta lá 24 horas, ela sabia dos milagres que ela podia fazer pra poder sobreviver. Então elas traziam esses projetos, esses pensamentos, essas alternativas e se chegava então numa... Se escolhia uma saída pra tentar modificar, né?

E: E no caso lá, foi um eu pude perceber essas... Esse clube de mães que organizava as comunidades de base lá e deram força então...

E1: Foi uma das primeiras coisas de fato que conseguiram fazer, que se fez. E como isso de fato ia embora, né. Porque o clube de mães ia, elas... a invenção delas era uma coisa fantástica. Eu lembro que eu... A gente repetia uma coisas que elas faziam lá um pouco aqui nas vilas, que se aprendeu muito com aquelas brigas, por exemplo, a questão do “forno comunitário”,

E: a sim,

E1: de se fazer pão, enquanto se fazia o pão, elas se reuniam pra ler a Bíblia. Interessante, porque o pão demora uma hora ou duas pra cozinhar, era a hora da reunião da bíblia, então elas chegavam, preparavam. Claro, o problema era conseguir farinha, conseguir isso, conseguir aquilo, mas elas traziam o pouco que tinham, preparavam os pães, aí rezavam liam a bíblia, etc, etc, etc. Aí o pão ficava pronto, cada um pegava um ou dois e ia pra casa. E com o pão elas davam de comer a toda família com caldo de feijão, pão. E era o que a família comia e não passavam fome. Então elas sustentavam, o marido trazia dinheiro no final do mês, e durante o dia. Eram coisas maravilhosas que foram feitas, esses fornos, isso tudo era a partir das mulheres, criatividade delas, invenções desse grupo.

E: E isso fortalecia a...

E1: Sem dúvida, e a mulher também é muito mais religiosa, também nesse sentido.

E: a, sim sim

E1: Ela tem muito mais a dimensão também da gratuidade.

E: E o processo em si da ocupação, o senhor acompanhou também um pouco? Como é que... Deve ter sido também uma experiência muito...

E1: É, quando eu cheguei tava o fervo da coisa, né. Mas eles já tinham feito aquilo...

E: O senhor chegou em 80 lá, né?

E1: É, e aquilo começou um pouco antes.

E: *simi* em 79

E1: É, Havia alguns, já tinha, eu acho que 500... Eu sei que eles tinham 400 casa aqui.. Mil, duas mil, chegou a quatro mil casas.

E: Sim, sim. É a informação que a gente tem.

E1: Eu cheguei de fato um pouco, quando aquilo já tava numa, eu ainda ajudei a pedir mais alguns lotes para o pessoal que vinha chegando, mas já tinha ao menos umas mil famílias. Quando o Cechin falou: “olhe nós

precisamos dar um jeito de dar uma resposta pra esses que tá aí, pra segurá-los, pra poder... Que pra mim é essa a dimensão mística do do da empreitada.

E: Certo

E1: Pra turma não desanima, pra turma não sai brigando,

E: Para dar uma sustentação,

E1: é, é, pra turma dizer e refletir sobre o sentido profundo da partilha, da comunidade. Então ele falou uma coisa muito... Se você pudesse fazer umas liturgias, porque a turma vinha do interior, das capelas e eles tinham lá as liturgias e tudo. E seria uma pena, porque você imagina toda essa dimensão religiosa qualquer capela tem, você vai pro interior, vai la numa capela e pergunte: escute ou qualquer vila qual o tipo de religioso vocês tem? Ah, aqui tempo evangélicos, e tem também os católicos, tem a capela o padre vem uma vez por mês e aquilo é cultivado. E lá se faz a preparação pra eucaristia etc, etc, etc... Agora tudo aquilo se perderia, então o... O Cechin como bom homem da pastoral e amor a igreja, ele via preciso. Só que não tinha padre, não tinha nenhum. E lá de Canoas o único padre, etc... Foi aí que ele apelou, foi aí então que... Eu lembro os telefonemas dele, eu falei eu vou. E eu ia por conta, e assim a... E me dispôs do que eu podia, eu chequei ,ficava lá as vezes até, 7, 8, 9 horas da noite nos domingos. Então até o meio dia trabalhava aqui e logo depois do almoço me mandava pra lá.

E: Mas então o senhor ouvia algumas histórias, por exemplo, de onde é que vinha, o que motivava?

E1: Todos eles vinham e era todo mundo falando durante a semana, né. Mas eram praticamente todos os domingos eu conseguia um jeito de ir.

Depois começamos a ir em dois, três lugares numa tarde ,e também as vezes eu furava o bloqueio durante a semana, nos sábados, e ia ajudar a medição. Aí eu também participei umas vezes.

E: Que ali estavam começando então, por conta, eles mesmos estavam ocupando.

E1: É, é... o Alfonsin que mais ficava de olho, no tamanho dos lotes e quanto cada um se vinha e fincava os postes no lote tal, essa rua tem de ser fora a fora... Por que pegava já a rua lá da Cerne e emendava outra rua aqui do lado. Então praticamente uma corda as vezes, dava 500 metros. Então na corda mesmo já iam se fincando os paus do tamanho dos lotes e as ruas transversais.

E: E não via a reação assim, da...

E1: É isso que ta, é o tal vamos dizer assim, o carisma e da liderança do Cechin e dos outros que iam lá e outros todos que participavam. É claro que, e isso que engraçado, não se tem registros assim de brigas. Lá na vila dos Gaúchos, era mais.

E: é, lá parece que foi mais,

E1: Porque não tinha um “Josué” que conduzisse

E: a, que conduzisse melhor

E1: aquele povo, cada um ia agarrando o que podia, aí se vê a diferença quando há uma certa liderança.

E: E aí, nesse... Como o senhor vê assim pela história, como é que essa experiência...? Porque foi uma referencia no estado naquele período da igreja com a sociedade, enfim... Não sei se o senhor vê alguma leitura sobre isso.

E1: Olha eu acho que isso tem haver, eu não posso lhe falar muito disso, mas eu acho que nada acontece por acaso, isso agora na questão da pesquisa

E: claro, claro,

E1: e da história... da pesquisa histórica.

E1: Isso, certamente está ligado, você mencionou algumas coisas antes, eu acho que é isso, a expulsão das pessoas do campo e a atração das cidades, então todo o movimento migratório ele tem vários focos. Ninguém sai do lugar porque quer, isso é uma lei sociológica. Tem um provérbio que diz assim: “Que duas mudanças correspondem a um incêndio”. Os nossos bisavós, avós, que vieram da Itália, eles nunca gostariam de deixar a pátria deles. Eles deixavam chorando, mas eles deixaram por quê? Porque lá os condes, os barões, ficaram com tudo, e chegava na época do... Na época lá, começo de novembro, a farra de São Martinho é o nome dessa festa. Então os celeiros tinham recolhido dinheiro com as colheitas, ai os patrões decidiam com que família eles ficavam. Você que trabalhou bem, você... Você pode ir embora. Então largavam na rua.

Então era assim, os condes... Ninguém tinha terra lá, eram só os condes e os barões. Era assim com meus avós, tinham que se dividir. Então o que faziam, então muito os padres, eles acolhiam nas igrejas esses coitados que não tinham... Aí surgiu a ideia da América. Olhe! Na América, mérica, mérica, Então é o livro lá da Cocanha, é até interessante né, ela conta isso, conta com detalhes, assim também, em parte deve ter sido assim também aqui. Então foi, porque era a agricultura, com o início dos grandes latifúndios do interior, a entrada da máquina, do trator. Cada trator nas cidades, Cachoeira, pra cada trator que entrava no cultivo do arroz, 30 famílias deixava o município, e iam pra onde?

E: pois é

E1: Depois a subdivisão dos minifúndios, então sobravam porque muita gente vinha lá de cima, Santa Rosa que eram famílias grandes, famílias de alemães, etc... Então eles vinham em busca da sobrevivência, era difícil pra eles deixar lá, e ao mesmo tempo tinha a atração daqui. Atração porque? Canoas é perto de Porto Alegre, as condições de Porto Alegre. Aí a gente vai achar um jeito de sobreviver, vai achar um emprego, vai achar isso,

vai achar aquilo... Que foi a época realmente também do esvaziamento do campo, o enchimento e a criação de favelas. Nesse caso não foi favela, nesse caso foi uma urbanização

E: urbanização

E1: semi planejada, né. Planejada por conta. Sustentada relmnete por uma... Por um projeto, né, e pela mística. E por isso que foi tão interessante, foi tão boa.

E: É a questão do polo ali, pra construção civil me parece que tem muitos...

E1: É naquele tempo não podia dizer, mas por aí já começava. Canoas era a Cocanha.

E: E o senhor lembra de algum relato assim, de que município eles vinham? **E1:** Não lembro mais.

E: Eram vários municípios

E1: Eu sei que tinha muita gente lá do... Santa Rosa, Santo Ângelo, aquelas regiões ali. Algumas vilas aqui eu sei bem, a Vila Pinto muita gente, de São Luiz Gonzaga, aquela região vem aos montes. Uma família traz a outra, e era isso que corria entre eles. Vinha um e dizia: Olha, aqui tem. Então destinava um, dois, três lotes pros outros. Semana seguinte baixavam lá. E cada um ia ocupando o seu lotezinho,

E: E tudo agricultores, acho que grande parte, né?

E1: Praticamente todos... Todos da colônia.

E: E até essa questão, não sei como o senhor vê, e claro, essa mística da religião né, que já traziam consigo, até pela questão do interior, questão cultural, mas de repente eles estavam lutando por essa partilha, né, e os religiosos ajudaram, o senhor inclusive, essa mudança porque ou não sei até que ponto porque digamos até então, isso é uma fé mais intimista, e agora uma fé mais engajada, não sei como é que, isso é complexo, né. Porque ali tinha todo o ambiente dos religiosos também que ajudavam, que eu acho que teoricamente eles não tinham essa percepção, mas na prática não sei como é que o senhor...

E1: Eu acho que surgiram fatores novos, eu acho isso interessante, por exemplo lá no interior eles também tinham algum motivo que os ligava que era uma... O que que era lá? Às vezes era uma cooperativa que recebia o produtinho deles e era uma... Mas quando eles vieram aqui, eles ficaram sem nada disso. Então eles tiveram que começar se organizar nos outros aspectos, que foi o aspecto do sindicato. Se eu vou começar a trabalhar tenho que ver uma organização ali. Aí eu acho que a comunidade de base aberta deu uma força pra eles. As próprias mães já se organizaram a partir da mulher, depois a partir do partido político, que também era uma maneira de começar a se organizar, mil maneiras que bem nessa década de 80 que foi quando a igreja largou o “guarda-chuva” em cima dos movimentos, todos começaram todos aí, com a tal da abertura. Os sindicatos começaram a crescer, e foi assim. Então, essa foi... E acho que a comunidade acho que aí que tá o interessante, deu a orientação, por isso que eu acho que é o interessante dessas comunidades. A comunidade eclesial, ela não era fechada, elas davam espaço. Porque, se fosse... Agora você vê, naquele tempo não tinha esses crentes assim, proselitistas como temos hoje. Mas eu duvido que a maioria que se criou numa igreja crente, que os pastores comessem a incentivá-los para participar dos sindicatos, para participar dos partidos políticos, para participar dos clubes de mães, ao contrário eles tinham se inclausuram, ficam eles, tudo ao redor deles, e o pastor explorando eles. Acho que a grande diferença desses e até hoje é assim.

E: Nas comunidades de base é diferente, é outra metodologia.

E1: É bem diferente, é uma outra dinâmica. Uma dinâmica realmente social, plural, onde a pessoa segue a risca na sua modalidade e não apenas pelo fato de ser religioso...

E: Provavelmente muitos não eram religiosos também, eles ficavam ali por que...

E1: Sim... Também... Mas esses que vinham, a maioria deles tinha. O Cechin sabe lá disso...E tinha também família de Luteranos, nessas comunidades que também começaram então a fazer, mas que eram abertos pra isso. E muitos deles participava até da nossa missa, luteranos que vinham, porque eles queriam rezar como nós. Eles vinham lá do interior, eles não brigavam porque já eram amigos entre eles. Os outros esses. Eu não lembro dessas religiões novas, de fato não lembro. Também a igreja universal começou nessa época...

E: Claro, claro, e nessa, pegou uma parte da ditadura militar, né e parte da democratização, né. Então aí, não sei se o senhor vê, o próprio capitalismo, o sistema né, o individualismo num caso específico ali, começar talvez aí, pelo político, questionar o social, não sei como é... Porque isso aí talvez ajudasse dentro dessa dimensão né, do comunitário. Até que começou a associação de moradores, me parece né...

E1: É... Associação de moradores, era outra maneira bem forte. Tanto assim que houve o... Eu lembro assim vagamente... Não digo pequenos atritos entre a capelinha e a associação. Porque as duas trabalhavam juntas. E era a associação que também tava na capelinha... Só que muitas vezes as coisas podiam se sobrepor, apesar de serem espaços diferentes, que a associação é pra todos e a capelinha porque vai rezar. No começo era só a capelinha.

E: a a o religioso foi no início então.

E1: É... A capelinha que incentivou eles começarem a se organizar também, na associação de moradores.

E: O religioso e as outras dimensões foram...

E1: Mas a medida que algumas lideranças tomam conta da associação... Teve um, mas eu agora não lembro, mas o Cechin deve lembrar dele. Que teve um fulano lá que tomou conta da associação e mais umas... Certa ânsia de poder, que começou a causar problemas, alguns atritos e coisas assim... inclusive depois já, não sei se ele

começou a correr atrás de partido político, porque olha, ao mesmo tempo essa é uma coisa que perpassa todas as outras brigas populares, os políticos, os mais safados, quando eles percebem que tem um grupo organizado eles correm lá pra angariar os súditos dele, olha meu irmão, isso é uma coisa dolorosa, eles vão lá e vão então com as lideranças, o presidente da associação e já começa a passar assim, compra ele com dinheiro e coisa assim. Pronto, o presidente da associação é do meu partido. E já começa influir os outros todos, e quando vem a eleição tem uma porção de votos aí. Essa é uma coisa assim, dolorosa da política, a política que deveria brotar de dentro, na verdade é feita através de clientes que os políticos safados as vezes não o chefe mas esses cabos eleitorais vão visitar as comunidades e ficam lá, dão presente, encantam o fulano, convidam pra ir lá falar. Aí o fulano recebe da um presente pra ele, promete até às vezes emprego, promete, mas que nunca dá, e coisa assim... Isso sempre acontece e deve ter acontecido por aí também.

Mas a maneira, vamos dizer assim, errada de fazer política .

E: Mas ao mesmo tempo tinha o outro lado da organização que também tinha o político, que era diferente...

E1: É... E como de fato fazer uma política que seja deles, que sejam os protagonistas.

E: os protagonistas

E1: É muito comum a compra de lideranças assim, através dos políticos.

E: E as mulheres, senhor viu, que além dos fornos, haviam outras experiências que elas desenvolviam e ajudavam a organizar, né...

E1: As mulheres já estavam um pouquinho mais livres disso, elas já se interessavam pela saúde, pela educação, pela coisa, os clubes de mães. Elas não se deixavam envolver no meio da política, e até porque os políticos não iam procurar as mulheres.

E: Mas, muito bem Pedrinho, acho que isso é... Interessante.

E1: Mas isso são lembranças viu, já fazem mais de 30 anos,

E: imagino

E1: agora são coisas que eu guardo com carinho.

E: Sim, sim, sim... E é exatamente essa a ideia do projeto de a gente retoma essas experiências com a sua participação e outros né, pra...História...

E1: Mas eu acho que você vai descobrir coisas muito interessantes. Vai entrevistando todo mundo, que eu acho que as pessoas-chave tu tem. E eu lhe sugeria o Jacques Alfonsin... Quem mais que participou disso? ... Não sei se um você não podia arriscar falar com a Esther Grossi...

E: Sim, sim, sim... Essa parte da educação.

E1: Santa Maria, São Sepé, claro falando especificamente da Santo Operário. Explica pra ela., que o Pedrinho falou...Que vocês tiveram os clubinhos...

E: Mas muito bem, eu lhe agradeço a sua entrevista, aqui com Pedrinho Guareschi, padre, sociólogo...

E1: E você ta levando quatro livros?

E: Isso!

E1: Então não vai esquecer!

E: Isso, com certeza! Muito obrigado pela entrevista.

E1: Não há de que.

(GRAVAÇÃO ENCERRADA)

Anexo 5

AS CEBs NO RIO GRANDE DO SUL: O CASO DO BAIRRO MATHIAS VELHO - MUNICÍPIO DE CANOAS (1975-1988)

TRASCRIÇÃO Nº 05 (Revisada)

Nome do arquivo: Frei Wilson Dallagnol dia 28 07 2012. mp3 (formato MPEG, tamanho 26,3MB)

Duração: 57min32seg

Data: 28 de julho de 2012

Local: 13º Encontro Estadual de CEBs / RS. Realizado nas dependências da Escola Medianeira - Avenida Medianeira, 415 - Medianeira - Santa Maria/RS - CEP:97060-001.

Entrevistador: Odilon Kieling Machado

Entrevistado 1: Wilson Dallagnol. (Frei da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos)

E: Bom, estamos aqui com o Frei Wilson Dallagnol, frei capuchinho. Essa entrevista está indo para o trabalho então, de mestrado sobre as Comunidades de Base do Rio Grande do Sul, o caso bairro Mathias Velho, período histórico de 75 a 88. Então, o Frei Wilson atuou han, nesse período histórico né. Então agora, como contribuição á pesquisa, então ele vai nos colocar um pouquinho como é que foi a sua experiência, a participação dos capuchinhos né, como é que então, ele vê a formação das CEBs no bairro Mathias Velho. Sua relação com a comunidade né, naquilo que é é nessa contribuição histórica né, então Frei Wilson, fique a vontade né.

E1: Bem, nós vivemos um período de três anos han, nesse contexto da Santo da Santo Operário, eu morei ali é é, trabalhei numa das comunidades, embora eu trabalha-se mais na questão da Pastoral da Terra, mas vivendo dentro da Santo Operário, eu trabalhei numa comunidade específica mas que também tinha vínculo com todas as demais comunidades. Quando se tratava de reunir os agentes de pastoral é que eu considero um dos elementos mais significativos da animação das CEBs em Canoas, é é no seu conjunto, mas especificamente no caso da Mathias Velho e do bairro Harmonia, Santo Operário é e Mato Grande também, porque tem uma das CEBs la la que que compõe o conjunto das CEBs da Harmonia. Tem também uma comunidade eclesial no Mato Grande que é a comunidade Nossa Senhora Aparecida, e tem cinco comunidades que são do bairro Santo Operário e eu morei três anos ali na Santo Operário, e no encontro dos agentes que abrangia todos os agentes de pastoral que animam que animavam a a as comunidades, nós partilhávamos todo toda a problemática, então por isso me dá uma certa, han han digamos, autoridade falar neste período aí, porque necessariamente eu compartilhei muito com o Irmão Antônio Cechin, han com o Ivo Fiorotti com os demais freis que na época trabalhavam nas comunidades e as lideranças evidentemente, porque o trabalho dos agentes de pastoral, é é era no sentido de animar serviços, animar as pastorais, especialmente a Pastoral da Criança, que que fazia esse processo de trabalho e a Pastoral Operária que tinha um trabalho digamos assim mais de ponta, mais de frente na formação política do dos leigos e leigas, das comunidades então, eu tenho um pouco digamos, de acesso a toda uma informação e toda uma experiência que deu vida, que deu ânimo as comunidades nesse momento nascente.

E: E aí frei, como é que você vê, assim esse processo inicial as CEBs, provavelmente foi um processo né, as chegadas dos migrantes, as ocupações, como é que o senhor vê assim, o período inicial desse processo.

E1: Bem, é, talvez eu diga algumas coisas que podem se repetir de outras entrevistas, certamente, mas han toda todo o nascedouro das comunidades se deu em cima da ocupação, eu chamo de ocupação e não de invasão, porque a ocupação da Santo Operário, da Vila União dos Operários han a ocupação da Vila Natal, é elas han foram, digamos, assim o marco das comunidades, se dão em cima disso foi da ocupação da terra, da ocupação do pessoal morar, porque era muita gente que vinha do interior dado o desenvolvimento do pólo petroquímico e a necessidade de mão de obra. Então a de certa forma a mídia trabalhou né, o interior, a RBS queira ou não fez esse trabalho de dizer que o pólo petroquímico precisava de mão de obra e o interior então, han forneceu toda essa mão de obra mais na cidade, a cidade digamos de Canoas que era o pólo principal da onde saiu os trabalhadores pra pro Pólo Petroquímico, han a cidade de Canoas não oferecia infra-estrutura, não oferecia o mínimo de condições para que esses trabalhadores que vinham do interior migravam do interior, os trabalhadores rurais, que viviam, houve um processo de êxodo muito grande no período, então não restou outra alternativa para os trabalhadores do pólo petroquímico, digamos assim especialmente as mulheres. As mulheres ficavam aí nas casas dos parentes ou nas vilas, etc, i é a Igreja, aqui vem o papel da Igreja, a missão da Igreja através do Irmão Antônio Cechin, dos freis da Mathias, especialmente do padre Armino Catelan, que no início estava ali né, eles ofereceram uma foram oferecendo uma ajuda e ajudando o povo a se organizar e a rezar, criar clubes de mães, criar a Pastoral da Criança que é ali na nossa área. A Pastoral da Criança é a segunda no estado do Rio Grande do Sul, que nasceu ali por causa que muitas crianças estavam subnutridas, etc, então o que vai dar nascente, o que vai ser o nascedouro das CEBs, ali ,será exatamente a ocupação, a ocupação da da digamos daquela área e é essa ocupação evidentemente é estimulada é e é porque na verdade a ocupação, muita coisa da ocupação aconteceu de forma espontânea, não teve lá uma organização, assim, digamos do estilo daquela, houve um

planejamento estratégico pra acontecer a ocupação, não não houve um planejamento estratégico vamo, ocupa a coisa foi acontecendo ao natural e o Dr. Jacques Alfonsin han, convidado pelo Irmão Antônio Cechin, vai vai ser uma espécie de aporte jurídico para as famílias e tal, vai ser, vai recolhendo assinaturas dos ocupantes da área, pra ele ser o porta voz jurídico pra defender as famílias e tal, então, me parece que o nascedouro das CEBs ali na Santo Operário e na Mathias especialmente na Vila União dos Operários, onde que pega, abrange as comunidades Divino Mestre, a comunidade Nossa Senhora dos Romeiros, que são as duas ali e a comunidade Sagrada família, elas vão ser comunidades que vão nascer da ocupação e as outras cinco que são: da Santo do bairro Santo Operário, Nossa Senhora da Saúde, Nossa Senhora da Luz , Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Jesus Operário e Nossa Senhora de Fátima, são as cinco da Santo Operário, elas vão vão se configurá também em cima dessa ocupação da terra na Santo Operário. Agora, um outro elemento importante, que eu acho que vem da vem da significação as CEBs da dessa nossa área, vai ser a Sétima Romaria da Terra, em 1986, ali vai ser o marco, o marco que vai garantir, han a digamos a posse da terra, dali em diante ninguém mais han questionou, porque a romaria reunindo ali nada menos que trinta mil pessoas naquela romaria, é, garantiu digamos, que o povo ficasse, pois até ali, veja, nós tamos lá a ocupação aconteceu em 79 , por ai viu, 79 foi a ocupação han e desses seis anos, dá pra dizer desses seis anos, que foi no natal de 79, na véspera do natal, que foi a ocupação, até 86 na romaria, fevereiro de 86.

E: 84 ou 86?

E1: 84 exatamente, 84 a romaria, até li vai ser, um grande problema porque o povo corria o risco de ser despejado, então esse período de quatro anos aí, vai ser um período de muita instabilidade, por parte da ocupação, dos moradores, ocupantes, mas veja só, na ocupação o Irmão Antônio com mais ajuda de várias lideranças vai reservando áreas, vai reservando espaços na medição dos terrenos, pra se criar as comunidades, pras comunidades teriam esse espaço de encontro, seu espaço de reunião e assim por diante, então eu vejo que, não dá pra separar, o nascimento das CEBs em Canoas da ocupação da Santo Operário, que começou na Santo Operário, quer dizer é, muitas vezes nós nos perguntamos assim, como é que nasce uma Comunidade Eclesial de Base? Ela nasce da luta, sim, nasce da luta e ali foi a luta pela terra, a luta pela terra, pela ocupação de espaço urbano pra morar, fez nascer as Comunidades de Canoas.

E: Quando o Senhor diz, que as ocupações, digamos, foi um marco dessa luta, dessa resistência, pela, por outras fontes, a gente pode perceber que a maioria do pessoal, desses migrantes eram agricultores, tinham uma concepção de Igreja, era o momento, era o momento da Teologia da Libertação, esses agentes, acho que grande parcela tinha essa convicção né, não sei, talvez o Senhor possa colocar como é que se deu essa relação de um modelo de Igreja, uma nova perspectiva e como essa resistência, essa luta religiosa, inclusive né, desembocou nessa questão das ocupações né, e ai como se deu essa parte formativa talvez né, uma nova concepção de Igreja né, pra época né,

E1: É aqui, aqui uma, digamos assim do ponto de vista para um acadêmico, porque eu tenho doutorado em teologia também, eu sei o que que é você, pra um acadêmico, entender o que, que acontece na prática ali, até pra tu ter documentação, você pode encontrar uma coisa escrita, pode encontrar algumas coisas que vão te dar algum relato, que te dão um amparo, han, digamos bibliográfico, para poder amparar uma tese, que tu tá desenvolvendo, nós aqui estamos dando um depoimento, do ponto de vista assim ó, o que que aconteceu na consciência, na consciência de um agricultor, que pra ele imagine, aonde é que se viu eu , eu entrar para cima de uma propriedade que não é minha,

E: sim

E1: que eu não compreí , que eu não compreí, é sabe é pra tu conseguir dizer, pra tu conseguir convencer, isso tou tentando dizer aquilo que eu ouvi de relato, de muitas pessoas,

E: Na sua experiência

E1: de muitos agentes de pastoral, especialmente do Irmão Antônio Cechin, eu tou relatando aquilo que eu ouvi também deles,

E: certo

E1: né, então o que que acontece, o que que tinha que dizer pra eles, tinha tinha, a gente tinha, digamos, agente tem dois é dois pontos de apoio pra tu desfazer aquela imagem em que a propriedade da terra, privada, ela ele não absoluto. Olha, aqui entra um elemento importante pra trabalhar na consciência daquelas pessoas inescrupulosas ou das pessoas escrupulosas, digamos assim, que pra elas o direito de propriedade é sagrado.

E: certo

E1: A propriedade é tua, eu não posso ir pra cima, no caso ali, veja, era uma propriedade, que o dono nem se quer morava ali, o dono morava em Porto Alegre.

E: sim

E1: Mathias Velho

E: São os herdeiros de Saturnino Mathias Velho

E1: Exatamente, os herdeiros, o dono, o dono da época, ainda vivo não morava ai, lá ele tinha uma cancha de corrida de cavalo.

E: Era o antigo Prado?

E1: Era o antigo Prado, é ele, aquilo lá era uma propriedade improdutiva, do ponto de vista social.

E: sim

E1: Então, pra dizer pros colonos, que tem uma concepção sagrada da propriedade, o que, a onde nós nos amparamos, os agentes religiosos, se ampararam para justificar na consciência, do do do pequeno agricultor, com aquela idéia sagrada de propriedade. Primeiro lugar, a vinha de Nabot da Bíblia, lá no antigo testamento, a vinha de Nabot, o cara usurpou aquela terra, aquela terra provavelmente nem era dele, ele chegou ali, tomou conta daquilo ali, era uma granja de arroz, depois virou, então dizer pro agricultor, que ele devia fazer que nem o povo de Israel, o povo do Êxodo, que também não tinha terra e chegou numa terra prometida, que ãhm, é, Deus prometeu pra ele aquela terra e eles também, tinha um valão do lado de cima, e eles também teriam que transpor o rio, o, o, o, Mar Vermelho, que era aquele valão, e passando pra lá estava a terra que eles esperavam pra morar e pra, pra viver.

E: sim...

E1: Então, a bíblia, a Bíblia Sagrada, o Êxodo, foi o digamos assim, e também a vinha de Nabot que foi usurpada, né, e que era uma terra sagrada, herança da família da tribo e assim por diante. Então, a bíblia foi um elemento, foi um ponto de apoio pra destruir aquela ideia de propriedade é absoluta e pronto. A segunda, o segundo ponto de apoio foi a doutrina social da Igreja. A doutrina social da Igreja aos poucos dizendo para, para, para aquelas lideranças, pra, tentando animar aquele povo que estava fazendo a ocupação. Que deveria fazer a ocupação. Foi dizer que a própria Igreja diz que sobre toda a propriedade privada pesa uma hipoteca social.

E: uhum...

E1: e que Santo Tomás de Aquino, por exemplo, que lá da Idade Média já teria escrito na Suma Teológica, que: “na hora da extrema necessidade todos os bens são comuns.”

E: Certo, entendo... (segue concordando em segundo plano ao longo da fala do entrevistado)

E1: Na hora da extrema necessidade todos os bens são comuns. Então você vê, a própria doutrina social da Igreja vem amparar, ãm, ãm,ãm, digamos pra nós destruir aquela construção fita na cabeça do pequeno agricultor, que vem do interior, que a propriedade é sagrada e tal e que se a comuni, se a propriedade não desempenha um, uma, um papel social, ela pode né... E eles estavam na extrema necessidade porque eles não tinham onde cair mortos.

E: Uhum...

E1: eles estavam na extrema necessidade e eles deveriam fazer justiça, né, repartindo aquela área, ocupando aquela área.

E: Nesse sentido o senhor vê então a questão das CEBs, como talvez a questão da bíblia e a formação são elementos que vão desencadeando o processo, não é. E aí não sei como é que o senhor vê também, ãhm, como na História tudo é um processo, as coisas não se dão automaticamente, né. E aí como é que o senhor vê, por exemplo, a partir disso, as demandas, depois se desenvolve uma associação de moradores e tal. Isso me parece que vai, não sei se o senhor concorda, que vai permeando um pouco essa realidade entre o religioso, o social, o político, o econômico, não é. Não sei como é que o senhor vê um pouco essa questão assim?

E1: Bem, depois da ocupação, evidentemente que, é... o povo ele vai organizando a vida como pode. Ele vai organizando primeiro do ponto de vista habitacional, pra poder morar, pra poder viver. Então ali ele vai tentando organizar. Mesmo tendo toda uma, um poder público contrario a ele.

E: uhum

E1: Porque ele vai ter as força de resistência, vai ter a Brigada sempre ali que, que, que vão tar. De jagunços por parte do proprietário que pra tentar intimidar e fazer desistir. Mas coma presença da Igreja eles vão se manter firme.

E: uhum.

E1: eles vão montando estratégias de resistência, e vão organizando então: primeiro parte habitacional. Construindo os casebre, construindo, né. Tendo aquela infra-estrutura mínima pra poder ter a sua rua etc. E depois, ainda hoje estão lá, ainda hoje o pessoal está lá, é... digamos assim, tentando, ãm, ãm, aquilo que não tinham até agora, que é o asfalto e assim por diante. Bom.

E: Sim.

E1: Mas, depois do lado, ãm, digamos do, do habitar, né. Ocuparam. Vão habitar. Aí vão lutar por transporte, é, vão lutar por transporte público, vão lutar por escolas. Do lado educacional. Vão lutar por creche, vão lutar por luz elétrica. Vão forçar, ãm,ãm, digamos as, â,â...a, a... a, a, a parte é digamos, de infra-estrutura da eletricidade e assim por diante. Telefone. É uma coisa que vai vim depois. Tudo isso é uma coisa que veio depois. Mas toda essa luta, ela, de certa forma, vai ganhando força até na própria comunidade. Por exemplo: o próprio nome “Comunidade Nossa Senhora da Luz”, vamo pega o exemplo desse, Comunidade Nossa Senhora da Luz. O pessoal foi erguendo, foi fazendo uma pequena casinha, pra poder celebrar, pra poder rezar. E lá pelas tantas, faltava luz, e pro povo faltava luz, e vamo botar como padroeira Nossa Senhora da Luz!

E: uhum.

E1: Por quê? Porque de tanto se organizar, de tanto pressionar, conseguiram a luz. E botaram o nome Nossa Senhora da Luz.

E: O que o senhor ta colocando talvez seja ligar o, o, as demandas que eles procuravam como dignidade, mas ligando sempre com o texto bíblico.

E1: Ligando com o texto bíblico e ligando com a necessidade concreta e vendo, que, quanto mais ele permanecesse unido na sua fé, permanecesse unido em cima de da necessidade, ele, ele também ia contar com a ajuda Divina, pra poder resistir, pra poder conquistar o direito que ele preciso.

E: E o senhor, como Frei Capuchinho, com os colegas que participaram desse processo, como é que o senhor vê um pouco essa questão da mística capuchinha. Não sei se isso foi determinante na ação, além da Teologia da Libertação, não é. Por exemplo, há depoimentos, por exemplo, que os rezadores, né, com questão do terço inicial, foi uma empatia, né, entre os agentes religiosos pra poder, gradativamente dar essa, conseguir, é, digamos assim, desenvolver essa consciência de comunidade e fraternidade. Não sei como é que o senhor vê um pouco isso também?

(segue concordando algumas vezes, em segundo plano, ao longo da fala do entrevistado)

E1: É... Nós poderia, eu poderia dizer de antemão que, nós freis fomos de certa forma forçados pela a situação e pelo convite do Irmão Antonio, a nos soma nessa luta. E, por que quê nós, digamos, é, ãm, estivemos presente nessa luta do povo? Porque nós temos em São Francisco aquele que, ãm, não contente com a sociedade do seu tempo, não satisfeito, e, e não realizado, como pessoa humana. É, dentro de uma sociedade feudal, de uma sociedade de senhores. Ele sai da cidade de Assis, dos muros de Assis e vai encontrar a sua realização junto aos pequenos agricultores, na, nas baixadas. Fora dos muros. Aonde lá estão os pequenos agricultores, estão os leprosos, que a sociedade não aceitava dentro da cidade. Le, lá estão pessoas que tinham que viver por força da necessidade, de pequenos furtos pra poder sobreviver. E eram considerados ladrões. E Francisco vai se misturar com esse povo aí. Pra nós também! Quem eram os leprosos? Quem eram os, os necessitados, os excluídos do tempo de Assis? E hoje, nós víamos que os necessitados eram aqueles que estavam ali, precisando morar, precisando ter um espaço pra viver. E, e necessariamente, é a nossa inserção junto ao povo, foi dando, eles vendo a nossa presença, eles se sentiam legitimad..., legitimado no seu direito. Quer dizer:

- “Bah, os freis tão com a gente! Os padres estão com a Igre... estão com a gente. A Igreja esta conosco. É porque a nossa luta é justa. A nossa luta...”

Quando se busca os direitos...

E: claro...

E1: ... sociais, os direitos humanos negados, é... digamos, se está buscando aquilo que Deus deseja. É uma luta, ãm, necessária, porque a vida está em perigo, e a presença do religioso, a presença do Sagrado ali, legitima a luta, porque ao menos estão vendo que essa luta faz parte da sua libertação. Aqui tem um elemento que se ninguém contou, eu gostaria de contar. Uma vez o Irmão Antonio Cechin, ele levou Dom Cláudio Kolling lá. O Dom Claudio Kolling foi num dia de chuva.

E: umm...

E1: O povo tava num barredo, o povo tava lutando, o povo tava... sabe ô... e ele ficou tão... tão chocado com aquilo, que reunindo as pessoas ele contou uma historinha das três rãzinhas, que tinham caído no, num num, numa vasilha de, de, de...

E: (riso breve abafado)

E1: de leite.

E: sim...

E1: E duas ranzinhas resolveram desistir da luta e morreram afogadas. E a outra começou a bater a patinha pra tentar, e foi formando um bolo de nata, e ela conseguiu em cima do bolinho de nata, saltar pra fora. E aí ele estimulou o povo, no fundo de certa forma, por essa historinha...

E: certo...

E1:... Estimular povo que quem batalha, batalha, batalha, vai formando aquela nata

E: uhum...

E1: e consegue saltar pra fora daquela situação periclitante. Então de certa forma, a presença do religioso, a presença dos freis ali...

E: Dom Vicente me parece que esteve lá também?

E1: Ele esteve lá também e tal, esteve lá também Dom Vicente. Então, é, é, nessa realidade, digamos assim, a presença nossa dos freis, ela foi, também somou. Não digo que foi decisiva, mas somou pra legitimar a luta pela justiça, legitimar a luta que era justa da parte dos ocupantes ali.

E: É, inclusive a... se tem por exemplo, no no, na questão religiosa, que as CEBs seria um novo jeito de ser Igreja né. Uma igreja na base, porém há, me parece aí uma questão da, impulsiona os movimentos sociais, no caso específico lá o movimento comunitário, né. Que se desenvolveu ao longo do processo. Tem alguns historiadores como Maria da Gloria Gohn, por exemplo, que coloca as CEBs como movimento social, né alguns colocam, não as CEBs é a Igreja, que impulsiona o movimento social, então esse é elemento que permeia um pouco, também um pouco a pesquisa, não sei também como você vê isso na prática lá, na, na, nessa experiência do Mathias Velho né. Que uma coisa é uma reunião de CEBs, né, que nasce da experiência, e outra coisa é o movimento

que vai se criando com a sua autonomia, mas ao mesmo tempo essa presença, não é, nesse processo da, e a própria Paróquia São Pio X . Eu não sei como é que o senhor vê um pouco isso...

E1: Bem em primeiro lugar acho que tem que deixar claro que as CEBs não são um movimento social. Elas não são movimentos sociais, não são, elas não, elas não, elas não... elas não se enquadra dentro do perfil de movimento social. Por quê? O movimento social ele tem uma luta específica, por uma demanda social. As CEBs, elas é, aglutinam, elas congregam, por serem Igreja. Por serem Igreja elas congregam pessoas da base, pessoas humildes, pessoas simples, que também podem estar comprometidas nas lutas sociais, e as próprias CEBs estimulam, né. Elas são estímulos a elas mesmas, para que os seus membros, quando estão em necessidade, lutem por aquilo que tem direito. E Igreja evidentemente, a Igreja oficial, na,na, digamos, a Igreja, a hierárquica dos pastores,digamos,dos bispos,dos padres,que dizer, religiosos e assim por diante, eles, é, é, digamos assim. Estão junto, estão estimulando, estão animando as comunidades para que elas, digamos assim, elas se... façam aquelas lutas necessárias pra a vida. Então, elas não são um movimento social. Elas também não são Movimentos Eclesiais como alguns querem colocar. Elas são comunidades. Não têm uma luta política

E: sim.

E1: Elas não fazem luta política. Quem faz luta política é a Associação de Moradores, é o movimento de moradores, é digamos, são outras instituições, outros organismos que têm cunho mais de luta política.

E: uhum...Sim...

E1: As comunidades não são movimentos, elas são, elas são, elas, são. A orientação delas, elas digamos, tem o núcleo básico delas que é a questão da fé, né. A fé. Elas têm a inspiração bíblica. Elas têm a inspiração teológica, teologal.

E: uhum.

E1: Elas têm a inspiração, digamos assim, mística, para que todos os seus membros lutem por seus direitos, né. Os membros das comunidades.

E: aham.

E1: Inclusive, porque não dizer também o próprio padre. Quando ele dentro da Igreja, ele não tem aquele espaço, ahm, de,de, que deveria ocupar pra ser também protagonista. As próprias CEBs são um estímulo a esse padre, esse agente religioso para que ele lute também pelos seus direitos ou por seu espaço de participação. Agora, então, diante da tua questão colocada...

E: certo... uhum... (novamente segue concordando em segundo plano)

E1: Digamos dentro da sua própria pesquisa que você tá fazendo pode, pode, é... o que é convicção nossa, digamos da prática das CEBs, nesse período de lutas, sociais, seja pela terra, seja pelo transportes, seja pela educação, seja pela saúde pública, seja por infra-estrutura. As CEBs sempre foram foco de educação, de despertar consciência, formar lideranças, de oferecer o amparo, digamos bíblico, teológico, o amparo místico, da luta, do enfrentamento, de que tem que ir pra buscar seus direitos, né. Então, isso sim. As CEBs são uma educadora, uma capacitadora, uma estimuladora dos direitos negados e da necessidade de conquistá-los de forma organizada.

E: Então pelo que o senhor tá colocando, então a CEB se reúne, nessa reuniões periódicas, como Igreja, e ao mesmo tempo essas pessoas atuam num movimento social, especificamente comunitário por suas lutas então. Uma coisa é a formação e outra coisa é a ação. Seria basicamente isso?

E1: Evidente. A ação ela vai ser organizada, ela vai ser estruturada na Associação de Moradores, no movimento social. Alí é a luz, é a ação, é organizar a ação concreta. A comunidade eclesial, ela vai oferecer o amparo espiritual, vai oferecer o amparo bíblico vai oferecer o amparo teológico, pra que a, todos os membros das CEBs encontrem a razão pela sua luta social. Agora, claro que as CEBs, as vezes elas não são unânimes.os membros das CEBs, que participam das CEBs as vezes tem gente que tem visão diferente, e aí claro, aí nós, se trata dos agentes animadores, das próprias lideranças saber lidar com as próprias diferenças de visões de uns que querem, por exemplo, de uns que querem entrar pra luta social e outros que acham que, a,a, digamos assim, aqueles que já tão instalados, já tem tudo pronto, não querem entrar? Aí nós entramos, as vezes entra muita divisão, muito conflito por causa dessa problemática.

E: Bom aí nessa questão humana, daí, toda uma relação, porque, né, não se o senhor concorda que, a questão humana tem as suas conquistas, os seus avanços, como é o caso dessa experiência do Mathias Velho, mas por, mas com certeza houve também, nesta ação humana, algumas dificuldades e pontos e pontos de vistas, né. Lideranças, não sei se o senhor vê também um pouco isso, né?

E1: Evidente que, é, é... As concepções diferentes,

E: Claro...

E1: da luta social e, os membros das CEBs, digamos que têm visão diferente.

E: uhum.

E1: è evidente que vai enfraquecer...

E: Claro.

E1:... Toda luta social.

E: Sim, sim...

E1: A luta social é enfraquecida quando, é digamos assim, entra essa problemática. Agora eu queria acrescentar aqui...

E: Sim.

E1:... um elemento que se tornou um grande complicador já no passado. No surgimento das comunidades. Que foi o digamos, a entrada das, as. Alguns chamam de, a Sociologia da Religião chama de Movimentos Religiosos Neo-Pentecostais. Ahm, nós, também, algum grupo dentro dos da Igreja Católica, chama de Movimentos Religiosos Neo-Pentecostais, outros chamam de seitas. Mas nós vamos ver se proliferar ali naquele espaço da Mathias e da Harmonia, na Vila Cerne, Santo Operário a proliferação de muitas religiões. Muitas Igrejas Cristãs, muitos, muitas Igrejas Neo-Pentecostais, essas igrejas eletrônicas e que vão aproveitar, digamos assim a, a, a, aquela ingenuidade religiosa, de muitos, de muitos que o,que fizeram essas ocupações, etc e tal.e vai ser uma divisão, ahm...Eu, eu tenho hoje presente que isso veio dividir, dividir a luta social.

E: sim.

E1: Porque, o, o, o, aquele que é da Assembléia de Deus, aquele que é da Igreja Universal do Reino de Deus, aquele que é da Igreja Mundial do Poder de Deus, aquele que é da Igreja Internacional da Graça, e aquele que, até digamos, dentro das próprias Igrejas Evangélicas como são denominadas, as igrejas evangélicas, tem uma divisão muito grande entre eles e tal. E aí a gente não consegue mais fazer uma luta social, (entrevistador tosse) ahm digamos, de forma mais, digamos é consensual como era no passado.

E: É outro elemento, Frei Wilson que eu posso colocar também, por outro lado, que por outro lado que fortaleceu, me parece, as CEBs, pelo que eu pude identificar até agora na pesquisa, não sei qual é a sua opinião com a sua vivência lá,foi a questão do clube de mães,não é. A participação das mulheres, por exemplo, né. Há relatos, por exemplo, que enquanto os, os maridos procuravam emprego no pólo, na grande Porto Alegre, elas ficavam mais em casa, e essa relação também com alguns agentes religiosos ela mudava um pouco, ajudava um pouco a fortalecer essa ideia a partir do clube de mães,do nascedouro também das CEBs, não sei como é que o senhor vê isso.

E1: Evidente. Inicialmente se formaram os clubes de mães.

E: uhum.

E1: As mulheres evidentemente são aquelas que ao dar dinamismo, vão, é, elas estão aí, com mais tempo disponível, uma vez que os maridos estão trabalhando. Claro que é, aos poucos, não é só o pólo petroquímico, toda a grande Porto Alegre vai ser um espaço, ahm, que vai abrir possibilidade de trabalho pra muita gente. Mas, evidente que as mulheres, permaneciam, mais, com mais tempo é, é, hoje não é mais assim. Mas na época era. E os clubes de mãe foram, hoje, hoje não existe mais clube de mães. Mas no passado, de fato, desde o início era os clube das mães, e além dos clubes de mães, tinham os fornos comunitários. né. Os fornos comunitários também, jun, é, a, é... Os fornos comunitários estavam junto com os clubes de mães porque exatamente, os fornos comunitários também faziam com que as próprias mães no final do dia fossem pra casa com um pão ou dois pra levar, ãm é e ajudar.

E: uhum...

E1: digamos, na, na, na parte alimentar da família. Então, tem que colocar junto evidentemente os clubes de mãe e os fornos comunitários.

E:uhum...

E1:E claro que os agentes religiosos procuravam estimular isso, é, oferecendo a leitura do Evangelho do dia.e vendo que o Evangelho estimulava a questão da luta pela vida, a questão da luta, é,é ãm, em todos os sentidos pra garantir os direitos, então se fazia a leitura do Evangelho e depois o clube de mães fazia o trabalho, digamos assim, de artesanato, trabalho de colchas, de retalho. Fazia várias coisas que iriam servir, pra digamos, as colcha de retalho e tantos outros acolchoados que eram feito, era pra complementar o que faltava na família. E o forno comunitário, então pra ajudar nesse lado do pão. E tinha muitos colégios que faziam arrecadação de farinha, é, açúcar, pra ajudar os fornos comunitários a produzirem o pão pra ajudar na parte da alimentação.

E: Me parece também, não sei a sua opinião, sobre as hortas comunitárias, os recicladores de, de lixo, né, teve aí me parece outras experiências a partir dessa questão. Não sei como é que o senhor vê também e como é que se deu um pouco isso né.

E1: É, nós vamos ver pelo menos duas hortas comunitárias, que vão, que vão ser um ponto de apoio muito grande. Um na União dos Operários, na vila União dos Operários alí vai ter uma horta que ainda hoje existe e ela foi um ponto importante, pra produzir, a, o, digamos. ãm,ãm, hortaliças especialmente, nessa área das hortaliças. E, estimulou muito a, a, a ocupação de alguns aposentados, ãm, pessoas idosa, e as mulheres, especialmente as mulheres fazendo o trabalho.

E: sim...

E1:e alí dentro dessa cre, dessa horta comunitária também vai surgir uma creche, que hoje funciona também pra acolher as crianças dessas mães que vinham pra trabalhar na horta comunitária.e claro teve uma outra horta também lá na Harmonia,que hoje não existe mais, mas que também foi um espaço importante. Aliás, existe ainda uma outra horta comunitária, na comunidade Nossa Senhora da Luz, que ainda funciona, mas não tem mais aquele espírito de horta comunitária onde que, é, era um espaço comum. É cultivada por uma pessoa, mas ainda

permanece porque, foi um símbolo importante. A horta comunitária foi um símbolo importante pra ajudar na produção de hortaliças para as famílias das que estavam ali na ocupação.

E: o senhor falou em símbolos não é, outra elemento que aparece um pouco na pesquisa é a questão de um sino, né. Que até aparece que tem uma rua lá dos sinos, né.

E1:... dos Sinos da União.

E: Que os sinos parecem que não são na questão celebrativa, mas até porque, a oposição, até tem os Morgental, parece que especulação imobiliária, jagunços como uma forma de avisar o moradores, não se o senhor ve por esse, concorda com essa informação...

E1: Sim. Então ali na comunidade, hoje a Comunidade Divino Mestre, aquele sino foi arrumado pelo Irmão Antonio e a Matilde Cechin e aquele sino acabou se tornando um símbolo importante pra quando viessem os jagunços, é.. a, o, o... os ocupantes fossem avisados pra eles se reunirem imediatamente. O sino tocava, tinha alguma notícia, tinha algum fato que precisava de todo mundo ali. Então esse sino, realmente ele, ele foi significativo nesse sentido. Porque ele reunia as pessoas. O sino tocava, as pessoas vinham correndo porque alguma coisa tava acontecendo ou chegavam os jagunços, ou algum, algum, alguém era atacado, despejado ou então era Brigada Militar que vinha a mando do,... dos donos, ou havia algum fato, ou até pra chamar pra, pra celebração, chamar pra, sabe. Então o sino. E até hoje, então tem uma rua chamada Sinos da União, porque o sino ele, ele gerava união nos ocupantes da área.

E: É outros dois elementos que eu até tinha falado no início do depoimento, se o senhor quiser colocar até um pouco mais, que me parece não sei se o senhor concorda que vem a fortalecer a luta nesse sentido, um é a rede de comunidades, o senhor citou várias, não é. Até que ponto essa rede funcionava, né, como é que sedava um pouco esse processo, e a própria Romaria da Terra em 84. Que foi a primeira, eu acho, que ligou o cam..., o rural como urbano, né, e este apoio também, né. Não sei como é que o senhor vê até que ponto isso fortaleceu a caminhada e como é que isso se estruturou isso no processo histórico lá, não é. Da, do movimento.

(entrevistador concordando seguidas vezes em segundo plano durante a fala do entrevistado)

E1: Bem, vamos começar com a questão da Romaria da Terra, a 7^a Romaria da Terra em 84, que vai garantir, digamos assim, que vai ser um ponto, um foco importante, que vai dar visibilidade estadual e até nacional à ocupação do, desse, desse espaço. Então é... é evidente que a Romaria da Terra, ela foi uma, ela, foi um apoio político. Ela foi um evento religioso, mas com repercussão política muito grande que veio da... veio da consistência maior. E até é, lembrar aqueles que ainda duvidavam, ahm... que a Igreja e que o próprio Deus estava dizendo: "Vocês estão certos, vocês permaneçam firmes que vocês não estão sozinhos, tem mais gente com vocês, estão aqui todos esses romeiros. Dizendo pra vocês, que vocês tão no caminho certo, que vocês vão ganhar essa causa. Então isso aí que depois veio se confirmar mais adiante então. O ganho jurídico, o ganho jurídico foi primeiro caso no Brasil

E: Da posse, né...

E1: Da posse definitiva da área. E agora claro, nós estamos num momento onde que a prefeitura, por se um governo de cunho popular e tal se comprometeu a regularizar toda a área, então, ta sendo regularizada toda a área. Ta dando, ta sendo dado o título de posse, pra todos os moradores, né, que são os posseiros, chamados da área.

E: uhum...

E1: E o segundo fato, além da romaria, evidente, ahm... nós temos duas concepções eclesiológicas que vão estar muito forte ali. Uma era aquela que vinha da cabeça do, do colono, muito tradicional e neo-cristandade, de Igreja institucional, e até alguns agentes religiosos com concepção de igreja conservadora, não se envolver em questões sociais, né. Esse, esse, vai... é uma visão de igreja. E a outra visão de igreja, que é aquela das CEBs, é, no sentido de dizer que o institucional ele está a serviço da intuição, ta a serviço do carisma. Então ahm, é... por que a ideia de rede de comunidades? Pra tu ter uma estrutura mínima necessária para garantir uma caminhada de Igreja que não se perca no caminho. Porque a intuição pela intuição, ela pode se perder. Ela não tem maior consistência. Então a ideia de rede de comunidades é no sentido de dizer assim: é uma, é um conjunto de comunidades cuidando pra não ser uma mera paróquia, porque a paróquia ela tem uma estrutura que ela acaba matando muitas vezes e simplesmente oferecendo serviços religiosos como se fosse uma instituição, um banco, um comércio, um supermercado, né.

E: uhum

E1: E, e... a Comunidade Igreja não é isso. A igreja não é uma troca de bens, compra e venda de bens religiosos. Não pode ser isso.

E: uhum...

E1: O quê que e a ideia de rede de comunidades: é organizar as comunidades para que elas, digamos assim, elas possam, ahm, se fortalecer e estarem unidas pra ahm... pra poder alimentar a mística, a espiritualidade, alimentar aquela força de luta nas questões sociais, então ela abdica de todo, de todo um aparato exagerado, não é ela se ampara numa religiosidade mínima pra poder se manter. Então rede de comunidades ela foi importante. Foi importante e, e, é importante ainda hoje, re, enquanto rede de comunidades, por quê? Essas comunidades

eclesiais unidas entre si, elas vão tentando ser uma semente nova dentro de uma Igreja maior e também mostrando para os outros cristãos, e repente das comunidades mais tradicionais...

E: uhum... (várias vezes em segundo plano)

E1: que a, ãm, fé cristã tem um elemento social que precisa ser sustentado. Não pode ficar simplesmente no dado sagrado, ou dentro quatro paredes, numa capela onde você ouve a palavra de Deus, canta os hinos religiosos, louva Deus e fica por isso mesmo. A nossa fé ela...

E: é ligada a vida...

E1: é ligada à vida e ligada ao compromisso social e político. Então é isso que as CEBs, através de sua rede de comunidades procura estimular.

E: É outro elemento talvez, isso aí vem de Medelin, depois confirmada em Puebla, uma coisa opção evangélica preferencial pelos pobres, a questão das comunidades de base... E um outro elemento, não sei se o senhor vê lá na formação talvez isso, que é questão da educação libertadora, né. Tem em Paulo Freire uma concepção sócio-constructivista e tal. Não sei como é que o senhor vê nesse sentido educacional também, né as próprias escolas lá né. Que muitos filhos desses, dessas pessoas que estiveram nesse período aí nessa ação. Como é que o senhor vê um pouco essa, funcionava um pouco desse aspecto de uma educação mais libertadora, a própria formação das CEBs e na luta do povo, né.

E1: Claro, desde o surgimento, a pedagogia do Paulo Freire junto com o povo na ocupação e na formação inicial das comunidades, ela se inspirou muito na pedagogia de Paulo Freire. E, e, evidente, a educação tem que ser libertadora, pra uma realidade que é opressora. Ela precisa desse elemento. Então, evidente que é, um, na catequese, por exemplo, essa inspiração da educação libertadora também esteve presente. Na catequese dos filhos daqueles que ocuparam as áreas ali, também essa inspiração ela esteve presente. Embora que a Igreja, ela não teve educandários. Ela não tem, não tem escolas. Não tem creche lá na área a igreja não tem nenhuma creche. Desde o início nunca teve.

E: nunca teve...

E1: Nunca teve, mas ela se inspirou nessa educação libertadora pra sua catequese e pro trabalho pastoral pra ajudar as pessoas a despertarem a tomarem consciência da realidade.

E: Bem Frei, eu lhe agradeço muito pela entrevista. Eu gostaria assim de colocar finalmente assim nesse momento, né, duas questões, talvez fica a sua vontade também, uma o quê que representou pro senhor essa experiência. Toda essa caminhada, esse processo, né. E algum elemento a mais que o senhor queira colocar, assim que o senhor julgar importante né, em relação a essa experiência das CEBs no Mathias Velho.

E1: Evidente que pra nós. (entrevistador tosses) ãhm, que optamos pelos pobres que fizemos... que fazemos uma opção pela inserção concreta do Evangelho numa realidade social, isso é motivo de realização, um trabalho nesse espaço, nesse ambiente. Porque apesar das dificuldades, apesar das divergências, apesar, ãm, de todos os empecilhos que possam aparecer na caminhada, a gente sente muita alegria de estar aí de estar contribuindo para que o pobre resgate sua dignidade humana. Que o pobre se liberte daquela situação de miséria, de pobreza, e... veja os seus direitos conquistados. Por isso que ainda hoje isso continua. É, porque nós temos muitas vilas, é, de miséria de pobreza que precisam disso. E evidente que as CEBs são sempre um ponto de apoio até pra nossa espiritualidade, até de agentes religiosos de agentes, ãm, que no fundo também têm repercussão no campo social e político, pela nossa atuação elo nosso compromisso e assim por diante. E evidente que outros elementos que a gente e poderia acrescentar diante de tudo isso, ãhm... a gente sabe que, o desafiante, o desafiante, em todo o tempo, em qualquer tempo em qualquer lugar é você conquistar, conquistar novos agentes, novos espaços públicos, novos espaços de participação popular, construir esses espaços. Que não são fáceis, por exemplo. Hoje a participação nos conselhos paritários municipais. É um grande desafio, estimular a participação, ãm, das pessoas no Orçamento Participativo, ãm estimular as pessoas nas associações de moradores, porque a luta hoje ela não para, ela não parou... Então eu penso que é o que desafiante sempre, é desinstalar hoje diante de uma sociedade individualista e você desinstalar a pessoa pra que ela participe, pra que ela seja agente cidadão, assim, que teja a sua cidadania garantida... Então ainda hoje as lutas sociais, elas, elas, são permanentes. E um último elemento que da minha parte eu gostaria de colocar, é, talvez não seja importante, dentro da, da, do âmbito da tua pesquisa, mas eu vejo que um grande complicador da luta do povo hoje é a religião. A religião hoje ta sendo motivo de dividir as pessoas, está sendo hoje... Se nos anos 80, 70 e 60, nós no Brasil tínhamos uma ditadura militar, até a metade dos anos 80, depois veio, não precisando mais a ditadura militar, veio aquela ditadura econômica do neoliberalismo. E junto com isso nos anos 90 começou uma ditadura religiosa. Hoje você domina o povo pela religião. O domínio se dá pela religião. A religião dividiu a nossa gente. A religião, as religiões, essa, essas igrejas neopentecostais, eu, eu, eu vejo que hoje, é uma, é um grande ponto de... e mesmo dentro da Igreja Católica, nós temos algumas correntes neo-pentecostais que também tiram aquele ímpeto libertador aquele ímpeto de buscar os direitos, né, negados, o, o, que leva pra uma igreja, leva pra uma prática conformista, alienada, então isso eu vejo que isso se tornou pra nós um grande complicador e e, e, eu continuo acreditando que somente uma religião que liberta será fiel aquilo que Jesus tinha no Evangelho. E, e isso a gente continua estimulando assim, ímpeto libertador.

E: desculpa eu lhe fazer uma ou, uma última colocação, o senhor falou num elemento aqui que, pela pesquisa até agora, pelo menos eu não consegui identificar, melhor, pelas fontes, mas o senhor que viveu essa experiência, que uma coisa, por exemplo. É, é, ... Como diz na física né: “toda a ação tem uma reação”. Então esse modelo de CEBs, essas ocupações, esse processo todo sofreu reações, em relação a jagunço, a família do Mathias Velho, o Morgental, enfim, a especulação imobiliária, né; forças que contrárias, né a esse processo. Mas vivia-se 75, principalmente, até 85 a ditadura militar no Brasil, né. Então não sei como é que o senhor ve naquele período, a ditadura militar ela chegou a influenciar diretamente nesta ação? Houve, por exemplo, alguma intervenção militar, alguma perseguição, alguma coisa nesse sentido? O senhor lembra de algum fato sobre isso?

E1: Evidente que os, digamos, como Canoas, era uma área de segurança nacional ahm... a nomeação de prefeitos era pelos, era nomeação, até 86 foi nomeação de prefeitos de confiança de Brasília, dos militares. E ali, Canoas sempre foi uma área altamente vigiada, porque tem a Base aérea, tem o Exército, tem, tem um campo do Exército em Nova Santa Rita, né ali próximo. Então sempre foi uma área muito vigiada. Por outro lado, hã! O povo foi encontrando, o povo foi encontrando, uma maneira de driblar a, a, ação da ditadura militar e os governos por elas colocados ali em Canoas. Então, evidente que, tivemos muitos prefeitos que foram nomeados. Nunca foram prefeito eleito até 86...

E: sim.

E1: ãm... Foram prefeitos nomeados pela ditadura militar. E claro, eles, ã, é, é... eram nomeados pela ditadura, evidente que eles iam ser taxativos, iam invocar tudo, ãm. ãm que podiam pra a, reprimir. Tudo que era força de, de, de, de reação. Por outro lado eu também diria o seguinte: a gente não... Ouvindo as pessoas, ouvindo os agentes religiosos e tal, a gente não vê uma ação mais qualificada uma ação mais qualificada da ditadura militar ali. A gente não sente que lideranças foram presas e torturadas, por causa da luta social ali.

E: ... da luta social.

E1: não se tem nenhum... algumas lideranças, alguns agentes religiosos foram presos, mas não torturados, naqueles moldes da ditadura militar. Até porque ãm, digamos, quando surgiu as diretas, no final dos anos, digamos no início dos anos 80, já começou enfraquecer o regime militar. E isso enfraquecimento ali, não veio atingir muito a luta pela terra em Canoas.

E: Então, evidente que. Eu diria assim: a ditadura militar não foi um, eu acho que não foi, porque não se tem notícias de líderes que tenham sido presos e torturados por causa da luta social.

E: por outro lado, Frei, aparece num livro chamado “História do Mathias Velho”, justamente o que o senhor coloca, né, que esses prefeitos que eram nomeados pelo regime, pela ditadura, né. Coloca ali que alguns inclusive sobrevoavam Canoas, inclusive a questão do dique lá dos alagamentos, né. Então, não sei se tentavam fazer alguma obra pra favorecer a essas lideranças que eram nomeadas por Brasília, né. Não, sei...

E1: É. Evidente. É. Aquele, todo aquele trabalho com os diques que foram realizados aí, nos anos 70, evidente, porque aí 64, 65 nós vamo ter uma grande enchente que vai, que vai ser avassaladora pra Canoas e tal, pro bairro Mathias Velho especificamente e também Harmonia, porque, ali alagou, aquela enchente de 65 alagou... Mas o regime militar, os diques, né os diques, eles foram um grande aporte, uma grande aporte pra manter no poder, ã, até 2000 e digamos assim, até 2000 e, oi, 9, até 2009, ooo, toda aquela geração de políticos da ditadura militar se mantiveram no poder.

E: Ah sim, agora primeira vez que.

E1: Pela primeira vez agora eu vamos ter uma administração de cunho mais de esquerda, popular, e tal. Mas os diques foram, os diques foram um domínio político muito grande. Um poderio muito grande que deu, que deu respaldo político, a toda, a todos aqueles governos municipais que eram herdeiros da ditadura militar.

E: Muito bem, agradecemos então aqui a entrevista como Frei Wilson Dallagnol, frei capuchinho, não é. Em importante depoimento pra pesquisa de mestrado pra mim Odilon Kieling Machado, em história da Universidade Federal de Santa Maria. Então agradecemos muito, né e com certeza vai ser uma grande contribuição nessa pesquisa. Obrigado

E1: Muito bem...

(GRAVAÇÃO ENCERRADA)

Anexo 6**Imagem A**

Irmão Antônio Cechin e Matilde Cechin na década de 1980 em uma celebração de batismo no Bairro Mathias Velho, fortalecendo a mística cristã junto ao povo.



Fonte: Acervo Matilde Cechin

Anexo 7

Imagem B

Boletim formativo usado pelas CEBs na periferia de Canoas.

CEBs a serviço da construção
da nova sociedade

1.º ENCONTRO:
AS NECESSIDADES DOS POBRES ESTÃO ACIMA DA LEI

ANIMADOR: . Dá as boas-vindas aos presentes
. Colocar sobre a mesa: um pão, um copo de água, carteira de trabalho, livros e cadernos, terra e outros objetos à escolha do grupo.

Irmãos, estamos novamente juntos. Desta vez, nós vamos procurar entender o que é essa tal de CONSTITUINTE e CONSTITUIÇÃO que se ouve falar todos os dias pela rádio e pela TV. Para entendermos isto, nós vamos conversar primeiro sobre as nossas necessidades. Vamos ver o que o Evangelho e a nossa fé têm a nos dizer. Iniciamos pedindo a benção de Deus... Em nome do Pai, do Filho.....

CANTO: (à escolha do grupo)

LEITOR 1: Estes objetos que estão sobre a mesa representam as nossas necessidades. Sem elas não podemos viver. (aqui o grupo conversa sobre os objetos colocados e procura ver quais necessidades atendem).

Fonte: Acervo Ivo Fiorotti

Anexo 8

Imagem C

Integrantes do Clube de Mães Divino Mestre na Vila União dos Operários apresentando o primeiro acolchoado que fizeram, em 1982.



Fonte: Acervo Matilde Cechin

Anexo 9

Imagem D

Ocupação da futura Vila União dos Operários. O povo derrubando as cercas, 1981.



Fonte: Acervo Matilde Cechin

Anexo 10

Imagem E

Material formativo do Clube de Mães usado na Vila União dos Operários.

AÇÃO SOCIAL SANTA ISABEL
CLUBE DE MÃES DA VILA "UNIÃO DOS OPERÁRIOS"
PLANEJAMENTO DE ATIVIDADES - 1981

1. **TÍTULO:** CONFEÇÃO DE ACOLCHOADOS E COLCHÕES
2. **METAS:** Atingir um grupo de aproximadamente 50 ¹⁰⁰ mães que participam do Clube de Mães
3. **JUSTIFICATIVA:** Tratando-se de uma realidade sócio-econômica onde há falta de tudo, devido ao rigor do inverno, este projeto visará, não satisfazer totalmente, mas minimizar uma necessidade material bem angustiante - o frio. ^{ao mesmo tempo, através de palestras e debates, proporcionar ao grupo a respeito dos seus problemas pessoais e familiares}
4. **MÉTODO:** pretende-se desenvolver os trabalhos da seguinte forma
 - 4.1 - **PREPARAÇÃO** - Nesta fase, selecionar-se-á um grupo de mães com prática na confecção de acolchoados e colchões nos diferentes pontos da vila, que coordenarão os trabalhos e sensibilizarão suas vizinhas da necessidade de desenvolver a auto-ajuda e a ajuda mútua a partir do fortalecimento e melhor organização do grupo.
 - 4.2 - **EXECUÇÃO** - O Clube de Mães continuará funcionado às 4as. feiras das 14 h. às 17 h. ^{funcionará 3as}
 - 4.3 - A avaliação será feita semanalmente, levando-se em conta:
 - o grau de participação das mães
 - metas atingidas
 - resultados obtidos
 - dificuldades sentidas
 - reformulação ou não do programa;
 - sugestões, etc.
- 5 - **PERÍODO** - O projeto se desenvolverá a partir da 1a. semana de maio até a 2a. semana de setembro quando haverá o encerramento com um chá organizado pelas mães.
6. - **PARTICIPANTES** - A participação será aberta e todas as mães, contando-se como pessoal voluntário para dinamizar o grupo: 1 profesora e 2 (duas) religiosas, 3 ^{auxiliares sociais} e 3 ^{estagiárias de psicologia}
7. - **LOCAL** - Os trabalhos se desenvolverão na Capela Nossa Senhora Aparecida ^{na Vila} No Centro Comunitário pertencente à Mitra Diocesana, situado à Rue Florianópolis, s/n, na Vila União dos Operários (Mathias Velho), Canoas, RS ^{100m de}
8. - **CUSTEIO** - Os recursos planejados e equipamentos necessários constarão de:
 - cavaletes e estrados de trabalho
 - máquina de costura
 - barbante
 - retalhos de malharia e pastas para enchimento
 - agulhas

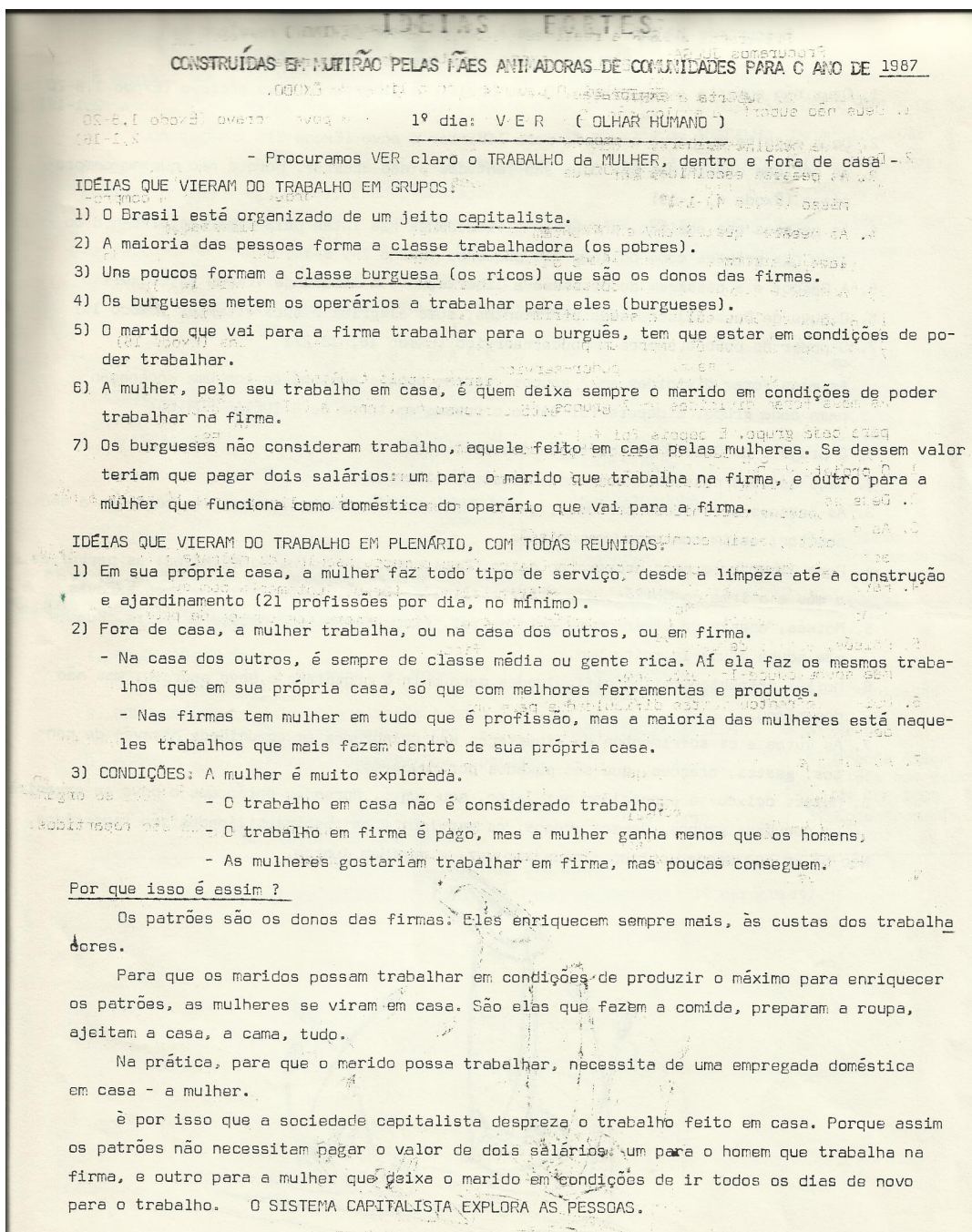
b) na Capela Jesus Operário, rua Jesus Operário 11221
c) no Centro Comunitário N. Sra. da Luz, rua Pescador S. Pedro
d) na Capela em construção dentro da área do Antigo Prédio
e) na Capela N. Sra. de Santíssima, rua da Bara

Fonte: Acervo Matilde Cechin

Anexo 11

Imagem F

Material usado para difundir nas Comunidades Eclesiais de Base o método Ver-Julgar-Agir no Bairro Mathias – 1987.

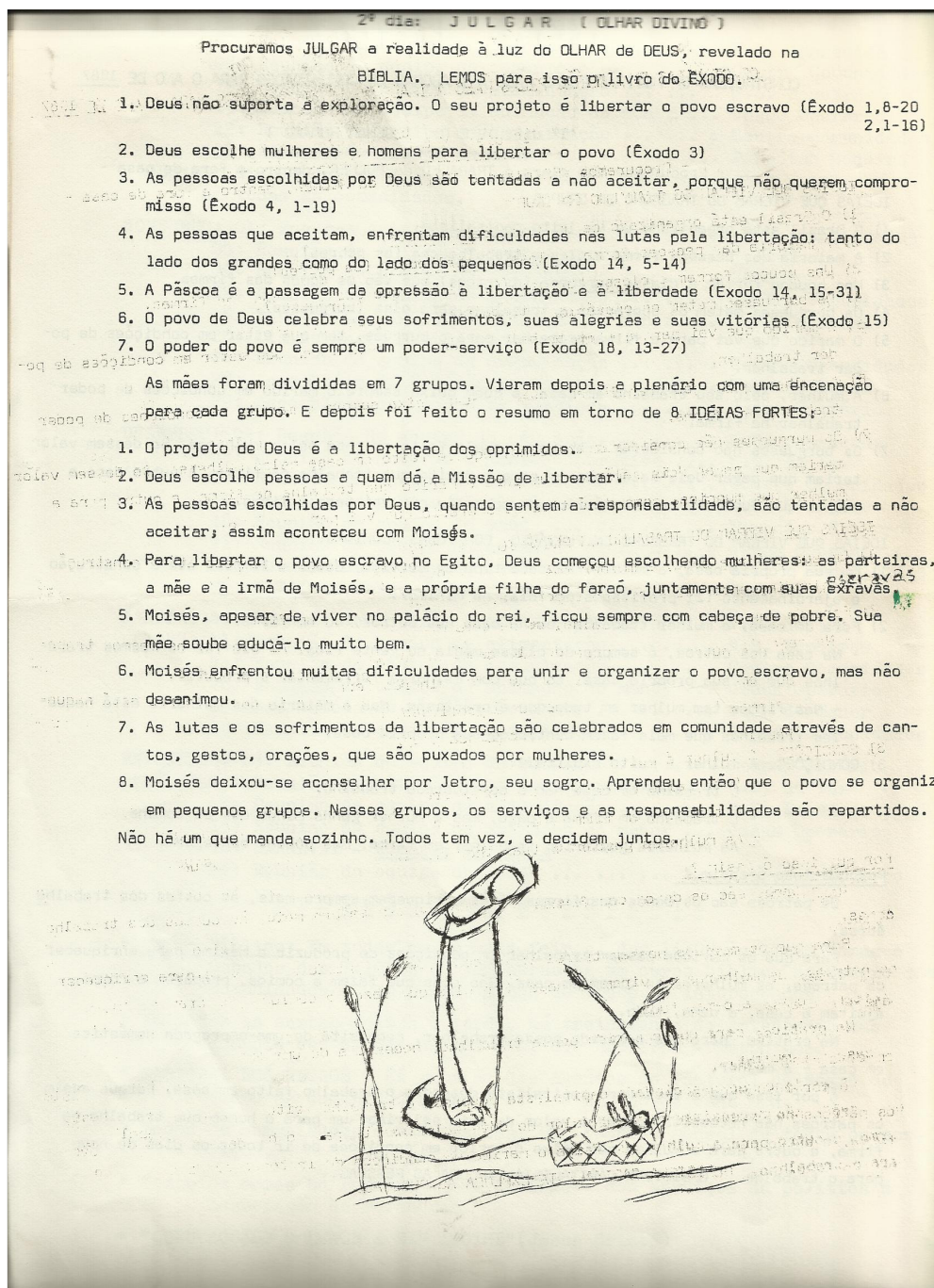


Fonte: Acervo Matilde Cechin

Anexo 12

Imagem G

Material usado para difundir nas Comunidades Eclesiais de Base o método Ver-Julgar-Agir no Bairro Mathias – 1987.



Fonte: Acervo Matilde Cechin

Anexo 13

Imagem H

Material usado para difundir nas Comunidades Eclesiais de Base o método Ver-Julgar-Agir no Bairro Mathias – 1987.

3º dia: A G I R

Em contato com a PALAVRA PROVOCADORA DE DEUS que chegou aos nossos ouvidos nos momentos do VER e do JULGAR, vamos nos esforçar para, no ano de 1987, dar uma RESPOSTA OBEDIENTE A DEUS.

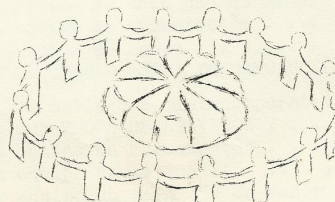
Tudo o que é coisa boa entra pra dentro de casa através do TRABALHO. Os maridos vão para as firmas TRABALHAR. O salário que eles ganham vai todo para as NECESSIDADES BÁSICAS: comida, roupas e agasalhos, saúde, educação, etc.

As mães, saindo de casa, reunindo-se com outras mães, em sua Comunidade, TRABALHAM de um jeito diferente daquele das firmas. ORGANIZAM-SE, constroem COMUNIDADE a partir de suas necessidades básicas, sempre TRABALHANDO.

Aqui vai o quadro-síntese da nossa organização:

NECESSIDADES BÁSICAS	SEMENTE DO REINO DE DEUS	REINO	REUNIÕES DO ANO
1. ALIMENTAÇÃO	Serviço do Pão Comunit. Serviço da CEIA " Produtos da roça " das Hortas:Caseiras Comunit.	Movimento de LIBERTAÇÃO da mulher trabalhadora	1) COMIDA
2. SAÚDE	Pastoral da CRIANÇA Gestantes Farmácia popular	Associação de Moradoras	2) Mutirão e Mini-cooperat.
3. ROUPAS E AGASALHOS, MINI-COOP.	MUTIRÃO	Movimento dos Sem-Morada	3) Educação
4. EDUCAÇÃO	Escolas Menor Creche	Sindicatos e Associação domésticas	4) Comunicação
5. COMUNICAÇÃO	Serviço alto-falantes Jornais, mensageiros	PARTIDOS POLÍTICOS	5) Saúde
6. MORADIA	Past. Operária/Mov. Popular		6) Grande Assembleia com todos os SERVIÇOS
7. FÉ	Cursos Bíblicos Escola do Evangelho		7) Encontros Bíblicos

PASTORAL DE CONJUNTO
Articulação do SERVIÇO DA CARIDADE (Área de Canoas - 14 paróquias)




Fonte: Acervo Matilde Cechin

Anexo 15

Imagem J

Ficha de cadastro de um morador da Vila União dos operários na organização comunitária dos sem moradia.

FICHA DOS SEM-MORADA



"Lutamos pela Terra por um motivo de Fé.
A Terra pertence a Deus. Ele a dá para cultivo e
HABITAÇÃO, a todos os seus Filhos. A terra é de Deus.
A terra é do povo. Só pode participar do MOVIMENTO
DOS SEM-MORADA quem estiver com a firme disposição
de lutar pela terra e casa para TODOS".

1. NOME DO GRUPO: Grupos Operários
2. NOME DO CASAL (se for casado)
 ESPOSO: Antenor S. Gawlinki
 Data de nasc.: 18-06-39 Nº documento: 50 475
 Cidade onde nasceu: Camagüia Estado: RS.
- ESPOSA: Ela Barbosa Gawlinki
 Data de Nasc.: 08-06-46 Nº documento: 29722
 Cidade em que nasceu: Camagüia Estado: R.S.
3. NOME DO PARTICIPANTE (se for solteiro)
 NOME: _____
 Data de Nasc.: _____ Nº documento _____
 Cidade em que nasceu: _____ Estado: _____
4. ENDEREÇO
 Rua: Travessa Kindler nº 307
 CEP: 92.000 Vila: Ceme
5. NÚMERO DE FILHOS: 4 filhos
6. DATA QUE PREENCHEU A FILHA: 05 / 04 / 87
7. Têm casa ou barraco: Não Tem Barraco nem Casa
8. SITUAÇÃO ATUAL: paga Aluguel

Fonte: Acervo Ivo Fiorotti